MEMÓRIA LITERÁRIA

Incluem-se, nesta série, obras básicas para o conhecimento da cultura literária brasileira. Precioso acervo literário, esta série é um extenso panorama do que se produziu de melhor desde seus primórdios coloniais, até meados do século XX.

NÓBREGA E ANCHIETA
Antologia

DIÁLOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL

PROSOPOPÉIA
Bento Teixeira

GREGÓRIO DE MATOS
Antologia

POESIA BARROCA
Antologia

O FILHO DO PESCADOR
Teixeira e Sousa

LUZIA-HOMEM
Domingos Olympio

Cr$ 32,00 Este preço só se tornou possível devido à participação do Instituto Nacional do Livro/MEC, que, em regime de co-edição, permitiu o aumento da tiragem e conseqüente redução do custo industrial.

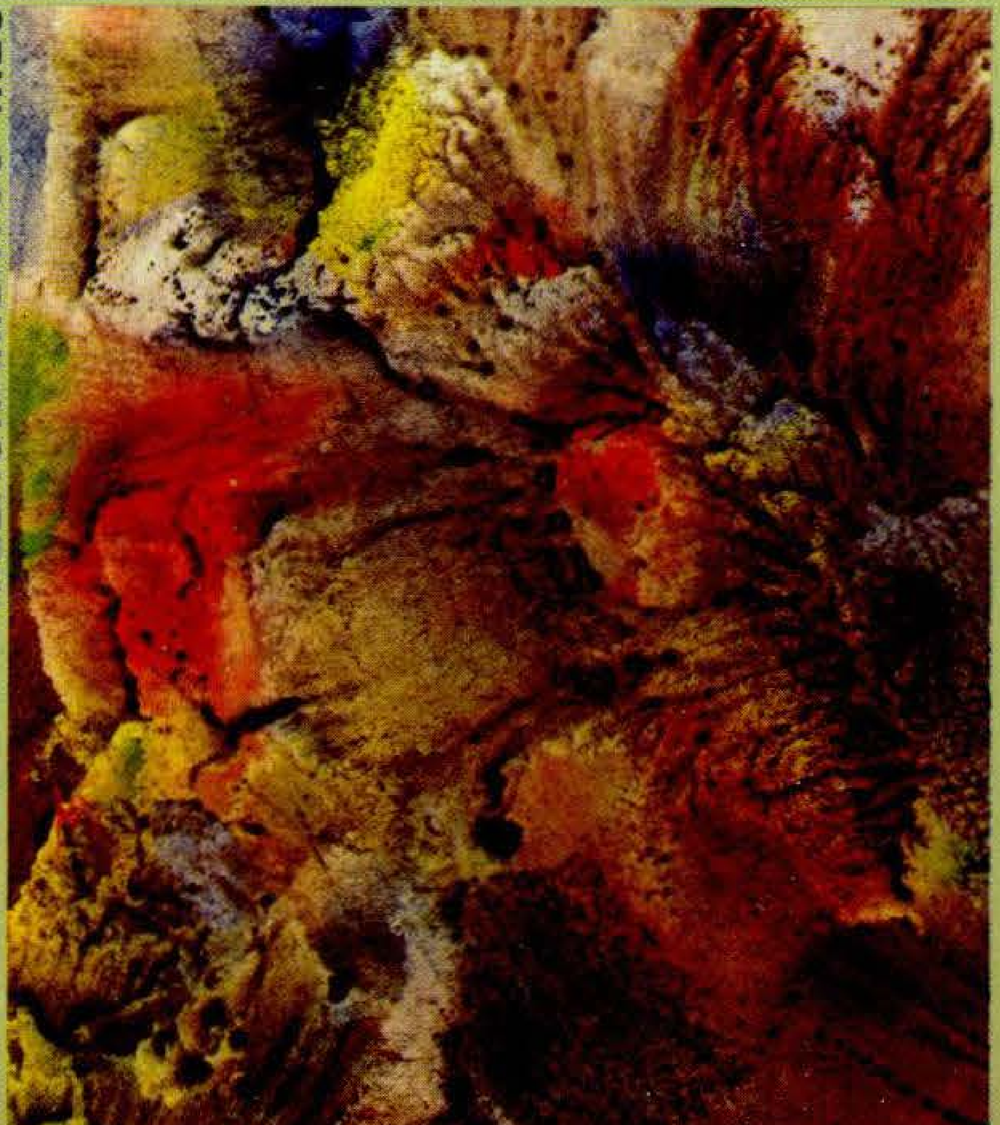
Cód. 7-01-04-002

Diálogos das Grandezas do Brasil

MEMÓRIA LITERÁRIA

Diálogos das Grandezas do Brasil

MELHORAMENTOS-MEC



DIÁLOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL

Datados de 1618, os **Diálogos das Grandezas do Brasil,** justamente considerados pela crítica histórica como uma das fontes mais interessantes do período colonial brasileiro, só conheceram as galas de livro em 1930, na série de publicações da Academia Brasileira de Letras e por iniciativa de Afrânio Peixoto. Em revistas e jornais eles haviam sido publicados no século passado, no Rio de Janeiro e em Recife, quer parcialmente, quer em longos intervalos. A própria autoria da obra permaneceu questão obscura durante muitos anos e só foi possível determiná-la graças à argúcia de Capistrano de Abreu, que levantou as hipóteses preliminares, todas elas corretas.

Livro de história muito acidentada, os **Diálogos das Grandezas do Brasil,** não obstante, tem uma importância irrecusável para o conhecimento do Brasil colonial. Foi ele escrito em forma de diálogos, em número de seis, travados entre dois personagens simbólicos: um que representa o reinol vindo de pouco, impressionado apenas com a falta de comodidades da terra, e outro, o povoador, que já em 1583 se achava no Brasil e, em 1618, data em que foi escrito o livro, ainda aqui residia.

O primeiro diálogo, entre os personagens, Alviano e Brandônio, contém os motivos por que a terra é descurada, terminando pela descrição sumária das diversas capitanias, desde o Rio Amazonas até São Vicente; o segundo cuida da zona tórrida e da sua inabitabilidade, afirmada por

---

DIÁLOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL

índios
V. p. 247-71
último diálogo

SEBO
LIVRARIA DO MESSIAS
LIVROS - DISCOS - FITAS
E SOM USADOS
COMPRO E VENDO
PREÇO: 10.000,00
OBS.:
Loja 1: Praça João Mendes, 172,
1º ao 4º andar
Loja 2: Rua da Glória, 95
Loja 3: Av. Brig. Luiz Antonio, 263
Tels: 32-3095 / 37-6536 / 34-0815
36-9596 - FAX: 34-1670
SÃO PAULO - SP

D527 Diálogos das grandezas do Brasil; introdução de Capistrano de Abreu; notas de Rodolfo Garcia. São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL, 1977.
276 p.

1. Brasil – Descrição e viagens I. Abreu, Capistrano de, 1853-1927. II. Garcia, Rodolfo, 1873-1949. III. Instituto Nacional do Livro.

CCF/CBL/SP-77-0162
CDD:918.1
CDU:918.1

Índice para catálogo sistemático (CDD):
1. Brasil : Descrição e viagens 918.1

D527 Diálogos das grandezas do Brasil; introdução de Capistrano de Abreu; notas de Rodolfo Garcia. São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL, 1977.
276 p.

1. Brasil – Descrição e viagens I. Abreu, Capistrano de, 1853-1927. II. Garcia, Rodolfo, 1873-1849. III. Instituto Nacional do Livro.

CCF/CBL/SP-77-0162
CDD:918.1
CDU:918.1

Índice para catálogo sistemático (CDD):
1. Brasil: Descrição e viagens 918.1

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

ANÔNIMO
[Ambrósio Fernandes Brandão]

DIÁLOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL

[1618]

Prefácio de
AFRÂNIO PEIXOTO

Introdução de
CAPISTRANO DE ABREU

Notas de
RODOLFO GARCIA

[illegible] reprodução da 1ª [illegible]

EDIÇÕES MELHORAMENTOS
em convênio com o
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

1977

Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel
Caixa Postal 8120, São Paulo
Rx
V-1977

1977 — 40.º ANIVERSÁRIO DO
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

Nos pedidos telegráficos basta citar o cód. 7-01-04-002

DO PINHEIRO AO LIVRO, UMA REALIZAÇÃO MELHORAMENTOS

NOTA PRÉVIA

Esta edição dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* foi executada segundo a da Academia Brasileira de Letras — Biblioteca de Cultura Nacional — II. História, Rio de Janeiro, 1930. 1ª bra

Desta importante obra do Brasil colonial, atribuída com muita propriedade, mas não de modo definitivo, a Ambrósio Fernandes Brandão (todos os achados documentais até 1900 fazem aceitar a hipótese de autoria) fizeram-se no Brasil, em livro, além da supracitada da Academia Brasileira de Letras, as edições de Jaime Cortesão para a "Dois Mundos Editora Ltda.", Rio de Janeiro, 1943; a da "Livraria Progresso Editora", Salvador, 1956 e a de José Antonio Gonsalves de Mello para a Universidade Federal de Pernambuco, Imprensa Universitária, Recife, 1966. 2ª 3ª 4ª

5ª (esta): reprodução da 1ª bra

PREFÁCIO DA 1.ª EDIÇÃO

Os "Diálogos das Grandezas do Brasil", *tão falados, saem agora, pela primeira vez, reunidos e publicados em volume. Para chegarem a este tomo, — do qual muito nos desvanecemos, realizando desejo natural, de mais de três séculos, de seu autor, de mais de meio século, de Varnhagen e Capistrano, de todo e tanto tempo dos que prezam e estudam o Brasil, — foi-lhes preciso longa história, cheia de acidentes e contrariedades.*

Deles houve uma cópia na Biblioteca Nacional de Lisboa, desaparecida e extraviada; dela seria sem dúvida a origem de publicação que fez José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, no Íris, revista semanal, sob sua direção, no Rio, de janeiro de 1848 a junho de 49: no tomo III, ns. 24, 25, 26 saiu o "Diálogo I".

Não encontrando o apógrafo de Lisboa, teve Varnhagen a sorte, em 1874, de encontrar outro na Biblioteca de Leyde, em Holanda, de onde extraiu um manuscrito. Desejou que publicação dele se fizesse no Brasil, e em Pernambuco, que supunha terra de origem do autor. Para isso, em 77, confiou sua cópia a amigo, José de Vasconcelos, redator do Jornal do Recife, *que nessa folha estampou o "Diálogo I", pondo em efeito a integral publicação deles na* Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, *com longos intervalos, durante quase um lustro, nos números 28 (de janeiro-março 83), 31 (de outubro 86), 32 (de abril 87), e 33 (de agosto 87).*

Essa publicação, rara, e quase inacessível fora do Recife levou Capistrano de Abreu a conseguir do Diário Oficial, *no Rio, a reedição, nas páginas volantes, em fevereiro e março de 1900, dos* "Diálogos". *Pretendia fazer tiragem à parte, para a qual escreveu dois artigos no* Jornal do Comércio, *de 24 de novembro de 1900 e 24 de setembro de 1901. Não logrou, porém, essa edição.*

Quando, em 1923, a Academia Brasileira intentou as suas publicações, entendemos não nos contentar com os acadêmicos e recorrer a sábios colaboradores de fora, também interessados nessa obra. Capistrano foi o primeiro lembrado e os "Diálogos" *logo por ele indicados à nossa diligência, oferecendo-nos o texto reunido e o segundo dos seus artigos, por prefácio.*

Como para o Tratado *e a* História *de Gandavo, e os* Tratados *de Cardim, ficariam os* "Diálogos", *por indicação sua, a cargo de Rodolfo Garcia, seu prestante e assíduo colaborador, e o mais amado dos seus discípulos.*

Cumpre-se agora, inteira, a vontade de Capistrano. Cumpre-se o longo desejo de Varnhagen. O discípulo e indicado colaborador, dos dois, deu-nos colaboração de mestre, em notas exemplares. Uma trindade benemérita de nossa historiografia — Varnhagen, Capistrano, Garcia — apraz-nos repetir — uma vez ainda, — e não será a última, — se reúne nestas páginas, que bem servem à nossa cultura.

Esta obra publicada em jornal e revista, inacessíveis por espaço e tempo interpostos, era como inexistente à imensa maioria de estudiosos. Agora, em livro, são incorporados definitivamente os famosos "Diálogos das Grandezas do Brasil" *ao patrimônio literário nacional, graças à Academia Brasileira, cujas publicações lhe vão constituindo benemérita razão de existência.*

Afrânio Peixoto

Prefácio à edição da Academia Brasileira de Letras, Rio, 1930.

INTRODUÇÃO

Os esforços até agora tentados para levantar o anonimato dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* têm sido perdidos. Para que aventar novas hipóteses? Antes tomar do livro e penetrar em sua intimidade, se pudermos.

Os diálogos são em número de seis. O autor nunca passou do cabo de Santo Agostinho para o Sul; devem, pois, ter sido escritos em uma das capitanias ao Norte do cabo. Destas apenas duas diz ele explicitamente ter visitado, e pelas abundantes informações mostra conhecer diretamente: Pernambuco e Paraíba, — Tamaracá ficava a meio caminho e devia ser-lhe familiar.

Há probabilidades a favor da Paraíba ser o lugar em que os *Diálogos* foram compostos.

Entre estas podem enumerar-se primeiramente as numerosas referências a ela feitas, o modo desenvolvido por que é tratada: pouco mais de três páginas tratam de Pernambuco, menos de quatro tratam da Bahia, ao passo que quase cinco cabem à Paraíba. À Paraíba atribui-se o terceiro lugar entre suas irmãs e aproveita-se qualquer pretexto para salientá-la: o administrador eclesiástico, prelado quase igual aos bispos nos poderes, é da Paraíba, esta, por conseguinte, a *cabeça espiritual* das capitanias do Norte, a começar de Pernambuco; na organização judiciária proposta para substituir a Relação da Bahia, um corregedor com amplos poderes deve residir na Paraíba, *por ser cidade real,* e a ele serem subordinadas todas as justiças desde Pernambuco até Maranhão e Pará. Essa preferência pela Paraíba não indica que à Paraíba o autor estava preso por laços muito particulares? Uma frase escrita incidentemente legitima a resposta pela afirmativa. "Vos hei de contar, diz um dos interlocutores, uma graça ou história que sucedeu há poucos dias neste Estado sobre o achar o âmbar. Certo homem ia a pescar para a parte da Capitania do Rio Grande em uma enseada que aí faz a costa. . ." A menos que não se provasse que o autor escrevia no Ceará, o que está fora da questão, *para a parte da Capitania do Rio Grande,* só se podia escrever na outra Capitania contígua, isto é, na Paraíba.

Se a Capitania em que os *Diálogos* foram escritos tão vagamente se designa que apenas probabilidades se podem apurar a favor de uma, não é mais precisa a indicação do lugar em que a cena passa. O primeiro diálogo põe certa tarde, *ex-abrupto,* dois indivíduos já conhecidos entre si em nossa presença: Alviano e Brandônio. Em frente à casa do último trava-se a conversa. Estiveram sentados? discorriam peripateticamente? Nada se pode concluir. A conversa prolonga-se; sendo tarde, marcou-se o outro dia e lugar em que a prática terminou para a contígua. O mesmo se fez das outras vezes. Entre o terceiro e o quarto dia falhou Brandônio: a conversação reproduzida nos *Diálogos das Grandezas do Brasil* durou, portanto, sete dias, com um de descanso.

Quem eram Alviano e Brandônio? Por que foram escolhidos estes nomes? Conterão algum anagrama? Nem uma resposta se pode formular. Parecem antes personagens simbólicos: um representa o reinol vindo de pouco, impressionado apenas pela falta de comodidades da terra; o segundo é o povoador, que, desde 1583, veio para o Brasil, e, com as interrupções de várias viagens além-mar, ainda aqui estava em 1618, data da composição do livro. Tão abstratos são os personagens, que às vezes saem dos lábios de um palavras que melhor condiriam nos do outro.

A conversação irrompe sem preparo à vista de uma lanugem de monguba, passa aos motivos por que a terra é descurada, e após vários incidentes termina com a descrição sumária das diversas capitanias, desde o rio Amazonas até São Vicente, tal o objeto do primeiro diálogo. O segundo começa por uma discussão mais erudita que interessante sobre a zona tórrida e sua inabitabilidade afirmada pelos antigos filósofos, desmentida pela experiência; explica por que apesar de negros e americanos morarem nas mesmas latitudes aqueles têm a pele negra e o cabelo carapinhado, ao contrário destes, cujo espécime é baço e cuja cabeleira é lisa; explora a origem dos americanos, exalta as excelências do clima, enumera as poucas moléstias vigentes do Brasil. O terceiro estuda as quatro fontes de riquezas do Brasil: lavoura de açúcar, mercância em geral, o trato do pau-brasil em particular, os algodões e madeiras. O quarto expõe a riqueza que se pode angariar com o comércio de mantimentos, fala do mel, do vinho, do azeite, da tinta contida nas árvores indígenas e descreve ligeiros quadros da vida vegetal. O quinto enumera os animais, subordinados aos três elementos em que vivem: ar, água e terra; do elemento mais alevantado, do fogo não trata, diz Brandônio, "porque de todo o tenho por estéril, que a salamandra que se diz criar nele entendo ser fabulosa, porque quando as houvera, nas fornalhas dos engenhos de fazer açúcares do Brasil, que sempre ardem em fogo vivo, se deverão de achar". O último diálogo refere no princípio os costumes dos portugueses, porém a maior parte é consagrada à descrição dos índios, com que termina a obra.

Antes de ir para o Velho Mundo, de onde só voltou passados quase três séculos, teria o livro do senhor de engenho paraibano sido aproveitado deste lado do Atlântico? Em outros termos: teria servido de fonte a alguns dos escritores que trataram dos mesmos assuntos? Frei Vicente do Salvador em sua *História,* terminada a 20 de dezembro de 1627, umas vezes parece refutá-lo, outras reproduzi-lo com mais ou menos liberdade; como, porém, ao livro do escritor franciscano faltam muitos capítulos, exatamente os que tratam de entradas ao sertão da Paraíba e Pernambuco, de que nosso autor fez parte, a questão por ora não pode ser decidida.

* * *

No entender de Varnhagen, o autor dos *Diálogos* era brasileiro, e funda sua convicção em achar neste escrito mais de uma vez *nosso Brasil*. De fato assim é, e também se encontra *nossa Espanha, nosso Portugal*, o que deixa bem patente a pouca força deste argumento sutil. O autor era português; a leitura cuidadosa o atesta a cada passo e o próprio Brandônio o confirma explicitamente. Interrogado por que não secundou as experiências de plantação de trigo, responde: "Porque se me comunica também o mal de negligência dos naturais da terra". Se fosse natural da terra, a resposta seria dada nestes termos?

Era português e do Sul de Portugal, ou pelo menos lá passara muito tempo. Só assim se explica a importância que atribui a "alguma restinga de terra que então (no tempo das navegações cartaginesas) continuava com uma ilhota situada na costa do Algarve, a que chamamos de Pessegueiro, na qual paragem por costumarem a continuar os atuns que por ali passam a desovar dentro no estreito, se tomam muitos hoje em dia". Teria reparado em coisas tão somenos um simples viajante?

Era homem de instrução: conhecia o latim, a língua literária e científica da época e lera os livros representativos da ciência coeva: Aristóteles, Dioscorides, Vatablo, Juntino; sabia a história, a geografia, a produção de Portugal e de suas colônias, e dispunha de inteligência extremamente clara, cuja força se manifesta na precisão com que trata dos objetos, como por exemplo a pólvora, o açúcar, a farinha de mandioca, o papel; no modo por que subordina os fatos mais diversos a categorias simples, como quando reduz os moradores do Brasil a cinco condições de gente, dos modos de adquirir fortuna a seis; distribui a vida animal pelos elementos, desfia a inutilidade do comércio da Índia e dispõe as árvores silvestres em hortas e jardins (fim do *Diálogo* quarto).

Não era um espírito simplesmente contemplativo, ocupava-o o lado prático, a aplicação possível. A larga navegabilidade do Amazonas suscita a idéia de aproveitá-la para as comunicações com o Peru; a existência de aves rapineiras lembra a caça de altenaria; mesmo a secreção mefítica da jaguatataca antolha-se aproveitável na ordem militar; fazia ou mandava fazer experiências por conta própria, preparou anil para mostrar que a terra podia dar do melhor, fez examinar em Portugal uma espécie de madeira, que lhe pareceu própria ao preparo da tinta de escrever.

Como seus contemporâneos, tinha uma veia de credulidade, fala em palavras fortes de encantamento; avisa que os pajés dos índios não são legítimos feiticeiros; sobre certos animais e mariscos, adianta afirmações bem singulares; mas era um espírito aberto aos fatos novos; nas últimas páginas ainda apresenta um fato a favor da origem vegetal do âmbar, geralmente contestada naquele tempo: a credulidade para ele era o princípio da crítica e da sabedoria.

Era, finalmente, um escritor colorido, enérgico, veemente, capaz de atingir à eloqüência; a frase sai às vezes retorcida para acompanhar o vibrante da sensação; a força vegetativa do novo mundo sobretudo agitava-o vivamente. Um breve trecho do terceiro diálogo mostrará como ele sabia externar suas emoções:

"Certamente, diz Brandônio, que estimara muito não me meter em semelhante trabalho (tratar das madeiras) pelo muito que há que dizer desta matéria. Porque por toda parte que ponho os olhos, vejo frondosas árvores, entrabastecidas matas e intrincadas selvas, amenos campos, composto tudo de uma doce e suave primavera; porquanto em todo o decurso do ano gozam as árvores de uma fresca verdura, e tão verdes se mostram no verão como no inverno, sem nunca se despirem de todo de suas folhas, como costumam de fazer em nossa Espanha; antes, tanto que lhe cai uma, lhe nasce imediatamente outra, campeando a vista com formosas paisagens, de modo que as alamedas de alemos e outras semelhantes plantas que em Madrid Valadolid e em outras vilas e lugares de Castela se plantam e granjeiam com tanta indústria e curiosidade para formosura e recreação dos povos, lhe ficam muito atrás – quase sem comparação uma coisa de outra. Porque aqui as matas e bosques são naturais e não industriosos, acompanhados de tão crescidos arvoredos, que além de suas topadas, frescas folhas defendem aos raios do sol poder visitar o terreno de que gozam, não é bastante uma flecha despedida de um teso arco por galhardo braço a poder sobrepujar a sua alteza. E destas semelhantes plantas há tantas e diversas castas que se embaraçam os olhos na contemplação delas e somente se satisfazem com dar graças a Deus de as haver criado daquela sorte. Donde certamente cuido que, se neste Brasil houvera bons arbolários, se poderiam fazer de qualidade a natureza das plantas e árvores muitos volumes de livros maiores que os de Dioscórides, porque gozam e encerram em si grandíssimas virtudes e excelências ocultas e enxerga-se o seu mérito em algumas poucas delas, de que nos aproveitamos".

Procuremos agora enfeixar os dados dispersos através dos *Diálogos das Grandezas*.

Em 1618 os estabelecimentos fundados por portugueses começavam no Pará sob o Equador, terminavam adiante de S. Vicente, além do trópico.

Entre uma e outra capitania havia grandes espaços devolutos de dezenas de léguas. Para as bandas do sertão na facha da floresta, apontava quase o mar a natureza intemerata. A população total cabia folgadamente em cinco algarismos.

Assegura Brandônio que as três capitanias do Norte poderiam pôr em campo mais de 10.000 homens armados, isto é, deviam contar pelo menos 40.000 almas. Palpável exagero: em todas as capitanias juntas mal passaria desta soma a gente de procedência portuguesa.

A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra e africanos. Aqueles aparecem em menor número, em conseqüência da população indígena ser pouco densa; os jesuítas e depois as outras ordens, mais ou menos, a exemplo destes, pregaram pela liberdade dos índios tornando precária sua posse; finalmente, a experiência tem demonstrado a superioridade dos africanos para o trabalho.

"Neste Brasil, diz Brandônio, se há criado um novo Guiné com a grande multidão de escravos vindos de lá que nele se acham, em tanto que em algumas capitanias há mais deles que dos naturais da terra, e todos os homens que neles vivem tem metida quase toda a sua fortuna em semelhante mercadoria. Todos fazem sua granjearia com escravos de Guiné, que para esse efeito compram por subido preço... o de que vivem é somente do que granjeiam com tais escravos..."

Acima deste rebanho, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou de origem, sem terras, porém livres, vaqueiros, feitores, mestres de açúcar, oficiais mecânicos, vivendo de seus salários ou do feitio de obras encomendadas.

Vinham depois, já donos de terrenos, os criadores de gado vacum. Seu número era exíguo, exigia a importância de sua classe. O território colonizado limitava-se quase à zona da mata, onde o gado não prospera facilmente e cumpria defender os canaviais e outras plantações de seus ataques. Medidas defensivas tomaram-se mais tarde, ou já começavam a ser tomadas; mas o desenvolvimento deste ramo, destinado a assumir tão vastas proporções ainda no decurso daquele século, deve-se sobretudo ao afastamento do gado para longe da ourela litorânea, evitando a mata, procurando os campos, mais tarde certas catingas menos ínvias, separando a lavoura do que com alguma lisonja se poderia chamar indústria criadora.

Os lavradores de menor cabedal, ou terras menos ferazes, cultivavam mantimentos: milho, arroz, mandioca. Dos dois primeiros não faziam grande consumo as capitanias, — São Paulo era exceção quanto ao milho. No preparo da mandioca usavam de grande roda movida a mão para reduzi-la à massa, de prensa para enxugá-la e extrair a tapioca; a farinha cozia-se em alguidares ou tachos, — talvez no Rio de Janeiro, onde muito tempo preponderou esta produção e este comércio, empregassem logo grandes fornos. Com tachos só se podia cozer pouca farinha de cada vez; por isso é natural que a safra não se colhesse toda numa estação como agora, porém durasse o ano inteiro. No tempo de Pero Magalhães de Gandavo parece que se fazia farinha diariamente, à maneira de pão hoje em dias nas cidades mais povoadas. O alqueire, duas vezes e meia maior que o de Portugal, custava trezentos, duzentos e cinqüenta réis, às vezes menos no princípio do século XVII.

É provável que fossem lavradores desses os que plantavam algodão, vendido a 2$000 a arroba, depois de descaroçado no maquinismo rudimentar das máquinas, encontrado ainda agora no interior e descrito pelos viajantes europeus vindos depois da transmigração da família real; os que mandavam pau-brasil e depois de desbastado vendiam-no aos contratadores ao preço de 700 e 800 réis o quintal; os que do sertão traziam madeira e depois de transformada em caixões vendiam-nos aos fabricantes de açúcar à razão de 450 a 500 réis cada um, ou serrada em pranchões exportavam-na para o Reino. Um lavrador de mantimentos que reunisse todos esses achegos podia lucrar tanto como um senhor de engenho de primeira ordem.

Engenhos havia movidos por água e por bois; servidos por carros ou barcos; situados a beira-mar ou mais afastados, não muito, porque as dificuldades de comunicações só permitiam arcos de limitados raios; havia-os suficientes para produzir mais de dez mil arrobas de açúcar e incapazes de dar um terço desta soma. Imaginemos um engenho esquemático para termo de comparação: do esquema os engenhos existentes divergiam mais ou menos, como é natural.

Devia possuir grandes canaviais, lenha abundante e próxima, escravaria numerosa, boiada capaz, aparelhos diversos, moendas, cobres, formas, casas de purgar, alambique; devia ter pessoal adestrado, pois a matéria-prima passava por diversos processos antes de ser entregue ao consumo; daí certa divisão muito imperfeita de trabalho, sobretudo certa divisão de produção. O produto era diretamente remetido para além-mar; de além-mar vinha o pagamento em dinheiro ou em objetos dados em troca e não eram muitos: fazendas finas, bebidas, farinha de trigo, em suma, antes objetos de luxo. Por luxo podiam comprar os mantimentos aos lavradores menos abastados e isto era usual em Pernambuco, tanto que entre os agravos dos pernambucanos contra os holandeses capitulava-se o de por estes terem sido obrigados a plantar certo número de covas de mandioca.

Tirando isto, o engenho representa uma economia autônoma; para os escravos tecia-se o pano ali mesmo; a roupa da família era feita no meio dela; a alimentação constava de peixe pescado em jangadas ou, por outro modo, de ostras e mariscos apanhados nas praias e nos mangais, de caça pegada no mato, de aves, cabras, porcos para as bandas do Sul, para as do Norte ovelhas principalmente, criadas em casa: daí a facilidade de agasalhar convivas inesperados, e daí a hospitalidade colonial, tão característica ainda hoje de lugares pouco freqüentados. De vacas leiteiras havia currais, poucos, porque não fabricavam queijos nem manteiga; pouco se consumia carne de vaca, pela dificuldade de criar reses em lugares impróprios à sua propagação, pelos inconvenientes para a lavoura resultantes de sua propagação, que reduziu este gado ao estritamente necessário ao serviço agrícola. Um trecho de Frei Vicente do Salvador esclarecia melhor a situação geral: "Não notei eu isto tanto, escreve o historiador baiano, quanto o vi notar a um bispo de Tucuman, da ordem de São Domingos, que por algumas destas terras passou para a Corte. Era grande canonista, homem de bom entendimento e muito rico; notava as coisas e via que mandava comprar um frangão, quatro ovos e um peixe e nada lhe traziam, porque não se achava na praça nem no açougue, e se mandava pedir as ditas coisas e outras muitas a casas particulares lhas mandavam. Então o bispo: "Veramente que nesta terra andam as coisas trocadas, porque toda ela não é República, sendo-a cada casa". E assim é que estando as casas dos ricos (ainda que seja à custa alheia, pois muitos devem o que têm) providas de todo o necessário, porque têm escravos pescadores e caçadores que lhes trazem a carne e o peixe, pipas de vinho e azeite que compram por junto, nas vilas muitas vezes se não acha isto de venda". — (*História do Brasil*, p. 16-17, ed. de 1918).

Alguns dos senhores de engenho tinham lojas, ou alguns dos mercadores tinham engenhos, — para o caso presente é a mesma coisa; o característico na mercearia eram o comércio de consignação, que continuou ainda depois da independência, o tráfico de mascates que iam pelos lugares afastados, como ainda hoje, levar miudezas; e mais que tudo, as vendas a crédito, ou permutação de gêneros. A vida econômica tinha suas faces: nas transações internacionais ou antes interoceânicas era a moeda o tipo a que tudo se referia; nas transações internas dominavam o naturalismo econômico, a permuta do gênero contra gênero, ou empréstimo de gêneros, e encontravam-se aqui todos os característicos ou quase que Hildebrand apurou para esta fase de humanidade.

"Quando os diversos haveres são permutados imediatamente à medida da superabundância e da necessidade, existe a circulação natural, e todo povo começa a sua carreira econômica pela carreira naturalista. Dela são particularidades características:

1.º — Circulação de haveres, lenta, geralmente localizada, extremamente irregular, por isso muito pouca divisão de trabalho;

2.º — Falta de capitais, porque falecem meios para poupar e assim falta o impulso para a formação de capitais;

3.º — Completa dependência da natureza, apatia quanto ao futuro, oscilação constante entre a superabundância e a penúria;

4.º — Falta a classe de capitalistas; mesmo depois de definidas as diferenças de classe, só ficam em frente uns dos outros como fatores únicos da produção os possuidores do solo e os trabalhadores;

5.º — Só a propriedade de terras dá poder e consideração; o trabalhador, que nada possui dela, depende inteiramente do trabalho e fica adstrito à gleba, pela qual tem de prestar serviços forçados e pagar impostos naturalísticos; o Estado remunera o serviço pela concessão de terrenos; forma-se o Estado feudal;

6.º — A coação do trabalhador, a improbabilidade de melhorar de condição dificulta todo progresso considerável; por isso vigora a maior estabilidade".(*)

A falta de capitais restringia muito as manifestações da vida coletiva: não havia fontes, nem pontes, nem estradas. As igrejas, as casas do Conselho, as cadeias eram feitas pelo Governo, ou com dinheiro vindo de além-mar, ou com impostos cobrados desapiedadamente. Para as casas e consertos de diversas obras não se podiam dispensar os subsídios do erário. Só as Casas de Misericórdia deviam-se exclusivamente ou quase à iniciativa particular, incitada talvez por motivos egoístas mais ainda que por altruísmo. As sedes de capitanias, mesmo as mais prósperas eram lugarejos insignificantes; a gente abastada possuía aí prédios, mas só os ocupava no tempo das festas; lojistas, oficiais, tinham de acumular ofícios para viver com certa folga.

Ajunte-se a isto a desafeição pela terra, fácil de compreender se nos transportamos às condições dos primeiros colonos, abafados pela mata virgem, picados por insetos, envenenados por ofídios, expostos às feras, ameaçados pelos índios, indefesos contra os piratas, que começaram a acudir

---

(*) J. Conrad — *Nationale Ekonomie*, Jena, 1898.

apenas souberam de alguma roupa a roubar. Mesmo se sobejassem meios, não havia disposição para meter mãos a obras destinadas aos vindouros; esfolava-se cruamente a terra; tratava-se de ganhar fortuna o mais depressa possível para ir desfrutá-la além-mar, onde se encontravam comodidades, abundavam atrativos, a crosta de civilização não se empinava incontrastável e perene. Assegura Pedro de Magalhães que os velhos acostumados ao país daqui não queriam sair mais, é possível; dos moços, a quem não intimidavam a demora e os perigos das largas travessias, de organismos rijos para os caprichos e carrancas da zona temperada, testemunhas contestes afirmam o contrário. Como hoje o português que viveu nesta ao voltar para sua terra ganha o nome de brasileiro, talvez então o mazombo ido para a metrópole torna com os foros de lídimo português, ou reinol, como então se chamava, e isto era mais um incitamento à viagem.

Desafeição igual à sentida pela terra nutriam entre si os diversos componentes da população.

Examinando superficialmente o povo, discriminavam-se logo três raças irredutíveis, oriunda cada qual de continente diverso entre as quais nada favorecia a medra de sentimentos de benevolência. Tão pouco apropriados a essa floração delicada, antolhavam-se seus descendentes mestiços, mesclados em proporção instável quanto à receita da pele e à dosagem do sangue, medidas naquele tempo, quando o fenômeno estranho e novo em toda a energia do estado nascente, tendia a observação ao requinte e atiçava os sentidos até exacerbá-los, medidas e pesadas com uma precisão de que nem podemos formar idéia remota, botos como ficamos ante o fato consumado desde o berço, indiferente às peles de qualquer aviação e às dinamizações do seu sangue em qualquer ordinal.

Ao lado destes fatores dispersivos de natureza etnográfica formavam outros mais de ordem psicológica. Tem sido notado que nas colônias geralmente se distinguem muito as

pessoas de raça dominante nascidas na metrópole e as nascidas na dependência. Entre os nossos vizinhos da América Latina os filhos de espanhóis chamavam-se *criolos,* nome dado entre nós aos negros aqui nascidos; em Goa os filhos de portugueses chamavam-se *castiços;* de nossa terra os nomes dos portugueses em diferentes pontos dariam matéria a um glossário; naquele tempo eram chamados *reinóis,* como os filhos de portugueses aqui nascidos chamavam-se *mazombos.* A simples existência do nome dá a entender uma espécie de *capitis diminutio* (pelo menos a princípio; mais tarde, o padre Antônio Vieira, nascido, aliás, no além-mar, em uma carta diz-se *mazombo*). De ter isto realmente sucedido pode-se apresentar como prova o fato de o inglês Knivet, que passou do século XVI ao XVII amargando no cativeiro de Salvador Corrêa de Sá, chamar ao filho deste, Martim de Sá, de mulato; foi o termo de sua língua que mais próprio lhe pareceu para exprimir a força de mazombo.

Parece que no Brasil a diferença entre o indígena e o alienígena da mesma raça ainda passou adiante: *moleque* foi talvez o nome dado pelos africanos a seus parceiros nascidos no aquém-mar; *caboclos* eram primitivamente chamados os índios catequizados em aldeias pelos jesuítas e seus rivais de catequese.

Esse estado centrífugo começou a ceder desde a terceira e quarta décadas do século XVII. Reinóis, mazombos, moleques, caboclos, mulatos, mamalucos, todas as denominações se sentiam com todas as diferenças que os apartavam irredutivelmente, mais próximos uns dos outros que dos holandeses, e daí a guerra que de 1624 a 1654 não se interrompeu enquanto o invasor calcou o solo da pátria. O mesmo sentimento de solidariedade foi-se avigorando a ponto de que ao primeiro e segundo decênios do século XVIII o português passou à categoria de inimigo, e rebentaram as guerras dos Mascates entre pernambucanos e dos emboabas entre os paulistas.

Antes disto já se efetuara a fundação de Brandônio quando a respeito da terra assim dizia a Alviano:

"Condenso minha pouca memória em vos dizer que isto se remediará quando a gente que houver no Brasil for por mais daquela que de presente se há mister para o granjeamento dos engenhos de fazer açúcares, lavoura e mercearia, porque então os que ficarem sem ocupação de força hão de buscar alguma de novo de que lançar mão, e por esta maneira se farão uns pescadores, outros pastores, outros hortelões, e exercitarão os demais ofícios, dos que hoje não há nesta terra na quantidade que era necessário houvesse. E com isto assim suceder, logo não haveria falta de nada, e a terra abundaria de tudo o que lhe era necessário, enxergando-se ao vivo a sua grande fertilidade e abundância, com não ter necessidade de coisa nem uma das que se trazem de Portugal; e quando o houvesse fora de poucas".

Os esforços até hoje tentados para levantar o anonimato dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* têm sido perdidos. Para que aventar novas hipóteses? A quem quiser tentar a aventura podem ser indicados dois rastros novos:

a) — Diz Brandônio que em 1583 estava a seu cargo o recebimento dos dízimos de açúcar na capitania de Pernambuco e acrescenta, que era então novo na terra. Entre os contratadores de dízimos da terra conhecemos Bento Dias de Santiago, que entrou nas guerras de Duarte de Albuquerque Coelho, segundo donatário, feitas depois do embarque de Jorge de Albuquerque em 1565 (Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil,* p. 198, ed. de 1918). Um alvará de 12 de fevereiro de 1572 manda levar-lhe em conta certa quantia de dinheiro; outro de 23 de dezembro de 1575 designa-o como contratador dos dízimos de Pernambuco e Itamaracá. Documentos existentes por cópia na biblioteca do Instituto Histórico mostram que Bento Dias Santiago arrematou os dízimos de Pernambuco em 1576, 1577, 1578, 1582, 1583, 1584 e 1585. Nos últimos anos arrematou igualmente os da Bahia. No de 1583 obteve uma moratória de dez dias em seus pagamentos, equivalente aos dez dias suprimidos em outubro do ano anterior, quando se pôs em vigor o calendário gregoriano.

Bento Dias de Santiago, morador em Pernambuco desde 1565, não podia dizer-se novo na terra em 1583, e está fora de combate; mas um documento de 1582 permite-lhe nomear escrivães para assistir à saída dos açúcares, outro de 1583 fala em seus feitores. O autor dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* pode ter sido seu feitor ou escrivão: pode ter sido seu parente. Um dos historiadores da guerra pernambucana Diogo Lopes de Santiago, embora caprichosamente Barbosa Machado o considere natural da cidade do Porto, o nome está indicando como pertencente à família. Por que dela seria a primeira pessoa amante de escrever?

b) — Passemos ao outro rastro.

Garcia afirma que o autor dos *Diálogos* se chamava Brandão, e era vizinho de Pernambuco. Provavelmente conclui isto da leitura do livro. A conclusão nada tem de repugnante: podia apresentar-se com o nome ligeiramente alatinado, como sem alatinamento aparece Garcia da Orla em seus *Colóquios,* que o nosso autor conhecia.

Os documentos contemporâneos falam em diversos Brandões: o que tem mais probabilidades, ou antes o único a ter probabilidades a seu favor, chamava-se Ambrósio Fernandes Brandão, e a respeito dele encontra-se o seguinte na *História* de Frei Vicente do Salvador, e em uma sesmaria descoberta pelo meritório Irineu Joffily:

Morava em Pernambuco em 1583, e acompanhou Martim Leitão em uma de suas expedições contra os franceses e índios do Paraíba, no posto de capitão de mercadores.

Antes de 1613 estabeleceu-se na Paraíba, foi por muitas vezes como capitão de infantaria à guerra contra os gentis Petiguares e franceses.

Antes de 1613 possuía dois engenhos próximos à sede da Capitania chamados *Inobi,* por outro nome de Santos Cosme e Damião, e o do Meio ou São Gabriel.

Em 1613 pediu para fazer outro engenho na ribeira de Gurgaú, uma sesmaria, que de fato lhe foi concedida a 27 de novembro de 1613.

Ignora-se quando faleceu; já não era dos vivos quando os holandeses tomaram a Paraíba. Os herdeiros de Brandão emigraram; a Companhia das Índias Ocidentais confiscou os três engenhos, vendeu-os a um negociante de Amsterdam chamado Isac de Rasière, que ao Inobi crismou Amistel, ao de São Gabriel crismou Middelburg, ao de baixo crismou La Rasière.

Depois da restauração contra os holandeses os engenhos dos Brandões caíram nas mãos de João Fernandes Vieira.

É, pelo menos, o que assegura um parente de André Vidal de Negreiros, em cujas palavras Varnhagen se louva.

J. Capistrano de Abreu

ADITAMENTO

Bento Dias de Santiago, o opulento cristão-novo contratador dos dízimos que pertenciam à fazenda real nas capitanias da Bahia de Todos os Santos, Pernambuco e Itamaracá, obteve por um alvará ou provisão (sem data por incompleta na cópia existente no Instituto Histórico, *Conselho Ultramarino — Registros,* II, fls. 66 v., mas provavelmente de fins de 1582), permissão para nomear escrivães que assistissem à saída dos açúcares; outro alvará, esse de 25 de janeiro de 1583, determinou que no Brasil não fossem despachados açúcares sem certidão dos feitores do contratador, seguido de carta régia da mesma data a Manuel Teles Barreto, para que os escrivães das feitorias e alfândegas não passassem despachos de açúcares sem que as partes lhes apresentassem certidão dos ditos feitores de como tinham sido pagos os direitos, *ibidem,* fls. 77-79.

Que Ambrósio Fernandes Brandão foi, como previu Capistrano de Abreu, um dos feitores ou escrivães de Bento Dias de Santiago, — veio confirmar a denunciação do Padre Francisco Pinto Doutel, vigário de São Lourenço, perante a mesa do Santo Ofício, na Bahia, a 8 de outubro de 1591, em que como tal foi qualificado. Outro foi Nuno Álvares, incluído na mesma denunciação. Eram ambos cristãos-novos, ambos acusados de freqüentarem a esnoga de Camaragibe, blasfemos e hereges, que trabalhavam e faziam trabalhar aos domingos e dias santos. Eram, portanto, correligionários, exerciam cargos idênticos e deviam ser amigos.

Assim, se Ambrósio Fernandes Brandão é o interlocutor *Brandônio,* como está admitido, o inteligente leitor destas linhas será levado a concluir sem maior esforço que o outro interlocutor, *Alviano,* bem pode ser Nuno Álvares.

— Conf. *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil — Denunciações da Bahia,* 518-520, São Paulo, Homenagem de Paulo Prado, 1925.

Rodolfo Garcia

DIALOGO PRIMEIRO

ALVIANO

Que bisalho é esse, Sr. Brandônio, que estais revolvendo dentro nesse papel? Porque, segundo o considerais com atenção, tenho para mim que deve ser de diamantes ou rubis.

BRANDÔNIO

Nenhuma cousa dessas é, senão uma lanugem que produz aquela árvore fronteira de nós em um fruto que dá no tamanho de um pêssego, que semelha propriamente a lã. E porque ma trouxe agora há pouco a amostrar uma menina, que o achou caído no chão, considerava que se podia aplicar para muitas cousas (¹) *

ALVIANO

Não de menos consideração me parece o modo da árvore que o fruto dela; porque, segundo estou vendo, semelha haver-se produzido do sobrado desta casa, onde deve ter as raízes, pois está tão conjunta a ela.

BRANDÔNIO

A umidade de que gozam todas as terras do Brasil a faz ser tão frutífera no produzir que infinidade de estacas de diversos paus metidos na terra, cobram e em breve tempo chegam a dar fruto; e esta árvore, que vos parece nascer de dentro desta casa, foi um esteio que se meteu na terra, sobre o qual, com outras mais, se sustenta este edifício, que por pender, veio a criar essa árvore, que demonstra estar unida com a parede.

---

* As notas referentes ao texto encontram-se no final de cada Diálogo. Ver pág. 63. (Nota da Editora).

ALVIANO

Aos que ignorarem esse segredo deve de parecer o modo estranho; mas, contudo, dizei-me: para que efeito imagináveis que se podia aplicar essa lanugem que estáveis considerando?

BRANDÔNIO

Parece-me certamente que servira para enchimento de travesseiros, almofadas, e ainda para colchões e que também, se for fiada, se poderá dela fazer panos, posto que chapéus tenho por sem dúvida, que se farão muito bons.

ALVIANO

Boa graça é essa; pois, quando isso prestara para esse efeito, não era possível estar tanto tempo escondido sem os homens o haverem experimentado.

BRANDÔNIO

Essa razão não conclui para se deixar de entender que pode muito bem esta lã ou lanugem prestar para o que digo, porque muitas cousas há ainda, assim de frutos como de minerais, por descobrir, que os homens não alcançaram sua propriedade e natureza.

ALVIANO

Isso entendo eu pelo contrário; porque o mundo é tão velho e os homens tão desejosos de novidades, que tenho para mim que não há nele coisa por descobrir, nem experiência que se haja de fazer de novo que já não fosse feita.

BRANDÔNIO

Enganai-vos nisso sumamente, Sr. Alviano, porque ainda há muitas coisas por descobrir e segredos não achados que para diante se hão de manifestar.

Alviano

Não me posso persuadir a isso; porque tudo está já tão trilhado, que me parece que todos esses segredos são resolvidos e apalpados dos homens, e somente se tem aproveitado dos que acharam ser de proveito que puseram em uso.

Brandônio

Essa opinião é nova, e como tal engano manifesto; porque quem vos amostrara, há hoje trezentos anos, uma cana de que se faz açúcar, e vos dissera que daquela cana se havia de formar com a indústria humana, um pão de açúcar tão formoso como hoje o vemos, tê-lo-eis por causa ridiculosa; e por conseguinte, se vos fosse mostrado um pedaço de pano velho de linho, e vos afirmassem que daquele pano se havia de fazer o papel, em que escrevemos, quem duvida que o teríeis por zombaria? E da mesma maneira, se vos pusessem diante um pouco de salitre, enxofre e carvão, com vos jurarem que daqueles materiais se havia de compor uma cousa que, chegada ao fogo, derrubasse muros e fortalezas, e matasse homens de muito longe, não me fica dúvida que, quanto mais vô-lo afirmassem, menos o creríeis; porque haveis de saber que os primeiros inventores das cousas as acharam toscamente com um princípio mal limado, e depois os que lhe sucederam as foram apurando, até as porem no estado de perfeição em que hoje as vemos.

Alviano

Confesso o que dizeis, mas também não me haveis de negar que essas cousas, de que nos aproveitamos, são criadas e cultivadas com a indústria e diligência dos agricultores e mestres inventores delas, o que não há nessa vossa lanugem que se tira de uma árvore nascida por acaso por esses campos; porque o trigo, linho e mais legumes, de que os homens se aproveitam para seus mantimentos e uso são cultivados e granjeados, e por isso dão o fruto perfeito; e é tanto assim, que nunca vimos o trigo ou legumes nascer pelos campos de si, nem serem cultivados dos homens.

Brandônio

Quando essa vossa opinião tivera lugar, parece que se devia também conceder que os homens fossem os criadores desses frutos, o que seria tirar a Deus o haver criado tudo, e pelo mesmo caso blasfêmia; pois sabemos bem que Deus criou esse trigo, linho e legumes pelos campos, e depois a indústria humana os cultivou para se poder melhor aproveitar deles; porque nem pela Escritura dizer que Noé plantou vinha, se deve de cuidar que ele fosse o criador dela, senão que tomou o vidonho, donde estava agreste, criado por Deus nos campos, e o pôs em uso de se cultivar; com o qual levou o fruto mais perfeito. E se o trigo e mais legumes não nascem de per si nos campos, é porque lhe falta a semente; e quando alguma cai, de onde se produz, o gado e as aves a trilham e comem; mas se fora semeado em parte onde não pudesse ser destruído das alimárias, ele por si produziria da semente que lhe fosse caindo ao pé, como fazem as demais plantas.

Alviano

Confesso ser isso assim; porque sei muito bem que as cousas todas foram produzidas de um princípio, o qual foi a primeira criação que nelas fez Deus; e posto que vemos alguns frutos, que parecem não ser criados neste princípio, como são as limas doces, laranjas e outras semelhantes, que a indústria humana se fez produzir por via de enxertos e outros modos que para isso buscaram todavia a causa de onde procedem são daquelas que por Deus foram primeiramente criadas. Mas esta não é a matéria, sobre que começamos nossa prática, senão de me parecer que essa lanugem, que dizeis achastes semelhante a lã, deve de prestar para pouco; porque, se fora de efeito, já os nossos passados se aproveitaram dela; nem me confundem os exemplos, que alegastes, da cana-de-açúcar, papel e pólvora, porque esses são uns partos que o tempo produz em muitos decursos de anos; e assim me torno a afirmar, como já disse, que melhor fora ser esse bisalho de diamantes ou rubis, que são pedras descobertas e tidas por preciosas desde o princípio do mundo.

BRANDÔNIO

E quem vos há de negar que isso fora de mais proveito pela reputação em que o mundo as tem, por serem reluzentes e campearem muito, com alegrarem a vista com sua formosura; porque delas não sei outra excelência, posto que nunca me inclinara a ter minha fazenda embaraçada nessa mercadoria; porque, quando assim fora, a teria por pouco segura.

ALVIANO

Peregrina opinião é essa vossa por ser encontrada com estilo, que todos os homens de bom entendimento guardam porque os tais pretendem sempre ter uma parte de sua fazenda em pedraria pela grande estimação em que está tida para com o mundo, e também por ser cousa que em qualquer parte, por pequena que seja, se pode esconder e salvar sem ser achada; e assim, para os casos repentinos que sucedem, fica sendo de muita utilidade para quem as possui; porque nela levam cabedal bastante para suas necessidades, segundo o preço e estimação das pedras.

BRANDÔNIO

Tudo isso é verdade, e ainda concedo que as pedras preciosas alegram o coração com sua vista, e para manenconizados é maravilhoso remédio; e da esmeralda se tem por verdadeiro que, se a pessoa que a trouxer cometer algum ato sensual, se quebra por si, tanto ama a castidade (²). Contudo me torno a afirmar que não quisera ter a minha fazenda embaraçada em semelhante mercadoria; porque imagino que, assim como, havendo sido a esmeralda entre as pedras preciosas a de mais estima, veio a faltar dela, pelas muitas minas que se descobriram nas Índias Ocidentais, donde se tiram em grande cópia; da mesma maneira se podem descobrir tantas minas de rubis e diamantes, que percam de sua reputação e valia e as pessoas que as tiverem se achem por esta via sem a fazenda que cuidavam que tinham.

ALVIANO

Não me parece mal essa vossa opinião, porque tenho visto muitas esmeraldas grandes e perfeitas, que se trazem dessas Índias, e agora, em nossos tempos apareceram outras descobertas neste nosso Brasil pelo Azeredo (³), que prometeram no princípio muito de si, mas logo mostraram sua fragilidade, por não serem verdadeiramente esmeraldas: do que infiro que ouro, prata e pedras preciosas são somente para os castelhanos, e que para eles as reservou Deus; porque habitando nós os portugueses a mesma terra que eles habitam, com ficarmos mais orientais (parte onde, conforme a razão devia de haver mais minas), não podemos descobrir nenhuma em tanto tempo há que nosso Brasil é povoado, descobrindo eles cada dia muitas.

BRANDÔNIO

Não se pode tirar aos castelhanos serem bons conquistadores e descobridores; porque atravessaram conquistando desde Cartagena até Chile e Rio da Prata, que é inumerável terra, pela qual foram achando quantidade grande de minas de ouro, prata, cobre, azougue, e outras diversas, de que hoje em dia gozam e se aproveitam mas nem por isso se deve de atribuir aos nossos portugueses o nome de ruins conquistadores

ALVIANO

Como não, se vemos que em tanto tempo que habitam neste Brasil, não se alargaram para o sertão para haverem de povoar nele dez léguas, contentando-se de, nas fraldas do mar, se ocuparem somente em fazer açúcares?

BRANDÔNIO

E tendes essa ocupação por pequena? Pois eu a reputo por muito maior que a das minas de ouro e de prata; como alguma hora vô-lo mostrarei provado claramente (⁴). Mas, porque não tenhais aos nossos portugueses por pouco inclinados a conquistas, abraçando-vos com essa errônea opinião, vos afirmo que, de quantas nações o mundo tem, eles foram os que mais conquistaram; e senão, lançai os olhos por esse Oriente, onde nossos avós conquistaram ganhando, à custa de seu sangue tantos reinos opulentos, cidades famosas, províncias ricas, fazendo tributários potentíssimos reis ao império lusitano: o que não sucedeu aos castelhanos, porque as conquistas que fizeram nas Indias Ocidentais e Peru foi por entre gente fraca e imbele, que sempre tiveram as mãos atadas para a sua defesa, por lhe faltarem armas e ânimos com que pudessem fazer resistência, em tanto que quatro castelhanos, mal armados manietaram reis, poderosos de riquezas, e abundantes de gentes no seu próprio reino e dentro em suas cidades e casas, sem os seus naturais vassalos terem ânimo nem indústria para os saberem defender; o que não sucedeu aos nossos portugueses no Oriente, porque fizeram suas conquistas entre gentes belicosíssimas, muito bem armadas, assim de cavalo como de pé, que tinham inumeráveis peças de artilharia, e outros bélicos instrumentos de fogo, que hoje em dia espanta ao mundo ver a grandeza das balas que lançavam, contra as quais não arreceavam de opor o peito, largando muitos a vida às mãos de sua fúria. Vede também tantas ilhas, situadas no meio desse grande pego do Oceano, as quais descobriram e povoaram, esses reinos de Angola e do Congo, ilhas do Cabo Verde e de S. Tomé, esta grande terra do Brasil; de modo que aos nossos portugueses se pode, com razão, atribuir (nas muitas conquistas que fizeram por mar e terra) o verdadeiro nome de Hércules e de Argonautas.

ALVIANO

Quem há que possa duvidar disso? Mas o que digo é que neste Brasil fazem curta a conquista, podendo-a fazer muito larga.

BRANDÔNIO

É verdade que não se tem estendido muito para o sertão; mas, para isso, haveis de saber que todos os conquistadores, que até hoje descobriram de novo as terras que nos são patentes lançaram mão, e se inclinaram trabalhando naquele exercício de que primeiramente tiraram proveito; de onde vejo que os nossos portugueses que povoaram as ilhas dos Açores, pelos primeiros se haverem lançado em agricultura do trigo, até o presente permanecem nela; os castelhanos, que povoaram as ilhas de Canárias, deram em plantar

vinhas, e o mesmo exercício guardam até hoje em dia, e os que povoaram as ilhas do Cabo Verde tiveram proveito da comutação de negros, e com isso vivem e no reino da Angola, da conquista que também fazem deles, nessa permanecem; na ilha de S. Tomé deram em lavrar açúcar muito negro, com ele continuam até o presente, e tendo aparelho para o fazer melhor, não se querem ocupar nisso. Os que povoaram as Índias Ocidentais, uns se ocuparam na pescaria das pérolas, outros em fazer anil, outros em ajuntar cochonilha, outros na cria de gados, outros em lavrarem minas, e todos naquele primeiro exercício, em que se exercitaram nesse permaneceram. Nesse nosso Brasil os seus primeiros povoadores deram em lavrar açúcares; pois que muito que os de mais os fossem imitando, conforme o costume geral do mundo, que tenho apontado? E este é o respeito por onde no Brasil seus moradores se ocupam somente na lavoura das canas-de-açúcar, podendo se ocupar em outras muitas coisas.

ALVIANO

Não imagino eu isso nesse modo: mas antes tenho pôr sem dúvida, que o lançarem-se no Brasil somente seus moradores, a fazer açúcares é por não acharem a terra capaz de mais benefícios: porque eu a tenho pela mais ruim do mundo, onde seus habitadores passam a vida em contínua moléstia, sem terem quietação, e sobretudo faltas de mantimentos regalados, que em outras partes costuma haver.

BRANDÔNIO

Certamente que tenho paixão de vos ver tão desarrazoado nessa opinião; e porque não fiqueis com ela, nem com um erro tão crasso, quero-vos mostrar o contrário do que imaginais. E para o poder fazer como convém, é necessário que me digais se o ser o Brasil ruim terra, é por defeito da mesma terra, ou de seus moradores?

ALVIANO

Que culpa se pode atribuir aos moradores pela maldade da terra, pois está claro não poderem eles suprir sua falta nem fazerem abundante a sua esterilidade.

Brandônio

Por maneira que me dizeis que à terra se deve atribuir esse nome que lhe quereis dar de ruim?

Alviano

Assim o digo.

Brandônio

Pois assim vos enganais: porque a terra é disposta para se haver de fazer nela todas as agriculturas do mundo pela sua muita fertilidade, excelente clima, bons céus, disposição do seu temperamento, salutíferos ares, e outros mil atributos que se lhe ajuntam.

Alviano

Quando os tivera, creio eu que em tanto tempo, quanto há que é povoada de gente portuguesa, já tiveram descobertos esses segredos, que até agora não acharam pelos não haver.

Brandônio

Já me há de ser forçado fazer-vos retratar dessa erronia em que estais. Não vedes vós que o Brasil produz tanta quantidade de carnes domésticas e selváticas, que abunda de tantas aves mansas, que se criam em casa, de toda sorte, e outras infinitas, que se acham pelos campos; tão grande abundância de pescado excelentíssimo, e de diferentes castas e nomes; tantos mariscos e caranguejos que se colhem e tomam à custa de pouco trabalho; tanto leite que se tira dos gados; tanto mel que se acha nas árvores agrestes; ovos sem conta, frutas maravilhosas, cultivadas com pouco trabalho, e outras sem nenhum que os campos e matos dão liberalmente; tanto legume de diversas castas, tanto mantimento de mandioca e arroz; com outras infinidades de cousas salutíferas e de muito nutrimento para a natureza humana, que ainda espero de vô-las relatar mais em particular. Pois à terra que abunda de todas estas cousas como se lhe pode atribuir falta delas? Porque certamente que não vejo eu nenhuma província ou reino, dos que há na Europa, Ásia ou África, que seja tão abundante de todas elas, pois sabemos bem que, se têm umas lhe faltam outras; e assim errais sumamente na opinião que tendes.

Alviano

Pois de que nasce haver tanta carestia de todas essas cousas, se me dizeis que abunda de todas elas?

Brandônio

É culpa, negligência e pouca indústria de seus moradores, porque deveis de saber que este Estado do Brasil todo, em geral, se forma de cinco condições de gente, a saber: marítima, que trata de suas navegações, e vem aos portos das capitanias deste Estado com suas naus e caravelas, carregadas de fazendas que trazem por seu frete, onde descarregam e adubam suas naus, e as tornam a carregar, fazendo outra vez viagem com carga de açúcares, pau do Brasil e algodões para o Reino, e de gente desta condição se acha, em qualquer tempo do ano, muita pelos portos das capitanias. A segunda condição de gente são mercadores, que trazem do Reino as suas mercadorias a vender a esta terra, e comutar por açúcares, do que tiram muito proveito; e daqui nasce haver muita gente desta qualidade nela com suas lojas de mercadorias abertas, tendo correspondência com outros mercadores do Reino, que lhas mandam; como o intento destes é fazerem-se somente ricos pela mercância, não tratam do aumento da terra, antes pretendem de a esfolarem tudo quanto podem. A terceira condição de gente são oficiais mecânicos de que há muitos no Brasil de todas as artes, as quais procuram exercitar, fazendo seu proveito nelas, sem se lembrarem por nenhum modo do bem comum. A quarta condição de gente é de homens que servem a outros por soldada que lhe dão, ocupando-se em encaixamento de açúcares, feitorizar canaviais de engenhos e criarem gados, com nome de vaqueiros, servirem de carreiros e acompanhar seus amos; e de semelhante gente há muita por todo este Estado, que não tem nenhum cuidado do bem geral.

A quinta condição é daqueles que tratam da lavoura, e estes tais se dividem ainda em duas espécies: a uma dos que são mais ricos, têm engenhos com titulos de senhores deles, nome que lhes concede Sua Majestade em suas cartas e provisões, e os demais têm partidas de canas; a outra, cujas forças não abrangem a tanto, se ocupam em lavrar mantimentos legumes. E todos, assim uns como outros, fazem suas lavouras e granjearias com escravos de Guiné, que para esse efeito compram por subido preço; e como o do que vivem é somente do que granjeiam com os tais escravos, não lhes sofre o ânimo ocupar a nenhum deles em cousa que não seja tocante à lavoura, que professam de maneira que têm por muito tempo perdido o que gastam em plantar uma árvore, que lhes haja de dar fruto em dois ou três anos, por lhes parecer que é muita a demora: porque se ajunta a isto e cuidar cada um deles que logo em em breve tempo se hão de embarcar para o Reino, e que lá hão de ir morrer, e não basta a desenganá-los desta opinião mil dificuldades que, a olhos imprevistos, lhe impedem podê-la fazer. Por maneira que este pressuposto que têm todos em geral de se haverem de ir para o Reino, com a cobiça de fazerem mais quatro pães de açúcar, quatro covas de mantimento, não há homem em todo este Estado que procure nem se disponha a plantar árvores frutíferas, nem fazer as benfeitorias acerca das plantas, que se fazem em Portugal, e por conseguinte se não dispõem a fazerem criações de gados e outras; e se algum o faz, é em muito pequena quantidade, e tão pouca que a gasta toda consigo mesmo e com a sua família. E daqui nasce haver carestia e faltas destas cousas, e o não vermos no Brasil quintas, pomares e jardins, tanques de água, grandes edifícios, como na nossa Espanha, não porque a terra deixe de ser disposta para estas coisas; donde concluo que a falta é de seus moradores, que não querem usar delas.

ALVIANO

O ser novo ainda neste Estado me faz ignorar dessas grandezas, que me afirmais poder nele haver, e para que fique melhor inteirado delas a me poder retratar da minha opinião, vos peço que me digais como ou de que maneira pode haver todas essas cousas que tendes dito ser o Brasil capaz de produzir? E assim do seu sítio, bom céu, bondade de astros, e outras cousas de que o tendes feito abundante.

BRANDÔNIO

Esta província do Brasil é conhecida no mundo com o nome de América, que com mais razão houvera de ser pela terra de Santa Cruz (5), por ser assim chamada primeiramente de Pedralvares Cabral, que a descobriu em tal dia, na segunda armada que El-rei D. Manuel, de gloriosa memória, mandava à Índia, e acaso topou com esta grande terra não vista nem conhecia até então no mundo, e por lhe parecer o descobrimento notável despediu logo uma caravela ao Reino com as novas do que achara, e sobre isso me disse um fidalgo velho, bem conhecido em Portugal, algumas cousas de muita consideração.

ALVIANO

E que é que vos disse esse fidalgo?

BRANDÔNIO

Dizia-me ele que ouvira dizer a seu pai, como cousa indubitável que a nova de tão grande descobrimento foi festejada muito do magnânimo rei e que um astrólogo, que naquele tempo no nosso Portugal havia de muito nome, por esse respeito alevantara uma figura, fazendo computação do tempo e hora em que se descobriu esta terra por Pedralvares Cabral, e outrossim do tempo e hora em que teve El-Rei aviso de seu descobrimento, e que achara que a terra novamente descoberta havia de ser uma opulenta província, refúgio e abrigo da gente portuguesa, posto que a isto não devemos dar crédito, são sinais da grandeza em que cada dia se vai pondo (6).

ALVIANO

Não permita Deus que padeça a nação portuguesa tantos danos que venha o Brasil a ser o seu refúgio e amparo; mas dizei-me se Pedralvares Cabral pôs a esta província nome de terra de Santa Cruz, que razão há para nestes próximos tempos se chamar Brasil, estando tanto esquecido o nome que lhe foi posto?

BRANDÔNIO

Não o está para com Sua Majestade e os senhores dos conselhos; pois, nas provisões e cartas que passam quando tratam deste Estado lhe chamam a terra de Santa Cruz do Brasil, e este nome Brasil se lhe ajuntou por respeito de um pau chamado desse nome, que dá uma tinta vermelha, estimado por toda a Europa, e que só desta província se leva para lá.

Alviano

Pois dizei-me agora da grandeza, com que já me tendes ameaçado, desta província chamada Brasil ou terra de Santa Cruz.

Brandônio

Tem seu princípio esta terra, a respeito do que está hoje em dia povoado dos portugueses, do rio das Amazonas, por outro nome chamado o Pará, que está situado no meio da linha equinocial até a capitania de São Vicente, que é a última das da parte do Sul da dita linha, e entre esta primeira povoação e a última de S. Vicente há muitas terras fertilíssimas, povoações, notáveis rios, famosos portos e baías capacíssimas de se recolherem neles e nelas grandes armadas.

Alviano

Pois dizei-me de cada uma em particular.

Brandônio

O Pará ou Rio das Amazonas, que é nos tempos presentes a primeira terra do nosso descobrimento a respeito das mais que temos povoadas para a parte do Sul, está situada, como tenho dito, na linha equinocinal, onde não temos, até o presente, (por ser novamente povoada) mais que uma pequena fortaleza guardada de poucos e mal providos soldados (7). Tem de boca mais de oitenta léguas, e no recôncavo deste seio de tanta largueza há inúmeráveis ilhas, umas grandes e outras pequenas, abastecidas de muitos arvoredos, com sítios excelentíssimos para se poderem fazer nelas grandes povoações, e todas estão cercadas de água doce; porque toda a que ocupa este grande recôncavo é desta qualidade. A terra firme pelo rio a dentro é fertilíssima, acompanhada de muito bons ares, e por esse respeito nada doentia; tem muitas excelentes madeiras, capazes para grandes fábricas, muito mantimento de ordinário da terra, muita caça agreste, de que abundam todos os seus campos, muito peixe, que se pesca com pouco trabalho, sadio e saboroso, e de diferentes castas, muito marisco e até o presente (pelo pouco tempo que há que é povoada) não se há feito pelos nossos nenhum benefício na terra; a qual habita gentio de cabelo corredio e cor baça, e que usa da mesma língua de que usam os demais do Brasil.

Alviano

Sabeis porventura de onde traz seu princípio tão grande rio?

Brandônio

Os naturais da terra querem que o tenha de uma lagoa, que dizem estar no meio do sertão, de onde afirmam nascerem os demais rios reais e caudalosos, que sabemos por toda esta costa do Brasil; fortalecem sua razão com mostrarem que na mesma conjunção, em que uns crescem, o fazem os outros, posto que o tempo esteja sereno e concertado naquela parte da costa de onde desembocam; mas eu não persuado a meter este rio do Pará (de que tratamos) na conta dos demais para haver de crescer com eles, pelo que tenho ouvido contar a um Peruleiro, homem nobre e rico, e não pouco ciente.

Alviano

E que é o que haveis ouvido a esse Peruleiro?

Brandônio

No ano de oitenta e seis veio a Pernambuco este homem de que trato, o qual me relatou que havendo-lhe sucedido a um irmão seu, na cidade de Lima, um negócio pesado, pelo qual o vice-rei trabalhava sumamente de o haver às mãos para efeito de fazer nele um exemplar castigo, lhe foi necessário ausentar-se; e por ser buscado por todas as partes, temeu que, se caminhasse por longo da costa, pudesse ser achado, e querendo desviar-se deste temor, se meteu pelo sertão a dentro com outros dois companheiros que o quiseram acompanhar, e tendo andado, segundo seu parecer, cerca de cinqüenta léguas, encontrara um rio o qual, posto que dali tomava princípio, no modo do seu canal lhe parecera que devia de ser caudaloso, ajuntando-se a isto o ver que suas águas caminhavam contra o Oriente, veio a cuidar que porventura viria a desembocar desta outra parte, na costa do Brasil, para onde ele desejava sumamente passar; pelo que, provendo-se de alguns mantimentos, que lhe deram os índios que à roda habitavam, a troco do resgate, e havendo deles mais alguns anzóis, em uma canoa que no próprio rio achou, com os dois companheiros que o seguiam, se metera nela, navegando sempre pela corrente abaixo, por onde de cada vez se ia o rio mais alargando e fazendo o seu canal mais profundo, até que topou com uma cachoeira, por onde as águas se despenhavam, de muito alto, por entre grandes penedos, de modo que para haverem de passar por eles, lhe foi necessário tirar a canoa às costas pela margem do rio até descerem dos penedos; que dali coisa de 150 léguas mais abaixo, segundo sua estimação, acharam também outra cachoeira, que passaram da mesma maneira; de onde navegaram sempre, sem terem outro impedimento, até desembocarem neste rio, de que tratamos, das Amazonas; de onde por ser verão, na mesma canoa, ao longo da costa, passaram às Índias, levando por mantimento do muito peixe que sempre pescavam, e alguma água que ajuntavam em cabaços.

Alviano

Se isso passa dessa maneira, poderá Sua Majestade forrar muito gasto com navegar a sua prata por esse rio abaixo.

Brandônio

Assim o afirmava o Peruleiro, dizendo que seu irmão notara, com muita curiosidade que, fazendo-se duas povoações nas duas cachoeiras, que pelo rio acima havia, não tão-somente podia Sua Majestade navegar-se por ele abaixo a sua prata, mas ainda os mercadores levariam as suas mercadorias para o Peru pelo mesmo rio acima, com forrarem tão grande gasto quando fazem com elas pelo comprido caminho por onde as levam (8).

Alviano

E as cachoeiras que dizeis haver nesse rio, não dariam impedimento a essa navegação?

Brandônio

Para isso dizia ele que era necessário que Sua Majestade mandasse lavrar três equipações de barcos, uns que levassem a fazenda e trouxessem a prata e mais coisas da foz do rio até a primeira cachoeira, e outros que a levassem e trouxessem da mesma maneira, da primeira até a segunda; e outros dali até donde o rio toma princípio; porque, como as partes, nas quais se havia de fazer as tais mutações, estivessem povoadas, seria fácil o pôr-se em uso.

Alviano

Se isso passa na forma que esse Peruleiro vô-lo relatou tenho para mim que não devem de passar muitos anos sem se tratar dessa navegação, com grande utilidade dos mercadores e moradores do Peru. E adiante desse rio das Amazonas ou Pará, para a parte do Sul, qual é a primeira povoação?

Brandônio

Segue-se logo o Maranhão, rio famoso, que está situado em dois graus da parte sul da linha equinocial, o qual el-Rei D. João de gloriosa memória, mandava povoar com uma armada que para esse efeito ordenou, que, por ruins sucessos e algumas desordens (depois de terem tomado terra) se perdeu, sem se conseguir o efeito para que fora ordenada (9); e agora ultimamente, em nossos dias, o governador que foi deste Estado, Gaspar de Sousa, tendo notícia verdadeira que se fortificavam e apoderavam franceses daquele grande rio por ordem de Sua Majestade, no ano de 615, ordenou uma armada de que foi capitão Jerônimo de Albuquerque, o qual, com felicíssimo sucesso, tomou terra onde, em uma batalha que deu aos franceses já fortificados nela como o seu governador Monsieur de Reverdere, os venceu e debelou, lançando fora do rio e do sítio de sua fortificação com morte de muitos, ficando a conquista pelos nossos (10); que hoje está povoada e fortificada por eles, e metida debaixo do império de Sua Majestade, com se tirar por este modo aos franceses um porto capacíssimo, que tinha naquele rio para seus comércios e abrigo das naus de corsários que vinham de França, todos os anos, a roubar por esta costa do Brasil.

Alviano

Esta terra do Maranhão, que dizeis estar já povoado dos nossos, além da utilidade que segue a este Estado do Brasil com sua povoação, por não terem nele os corsários abrigo de onde possam reparar as suas naus, tem porventura outras utilidades para seus moradores, como as demais capitanias deste Estado?

Brandônio

Até agora as não sabemos, por haver tão pouco tempo que é povoada; mas dá de si grandes esperanças de haver de ir em muito aumento para diante; porque os nossos, de presente tem feito a sua povoação em uma ilha que está à boca da barra, de vinte léguas de largo e de outras tantas de comprido, que, por ser sítio capaz de ser fortificado, e aonde os franceses o estavam, por se poder dali impedir a entrada da barra, assentaram nele: mas pelo rio acima, que é grandíssimo, na terra firme, se tem descoberto muitas terras fertilíssimas para poderem ser povoadas, com se fazerem muitos engenhos de fazer açúcares, e lavrar mantimento em grande quantidade e neles se acham tantas madeiras, tão boas e de tanta grandeza, que causam espanto; pelo que me não fica dúvida de se fazer para adiante, naquela nova povoação, um comércio de muita importância.

Alviano

E de que mantimentos usam os moradores que assistem nessa nova conquista para sua sustentação?

Brandônio

Dos mesmos de que se servem os demais moradores deste Estado, porque se produzem ali em grande cópia; e sobretudo abunda de muitos e bons pescados, que se tomam com muito pouco trabalho.

Alviano

E de que modo se toma esse pescado, que dizeis não custar trabalho o haver-se de pescar?

Brandônio

Mandam duas ou três canoas, ou as que querem, de noite, que se vão atravessar no largo do rio, em certo tempo do ano, se põem inclinadas com a borda pendente contra aquela parte de onde a maré vem enchendo, e basta para o fazerem assentarem-se os índios, que vão nelas, no bordo que pretendem que se incline; e em outros tempos a arrumam contra a vazante da mesma maneira; e estando assim inclinadas por espaço de duas horas, sem mais outro benefício, se enchem de peixe excelentíssimo, que por si salta nelas; e como tem recolhido por esta via todo o que lhes é necessário, encaminham para a terra, de onde se reparte entre todos os moradores.

Alviano

Se com tanta facilidade se faz a pescaria nesse rio, abundantes devem estar seus moradores de pescado, e, se da mesma maneira pudessem haver as carnes, poderiam dizer que estavam na idade dourada, da qual fabulavam os poetas que manavam rios de mel e de manteiga.

Brandônio

Quando nisso estivera o haverem de gozar dessa idade, também vos poderia afirmar que gozam de carnes excelentes à vida com a mesma facilidade.

Alviano

E de que modo?

Brandônio

Mandam algumas canoas pelo rio acima, e nelas homens exercitados para o efeito que levam consigo farpões, e em certas paragens, por recôncavos que o rio vai fazendo, em braços e lagoas, que forma pela terra a dentro, acham grande quantidade de peixes, a que chamam *bois* (11), maiores muito do que aqueles de que tomam o nome, de uma proporção e figura estranha, que estão nas tais partes juntos, como em viveiro, e ali os matam às farpoadas facilmente; porque se deixam achar sem serem buscados, por andarem sobre a água. E estes peixes-bois não têm nenhuma diferença (comida de qualquer modo que seja) de carne de vaca; antes é tão semelhante a ela que vi já muitas pessoas que a comeram por tal, e depois com se lhe dizer e afirmar que era peixe o que comeram, o não quiseram crer. Assim que estes peixes-bois, que se tomam por esta via em grande quantidade podem servir aos moradores do Maranhão, na falta que padecem de carnes, posto que para adiante virão a gozar de muita, por ser a terra assaz disposta para criação de gados; além do que se acha pelos campos e matos muita caça de animais agrestes, gostosos de comer e de muito nutrimento.

Alviano

Pelo que me dizeis do Maranhão novamente povoado, entendo que virá a ser para adiante uma capitania (como chamam às demais do Brasil) de muita importância; pelo que, deixando-a de parte, vos peço que me digais do sítio, qualidade das demais povoações, que se vão continuando pela costa adiante para a parte do Sul.

Brandônio

A outra povoação que segue, posto que pequena de moradores e sítio, se chama Jaguaribe (¹²), está situada em quatro graus da parte do sul da linha equinocial, a qual não promete para adiante muita grandeza, por a terra de seus derredores não servir para mais que para mantimentos; posto que a sua costa é fertilíssima de âmbar-gris, muito esmerado, que costuma sair dela, em certos tempos do ano, em grandes pedaços, de onde se colhe e se vende a mercadores e outras pessoas, que o levam e mandam para o reino; o qual é, lá, muito estimado, por ser ele de si perfeito e alvíssimo.

Alviano

Se o âmbar sai fora do mar nessa paragem, em muita quantidade não deixará de ir essa povoação em aumento, porque a riqueza dele suprirá a pobreza da esterilidade da terra.

Brandônio

Os capitães passados do Rio Grande tiravam muito proveito de o mandarem resgatar com o gentio, antes da costa estar povoada, e agora, com o estar, cessaram de o fazer; e por isso fica sendo o triênio de sua capitania de pouca importância, a qual está conjunta a esta de Jaguaribe.

Alviano

Pois dizei-me dela.

Brandônio

A capitania do Rio Grande, que foi povoada e fortificada, por mandado de Sua Majestade, por Manuel Mascarenhas Homem, capitão que era de Pernambuco, e por Feliciano Coelho de Carvalho, capitão que era da Paraíba, no ano de 1597 (¹³), está situada a seis graus da parte do Sul, tem na boca da barra uma fortaleza muito bem provida, assim de soldados pagados da fazenda de Sua Majestade (¹⁴), como de artilharia, com a qual se defende a entrada dos piratas franceses naquele porto, onde costumavam a ir espalmar as suas naus, e a prover-se de água e mantimentos, e ainda a carregar de pau-brasil, que compravam ao gentio da terra a troco de resgate. Assiste nesta capitania um capitão de Sua Majestade o qual se provê de três em três anos.

Não há nela engenhos de fazer açúcares mais de um até este ano de 1618 (¹⁵), por a terra ser mais disposta para pastos de gado, dos quais abunda em muita quantidade até entrar na capitania da Paraíba que lhe está conjunta.

Alviano

Deixemos logo esse Rio Grande por estéril, e passemo-nos à capitania da Paraíba; porque já a vi gabar de muito boa e fértil, e juntamente me afirmaram que custara muito dinheiro à fazenda de sua Majestade, e aos moradores de Pernambuco não pequeno trabalho e despesa, a sua conquista e povoação (¹⁶).

Brandônio

A capitania da Paraíba está situada em sete graus e meio da parte do Sul; mete-se entre ela e a de Tamaracá o Cabo Branco, bem conhecido dos navegantes.

Esta capitania é de Sua Majestade por se haver povoado à custa de sua fazenda e da mesma maneira o são as demais para a parte do Norte, de que até agora tratamos. A Paraíba, por fertilíssima e lavrar muitos açúcares nos engenhos, em que se fazem, que no seu distrito estão situados não poucos em número, ocupa o terceiro lugar em grandeza e riqueza das demais capitanias deste Estado; porque, tirada a capitania de Pernambuco, que com muita razão tem o primeiro lugar de todas, e logo a da Bahia, a quem se dá o segundo lugar, posto que seja cabeça de toda a província do

Brasil, por assistir nela o Governador-Geral, Bispo e Casa da Relação, logo esta capitania da Paraíba ocupa o terceiro lugar; porque dá ela rendimento à fazenda de Sua Majestade nos dízimos, que se pagam da colheita de suas novidades de açúcar, gado, mandioca, e, mais legumes, em cada um ano, passante de doze mil cruzados; e estes afora o que lhe montam nas alfândegas do Reino os açúcares que nelas entram levados nesta capitania, que são em muita quantidade. – E tenho por sem dúvida, que, se não estivera tão conjunta com a capitania de Pernambuco, que já se houvera aumentado no seu crescimento, com se haver começado a povoar por poucos e pobres moradores, posto que mui valorosos soldados, do ano de 1586 a esta parte; porque, no mesmo ano, me lembra haver visto o sítio onde está situada a cidade agora cheia de casas de pedras e cal e tantos templos, cobertos de matos.

ALVIANO

E que dano é o que faz a capitania de Pernambuco a estoutra com sua vizinhança? – porque eu tenho para mim que antes lhe devia ser de proveito, por se poderem seus moradores prover com facilidade dela de todo o necessário pela sua vizinhança.

BRANDÔNIO

Antes isso é causa de não haver sido ela em mais crescimento: porque, como tem Pernambuco tão chegado os seus moradores se costumam a prover dela das coisas de que tem necessidade, fazendo levar, para esse efeito, muitos açúcares que comutam pelo que compram, com o engrandecem de cada vez mais a capitania de Pernambuco, e diminuem na sua. E a razão é porque deixam vir as naus a ela, que viriam, se os seus moradores esperassem por elas para se haverem de prover do que lhes fosse necessário, para esse efeito reservarem os seus açúcares, tendo-os prestes para com eles se carregarem, as ditas naus; mas, como estão já providos de Pernambuco, onde têm despendido os seus açúcares, as naus que vêm ao seu porto não podem dar a saída que quiseram às fazendas que trazem, nem menos carregarem com a brevidade que lhes era necessária e por este respeito vêm poucas, sendo a capitania capaz de carregar em cada um ano vinte naus (17).

ALVIANO

Esse inconveniente poderá Sua Majestade remediar com facilidade, mandando que se não navegassem dessa capitania açúcares para a de Pernambuco, e com isso ficará atalhado esse dano.

BRANDÔNIO

Assim o tem mandado; mas o descuido dos capitães, pouco cuidado e menos curiosidade dos do governo da terra em o fazerem cumprir; ajuntando-se a isso a muita facilidade com que os governadores gerais dispensam o contrário, desbarata tudo, de maneira que só deixa de levar açúcares para Pernambuco aquele que não tem.

ALVIANO

Não devera de ser assim; porque sendo essa capitania da Paraíba de Sua Majestade, tinham obrigação seus vassalos e ministros de trabalharem para aumentar, e não procurar de engrandecer a capitania de Pernambuco, que é de senhorio; por esse modo, com dano tão notável de estoutra de seu Rei, que lhe tem custado tanta despesa a povoação dela.

BRANDÔNIO

Sim, custou com muitos capitães e armadas, que para o efeito de sua conquista mandou ao Reino; com presídio de castelhanos, que assistiram na guarda de suas fortalezas; o que nunca vimos nas demais conquistas que se fizeram por todo este Estado.

ALVIANO

E qual é a razão por que meteu Sua Majestade mais cabedal na povoação e conquista desta capitania da Paraíba que costumava meter nas demais?

BRANDÔNIO

Foi por respeito do seu bom porto, no qual costumavam os piratas franceses ir a reparar suas naus, e ainda a carregar de pau do

Brasil, que comutavam por resgate com o gentio Petiguar, e com ele e mais presas que tomavam pela costa, tornavam a fazer sua navegação para França em notável prejuízo de todo o Estado do Brasil; e tudo se atalhou com Sua Majestade se fazer senhor do seu porto e barra que, por ser com muita força defendida dos piratas franceses confederados com o gentio Petiguar, senhor de todo o sertão, belicosíssimo e inclinado a guerras, custou muito trabalho e despesa fazê-los reduzir à nossa amizade, e desviá-los da que tinham com os franceses, sendo forçado aos nossos, para se haver de conseguir este efeito, fazerem muitas entradas com mão armada, pelo sertão a dentro, principalmente a uma serra, que chamam de Copaoba, onde estava o gentio junto em muita quantidade, por ser fertilíssimo, e como tal se afirma dela produzira muito trigo, vinho, e outras frutas de nossa Espanha (18).

Alviano

Qual é a razão por que se aproveitam os nossos dessa serra, que dizeis ser tão abundante?

Brandônio

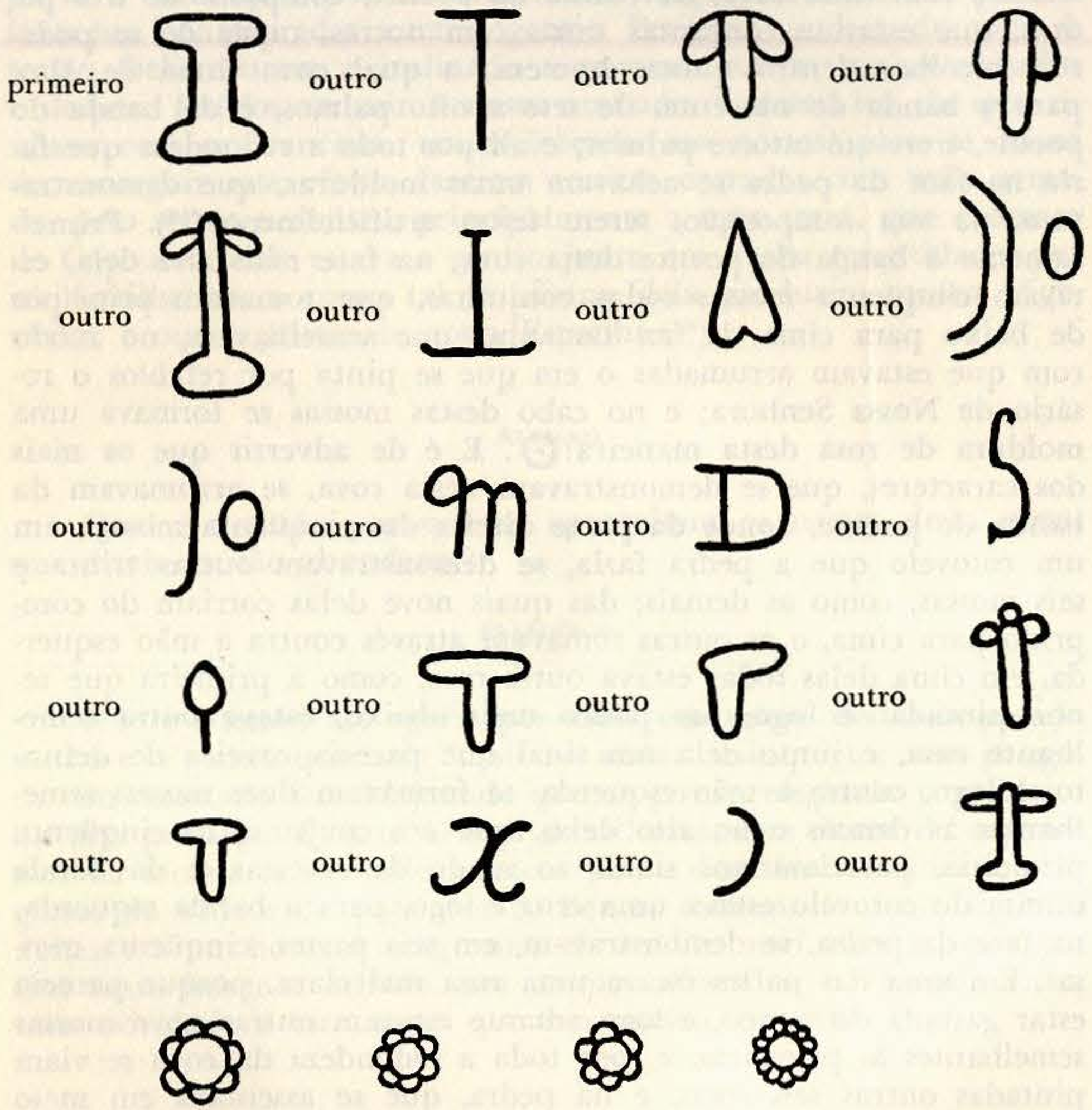
Não o fizeram até agora, por estar um pouco desviada para o sertão e o gentio que nela habitava andar desinquieto; mas já agora tem mandado Sua Majestade que se povoe, elegendo para efeito da dita povoação Duarte Gomes da Silveira, com título de capitão-mor da mesma serra, onde assistem já, na doutrina dos índios, religiosos da ordem do patriarca S. Bento, com muito fruto de suas almas, e a um homem amigo meu de crédito ouvi afirmar, com outros mais, haver-se achado, nos tempos atrasados, na mesma serra, uma novidade e estranheza que me causou espanto.

Alviano

Pois não me encubrais o que vos disse esse homem haver achado nessa serra.

Brandônio

Relatou-me por coisa verdadeira que, andando Feliciano Coelho de Carvalho, capitão-mor que foi da dita capitania pela mesma serra, fazendo guerra ao gentio Petiguar, aos 29 dias do mês de dezembro do ano de 1598, se achara junto a um rio chamado Arasoagipe, que, por ir então seco, demonstrava somente alguns poços de água, que o calor do verão não tinha ainda gastado, e que alguns soldados, que foram por ele abaixo, toparam nas suas fraldas, com uma cova, da banda do poente, composta de três pedras, que estavam conjuntas umas com outras, capaz de se poderem recolher dentro quinze homens; a qual cova tinha de alto, para a banda do nascente, de sete a oito palmos, e da banda do poente, treze até catorze palmos; e ali por toda a redondeza que fazia na face da pedra se achavam umas molduras, que demonstravam, na sua composição, serem feitas artificialmente (19). Primeiramente à banda do poente desta cova, na face mais alta dela, estavam cinqüenta mossas todas conjuntas, que tomavam princípio de baixo para cima de um tamanho, que semelhavam, no modo com que estavam arrumadas o em que se pinta por retablos o rosário de Nossa Senhora; e no cabo destas mossas se formava uma moldura de rosa desta maneira: ❁. E é de advertir que os mais dos caracteres, que se demonstravam nesta cova, se arrumavam da banda do poente, aonde da parte direita das cinqüenta mossas, em um cotovelo que a pedra fazia, se demonstravam outras trinta e seis mossas, como as demais; das quais nove delas corriam do comprido para cima, e as outras tomavam através contra a mão esquerda, em cima delas todas estava outra rosa, como a primeira que tenho pintada: e logo, um pouco mais abaixo, estava outra semelhante rosa, e junto dela um sinal que parecia caveira de defunto, e logo, contra a mão esquerda, se formavam doze mossas semelhantes às demais e no alto delas, que era conjunto às cinqüenta primeiras, pareciam uns sinais ao modo de caveiras, e da banda direita do cotovelo estava uma cruz e logo, para a banda esquerda, na face da pedra, se demonstravam, em seis partes, cinqüenta mossas. Em uma das partes estava uma rosa mal clara, porque parecia estar gastada do tempo, e logo adiante estavam outras nove mossas semelhantes às primeiras, e, por toda a redondeza da cova se viam pintadas outras seis rosas, e na pedra, que se assentava em meio das duas, estavam vinte e cinco sinais ou caracteres que abaixo debuxarei, divididos em três partes, com mais de três rosas, que os acompanhavam. O que de tudo era mais de consideração, era o estar entre duas pedras muito grandes, uma que botava a borda sobre as outras arcadamente, com estarem tão juntas, que por nenhuma parte davam lugar a se poder meter por elas o braço. E na pedra de mais baixo da cova pareciam doze mossas da própria maneira das que temos mostrado, e no meio delas se formava um círculo redondo desta qualidade: ○. Com mais uma rosa, pintada perfeitamente; e é de notar que todas as rosas eram de uma mesma maneira, exceto uma que tinha doze folhas com a do meio. E pela redondeza desta cova estavam as molduras que tenho dito, ou caracteres que se formavam na maneira seguinte:



Estes caracteres todos nos deram debuxados na forma que aqui vô-los demonstro.

ALVIANO

Certamente que imagino, pelo que noto desses sinais que me amostrais, que devem de ser caracteres figurativos de coisas vindouras, que nós não entendemos porque não me posso persuadir que a natureza esculpisse de por si esses pontos, rosas e demais coisas, sem intervir a indústria humana. E pois não podemos entender semelhante segredo, deixai-a assim debuxadas para outros melhores entendimentos, e passemo-nos a tratar do mais que há que dizer da capitania da Paraíba.

BRANDÔNIO

Governa-se por um capitão-mor que de três em três anos é provido por Sua Majestade, tem na boca da barra uma fortaleza provida de soldados pagos de sua fazenda, com seu capitão. Não está bem fortificada por culpa dos governadores-gerais, que se descuidam de o mandarem fazer. A cidade que está situada pelo rio acima ao longo dele, posto que pequena, todavia é povoada de muitas casas, todas de pedra e cal; e já nobrecida de três religiões que nela assistem, com seus conventos, a saber: o da ordem do patriarca S. Bento, e os religiosos de Nossa Senhora do Carmo, com os do Seráfico padre S. Francisco, da província capucha de Santo Antônio, que tem um convento suntuoso, o melhor dos daquela ordem de todo o Estado do Brasil; no espiritual é esta capitania da Paraíba cabeça das demais, da parte do Norte, de Pernambuco adiante; porquanto se intitula o prelado Administrador da Paraíba. É capaz a capitania de lançar de si todos os anos vinte naus carregadas de açúcares (20): parte, para a banda do Sul, com a capitania de Tamaracá.

ALVIANO

Pois dizei-me dela.

BRANDÔNIO

Está situada a capitania de Tamaracá em altura de oito graus, da banda do Sul da linha Equinocial, dela é hoje senhor, por Sua Majestade, o conde de Monsanto (21): tem a povoação em uma ilha conjunta no seu porto e barra, chamada Tamaracá, da qual toma o nome toda a capitania, que contém em si muito boas terras, pelas quais há engenhos de fazer açúcares, que pagam pensão ao senhorio, o que não fazem os moradores que são das capitanias de Sua Majestade; porque estas pensões lhe importam muito, juntamente com a redízima, que se lhe deve por suas doações, de todo rendimento que a fazenda de Sua Majestade colhe dela. No antigo teve cinqüenta léguas de costa, nas quais entrava o distrito da Paraíba, de que Sua Majestade a desmembrou, por haver povoado à sua custa: parte com a capitania de Pernambuco, entre as quais estão metidos marcos, que dividem as suas terras.

Alviano

Passemo-nos à capitania de Pernambuco, porque desejo sumamente ouvir tratar dela em particular, pela muita fama que tem adquirido no mundo de grande, rica e abundante de tudo.

Brandônio

Essa capitania é tal que se antecipa a sua riqueza e abundância à fama que dela dão os que a viram pelo olho: é de senhorio, porque de presente é capitão e governador dela, por Sua Majestade, Duarte de Albuquerque Coelho, a quem importam as pensões, redízima e outros direitos que dela colhe, em cada ano, ao redor de vinte mil cruzados, importando os seus dízimos, alfândega, pau-brasil, no estado em que está hoje, à fazenda de Sua Majestade perto de cem mil cruzados; isto afora os açúcares que se navegam e entram nas alfândegas do Reino, onde pagam os dízimos devidos nelas. Está situada em oito graus e dois terços da parte do Sul da linha equinocial. Chama-se a principal vila do seu distrito, aonde concorre e se ajunta todo o comércio, Olinda nome que lhe deram seus primeiros povoadores, depois que descobriram de um alto, onde está situada, a formosa vista que campeia a qual pela exagerarem por tal disseram *Olinda* (22). Está esta vila situada em uma enseada, da qual saem duas pontas ao mar; de uma delas se forma o cabo tão conhecido no mundo por Santo Agostinho, e a outra se chama a ponta de Jesus, por nele estar situado um formoso templo dos padres da Companhia, chamado do mesmo nome. Contém em si toda a capitania cinqüenta léguas de costa, que toma princípio de onde parte com a ilha de Tamaracá até o rio S. Francisco; e dentro nelas há infinitos engenhos de fazer açúcares, muitas lavouras de mantimentos de toda a sorte, criações sem conta de gado vacum, cabras, ovelhas, porcos, muitas aves de bolateria e outras domésticas, diversos gêneros de frutas, tudo em tanta cópia que causa maravilha a quem o contempla e com curiosidade o nota. Dentro da vila de Olinda habitam inumeráveis mercadores com suas lojas abertas, colmadas de mercadorias de muito preço, de toda a sorte, em tanta quantidade que semelha uma Lisboa pequena. A barra do seu porto é excelentíssima, guardada de duas fortalezas bem providas de artilharia e soldados, que as defendem; os navios estão surtos da banda de dentro, seguríssimos de qualquer tempo que se levante, posto que muito furioso, porque tem para sua defesa grandíssimos arrecifes onde o mar quebra. Sempre se acham nele ancorados, em qualquer tempo do ano, mais de trinta navios; porque lança de si, em cada ano, passante de cento e vinte carregados de açúcares, pau-brasil e algodões. A vila é assaz grande, povoada de muitos e bons edifícios e famosos templos, porque nela há o dos padres da Companhia de Jesus, o dos padres de S. Francisco, da ordem capucha da província de Santo Antônio, o mosteiro dos carmelitas e o mosteiro de S. Bento com religiosos da mesma ordem; em todos estes mosteiros assistem padres de muita doutrina, letras e virtudes. De pouco tempo a esta parte a dividiu Sua Santidade, com mais as capitanias de Tamaracá, Paraíba e Rio Grande, do bispado da Baía de Todos os Santos, criando nelas novamente por administrador Antônio Teixeira Cabral, prelado muito consumado nas letras e virtudes, com título de administrador da Paraíba (23). Acha-se mais na vila um recolhimento para mulheres nobres com nome de mosteiro de freiras, posto que até o presente vivem sem regra (24). É capaz toda a capitania de Pernambuco de pôr em campo seis mil homens armados com oitocentos de cavalos; porque toda a gente nobre são por extremo bons cavaleiros e, por se prezarem muito disso, costumam a ter seus cavalos bem ajaezados e paramentados. Os padres da Companhia têm escolas públicas, aonde ensinam a ler e escrever e latinidade, e pelos mais mosteiros se lêem as artes e teologia, de onde saem consumados teólogos. Pela terra a dentro, posto que seus moradores se não alarguem muito pelo sertão, há muitas coisas que notar por grandes, assim de rios caudalosíssimos, árvores de suma grandeza, alagoas e outras coisas; e a mim me lembra no ano de mil e quinhentos e noventa e um, vindo de seguir uns inimigos Petiguares, em cujo alcance fui com a gente armada, por haverem dado um assalto na mata do Brasil, aonde mataram alguns homens brancos, encontrar com uma cova, a que o gentio da terra dava o nome de *camucy*, muito digna de consideração.

Alviano

Pois dizei-me o que vistes nessa cova.

BRANDÔNIO

Cheguei a par dela de noite, aonde aposentei com a gente que me seguia, por me convidar a fazê-lo um rio, que por ali corria de frigidíssima água; depois de estarmos aposentados, mostraram os índios grandíssimo pavor de se avizinharem à boca da cova, e crescendo de cada vez mais este receio, o qual passava ainda nos mamelucos filhos de brancos, dizendo que indubitavelmente morreria logo todo aquele que ousasse entrar pela cova adentro, e tão arraigado estava este temor neles que fui não poderoso a lho tirar, com lhes pedir que não arreceassem de chegar à cova porque lhes afirmava que era graça e disparate muito grande o cuidarem que os poderia matar; o que vendo que aproveitava pouco com todos eles, desejei ver a causa de tanto receio, e querendo pôr em efeito este desejo, com dois soldados que me quiseram acompanhar, levando outros tantos brandões acesos, entrei pela boca da cova, achando grande resistência nos morcegos de que estava povoada, que, espantados na claridade, vinham saindo para fora, com nos darem grandes porradas no encontro que conosco faziam; contudo passamos adiante, caminhando pela cova a dentro, que se alargava em algumas partes, e em outras se tornava a estreitar, até que topamos com um pequeno ribeiro, que por debaixo corria de frigidíssima água, o qual passado, se alargava mais a cova, fazendo um recôncavo, pelo qual (oh! coisa estranha!) estavam arrumados inumeráveis alguidares, que por serem muitos, me não arremesso a querer-lhe sinalar número, que cada um deles tinha em si a ossada de defunto inteira com a caveira em cima, porque parece haver servido aquela cova de mortuário antigo de gentio; e do que mais me maravilhei foi afirmarem-me os índios, posto que eu não o experimentei, que muitas pessoas brancas haviam já entrado naquela cova, e que, quebrando alguns alguidares daqueles, e tornando a entrar outro dia, nela os achavam inteiros e sãos e com a ossada dentro.

ALVIANO

Isto tenho eu por fábula, posto que o modo da cova me parece estranho, e folgara de saber se pelos seus arredores se demonstravam alguns vestígios de povoações, que por ali houvesse havido, antigos; porque então creríamos haver-se trazido delas essas ossadas a sepultar naquele lugar por esse modo; mas não os havendo, parece grande curiosidade trazerem-se de longe para efeito de os meterem ali dentro.

BRANDÔNIO

Ao redor da cova não havia senão grandes matas, que, no modo de sua composição e grandeza, davam indício de serem criadas logo depois do dilúvio universal.

ALVIANO

Assaz de grandezas me tendes relatado dessa capitania de Pernambuco, das quais não me espanto, pelo muito que já o vi engrandecer; e, para que levemos a costa enfiada, dizei-me que povoação lhe fica mais vizinha para a parte do sul?

BRANDÔNIO

Segue-se logo a povoação e fortaleza de Sergipe del-Rei, situada em 11 graus, coisa pequena, e só abundante de gado, que naquela parte se cria em grande cópia. É capitania de Sua Majestade, onde tem uma fortaleza e capitão com soldados, que defendem o porto dos piratas, vedando-lhe o fazer suas aguadas e prover-se do necessário, como costumavam fazer antes de ali haver fortaleza vizinha com a capitania da Bahia, cabeça de todo este Estado do Brasil.

ALVIANO

Pois dizei-me das grandezas dessa capitania, que não devem ser pequenas, pois a fez Sua Majestade cabeça de um Estado tão grande.

BRANDÔNIO

A capitania da Bahia está situada em 13 graus da banda do Sul da linha equinocial.

É de Sua Majestade, e como tal cabeça do Estado do Brasil, por ser sede aonde reside o governador-geral; porque ali lhe manda Sua Majestade ter o seu assento, posto que, de poucos anos a esta parte, se há defraudado este mandato em grande maneira; porque se contentam mais os governadores de assistirem na capitania de Pernambuco, ou seja, por tirarem dela mais proveito ou por estarem mais perto do Reino que disso não saberei dar a causa certa ([25]). Também é a Bahia sede da cadeira episcopal, aonde assiste o bispo na sua sé com cônegos, clerizia e mais dignidades, pagados todos da fazenda de Sua Majestade do rendimento dos dízimos; e da mesma maneira assiste na cidade, que toma o nome de Baía de Todos os Santos, a Relação, com muitos desembargadores, chanceler-mor, juiz dos feitos del-Rei e da fazenda, com seu provedor-mor, e provedor-mor dos defuntos, os quais determinam e decidem as causas de todo o Estado do Brasil, com alçada em bens móveis até 3.000 cruzados; porque passando da dita conta dão apelação para a Relação da cidade de Lisboa. Todos estes desembargadores e mais oficiais da casa são pagos de seus salários da fazenda de Sua Majestade.

ALVIANO

Tenho ouvido a muitos homens experimentados nas coisas do Brasil que essa Relação, que assiste na cidade da Bahia, dá mais perda ao Estado do que causa proveito a seus moradores.

BRANDÔNIO

Verdade é que a Relação da Bahia se poderá muito bem escusar, e dessa opinião fui eu sempre, e assim o significquei por muitas vezes ao bispo de Coimbra, D. Afonso de Castelbranco, sendo governador de Portugal; porque, além de fazer essa casa muita despesa à fazenda de Sua Majestade, podendo reservar o dinheiro que com ela gasta para outras cousas mais úteis para seu serviço, ela não corresponde com aquele efeito que se imaginou fizesse com a sua assistência no Brasil; e o engano nasceu de que, como os moradores de todo este Estado se achavam molestados e agravados das insolências de que usavam os ouvidores-gerais, que antes da casa tinham a administração da justiça em sua mão, por se livrarem de tão pesada carga, concorreram a Sua Majestade, pedindo-lhe que lhes mandasse uma casa de Relação ao Brasil que assentasse na Baía de Todos os Santos, na forma que estava assentada no Estado da Índia, na cidade de Goa; no que se enganaram porque puderam reduzir a justiça em melhor forma. E pelo não considerarem então bem, se acham agora envoltos no dano presente ([26]).

ALVIANO

Folgara de saber qual é o dano que causa a Relação que assiste na Bahia aos moradores do Estado; porque creio que, se Sua Majestade entendera que não lhe era de proveito, escusara de despender tanto dinheiro, como despende em sustentá-la.

BRANDÔNIO

O dano é este: todos os moradores deste Estado, como nas capitanias onde moram são liados uns com outros por parentesco ou amizade, nunca levam seus preitos tanto ao cabo, que lhes seja necessário concorrerem por fim com a apelação deles à Relação da Bahia; porque, antes disso, se metem amigos e parentes e por meio, que os compõem e concertam; de maneira que põem fim às suas causas, e daqui nascem ir poucas por apelação à Bahia, e essas que vão lhe fora de mais utilidade a todos os moradores do Brasil seguirem-nas para o Reino. Porque a mim me aconteceu já (não uma, senão muitas vezes) mandar alguns papéis a despachar à Bahia, e no mesmo tempo que os mandava para lá, mandar outros semelhantes para o Reino, e virem-me os do Reino muito antecipados dos da Bahia; porque, como toda essa costa se navega por monções, sucede encontrar-se com alguma contrária, o que dilata muito o despacho dos negócios. De mais que não há nenhum morador em todo este Estado, tão desamparado, que não tenha no Reino algum parente ou amigo, a quem possa mandar seus papéis dirigidos por apelação, e mandando juntamente com eles um caixão de açúcar, basta para a sua despesa; o que não acontece na Bahia, porque nem todos têm lá parentes ou conhecidos, e, em falta dos tais, lhes fica sendo forçoso haverem de seguir pessoalmente suas causas com muita despesa que fazem na jornada, sendo-lhes necessário levarem para isso dinheiro de contado, que custa muito a ajuntar-se no Brasil, o que não sucede, como tenho dito, nos papéis que se mandam ao Reino, porque basta encomendarem-se a parentes ou amigos e para sua despesa um caixão de açúcar; pelo que tenho considerado que devera Sua Majestade (neste negócio de justiça) tomar outro meio mais útil, e que redundará em comum benefício do Estado.

ALVIANO

E que meio é esse que poderá Sua Majestade tomar?

BRANDÔNIO

Tirando e extinguindo de toda a casa da Relação da Bahia, podia em seu lugar criar no Estado três corregedores com título de comarca, da maneira que os há no Reino, e com a mesma alçada; e quando se lhe acrescentassem mais alguma quantidade, não o teria por desacertado. Destes corregedores havia de mandar que assistisse um na Paraíba, por ser cidade real, o qual conhecesse por apelação e agravo, de todos os feitos que viessem a ele dante os juízes e ouvidores da capitania de Pernambuco e seus distritos, e da capitania de Tamaracá, e da mesma capitania da Paraíba e da capitania do Rio Grande e das mais povoações do Maranhão e Pará, enquanto Sua Majestade não dá outra ordem no seu governo. O outro corregedor dos três havia de assistir na cidade da Baía de Todos os Santos, conhecendo, por apelação e agravo, dos feitos que a ele viessem dante os juízes e ouvidores de Sergipe del-Rei, da mesma Bahia e das capitanias de Boipeva, Ilhéus e Porto Seguro com seus contornos. O terceiro corregedor da comarca havia de assistir no Rio de Janeiro, e tomar da mesma maneira conhecimento, por apelação ou agravo, de todas as causas que a ele viessem dante os juízes e ouvidores da capitania do Espírito Santo, do mesmo Rio de Janeiro e capitania de S. Vicente, vila de S. Paulo e seus contornos. E dos tais corregedores havia de haver apelação e agravo nas quantias que não coubessem em sua alçada para a Relação da cidade de Lisboa, com terem expresso regimento que cada um deles, nas capitanias de seus distritos, não pudessem entrar mais que por correição, que nela gastaria somente trinta dias, e passante eles não seriam obedecidos, por se atalhar com isto a muitos inconvenientes que se seguiriam do contrário, ficando remediadas grandes opressões que os moradores deste Estado de presente padecem.

ALVIANO

Folgarei que me digais quais são essas opressões.

BRANDÔNIO

São muitas e grandes. Por qualquer negócio, posto que leve, em que uma pessoa é pronunciada pela justiça à prisão, lhe é necessário concorrer à Bahia por carta de seguro; porque se lhe não pode passar senão lá, o que lhe custa muito enfadamento, tempo e despesa, com o, no entretanto, haver de andar homiziado. De mais que de qualquer incidente que se agrave no julgador convém seguir-se o agravo à Bahia, com muito descômodo e despesa da parte agravante, e enquanto demora em ir e tornar, que é muito tempo, o julgador vai correndo com a causa por diante, em muito prejuízo dos

litigantes, o que não sucederia quando tivessem o corregedor da comarca vizinha, porque, pela vizinhança das capitanias de seu distrito, podia-se concorrer a ele com muita brevidade e pouca despesa. Mas não sei no que nos havemos metido desviando-nos de nossa prática, pois tratamos de coisas que não estão em nossa mão o remediá-las.

ALVIANO

Não vos pese de as haver tratado, porque pode suceder que esta nossa prática passe ainda à mão de pessoa, que a possa manifestar aos senhores do conselho de Sua Majestade, para que lhe dêem o remédio conveniente.

BRANDÔNIO

Queira Deus que assim seja. E assim deixando esta matéria de parte, passo a tratar das demais grandezas da Baía de Todos os Santos, da qual, o porto e barra é uma obra grandíssima, capaz de recolher dentro de si inumeráveis naus, posto que de muito porte, e por ser coisa tão grande se recolhem dentro muitas baleias nas quais fazem Biscainhos, que para o efeito ali residem, grande matança para haverem de tirar delas azeite, que lavram em quantidade donde se leva para as demais capitanias do Estado a vender (27). O seu recôncavo é assaz largo, no qual há muitas ilhas e rios, que nela desembocam entre enseadas e esteiros, pela borda dos quais, ao redor deste grande recôncavo, estão muitos engenhos de fazer açúcares, os quais se servem de grandes barcas para carregamento da cana e lenha, por terem os demais destes engenhos ou quase todos a serventia por mar, por lhe ficar assim mais facilitada para o meneio do açúcar. A cidade está situada em um alto medianamente grande, guardada de três fortalezas postas em sítios acomodados para sua defensão; tem a sua sé com dignidades, clerezia e cônegos, aonde reside o bispo, com mais quatro mosteiros de religiosos, a saber: os dos padres da Companhia de Jesus e os da Ordem de S. Bento, os Carmelitas e os Capuchos da província de Santo Antônio. Importa o rendimento dos dízimos ao redor de sessenta mil cruzados em cada um ano; é povoada de gente nobre e rica; tem o princípio do seu distrito do rio de S. Francisco, e chega até à capitania de Ilhéus.

ALVIANO

Passemo-nos a tratar das demais capitanias e povoações.

Brandônio

Adiante da capitania da Bahia, a primeira povoação, que está nas fraldas do mar é Boipeva. É de pequeno comércio; é de senhorio; porquanto esta povoação com os Ilhéus é de Francisco de Sá de Meneses, senhorio de ambas por Sua Majestade.

Alviano

Pois dizei-me dos Ilhéus.

Brandônio

A capitania dos Ilhéus está situada em 13 graus da parte do Sul da linha equinocial; é de presente, coisa pouca e de pequeno rendimento, posto que a terra do seu distrito é fertilíssima, capaz de se poder nela fazer muitos engenhos de açúcar, o que impede haver efeito de muitas correrias que nela faz o gentio chamado Aimoré com dano notável dos moradores; e dela se tem esperança haver de dar muito de si para adiante, pelo seu bom sítio e qualidade do seu terreno.

Alviano

Assim o ouvi já dizer e afirmar a muitas pessoas que me gabaram muito a fertilidade de suas terras. E, pois não há mais que dizer desta capitania, passemo-nos à de Porto Seguro que está conjunta.

Brandônio

Essa capitania de Porto Seguro está situada em 16 graus e meio da banda do Sul. É do Duque de Aveiro, que dela é senhor por Sua Majestade (28); tem poucos engenhos de fazer açúcares, e por esse respeito colhe Sua Majestade pequeno rendimento nos dízimos dela, e por conseguinte o senhorio nas suas redízimas e pensões; porque o mesmo gentio aimoré, que disse, molestava a capitania dos Ilhéus, faz de ordinário também grande dano nesta; e por isso não vai no crescimento que poderá ir por ter boníssimas terras e capacíssimo sítio para tudo. Acaba os seus limites para a parte da capitania do Espírito Santo.

Alviano

Pois dizei-me desta capitania.

Brandônio

A capitania do Espírito Santo está situada em 20 graus da banda do Sul da equinocial. É de senhorio, e de presente se intitula capitão dela, por Sua Majestade, Francisco de Aguiar Coutinho (29); contém em si alguns engenhos de fazer açúcares; é terra larga e abundante de mantimentos, de muito bálsamo, de que seus moradores se aproveitam, lavrando com ele contas e outros brincos, que mandam para a Espanha, onde são estimados por serem cheirosos.

Desta capitania foi Marcos de Azeredo ao descobrimento das minas de esmeraldas, que havia fama haver no sertão; com efeito chegou a elas, e trouxe grande cópia de pedras que no princípio se tiveram por perfeitas, mas depois se acharam faltas de muitas qualidades que deviam ter para serem verdadeiras esmeraldas.

Alviano

Foi pouco venturoso esse descobridor em perderem essas pedras a primeira estimação, porque sem isso não ficaram sendo para ele tesouro. E assim passemos avante, correndo pela demais costa, porque já sei que tem também essa capitania do Espírito Santo mosteiros de religiosos que a enobrecem.

Brandônio

Adiante da capitania do Espírito Santo, para a parte do Sul, está a do Rio de Janeiro, nome que lhe foi posto por se descobrir noutro tal dia, a qual está situada em 23 graus. É de Sua Majestade, onde tem uma galharda fortaleza bem abastecida de artilharia, munições e soldados e um capitão posto por ele de três em três anos; tem uma cidade, posto que pequena, bem situada, a qual é de presente de grande comércio; porque vêm a ela muitas embarcações do Rio da Prata, que trazem riqueza muita em patacas, que comutam por fazenda, que ali compram; donde tornam a fazer viagem para o mesmo rio. Também neste Rio de Janeiro tomam porto as naus que navegam do Reino para Angola, onde carregam de farinha da terra, de que abunda toda esta capitania em grande quantidade e dali a levam para Angola, onde se vende por subido preço. Tem alguns engenhos em que se lavram açúcares, e estes anos passados foi cabeça de governo e sede do governador: porquanto apartou Sua Majestade, governando o Brasil D. Diogo de Meneses, três capitanias, a saber: a do Espírito Santo, e esta do Rio de Janeiro e a de S. Vicente, e as incorporou em um novo governo, de que fez governador D. Francisco de Sousa, a título de descobrir as minas de ouro de S. Vicente, de que vinha feito Marquês, quando se conseguisse perfeito descobrimento delas (30). E com sua morte se atalharam estas esperanças, que não eram pequenas. Assiste mais na dita capitania, para o tocante ao espiritual, um administrador; que tem à sua conta a administração da mesma capitania e da do Espírito Santo e de S. Vicente, isento da jurisdição do Bispo; o qual somente por apelação pode conhecer das coisas que ante ele se tratam. Tem mosteiros de religiosos, como as demais capitanias que as enobrecem grandemente.

ALVIANO

Fico já bem inteirado das coisas dessa capitania do Rio de Janeiro, pelo que delas tendes referido, e assim podemos passar a tratar da de S. Vicente, que cuido que é a que lhe está mais conjunta.

BRANDÔNIO

A capitania de S. Vicente é a última das que temos povoado nesta grande costa do Brasil. Está situada em 24 graus da parte do Sul do Equinocial; é de senhorio, e dela foi capitão e governador, por doação régia, Lopo de Sousa, e por sua morte lhe sucedeu D. Francisco de Faro (31). Tem duas vilas, uma que está situada ao longo do porto, que toma o nome de S. Vicente, e outra mais para o sertão, chamada de S. Paulo; e lavram-se nesta capitania poucos açúcares, mas é muito abundante de carnes e de muitas frutas de nossa Espanha, que se produzem nela com facilidade, principalmente marmelos de que se fazem muitas marmeladas, que dali se leva para todo o Estado do Brasil (32); e agora com as minas de ouro, que nele se descobriram se vai aumentando, e houveram já de estar muito, se os seus moradores ou os nossos portugueses fossem mais curiosos de lavrarem minas do que são; porque eu vi grão de

ouro, tirado de suas minas, como a natureza o criou, que tinha de peso sete mil-réis.

ALVIANO

Não deve ser pobre a mina que tão grande grão cria em si com ser de lavagem, como essas o são; e passando isso assim, não sei que razão haja para se não fazer muito cabedal delas.

BRANDÔNIO

A pobreza dos moradores, que habitam no distrito da capitania, sem se ajuntar também a isso pouca indústria, é causa de se não colher de suas minas muito ouro. E os que as poderão lavrar, com levarem à dita capitania fábrica de escravos e mais cousas para o efeito necessárias, o não querem fazer. E por este respeito estão essas minas quase desertas; posto que tenho para mim que também deve de ser causa disso haver-se começado a lavrar por onde se houveram de acabar, porque o primeiro que se devia de fazer, antes de se bolir nelas, depois de estarem certos que eram de proveitos, houvera de ser plantarem-se muitos mantimentos ao redor do sítio onde elas estão, e como os houvesse em abundância, tratar-se da lavoura das minas; mas isto se fez pelo contrário, porque, sem terem mantimentos, entenderam em tirar o ouro, e como as minas estão muito pelo sertão, os que vão levam de carreto o mantimento necessário, e como se lhe acaba, tornam-se, e deixam a lavoura, que tinham começada. E esta cuido que é a verdadeira causa de darem as ditas minas pouco de si.

ALVIANO

Pois eu tenho para mim que para o diante hão de vir a ser essas minas de muita importância. E, pois temos chegado à última capitania da parte do Sul, das que estão povoadas de portugueses, dizei-me quanto espaço há de costa por todas estas povoações de que haveis tratado?

BRANDÔNIO

Desde o Pará ou rio das Amazonas, que está situado na linha equinocial, até à capitania de S. Vicente, há de costa quase setecentas léguas, e de Norte a Sul, contado por rumo direto, quatrocentas e vinte léguas; terra bastantíssima para se poder situar nela grandes reinos e impérios. A costa corre por algumas partes do Norte a Sul, por outras de Noroeste Sueste e de Leste Oeste; e o que mais espanta é ver que toda esta grande costa, assim no sertão como nas fraldas do mar, tem excelentíssimo céu e goza de muito bons ares, sendo muito sadia e disposta para a conservação da natureza humana.

ALVIANO

Isso entendo eu pelo contrário; porque, se antigos não se enganaram, é zona que foi julgada por inabitável por muito quente; e por este respeito os moradores da costa de Guiné e da mais costa oposta a esta do Brasil gozam de ruins ares, que causam muitas doenças nelas. E se isto é verdade, não vejo causa por onde os que habitam o Brasil estando no mesmo paralelo e debaixo do mesmo zênite, possam gozar de bons ares e céus, faltando tudo isto à outra que lhe corresponde.

BRANDÔNIO

Isto vai já sendo tarde, e a dúvida que agora me moveis é dificultosa de soltar: pelo que me parecia acertado que reservássemos a sua prática para o dia de amanhã, que neste mesmo lugar vos esperarei para tratar dessa matéria, que não deve de ser pouco curiosa.

ALVIANO

Assim seja, e eu terei cuidado de acudir com tempo.

NOTAS

1. Brandônio refere-se à mongubeira, árvore da família das Bombáceas (*Bombax monguba*, Mart. et Zucc.). A lanugem cinzento-amarelada, sedosa e hidrófuga, que envolve as sementes, é excelente material para enchimento de almofadas, travesseiros e colchões, estofagem de mobílias e fabrico de feltro, sobretudo para chapéus leves.

   A árvore tem outras utilidades notáveis: madeira para canoas e cochos, bóias, molduras e pasta para papel; a casca, facerada dentro d'água, fornece líber abundante para cordoaria e estopa. Há outras espécies da mesma família, chamadas paineiras e barrigudas, além da gigantesca samaúma do vale amazônico.

2. O que se diz da esmeralda era coisa corrente entre os antigos. Abona-o Garcia de Rezende, *Crônica dos valorosos, e insignes feitos del Rei Dom João II*, p. 1, Coimbra, 1798:

   "Estando el-Rei em Almeirim, vindo um dia da caça foi de caminho à casa da Rainha, e teve com ela ajuntamento: a Rainha tinha em um Anel uma esmeralda de muito preço, que muito estimava, a qual por esquecimento não tirou do dedo, e se lhe quebrou em pedaços. E quando assim a viu pesando-lhe muito disse a el-Rei: Senhor, a minha esmeralda com que tanto folgava é quebrada".

   Ao diamante se atribuía a propriedade de fazer conhecida a fidelidade ou infidelidade da mulher casada e também o dom de harmonizar esposos desavindos, de onde chamarem a pedra da reconciliação, *reconciliationis gemma*, o que, de certo modo, ainda hoje se pode considerar verdadeiro. — Conf. Garcia da Orla, *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, II, 207, Lisboa, 1892.

3. Da entrada de Marcos Azeredo à serra das Esmeraldas dá conta Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, 27, São Paulo-Rio, 1918:

   "De cristal sabemos em certo haver uma serra na capitania do Espírito Santo em que estão metidas muitas esmeraldas, de que Marcos Azeredo levou as amostras a el-rei e, feito exame por seu mandado, disseram os lapidários que aquelas eram de superfície e estavam tostadas do sol, mas que, se cavassem ao fundo, as achariam claras e finíssimas. Pelo que el-rei lhe fez mercê do hábito de Cristo e de dois mil cruzados para que tornasse a elas, os quais se não deram, e o homem era velho e morreu sem haver mais até agora quem lá tornasse".

   A era dessa entrada não pode ser determinada com precisão. Uma carta de Anchieta, datada da Bahia, 10 de dezembro de 1592, ao capitão Miguel de Azeredo, morador na capitania do Espírito Santo, *Anais da Biblioteca Nacional*, XIX, 67-70, faz certo que Marcos de Azeredo residia então na capitania e pretendia um ofício de justiça, conseguido por intervenção do jesuíta. Na ocasião parece que havia certos impedimentos, como da mesma carta se infere, para as entradas ao sertão, porque se esperavam os ingleses, isto é, os corsários que Thomas Cavendish capitaneava, os quais pouco antes, na Vitória, haviam sido repelidos com grandes perdas.

Gaspar de Sousa, escrevendo ao rei em 20 de agosto de 1614, barão de Studart, *Documentos para a História do Brasil,* I, 107, Fortaleza, 1904, diz que Marcos de Azeredo o apertava pelos quatro mil cruzados que por sua provisão lhe mandara dar para o descobrimento das esmeraldas, com cento e quarenta mil-réis de salário ao oficial que se havia de ocupar nesse ministério, dinheiro que o governador não sabia de onde havia de sair. Portanto, entre os dois extremos — 1592 e 1614 — deve ter sido efetuada a expedição, conforme conclui J. P. Calógeras, *As Minas do Brasil,* I, 394, Rio, 1904.

— Conf. Ayres do Casal, *Corografia Brasilica,* I, 357, Rio, 1817; Francisco Lobo Leite Pereira, *Em busca das esmeraldas,* in *Revista do Arquivo Público Mineiro,* II, 519-527.

4. D. Diogo de Meneses, queixando-se da separação das capitanias do Sul e da nomeação de D. Francisco de Sousa para superintendente das minas, escrevia ao rei em carta da Bahia, 22 de abril de 1609, cópia no Instituto Histórico: "... creia-me V. Majestade que as verdadeiras minas do Brasil são açúcar e pau-brasil, de que V. Majestade tem tanto proveito sem lhe custar de sua fazenda um só vintém".

5. Da *Ilha de Vera Cruz* datam Pero Vaz de Caminha e mestre João, em 1 de maio de 1500, suas cartas a D. Manuel, documentos iniciais da história do Brasil. O qualificativo pouco durou, logo substituído oficialmente pelo de *Santa* na carta ao rei Fernando de Castella, de 29 de junho de 1501, e no alvará de lembrança, passado a 24 de janeiro de 1504, em favor de Fernão de Loronha, cavaleiro da casa real, doando-lhe "a nossa ilha de São João, que ora novamente achou e descobriu cinqüenta léguas a la mar da nossa terra da *Santa Cruz*".

   O nome nenhuma relação tem, como muitos crêem, com a festa da Invenção da Cruz, que a Igreja celebra a 3 de maio, desde que, dois dias antes, já era dado à nova terra pelo escrivão e pelo físico, que viajavam na na frota descobridora. A 3 de maio Pedralvares Cabral mandou arvorar uma cruz na praia, mas esse uso era corrente e datava do tempo do infante D. Henrique.

   De qualquer modo, tudo indica que o nome fosse posto desde o dia da chegada e que o tivesse inspirado ao capitão-mor a cruz da Ordem de Cristo, que trazia na bandeira entregue por D. Manuel, conforme a lúcida hipótese de Capistrano de Abreu, *História Geral do Brasil,* de Varnhagen, tomo primeiro, p. 76, nota 22, da 4.ª edição.

   A mudança para *Terra do Brasil* e para *Brasil* afinal, é estudo a fazer na literatura e na cartografia quinhentistas, com desenvolvimento incomportável nestas notas.

   — Conf. Capistrano de Abreu, *O Descobrimento do Brasil,* 167-171, Rio, 1929.

6. Gabriel Soares de Sousa, no proêmio de seu *Tratado,* escreveu: Em reparo e acrescentamento estará bem empregado todo cuidado que Sua Majestade mandar ter deste novo reino; pois está capaz para se edificar nele um grande império, o qual com pouca despesa destes reinos se fará tão soberano, que seja um dos estados do mundo..." — *Tratado descritivo do Brasil em 1587,* 13, Rio, 1851.

   Ao testemunho de Damião de Góes, *Crônica do sereníssimo Senhor Rei D. Manuel,* parte quarta, 598, Lisboa, 1749, era o rei "muito dado à Astrologia judiciária, em tanto que no partir das naus para a Índia ou no tempo que as esperava mandar tirar juízos de um grande astrólogo português, morador em Lisboa, por nome Diogo Mendez, vizinho, natural da Covilhã, de alcunha o coxo, porque era aleijado, e depois deste falecer com Thomas de Torres, seu físico, homem muito esperto, assim na astrologia, como em outras ciências".

7. Era o forte do *Presépio,* fundado por Francisco Caldeira de Castelo Branco em janeiro de 1616. Ao tempo em que foram escritos os *Diálogos* (1618), o forte já dispunha da artilharia de um navio holandês, de que Pedro Teixeira, à custa de três feridas, conseguiu apoderar-se e queimar na costa de Gurupá. Valeu-lhe a façanha ser promovido a capitão pela patente régia de 28 de agosto de 1618.

   — Conf. Varnhagen, *História Geral do Brasil,* tomo segundo, pág. 182, da 3.ª ed.

   O forte da Caldeira de Castelo Branco era de madeira; depois foi que Bento Maciel Parente "hizo labrar la fuerça Presepio de tapias de pilon, con portada de cal y canto, y tres baluartes con sua cava, y nas fortificaciones a lo moderno".

   — Conf. Manuel Barata, *A Jornada de Francisco Caldeira de Castelo Branco,* 36, Belém-Pará, 1916.

8. O capitão Simão Estácio da Silveira em uma petição datada de Madrid, a 15 de junho de 1626, propunha-se a fazer que a prata do Peru, em vez de descer a Lima e ser transportada por via do Panamá, fosse trazida por um dos rios do Pará, o que se poderia conseguir em quatro meses "por las entrañas de una ancha tierra que por si propria se defiende a todos los exercitos del mundo". Esse documento lê-se na *Revista do Instituto Histórico,* LXXXIII, 91-99.

9. Brandônio quer referir-se à armada de Luís de Melo da Silva, que partiu de Lisboa em maio ou junho de 1554. Um despacho do embaixador da Espanha em Lisboa dava a essa expedição, antes de sua partida, oito ou nove caravelas e diversas embarcações de menor calado; Gabriel Soares e Frei Vicente do Salvador, duas caravelas, três navios e trezentos e cinqüenta homens, dos quais cinqüenta de cavalo; Lopes Vaz (1587), na coleção Hakluyt, dez velas e oitocentos homens; um mapa espanhol contemporâneo, impresso nas *Cartas de Indias, Madrid,* 1877, e reproduzido pelo barão do Rio Branco, *Atlas brésilien,* n. 13, seis navios e seiscentos homens.

   Luís de Melo naufragou na entrada do Pará, dia de São Martinho, 11 de novembro de 1554. Só uma caravela, com sua equipagem e seus passageiros, e uma chalupa com dezoito homens, entre os quais o chefe da expedição e o pai de Frei Vicente do Salvador, João Rodrigues Palha, ainda rapaz, conseguiram escapar ao desastre e chegaram à ilha de São Domingos.

   — Conf. Gabriel Soares, *Tratado descritivo,* 16; Hakluyt, *Collection of the early voyages, travels, and discoveries,* IV, 294-295, Londres, 1811; Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil,* 132-133, ed. 1918; Varnhagen; *História Geral do Brasil,* tomo primeiro, 330-331 e 339-342, da 4.ª ed.: Rio Branco, *Frontières entre le Brésil et la Guyane Française, 1.er. Mémoire,* I, 63-64; e Capistrano de Abreu, *Prolegômenos à História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, 79.

10. Dos acontecimentos referidos no texto é documento básico a *Jornada do Maranhão feita por ordem de S. Majestade o ano de 1614,* escrita pelo sargento-mor Diogo de Campos Moreno, colateral de Jerônimo de Albuquerque

na empresa conquistadora. *A Jornada* saiu primeiro publicada na *Coleção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas*, tomo I, n. IV, Lisboa, 1812, reproduzida por Cândido Mendes de Almeida, *Memórias para a História do extinto Estado do Maranhão*, tomo II, Rio, 1874, e pelo barão de Studart, *Revista do Instituto do Ceará*, tomo XXI, Fortaleza, 1907.

A armada partiu de Pernambuco a 23 de agosto de 1614 (não no ano de 1615, como se lê no texto) e foi fundear no Pereá a 13 de outubro, depois de ter parado no Rio Grande e no Ceará, para tomar o capitão-mor, soldados e índios.

O relatório do capitão Manuel de Sousa de Sá, presente a todos os acontecimentos que se desenrolaram no Maranhão, *Documentos para a História da Conquista e Colonização da Costa Leste-Oeste*, 123-129, Rio, 1905, supre falhas da *Jornada* e completa dados de Frei Vicente do Salvador, que para escrever o livro V de sua *História* se valeu de informações prestadas ao licenciado Manuel Severim de Faria por seu irmão Frei Cristóvão de Lisboa, custódio no Maranhão, *Documentos* citados, 249-250.

Brandônio havia de ter conhecido pessoalmente La Ravardière, que esteve em Pernambuco em 1616, prisioneiro de Alexandre de Moura.

11. O *peixe-boi* é o cetáceo da família dos Manatídeos, cuja espécie mais comum nas regiões do Norte do Brasil é o *Manatus inunguis*, Natterer. Em Gabriel Soares, *Tratado descritivo*, 282, o nome indígena é *goaragoá*, melhor *guaraguá*, que se traduz por *guára-guára*, come-come, comilão, ou ainda por *y-guá-ri-guá*, morador em enseada, do hábito do cetáceo.

Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, 79-80, Rio, 1925, assim o descreve: "Este peixe é nestas partes real, e estimado sobre todos os demais peixes, e para se comer muito sadio, e de muito bom gosto, ora seja salgado, ora fresco; e mais parece carne de vaca que peixe. Já houve alguns escrúpulos por se comer em dias de peixe; a carne é toda de fibras, como a de vaca, e assim se faz em talhaços, e cura-se ao fumeiro como porco, ou vaca, e no gosto se se cose com couves, ou outras ervas sabe à vaca, e concertada com adubos sabe a carneiro, e assada parece no cheiro, e gosto, e gordura porco, e também tem toucinho".

12. D. Diogo de Meneses, em carta ao rei, datada da Bahia, 1 de março de de 1612, cópia no Instituto Histórico, traçando o plano da conquista do Maranhão, aconselha a repartição da costa entre o Rio Grande e aquele ponto "em capitanias e lugares que se possam socorrer uns aos outros, e com isso se ficam conservando, sem os inimigos lhe poder fazer noio nem ter lugar onde parem, e, assim me parece que será serviço de V. Majestade repartir-se desde o Rio Grande até o Maranhão e desde o Rio Garorau até o Jaguaribe uma Capitania que chegará mais avante até o Rio Vpessom, esta se chamará de Jaguaribe, e lhe ficará de termo pela costa setenta léguas pelas fraldas da serra Aquemamume, que corre desviada do mar quatro léguas, com terras e pastos excelentes para todas as povoações e embarcações".

13. A ocupação do Rio Grande, à vista das freqüentes incursões dos franceses, tinha sido expressamente recomendada pelo rei ao governador-geral e ao capitão-mor de Pernambuco, Manuel Mascarenhas, que havia de obrar com a ajuda do capitão da Paraíba, Feliciano Coelho de Carvalho. Em dezembro de 1597, Mascarenhas partiu de Olinda por terra para a Paraíba, a encontrar-se com Feliciano Coelho; este devia seguir por terra e aquele por mar; mas, ao passar as fronteiras da Paraíba uma peste de bexigas assaltou as forças, obrigando Feliciano Coelho a retroceder, a fim de curá-las. Em princípios de 1598, Mascarenhas chegou com sua esquadra em frente do Rio Grande e desembarcou no pontal do Recife, que fica ilhado, à foz do rio, onde começou a construir o forte chamado dos Reis, talvez porque se principiasse a 6 de Janeiro.

Houve hostilidades, e Mascarenhas chegou a ficar em grande aperto, de que foi tirado pela chegada de uma urca vinda da metrópole, com artilharia, munições e provimentos. Só em abril foi que se apresentou Feliciano Coelho, com a gente da Paraíba. Acabado o forte, Mascarenhas entregou-o a Jerônimo de Albuquerque e retirou-se para sua capitania. Albuquerque conseguiu dentro de pouco tempo fazer pazes com os índios de todo o distrito, graças ao auxílio que lhe prestaram os principais Ilha-Grande, Potiguaçu, Zorobabé e Pau-Seco.

— Conf. Varnhagen, *História Geral do Brasil*, tomo segundo, p. 52-55, da 3.ª ed., com as notas de quem esta escreve.

14. D. Diogo de Meneses, em carta para o rei, datada do Recife, 4 de dezembro de 1608, cópia no Instituto Histórico, escreveu: "... Na carta de 18 de julho me manda V. Majestade que não haja no Rio Grande mais que trinta soldados e quatro bombardeiros, um capitão, um alferes, um sargento, e na Paraíba vinte com os mesmos oficiais; assim o tenho provido e mandado, mas pareceu-me lembrar a V. Majestade que no que toca à fortaleza do Rio Grande pelo menos que há mister de soldados são cinqüenta, porque está muito distante de onde se lhe possa acudir e a povoação que está feita não tem gente e o porto é muito importante e nas praças da milícia ordinário é haver faltas e para haver trinta soldados é necessário haver quarenta praças, e é isto tão ordinário que não é possível remedeá-lo; os generais por mais vigilantes que sejam andando à sua vista, quanto mais a fortaleza tão distante, em que o oficiais e capitão são absolutos pela distância e que é forçado que metam o seu moço (sic) a que se lhe não pode valer, e assim fica a fortaleza sem soldados. Esta advertência me pareceu fazer V. Majestade mande o que for servido, posto que tenho mandado cumprir o que V. Majestade manda".

No livro da *Razão do Estado do Brasil*, Mss. do Instituto Histórico, lê-se que na capitania do Rio Grande havia minas de ferro "q" descobriu Jerônimo de Albuquerque a quarenta léguas da fortaleza o ano de 1608".

15. Era o engenho de Cunhaú, fundado por Jerônimo de Albuquerque, póstero conquistador do Maranhão. Em 8 de março de 1614, nele estiveram o desembargador Manuel Pinto da Rocha, ouvidor-geral do Estado, e o capitão-mor de Pernambuco Alexandre de Moura, que andavam em diligência para a repartição das terras do Rio Grande, e aí mandaram vir à sua presença o mestre de engenhos Jerônimo Mateus, a quem sob juramento ordenaram visse as terras que possuíam Antônio e Matias de Albuquerque, filhos de Jerônimo de Albuquerque, lhes declarasse a qualidade e para quantos engenhos eram capazes. O testemunho do mestre foi que as terras e várzeas que havia no sítio de Cunhaú eram em quantidade capazes de três ou quatro engenhos; mas, em respeito à qualidade, escassamente davam para dois, o que já estava feito e outro, a que se tinha tomado o nível da água. Declarou mais que em partes das várzeas vira plantar cana, que se perdera toda, por muito secas, e em outras se não podia plantar, por muito alagadas.

— Conf. barão de Studart, *Documentos para a História do Brasil*, II, 155-156, Fortaleza, 1909.

16. Ambrósio Fernandes Brandão, como capitão de mercadores, esteve na conquista da Paraíba com o ouvidor Martim Leitão e tomou parte com sua companhia no combate em que foi tomada a cerca do Braço de Peixe.

— Conf. *Sumário das armadas que se fizeram e guerras que se deram na conquista do rio Paraíba,* in *Revista do Instituto Histórico,* XXXVI, parte 1.ª, 33 e 39. Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil,* 187, 192, ed. de 1918.

17. No regimento dado, em 9 de maio de 1609, a Feliciano Coelho de Carvalho para o governo da capitania da Paraíba, o rei lhe encomendava com particular cuidado que o avisasse sobre os açúcares que ali embarcavam, se haviam por conta dos senhores dos engenhos, ou dos mercadores, como também sobre as ordens que se poderiam dar para o fim de atalhar o descaminho dos direitos, em tanto dano da real fazenda; encomendava-lhe ainda que procurasse que aos homens do mar, mercadores e pessoas que ali iam tratar e negociar se fizesse todo o bom tratamento, para que assim pudesse haver na terra melhor correspondência e folgassem de ir a ela, de que redundaria aumento da capitania.

— Conf. J. J. de Andrade e Silva, *Coleção Cronológica da Legislação Portuguesa,* 1, 268-269.

18. A serra da Cupaóba, ou da Raiz na Geografia moderna, é um dos contrafortes da cordilheira da Borburema. Dela disse Elias Herkmans:... Seus montes são muito altos e suas encostas muito íngremes, e por essa razão o caminho, de que se têm servido alguns viajantes curiosos, corre obliquamente ao longo da serra, de sorte que se há de passar um dia inteiro a percorrê-lo para se chegar acima. Sendo aí chegado, encontra-se uma planície grande e igual, e tão extensa é que ninguém ainda foi até a outra extremidade. O ar é salubre e muito temperado; à noite sente-se aí mais frio do que nas regiões inferiores do Brasil, o que é certamente devido à altura. Pessoas, que aí estiveram, afirmam ter visto em algumas noites o campo coberto de geada. Os curiosos também puseram à prova a fertilidade dessas terras, e não somente verificaram que são próprias para a cana e outras novidades do Brasil, senão também para os cereais, a vinha e vários produtos da Europa; pois as ditas terras não são tão sujeitas às formigas, como as outras partes do Brasil. São regadas por vários rios de água doce que na época das chuvas daí se escoam com grande estrondo. Depois que os primeiros descobridores experimentaram a fertilidade dessas terras, empregaram esforços para atrair de Pernambuco algumas famílias que fossem estabelecer-se em Cupaóba, mediante promessa de lhes ser fornecido todo o necessário mantimento por espaço de um ano, até que produzissem com o seu trabalho frutos bastantes para a sustentação da vida. Como, porém, as pessoas, que já se tinham estabelecido para cultivar terras novas, não se mostrassem muito dispostas a emigrar, o zelo afrouxou um pouco" — *Descrição Geral da Capitania da Paraíba,* in *Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano,* V. n. 31, 265-266.

19. Os litóglifos do rio Araçuagipe, na Paraíba, são os que primeiro foram observados e descritos no Brasil. Depois do autor dos *Diálogos,* viu-os provavelmente Elias Herckmans, poeta e aventureiro que em 1641 percorreu os sertões paraibanos e informou haver encontrado para as bandas da serra da Cupaóba certas pedras lavradas pela indústria humana.

— Conf. Barlaeus, *Rerum per octennium in Brasilia et alibi gestarum sub praefectura illustrissimi Comitis J. Mauritii Nassoviae... História,* 217, Amsterdam, 1647; Alfredo de Carvalho, *Pré-historia Sul-Americana,* 101-103, Recife, 1910.

20. No fim de janeiro de 1587, o ouvidor-geral Martim Leitão foi ao rio Tibiri, duas léguas acima da cidade da Paraíba, ao longo da várzea, fazer um forte para o engenho de açúcar del-rei que já estava começado, e para defender a aldeia de Assento de Pássaro. — Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil,* 324, ed. de 1918.

Em 1610 a capitania já possuía moentes e correntes dez engenhos, que enviavam por ano uns vinte e dois barcos de açúcar a Pernambuco, — Varnhagen, *História Geral do Brasil,* tomo segundo, p. 142, da 3.ª edição.

21. Entre os condes de Monsanto, D. Alvaro Pires de Castro e Souza, e de Vimieiro, D. Francisco Faro, houve pleito sobre a posse da capitania de Itamaracá, que a 25 de janeiro de 1617 já estava resolvido a favor do primeiro, porque em carta régia daquela data a D. Luís de Sousa o rei, tratando da quantia de oito mil cruzados que para socorro da guerra do Maranhão se tomara por empréstimo do depósito das rendas da capitania, ordenava que não mais se bulisse no dinheiro do mesmo depósito e se restituísse o que se tinha tirado, como pretendia o donatário.

— Conf. *Anais do Museu Paulista,* III, 2.ª parte 36.

22. Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil,* 107, ed. de 1918, concorde com Brandônio, escreveu sobre a procedência da denominação de Olinda: "A vila se chama de Olinda, nome que lhe pôs um galego, criado de Duarte Coelho, porque andando com outros por entre o mato buscando o sítio onde se edificasse, achando este que é em um monte alto, disse com exclamação e alegria: *Ó linda!"*

Southey, *History of Brazil,* I, 44, Londres, 1810, atribuindo a exclamativa ao próprio Duarte Coelho, ampliou-a deste modo: "Ó que linda situação para se fundar uma vila".

A Varnhagen, *História Geral do Brasil,* I, 213, da 4.ª ed., parece o conto ridículo, e tem por muito mais natural que o nome fosse o de alguma quinta, ou casal, ou burgo, por qualquer título caro ao donatário em sua pátria, e que no Brasil quisesse perpetuar. Ridículo ou não, consignou-o, como se viu, Frei Vicente do Salvador, que a respeito de Pernambuco parece ter consultado uma crônica antiga, perdida ou pelo menos até hoje desconhecida; a ele, repara Capistrano de Abreu, em nota a Varnhagen, *loc. cit.,* deve-se quase exclusivamente o pouco que se sabe daquela capitania anterior à guerra holandesa.

A concordância entre o autor dos *Diálogos* e Frei Vicente do Salvador, nesse e em outros pontos, leva a crer que o historiador baiano tivesse também conhecimento daquele escrito.

23. Segundo o *Roteiro dos Bispados do Brasil,* 153 Ceará, 1864, Antônio Teixeira Cabral foi nomeado administrador por carta régia de 19 de Fevereiro de 1618, que não é conhecida, nem deve ser dessa data. Já em 1616 Teixeira Cabral administrava a jurisdição eclesiástica de Pernambuco, porque em carta régia de 8 de fevereiro lhe era facultado prover até nova ordem os benefícios de seu distrito, não criando algum novo sem ordem real, e em outra, de 26 de julho, era mandado descontar ao bispo do Brasil metade da porção que se dava para esmolas, entregando-a ao administrador para o mesmo fim, — J. Pedro Ribeiro, *Índice Cronológico Remissivo da Legislação Portuguesa,* IV, 54 e 156, Lisboa, 1807. Armaram-se por isso dissenções entre o bispo e o administrador. Aquele queria que o outro exibisse as bulas de provisões reais que lhe concediam a nomeação dos benefícios e outros particulares; o administrador defendia-se, dizendo que a causa se tratava no reino por via de embargos, e que os procuradores do bispo tivessem vista das bulas, motivo por que as não havia de exibir. Era

o que comunicava D. Luís de Souza ao rei, que em carta de 17 de julho de 1617 providenciava sobre a matéria, ouvida a Mesa da Consciência e Ordem. Ao administrador se ordenava entregasse ao bispo cópias autênticas do breve e mais provisões que trouxera, pertencentes a seu cargo; o bispo era advertido sobre o tratamento que dava ao administrador, a quem não devia falar por senhoria; as bênçãos competia ao administrador dá-las aos pregadores e ao diácono; o administrador devia residir na Paraíba. — *Anais do Museu Paulista,* III, 2.ª parte, 40-41, 48-49. As dúvidas continuaram, porque a carta régia de 5 de janeiro de 1618 providenciava para que cessassem o escândalo e desconsolação que recebia o povo com tantas excomunhões e diferenças, *ibidem,* 53-54. Pensou-se depois em extinguir a administração eclesiástica da Paraíba e Pernambuco. Houve consulta da Mesa da Consciência nesse sentido, mas, em carta régia de 9 de fevereiro de 1622, o rei declarou que sobre a matéria se não fizesse novidade, que se tratasse antes de criar um novo bispado na conquista do Maranhão, que tinha necessidade de cabeça eclesiástica para crescer e povoar-se, e em cujo distrito poderia entrar parte do que pertencia ao administrador de Pernambuco, vendo-se, quanto ao restante, se devia tornar ao bispado da Bahia de onde saiu, — J. J. de Andrade e Silva, *Coleção Cronológica da Legislação Portuguesa,* III, 65-66. A administração tinha seus dias contados. Nomeado bispo do Brasil D. Marcos Teixeira, partia para seu bispado em novembro de 1622, já trazendo debaixo de sua jurisdição a capitania de Pernambuco, — Severim de Faria, *História Portuguesa,* 23, Fortaleza, 1903, embora tal resolução só fosse tomada pela carta régia de 8 de fevereiro de 1623, — J. J. de Andrade e Silva, *Coleção* citada, III, 83. Outra carta régia, de 27 de setembro de 1624, anunciava que o breve por que S. S. o papa tornava a unir ao bispado do Brasil a administração de Pernambuco se recebeu no último correio da Itália, e era enviado ao governador-geral para que lhe desse execução, *ibidem,* 126.

— Conf. Varnhagen, *História Geral do Brasil,* tomo segundo, p. 221-222, 3.ª ed., nota de G.

24. Era o recolhimento da Conceição, que Maria Rosa, dona viúva, mulher que foi de Pedro Leitão, com outras senhoras, a despesas suas, ou mais certo dela só, fundou em Olinda, em 1595. Nele estiveram recolhidas D. Isabel, D. Cosma e D. Luísa de Albuquerque, "irmãs por natureza, hábito, profissão e virtudes, e todas de boa fama; além de outras mais, de que o tempo ocultou a notícia de seus nomes, e serviu de túmulo à sua memória", — Jaboatão, *Novo Orbe Seráfico,* II, 386, Rio, 1858.

Por carta régia de Felipe III, de 2 de setembro de 1603, tendo em consideração ao muito que importava a seu serviço a acrescentamento do Estado do Brasil povoar-se de gente principal e honrada, que foi o intento com que, do princípio do seu descobrimento se enviaram a ele cada ano donzelas órfãs de bons pais para se casarem, — não houve por conveniente que se fizessem aqui mosteiros de freiras, e sim casas de recolhimento para moças naquelas condições ou que, por ausência de seus pais nelas se recolhessem para poderem casar com mais comodidade, — J. J. de Andrade e Silva, *Coleção Cronológica da Legislação Portuguesa,* I, 22.

25. Foi Diogo Botelho o primeiro governador-geral que aportou a Pernambuco, o que Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil,* 383, ed. de 1918, atribui a dois motivos: tê-lo induzido a isso Antônio da Rocha, escrivão da Fazenda, que ali era casado e vinha com ele no Reino, aonde fora com um agravo contra o capitão-mór Manuel Mascarenhas, o qual lhe diria das larguezas da terra, e que podia dela tirar muito interesse; ou, o que parece mais certo, para ver a capitania e as fortalezas de que havia tomado homenagem, e cuja defensão e governo estavam por sua conta. Ali chegou a 1 de abril de 1602, assumindo o governo em Olinda, — *Revista do Instituto Histórico,* LXXIII, 25. De mais de ano e meio foi sua estada em Pernambuco; em 9 de setembro de 1603 estava prestes a embarcar para a Bahia, — *ibidem,* 69.

Seu sucessor, D. Diogo de Menezes, tomou posse do governo em Olinda, a 7 de janeiro de 1608, e demorou-se em Pernambuco até o fim do ano. Entretanto, desde abril, diz ele: "tendo meu fato entrouxado para me embarcar, me veio a Câmara desta Vila pedir e requerer, e o mesmo fez o desembargador Sebastião de Carvalho, e mais povo, que eu me não fosse por nenhum caso, pelas razões que me apontavam, as quais não pude deixar de diferir, de que mandei fazer um auto em que todos assinaram e o escreveram a V. Majestade". — Carta de D. Diogo de Menezes, de 4 de dezembro de 1608, cópia no Instituto Histórico.

D. Francisco de Souza, nomeado governador da repartição do Sul, aportou a Pernambuco em 19 de fevereiro de 1609, apesar da ordem que trazia em contrário, do que se queixou ao rei D. Diogo de Menezes em lamurienta carta de 22 de abril, *ibidem.* Não se sabe quanto tempo ficou em Pernambuco, senão que a 26 de abril já estava no Rio, — *Atas da Câmara da Vila de São Paulo,* II, 243.

Gaspar de Sousa, recebendo a nomeação de governador em 1 de março de 1612, reunidas de novo ao governo-geral as três capitanias do Sul por alvará de 9 de abril, chegou a Pernambuco dia de Nossa Senhora do Ó, 18 de dezembro do mesmo ano. — *Documentos para a História da Conquista e Colonização da Costa Leste-Oeste,* 33.

Trazia incumbência de fazer ocupar o Maranhão, de que os franceses se haviam apoderado, e para melhor desempenhá-la fixou residência em Olinda, onde permaneceu todo o tempo de sua proveitosa administração.

Seguiu-se D. Luís de Souza de Almeida, que os historiadores confundem-se com D. Luís de Sousa Henriques, filho de D. Francisco de Sousa e governador efêmero, por morte deste, das capitanias do Sul. Aquele D. Luís de Sousa tomou posse do governo a 1 de janeiro de 1617, e só passou a residir na cidade do Salvador depois que as cartas régias de 30 de maio e 6 de novembro de 1618 o ordenaram expressamente, — *Anais do Museu Paulista,* III, 2.ª parte, 69 e 78.

De 21 de fevereiro de 1620 é o alvará que ordena aos governadores residirem pessoalmente na Baía de Todos os Santos, — J. J. de Andrade e Silva, *Coleção Cronológica da Legislação Portuguesa,* III, 5. Devem-se atribuir tais providências à intervenção de Duarte de Albuquerque Coelho, donatário de Pernambuco, muito chegado à corte, o qual, com a residência dos governadores na capitania, via diminuída sua jurisdição.

— Conf. Varnhagen, *História Geral do Brasil,* tomo segundo, p. 191, nota, da 3.ª edição.

26. O autor do livro *Rezão do Estado do Brasil,* Mss. do Instituto Histórico, informa que na própria cidade do Salvador se tinha " a Relação por coisa pesada, e não muito conveniente: assim pela natureza dos pleitos, pelo pouco que havia que fazer neles, como pela quantidade de letras que se ficaram anidindo aos muitos estudantes, clerigos e frades", que já havia.

A Relação foi criada por lei de 7 de março de 1609, que alude à outra ordenada em 1587, a qual não houve efeito pelos sucessos do mar.

— Conf. Varnhagen, *História Geral do Brasil,* tomo segundo 126-129 e notas, da 3.ª edição.

27. A pesca das baleias na Bahia teve início no governo de Diogo Botelho pelo biscainho Pedro de Urecha, que veio em companhia do governador e trou-

xe dois barcos apropriados e gente da Biscaia prática no ofício. Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil,* 396-399, ed. de 1918, faz interessante descrição da pescaria. Urecha teve como recompensa levar os dois barcos carregados de azeite, que apurou, sem pagar direitos, — Braz do Amaral, *Memórias* de Accioli, I, 426, Bahia, 1919.

A indústria teve rápido desenvolvimento, de tal modo que daí a poucos anos a arrematação de seu contrato rendia de seiscentos a setecentos mil-réis anualmente, — Varnhagen, *História Geral do Brasil,* tomo segundo, 71-72, da 3.ª edição.

No governo de D. Diogo de Menezes aquele contrato foi feito por sete anos com dois sócios, um dos quais era o francês Julien Michel, *ibidem,* 139.

28. A capitania de Porto Seguro foi primeiramente doada a Pero do Campo Tourinho. Esse donatário teve no Brasil vida atribulada. Preso em Porto Seguro a 24 de novembro de 1546, sob acusação de heresia e blasfêmia, sofreu longo processo perante a Inquisição de Lisboa, onde em 1550 ainda respondia a interrogatório. Quatro anos depois, em Lisboa, renunciava com sua mulher D. Inês Fernandes Pinta, em favor de seu filho Fernando do Campo, os direitos da donataria. Esse, falecendo sem sucessão direta, legou-os à sua irmã D. Leonor do Campo, casada com Gregorio de Pesqueira, que obteve confirmação por alvará régio de 30 de maio de 1556. Outro alvará, de 16 de junho de 1559, concedeu-lhe licença para vender a donataria ao duque de Aveiro, venda concluída em 10 de agosto daquele ano e confirmada a 6 de fevereiro do seguinte, pelo preço de 100$000 de juro, à razão de 12$500 o milheiro, 600$000 em dinheiro e dois moios de trigo cada ano, enquanto vivesse D. Leonor.

O duque de Aveiro, D. João de Lencastre, faleceu em 22 de agosto de 1571, passando a capitania a seu filho D. Pedro Diniz de Lencastre, em cuja família se conservou até que, extinguindo-se, reverteu a capitania à coroa no reinado de D. José.

Francisco de Aguiar Coutinho foi o quarto donatário da capitania do Espírito Santo. Em 8 de fevereiro de 1609 o licenciado Antônio Maia, letrado de confiança do governador-geral D. Diogo de Menezes, ia tirar devassa de culpa do donatário, da qual fora descarregar-se diante do marquês Vice-Rei. Em sua ausência foi provido no cargo de capitão do Espírito Santo pelo mesmo governador o capitão Constantino de Menelau, — carta de D. Diogo de Menezes, da Bahia, 8 de fevereiro de 1609, cópia no Instituto Histórico.

Mas Constantino de Menelau estava provido no governo da capitania do Rio de Janeiro e, se exerceu o cargo no Espírito Santo foi por pouco tempo, porque antes de 1612 já o tinha o Capitão Miguel de Azeredo, que só o entregou a Aguiar Coutinho em 1620. Em março de 1625 este ainda governava. Foi quando a esquadra holandesa de Piet Heyn atacou sem sucesso a vila da Vitória. A ele escreveu o chefe holandês esta carta, que Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil,* 566, ed. de 1918, estampou: "Vossa Senhoria estará tão contente do sucesso passado, quanto eu estou sentido, mas são sucessos da guerra; se me quiser mandar os meus, que lá tem cativos, resgatá-los-ei; quando não, caber-nos-á mais mantimentos aos que cá estamos".

— Conf. Varnhagen, *História Geral do Brasil,* tomo segundo, p. 240, nota da 3.ª edição.

30. D. Francisco de Sousa foi nomeado capitão-geral e governador do distrito das três capitanias de São Vicente, Espírito Santo e Rio de Janeiro e da

conquista e administração das minas descobertas e por descobrir nas ditas capitanias, por alvará de 2 de janeiro de 1608, mas só depois de um ano veio tomar conta de seus cargos. Trazia elementos para bem desempenhar-se de sua missão, a que deu promissor início; a morte colheu-o, porém, a 11 de junho de 1611, na ausência do filho mandado a Espanha com as amostras do ouro das minas, e tomado por corsários na viagem.

— Conf. Varnhagen, *História Geral do Brasil,* tomo segundo, p. 149-164, 3.ª ed., nota de G.

31. Lopo de Sousa era neto de Martim Afonso de Sousa; faleceu a 16 de outubro de 1610 sem sucessão legítima, deixou apenas um filho bastardo, seu homônimo que, por escritura pública, cedeu o direito que podia ter à capitania de São Vicente em sua tia D. Mariana de Sousa da Guerra, condessa de Vimieiro, por seu marido D. Francisco de Faro, conde de Vimieiro. Houve pleito e a capitania de São Vicente, com a de Itamaracá, foi afinal adjudicada ao conde de Monsanto, D. Alvaro Pires de Castro e Sousa.

— Conf. Pedro Taques de Almeida Paes Leme, *História da Capitania de S. Vicente,* 74-75, ed. Taunay. — Veja a nota 21.

32. Fernão Cardim, *Tratado da Terra e Gente do Brasil,* 107, Rio, 1925, informa:

"No Rio de Janeiro, e São Vicente, e no campo de Piratininga se dão muitos marmelos, e dão quatro camadas uma após outra, e há homens que em poucos marmeleiros colhem dez, e doze mil marmelos, e aqui se fazem muitas marmeladas, e cedo se escusarão as da Ilha da Madeira".

DIALOGO SEGUNDO

ALVIANO

Parece-me que um mesmo cuidado devia de ser o que nos trás a ambos a esse lugar num mesmo ponto; porque de mim vos confesso que me não deixou toda esta noite repousar a prática, que deixamos ontem imperfeita com a dúvida que pus.

BRANDÔNIO

Para que levemos enfiado o que havemos de dizer, tornai a repetir essa dúvida.

ALVIANO

Duvidei poder ser esta terra do Brasil de tão bom temperamento, como apontáveis, por razão da maior parte de sua costa cair naquela tórrida zona, tão arreceada dos antigos por muito quente, em tanto que a faziam inabitável (¹). E de terra que não podia ser habitada por seu ruim temperamento, fez-se grande dúvida o dizerdes-me que era tão sadia para a natureza humana.

BRANDÔNIO

Verdade é que a tórrida zona onde cai grande parte desta costa do Brasil, foi julgada dos antigos por inabitável pelo muito calor que imaginavam devia haver nela, da qual hoje já temos experimentado o contrário; porque a achamos tão temperada e conforme para a natureza humana, que bem se puderam largar as outras duas temperadas pelas incomodidades das injúrias, que nelas faz a mudança dos tempos a seus habitadores, causa de tantas enfermidades

e buscar esta por ser habitação tão acomodada, que a temperança do calor e frio anda tão regulada que não vamos nunca alterar mais num tempo, que noutro.

ALVIANO

Pois haveis de dar logo licença para que creia que os filósofos antigos, como então havia no mundo falta de homens que houvessem apalpado e trilhado com os pés estas partes, então ocultas e agora já há anos patentes, filosofaram aquelas coisas fantásticas que conceberam nas idéias, as quais vendiam em seus escritos por verdadeiras e indubitáveis, e por tais foram recebidas, enquanto a experiência, que hoje temos tomado delas, não mostrou ser tudo ao revés do que eles afirmaram.

BRANDÔNIO

Verdade é que Ptolomeu, Lucano, Averoe com outros filósofos afirmaram ser a tórrida zona inabitável, posto que Pedro Paduense, Alberto Magno e Avicena, pelo contrário, tiveram que era habitável; mas os primeiros, posto que erraram em dizerem absolutamente que a tórrida zona era toda inabitável, por se encerrar do meio que há do trópico de Cancro ao de Capricórnio, todavia tomaram fundamento de tão aparentes razões e causas que, com estarmos hoje vendo e experimentando o contrário do que eles afirmaram, caso que muitos o têm por duvidoso.

ALVIANO

Não sei eu que dúvida possa haver em coisa tão certa e tão trilhada de todos.

BRANDÔNIO

Não digo que há; mais afirmo que as razões que davam os passados eram tão aparentes, que ainda hoje, com se saber o contrário delas, têm muita força para todos aqueles que as examinaram com curiosidade, porque já sabemos que o sol não alonga dos trópicos, e que cada um deles está desviado da Equinocial 24 graus pouco mais ou menos, que vem a ser do princípio de um trópico ao outro 48º: este é o caminho que faz o sol em o decurso de um ano, com passar duas vezes pela chamada tórrida zona; pelo que, sendo isto assim, no que não há dúvida, não se podia cuidar que a houvesse, para que parte, que continuamente era acompanhada e visitada de raios retos do sol, deixasse de ser por extremo cálida; mormente tendo-se já experimentado que as zonas temperadas, com não estarem tão próximas a ele, nem serem visitadas dos seus raios retos duas vezes no ano, eram tão cálidas no verão, que davam muita moléstia aos seus habitadores, com o seu grande calor; pois, sendo isto assim, no que não há dúvida, que mal fizeram os antigos, ou em que erraram em haverem afirmado que esta parte tão continuada dos raios do sol fosse em extremo cálida, e como tal incapaz de ser habitada?

ALVIANO

Pois em que estava o segredo desses filósofos haverem errado?

BRANDÔNIO

Em nenhuma outra coisa senão que, como lhes faltava a experiência desta zona, ignoram os ventos frescos que nela de ordinário cursam, exceto em pequeno espaço da costa, e que chamamos de Guiné; os quais são poderosos para resfriarem os ares; de maneira que causam um temperamento tão singular, para a humana natureza, que tenho por sem dúvida, ser esta zona mais sadia e temperada que as mais; porque o calor, que nela causa o sol de dia, é temperado com a umidade da noite; e também porque Saturno e Diana, planetas por qualidade frios, fazem nestas partes mais influência, por se comunicarem nelas por linhas mais retas. E assim, o afirma Juntino, sobre a declaração da esfera de Sacro Bosco; e Avicena não se desvia de entender que é muito temperada para a habitação humana. E é tanto isto assim, que não faltam autores que querem afirmar estar nesta parte situado o paraíso terreal, e fortificam sua razão com dizerem que a Equinocial partia o dia pelo meio, com partir os trezentos e sessenta e cinco círculos a que chamamos do dia, deixando para cada uma das partes cento e oitenta e dois e meio, donde vem a ser forçado que os dias sejam iguais das noites. Pelo que os habitantes desta zona alcançam haver com a vista qualquer estrela que nasça ou se ponha em qualquer dos polos. E também, porque passa o sol por este clima duas vezes no ano, afirmaram causar o tempo nela dois invernos e dois verões, no que também se enganaram; pois sabemos não haver mais de um, porque quando o sol se alonga para a parte do Norte da linha, sucede o inverno para a parte do Sul; e, quando torna a passar o sol para a mesma parte, causa-se o verão; porque parece que a Equinocial lhe fica servindo para divisão do tempo. E assim vêm a ter os habitantes desta zona cinco sombras no ano; porque, quando o sol está no ponto do Equinócio, no sair dele, faz a sombra contra o Poente, e à tarde contra o Levante, e ao meio-dia debaixo dos pés; e, quando o mesmo sol anda nos signos setentrionais, faz, pelo oposto, a sombra para a parte do Austro.

ALVIANO

Conforme a isso, poderei cuidar que de tal maneira erraram os antigos em dizer que esta zona era inabitável, que foi o seu erro tanto conforme à razão que ainda hoje, com termos experimentado o contrário do que afirmaram, os devemos desculpar, pelo erro não ser outro senão o da experiência que lhes faltava desta costa, que nós pelo miúdo trilhamos nestes próximos tempos; com que não puderam ter notícia dos ventos, que de ordinário cursam por toda ela, bastantes até resfriar os ares, que, por natureza, deviam ser calidíssimos. Mas parece-me que haveis dito que a Equinocial fica servindo de divisão dos pólos do mundo, pelo que, conforme a isso, se ela divide uma coisa da outra, de força deve ter algum corpo com o qual possa fazer a tal divisão, o que nós não vemos.

BRANDÔNIO

Não disse que a Equinocial dividia os pólos do mundo, porque tivesse corpo para fazer a tal divisão, senão disse que mostrava que os dividia; porque a Equinocial não é outra coisa senão um círculo imaginado dos astrólogos na oitava esfera, que a aparta em duas metades iguais, e igualmente se aparta de ambos os pólos do mundo, Norte e Sul. Chama-se Equinocial, porque quando o sol passa por ela que é duas vezes no ano, no princípio de Áries a vinte e um de março, e no princípio de Libra a vinte e três de setembro, se fazem os equinócios, que não é outra coisa senão ficarem os dias artificiais iguais com as noites; e isto se deve de entender somente onde há variedade nos dias de vinte e quatro horas; porque aquelas terras, que estão diretamente debaixo dos pólos, têm os dias de seis meses e as noites de outros tantos. Também se chama esta linha equinocial igualadora do dia e da noite, porque, por toda a parte por onde passa, faz que sejam os dias iguais; da mesma maneira parte o primeiro movimento porque o movimento, conforme dizem os filósofos, se deve de divida (*sic*) a divisão do móbil; pelo que se imaginou esta linha equinocial para efeito de, na esfera material, se puder compassar e regular os movimentos dos orbes celestes. E assim esta linha vem a dividir pelo meio a chamada tórrida zona, que está situada entre os dois trópicos, com o que vem a ter de largura quase oitocentas e vinte quatro léguas, das quais a metade, que são quatrocentas e doze, ficam para a parte do trópico de Cancro, e a outra metade para o de Capricórnio. E para a banda de Leste corre por toda esta zona a costa africana de Guiné, povoada de gente preta, e para estoutra parte de Oeste, fica a costa das Índias, e esta do Brasil, povoada de gente baça.

ALVIANO

Já ouvi tratar a alguns homens doutos da ocasião que havia para nessa africana costa chamada de Guiné e de Etiópia, todos seus moradores, naturais da terra, serem de cor preta e cabelo retorcido, não se achando semelhante cor nem cabelo em nenhuma das outras gentes que habitam pela redondeza do mundo; e posto que da causa davam algumas razões, vos confesso que me não satisfizeram por me parecerem pouco aparentes.

BRANDÔNIO

E que razões são as que ouvistes dar para se haver de provar a estranheza que essa gente tem na cor e cabelo diferente de toda outra?

ALVIANO

Diziam que a quentura do sol que de ordinário visita esta zona duas vezes no ano com raios retos, era causa da diferença da cor e cabelo nesta gente; mas contra isto há tanto que dizer que, por nenhum modo me posso persuadir a cuidar que daí nasça a causa; outros também afirmavam que as influências dos céus, que se ajuntavam com a qualidade particular da terra, era a verdadeira causa, posto que a mim me não parece; e entre estes achei outros que diziam que alguns homens, depois do universal dilúvio das águas deviam de ter semelhante cor e cabelo, ou por qualidade ou natureza, e deles se comunicaria aos filhos e netos, que são os que habitam pela costa africana; mas de todas estas razões, que ouvi dar a estes homens reputados por doutos, vos afirmo que nenhuma me satisfez, pelo que estimarei saber a opinião que tendes sobre esta matéria.

BRANDÔNIO

Não cuido que nos desviamos de nossa prática (que é tratar somente das grandezas do Brasil) com nos meter em dar definição à matéria que tendes proposta; porquanto neste Brasil se há criado um novo Guiné com a grande multidão de escravos vindos dela que nele se acham; em tanto que, em algumas capitanias, há mais deles que dos naturais da terra, e todos os homens que nele vivem têm metida quase toda sua fazenda em semelhante mercadoria. Pelo que havendo no Brasil tanta gente desta cor preta e cabelo retorcido, não nos desviamos de nossa prática em tratar dela.

ALVIANO

Assim é, mas antes convinha que se não passasse isto em silêncio, pois todos os moradores do Brasil vivem, tratam e trabalham com esta gente vinda de Guiné; pelo que podeis dar princípio ao que desejo saber, que eu vos fico que não descontenta a ninguém semelhante proposta, quando lhe demos a definição tal qual convém.

BRANDÔNIO

Quanto a se dizer que de alguns pais que fossem pretos se devia de produzir este inumerável gentio de cor preta e cabelo retorcido, o tenho por coisa ridiculosa, porque, se esses primeiros pais era forçado que fossem filhos de Adão, e depois descendentes de Noé, no que não pode haver dúvida, mal podiam tomar a cor e cabelo, que não herdaram deles; pois não vimos até hoje no mundo que de pais brancos se produzissem filhos negros.

ALVIANO

O contrário tenho eu já ouvido, lido e ainda visto por próprios olhos, que muitos pais brancos produziram filhos negros; como se conta da outra matrona que, estando com seu esposo no ato venéreo, ao tempo de conceber, tendo posto os olhos na figura de um negro que ante eles estava pintado em pano de armar, pôde tanto aquela imaginação do que via presente, que o filho que concebeu daquele ajuntamento saiu negro, como se fosse engendrado de pais que o fossem; e outros casos semelhantes tenho lido haver sucedido no mundo. E há poucos anos que no reino de Angola uma negra pariu de um negro, seu marido, dois filhos de um ventre, um deles da cor de seus pais, que era negra, e o outro tão alvo e louro, como se fora nascido em Alemanha, e filho de alemão. E ainda vi por próprios olhos neste Brasil, na vila de Olinda, no ano de seiscentos (1600), u'a menina, filha de pai e mãe naturais da própria terra, que são de cor baça, tão alva e loura quanto a natureza a podia fazer; posto que tinha as carnes tão brandas e macias que bastava lançarem-na a dormir sobre uma esteira para se levantar dela com chagas pelo corpo, a qual soube depois haver vivido pouco.

BRANDÔNIO

Verdade é que de pais brancos nasceram muitas vezes filhos negros, e por conseguinte de pais negros filhos brancos; mas não haverá nenhum que o houvese visto, nem achado escrito, que os filhos desses que nasceram negros ou brancos o fossem da mesma maneira os seus descendentes; porque se a natureza por algum incidente nos tais mudou a cor, nunca teve tanta força que pudesse prevalecer com ela de geração em geração; mas antes, imediatamente, os filhos daquelas que nasceram pretos ou brancos, tornam logo a cobrar a natural cor dos avós, na qual para o diante perseveram os mais filhos que vão engendrando; pelo que, dado que os primeiros pais gerassem alguns filhos negros, por algum incidente, como tenho dito, pois eles de necessidade haviam de ser descendentes de Adão, e, depois de Noé, que foram de cor branca, logo os seus filhos e netos haviam de tornar a cobrar a cor branca dos avós; pelo que não se deve fazer caso de tal opinião.

ALVIANO

Poderemos logo cuidar que as influências dos céus juntas com a qualidade da terra, hajam produzido o tal efeito?

BRANDÔNIO

Também tenho isso por falso; por que as influências dos céus, juntas à qualidade da terra, poderão ter força para que a parte, onde dominam seja mais ou menos sadia para a habitação humana, e também para haver de causar poucas ou muitas enfermidades; mas que, absolutamente tenham força para haverem de mudar a cor, que era branca por natureza em negra, não é possível, nem tal se pode imaginar.

ALVIANO

Pois não há dúvida de haver causa pela qual este inumerável gentio que habita pela costa, a que chamamos de Guiné, tenha a cor preta e cabelo retorcido, e, se a sabeis, vos peço ma digais.

BRANDÔNIO

A mais verdadeira causa que se pode dar dessa cor e cabelo é o efeito que o sol produz, visitando duas vezes no ano com raios retos os moradores dessa costa africana, e por estes raios do sol ferirem retamente naquela parte faz mais impressão nos seus moradores do que nas outras, onde se comunicam ao soslaio e oblíquos: e assim esta é a causa verdadeira da cor negra e cabelo retorcido, que vemos em todos os moradores daquela costa.

ALVIANO

Isso que agora dizeis entendo certamente que vai mais desencaminhado de tudo o que temos apontado; porque, se os raios do sol causam na tal parte a mudança da cor e cabelo, se seguiria que os nossos portugueses, que há muitos anos habitam por elas, teriam a mesma cor, e, por conseguinte, os negros que são levados dessa costa para a Espanha e outras partes do mundo, onde há muitos anos que residem, haviam de ter, pelo opósito, mudada a cor negra em branca, principalmente os filhos dos tais que lá nascem, o que não vemos, mas antes os negros, que lá residem, tão negros são eles e seus filhos, como os outros que nunca saíram da sua terra. E por conseguinte, os portugueses, que nela de muitos anos habitam e seus filhos, não deixam de ser brancos; pelo que parece não causarem os raios do sol o efeito que tendes apontado.

BRANDÔNIO

Não se tornarem os negros nascidos em Guiné, depois de transpostos na nossa Espanha, brancos não é argumento bastante para confundir o que temos dito; porque, em tão poucos anos, como há que se costuma levar à Espanha, não era possível mudarem a cor, que tantos séculos deles adquiriram seus avós, habitantes naquela zona; demais que, se a geração dos negros, que lá vivem, fosse continuada em os mesmos que, juntamente, foram levados daquelas partes, propagando-se entre os filhos, netos e bisnetos, descendentes dos mesmos, tenho por sem dúvida, que já houveram mostrado a cor menos negra; mas isto passa pelo contrário, porque os filhos daqueles que primeiramente foram levados tornam a ter ajuntamento com as mulheres ou homens que novamente são trazidos; e por esta maneira torna de cada vez neles a se ir refrescando a cor negra adquirida de seus avós em tanto decurso de tempo. E, é tanto isto assim, que os nossos portugueses, que habitam por toda aquela costa, que houvessem sido por qualidade e natureza alvos e louros mostram, em breve tempo, a cor mais baça, em tanto que por ela é conhecido na nossa Lusitânia qualquer homem que houvesse andado pela costa de Guiné, somente pela cor que levam demudada no rosto; os filhos dos tais nascidos em Guiné, vão logo tomando a cor mais baça, e pelo conseguinte os netos; pelo que se, em decurso de pouco mais de cem anos que os portugueses cursam aquela navegação, se mostra tanta mudança na cor naqueles que a freqüentam, que maravilha é terem os daquela costa a cor negra, em tantos séculos de anos que nela habitam?

ALVIANO

Por maneira que todavia quereis afirmar que os raios do sol sejam causa da cor que nessa gente vemos?

BRANDÔNIO

Não tão-somente afirmo que os raios do sol sejam a causa de tal cor, mas também quero dizer até de terem os cabelos retorcidos; porque haveis de saber que, depois do dilúvio universal das águas começaram os filhos e netos de Noé a se dividirem pela redondeza da terra, como assentar cada um deles vivenda na parte ou região que mais lhe contentava; donde os descendentes do perverso Cam e seu filho Canaã vieram a povoar pela costa africana nesta chamada tórrida zona, que, por acharem tão temperada e acomodada para habitação humana assentaram nela vivenda pelos lugares marítimos; porquanto aqueles primeiros povoadores sempre buscaram o mar para haverem de viver às fraldas dele, pelas muitas comodidades que disso se lhe seguiam. E assim, havendo sido povoada aquela costa destas gentes de tantos séculos de anos a esta parte, que muito é que os raios do sol, dos quais são visitados duas vezes no ano retamente, andando-lhe sempre vizinho, lhes tornasse a cor branca, que primeiramente tinham herdado de seus pais e avós nesta negra, que agora lhes vemos; pois é certo que qualquer coisa, se for queimada, posto que branca, se torna preta e da mesma maneira digo que o mesmo sol foi e é a causa de terem o cabelo retorcido, pois temos bem experimentado que qualquer cabelo, que for chegado ao calor do fogo, se frange logo e faz-se retorcido. Pois sendo isto assim, no que não há dúvida, não deve de fazer espanto que os cabelos daquelas gentes crestadas por tanto espaço de tempo aos raios do sol, se tornassem encrespados; pelo que tenho por sem dúvida, que a cor preta e cabelo retorcido, que vemos nos naturais daquela costa, os raios do sol foram poderosos para obrarem neles o tal efeito.

ALVIANO

Quando isso houvera lugar na forma que o tendes proposto, o mesmo efeito, que dizeis que o sol causa nesses moradores da costa africana, houvera de causar em todos os mais habitantes do mesmo paralelo, e debaixo do mesmo zênite, o que vemos pelo contrário, pois, no mais, dentro do coração desta tórrida zona, por onde atravessa a linha equinocial estão as Índias Ocidentais, e esta grande costa do Brasil, que assim uma como a outra, é povoada de gente de cor baça, e quando os raios do sol houvessem sido os que obraram o efeito nessa outra gente, que tendes dito, também o devia de causar nesta outra; pois vivem debaixo do mesmo paralelo, o que vemos que sucede pelo contrário.

BRANDÔNIO

Bem haveis duvidado, assim vos confesso que devera de suceder, se não houvesse duas causas principais que o estorvam, nas quais fortifico as minhas razões; e assim digo que todos os habitantes por esta costa do Brasil e Índias teriam a mesma cor preta e cabelo retorcido, que têm os outros que habitam a costa oposta da África, se não foram os ventos frescos com que toda esta costa é lavada de ordinário; com os quais se resfriam os ares e terra, de maneira que não deixam lugar para que o sol com seus raios obre nela o efeito que faz na outra de Guiné.

ALVIANO

Por essa maneira deveis de querer que cuide que pela costa de Guiné não cursam ventos, e que se cursam são tão poucos, que não bastam para resfriarem os ares e terras, como fazem neste Brasil; e eu sei, por mo haverem dito pessoas dignas de fé, que, em muitas partes da costa africana, costumam a cursar ventos frescos.

BRANDÔNIO

É verdade que muita parte desta costa não carece de ventos, mas esses todos se lhe comunicam por cima da terra; porque, como os ventos mais ordinários desta zona são Lestes, aos que habitamos esta costa do Brasil vêm da parte do mar, sendo, por esse respeito, frigidíssimos e frescos, e aos da costa de Guiné vêm por cima da terra; e assim trazem consigo os ruins vapores e calor da mesma terra de onde nasce serem aquelas partes tão doentias e de tão ruim habitação para aqueles que as freqüentam, sendo, pelo oposto a do Brasil muito sadia e acomodada para a natureza humana, do que é a verdadeira causa os ventos frescos que de ordinário da parte do mar nela cursam. E experimentamos ser isto assim com os terrais que de madrugada costumam a ventar, os quais por toda esta grande costa americana, são mui prejudiciais para a saúde dos homens, que, por esse respeito, costumam fazer suas casas de habitação em forma que não estejam sujeitas a eles, e disto é só a causa de então ventarem da parte da terra; pelo que não há dúvida de ser esta uma das razões para os moradores e naturais do Brasil terem a cor baça, e não preta, como têm os de Guiné.

ALVIANO

Aprovo a definição, e a tenho por mui aparente; mas, para ficar melhor inteirado nesta matéria, vos peço que me digais a segunda razão, em que me dissestes fortificáveis a vossa.

BRANDÔNIO

A outra razão é que os moradores desta costa do Brasil não são tão antigos na povoação dela como são os negros da oposta costa de Guiné, dos quais sabemos, por escrituras autênticas que, depois de os filhos de Cam, donde descendem, virem a povoar aquelas partes, sempre continuaram até o dia de hoje na mesma habitação e terra, sem haver sucedido acidente nem coisa alguma, que os apartasse dela; antes sempre foram continuando a sua propagação, juntando-se com as mulheres de sua mesma nação, há tantos séculos de anos, o que não aconteceu aos moradores deste Brasil; porque são gentes adventícias a ele muito depois, e por esta razão, e a que já tenho dada, dos ventos frescos que por toda esta costa cursam da parte do mar, se livram seus moradores de terem também cor preta e cabelo retorcido.

ALVIANO

E que razão me podeis dar para que estes moradores do Brasil e Índias sejam mais modernos na habitação das mesmas terras que os da costa da África?

BRANDÔNIO

Desses moradores da costa africana nos consta, por escrituras dignas de fé, do antiqüíssimo tempo que há que vieram assentar vivenda por aquelas partes e das gentes desta costa do Brasil não temos notícias, de que se possa fazer caso do tempo que começaram a fazer sua povoação; porque, sendo todos eles, como são, filhos de Adão, e depois descendentes de Noé, dos quais sabemos que concorreram a habitar e a povoar as três partes do mundo, a saber: Asia, África, Europa, não se sabe que caminho hajam trazido os primeiros, que vieram povoar estas grandes incógnitas terras do Brasil e Índias, não sabidas nem conhecidas das gentes em tantos séculos de anos, porque não temos rasto nenhum pelas escrituras, pelo qual possamos inferir se vieram por mar, se por terra, nem ainda hoje em dia, com estar já tanto descoberto, se pode rastejar pela parte por onde podiam passar a estoutro Novo Mundo.

ALVIANO

Alembra-me haver lido em Aristóteles no livro que escreveu das coisas ocultas que se acham na natureza, que os fenicianos, desgarrando acaso pelo mar oceano em uma embarcação, navegaram quatro dias sem verem terra, ao cabo dos quais aportaram a uma terra oculta, que sempre estava em contínuo movimento das águas do mar que a cobriam e descobriam, deixando em seco grande cópia de atuns, maiores que os ordinários e neste mesmo livro diz o próprio autor que uns mercadores cartagineses da ilha de Cales, termo e limite das colunas de Hércules, ao cabo de muitos dias de navegação, toparam com algumas ilhas, muito distantes da terra firme, nas quais não acharam nenhuns moradores por não serem habitadas, posto que abundantes de todas as coisas necessárias para a vida humana, e estas ilhas tendo eu para mim, sem dúvida nenhuma, que devem ser aquelas que estão adjacentes; pois tanto tempo gastava na navegação à costa das Índias, que delas, depois de serem povoadas, se passaram seus moradores a habitar esta tão grande incógnita terra firme, donde tiveram origem os seus primeiros povoadores. Também tenho ouvido que um Velpócio Américo, natural de Cartago, navegando com uma embarcação pelo mar oceano, impelido de ventos rijos que lhe não deixaram tomar terra, veio a aportar a esta grande costa do Brasil, que do seu nome se chamou América; pelo que não sinto coisa por onde possa deixar de cuidar que de algumas daquelas gentes tomasse princípio a povoação deste Novo Mundo.

BRANDÔNIO

Verdade é que Aristóteles trata disso no livro referido; mas esses fenicianos, que afirma haverem achado essa ilha que se cobria e descobria das águas deixando muitos atuns em seco, e que gastaram quatro dias de navegação até topar com ela, creio por, sem dúvida, que devia de ser alguma restinga de terra, que então continuava com uma ilheta situada na costa do Algarve, a que chamamos do Pessegueiro, na qual paragem, por costumarem a continuar os atuns que por ali passam a desovar dentro do estreito, se tomam muitos hoje em dia, e o cobrir-se e descobrir-se das águas devia ser causa o fluxo e refluxo da maré, donde a continuação de tormentas e terremotos de tantos anos removeu para o fundo das águas a tal restinga de terra, como em muitas outras partes tem feito, deixando somente descoberta a ilha chamada do Pessegueiro, por ser terra mais alta, e como os fenícios, que então ali aportaram, vinham do estreito de Gilbraltar, bem necessários lhes eram esses quatro dias de navegação para aportarem àquela parte, principalmente sendo então tão pouco experimentados nas coisas do mar.

ALVIANO

Não me soa mal isso, e assim entendo não haver passado dessa ilha a navegação dos fenícios; mas que me dizeis da outra dos cartaginenses em que gastaram tantos dias?

BRANDÔNIO

Essas ilhas que relata Aristóteles haverem descoberto os cartaginenses, abundantes das coisas necessárias para a vida humana, não são outras senão as ilhas das Canárias, que estavam povoadas, antes de serem descobertas pelos castelhanos, de gentes a que chamam guanches, que deviam ser de descendentes daqueles primeiros cartaginenses, que as descobriram; e os dias que diz Aristóteles haverem gastado na navegação antes de chegarem a elas, não eram muitos para gentes tão pouco exercitadas na arte da navegação, como eles eram então; pois não há dúvida que, temerosos dos ventos e mares, fariam a navegação mais comprida, com não largarem tanta vela quanto era necessária, e a tomarem de noite, por não toparem, com a escuridade dela em alguns baixos onde se perdessem: pelo que não me fica dúvida nenhuma para deixar de cuidar serem estes cartaginenses os que deram princípio a se povoarem todas as ilhas chamadas das Canárias.

ALVIANO

E que me dizeis do Américo que se afirma haver aportado na costa do Brasil, e que dele tomou nome toda esta província de se chamar América?

BRANDÔNIO

Nenhuma certeza há a que hajamos de dar crédito, pela qual nos conste que esse Américo, quando seja verdade o que dele se escreve, houvesse aportado mais na costa do Brasil que na da África; porque, como faltavam aos antigos os instrumentos, com que hoje navegamos, pelos quais temos conhecimento da altura e paragem em que nos achamos, podia muito bem esse Américo aportar em qualquer parte da costa africana, sem saberem que era a mesma donde saíram; e como ignoraram isto os modernos, depois da descoberta da terra de Santa Cruz do Brasil por Pedralvares Cabral, quiseram cuidar que ela devia de ser a que se dizia que o outro descobriu, e por isso lhe deram o tal nome; e é tanto assim poder ignorar o Américo da paragem em que estava, que em nossos tempos, há poucos anos, partindo um navio do Rio de Janeiro para Angola, depois de muitos dias de navegação descobriram terra, e cuidando ser a de Angola, para onde iam, entraram pela barra dentro da Paraíba, que é nesta mesma costa do Brasil.

ALVIANO

E como é possível que se pudessem enganar esses navegantes tão crassamente?

BRANDÔNIO

Depois de haverem navegado muitos dias por sua direita derrota, devia de dar o navio em que iam alguma volta, e ao outro dia, vendo a proa inclinada para o Oeste, foram correndo por ele, cuidando que era Leste, sem repararem donde nascia ou se punha o sol, e assim cuidando que estavam em Angola, se acharam no Brasil„ na barra da Paraíba, que está na mesma altura.

ALVIANO

Dessa maneira não foi muito que errasse o Américo; pois esses outros erraram em tempo que havia já tanto conhecimento de navegar; mas, para darmos definição à nossa prática, vos peço que me digais a opinião que tendes da povoação deste mundo.

BRANDÔNIO

Já que me quereis tirar a terreiro sobre essa matéria, que eu estimava muito não me meter nela há-me de ser forçado tomar o salto mais de trás, para me poder melhor declarar. Querendo o santo profeta Rei David mostrar-se grato às muitas mercês e favores, que de Deus tinha recebido, pretendia edificar-lhe um célebre, suntuoso e grande templo, no qual seu santo nome fosse engrandecido e louvado das gentes, ao que lhe foi ponto interdito pelo mesmo Senhor, por respeito de ter as mãos sanguinárias dos muitos inimigos que havia morto nas guerras, que teve pelo decurso do tempo de seu reinado, ou pode ser que bem bastasse a ser reputado por sanguinário para com Deus a indina morte que fez dar a Urias, transportado no indino amor de Bersabé; vendo, pois, David o impedimento que lhe era posto por Deus, com o qual não podia levar avante o que tanto desejava, se deu a ajuntar materiais para a obra do templo, os quais deixou a seu filho Salomão com lhe encarregar o cuidado de lhe dar princípio e cabo, já que o ele não pudera fazer. O sábio rei que também herdara do pai o mesmo desejo, se resolveu para poder ajuntar muito ouro, prata, marfim e ébano, que sabia ser necessário, e ainda o principal nervo e sustância da obra, para haver de pôr na grandeza que ele queria, de fazer uma liga de contato com Hiram, rei de Tiro, para haverem de mandar todos os anos de Asiogaber, porto situado no mar Roxo, uma frota de naus que, desembocando o mesmo estreito, fossem buscar as coisas que pretendiam à região de Társis; o que, depois de se pôr em efeito, se continuou com esta navegação muito espaço de tempo, declarando a Escritura que estas naus iam ao porto de Ofir, donde traziam quantidade grande de ouro, prata, ébano, marfim e alguns papagaios e bugios, demorando na viagem, de ida e volta, três anos. Pois passando isto assim, no que não há dúvida, é de saber agora adonde estava este Ofir de que a Escritura trata, na região de Társis. E, pois, este nome Társis no frasis grego significa África, na tal costa devia de estar o porto de Ofir; pelo que Vatablo Parisiense errou sumamente em dizer que o Ofir era uma ilha situada no Mar do Sul, da costa do Peru descoberta por Cristóvão Colombo, chamada Espanhola.

ALVIANO

Não sofro haver homem que ousasse escrever tão grande erro; pois não era possível que gente ainda tão pouco experta na arte da navegação fosse buscar as ilhas de Maluco, para dali, pelo mar chamado do Sul, ir em demanda dessa ilha, que diz Vatablo; pois era navegação não sabida no mundo antes dos Espanhóis a haverem descoberto; e, se fizessem a sua derrota por estoutros mares lhes era

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

forçado haverem de passar o cabo de Boa Esperança, e dali atravessar pelo estreito de Magalhães, o que tenho por coisa impossível; pois vemos nestes próximos tempos, com termos tão apalpado este estreito, que já se sabe não o ser senão que mostra sê-lo pelo ajuntamento de muitas ilhas que ali se acham da outra parte do Sul dela, de maravilha pode ser bem navegado, como se experimentou na armada de Diogo Flores de Valdez, e outras, que da boca dele tornaram a arribar por causa dos tempos tormentosos, que naquela paragem de ordinário cursam.

BRANDÔNIO

Por esta maneira nem por uma parte nem por outra podiam fazer semelhante navegação, e eu me confirmo com esse mesmo parecer; pelo que devemos de buscar na costa africana algum lugar em que se achem as coisas que esta armada levava, que era ouro, prata, marfim, pau preto e alguns papagaios, de que a Escritura trata. Este Ofir querem muitos que seja a região a que hoje chamamos Sofala, descoberta pelos nossos portugueses.

ALVIANO

Nem essa razão me satisfaz, porquanto o reino de Sofala está tão vizinho do Mar Roxo e do seu estreito, que se pode fazer sua navegação de uma parte a outra em menos de trinta dias; e assim não conclui o dizer-se que, em viagem de tão pouca demora, se detivesse essa armada de Salomão tanto tempo, nem menos se pode cuidar que demorasse todo esse tempo, depois de estar no porto; para coisas tão manuais e tão fáceis de contratar, era grande a demora, e assim vos convém buscar outro porto de mais comprida navegação na costa africana.

BRANDÔNIO

O porto que esta armada demandava tenho por sem dúvida, e desta mesma opinião são muitos homens doutos, ser a costa a que hoje os nossos chamam de Mina, aonde está situada a cidade de S. Jorge porque, para navegarem para a tal costa, convinha dobrar-se o Cabo de Boa Esperança, e assim em tão comprida viagem lhes era necessário, àqueles navegantes, gastarem tanto tempo quanto a Escritura afirma que gastaram na ida e vinda, por serem pouco exercitados na arte de navegar, e na tal parte se acham em abundância

as coisas de que aquela armada tornava carregada; pelo que me tenho persuadido, por assim também o estarem muitos homens doutos, que a Mina era o verdadeiro Ofir, a que estas gentes navegavam. Pois, passando isto assim, quem duvida que algumas das naus da tal armada, que de força, a tornada, às águas e tempos a deviam de chegar ao Cabo a que chamamos de Santo Agostinho, desse à costa nesta terra do Brasil, e que da gente que dela se salvasse tivesse origem a povoação de tão grande mundo?

ALVIANO

Antes tenho, para mim, que esta povoação teve princípio dos chinas, que pelo mar da costa do Peru chamado do Sul vieram aportar a esta grande terra de qualquer maneira que fosse, pois sabemos por coisa indubitável que os chinas são muito antigos na navegação, e que deles esteve povoada a maior parte das Índias Orientais, e de que se acham muitos vestígios, donde se tornaram a recolher aos seus reinos e províncias, por entenderem assim se conservariam melhor.

BRANDÔNIO

Não duvido de haverem sido os chinas muito antigos no navegar, e que pode muito bem ser que deles tivesse princípio a costa do Peru, e que a ela podiam muito bem vir a aportar pelo mar do Sul, posto que não se acha rasto nem na fala, nem nos costumes nem em outra coisa alguma de haverem procedido as gentes daquelas partes dos chinas, e quando procedessem deles, não se pode cuidar que este gentio do Brasil tivesse o mesmo princípio, porque se desencontram em grande maneira assim na fala, costumes e mais ações do gentio do Peru, o qual é fraquíssimo por natureza e pouco inclinado a guerras, e os desta outra costa, belicosíssimos e que vivem de guerras e correrias, e faz bastante prova disto não se haverem nunca comunicado o gentio desta costa do Brasil com os da costa do Peru, nem há notícia que em nenhum tempo o hajam feito; e assim o experimentaram os castelhanos, quando descobriram aquelas partes, porque para se haver de passar do Brasil ao Peru se antepõem de permeio mil dificuldades de grandes desertos e espessas matas, altíssimas serras e, sobretudo, pouca ou nenhuma água, por esse motivo até o dia de hoje não houve pessoa, nem dos naturais nem dos nossos, que ousasse atravessar tão grande terra.

Alviano

Não me desagrada a definição que tendes dado a uma coisa e outra; mas não me posso persuadir que tão bárbaro gentio, como é o que habita por toda esta costa do Brasil, traga a sua origem da gente israelita, porque, se a trouxeram, de força se lhes havia de comunicar alguma polícia de seus pais e avós, o que nós não vemos neles.

Brandônio

Confesso que os primeiros pais deveram de mostrar e ensinar a seus filhos e netos o uso das artes e polícia que tinham; mas essa como havia de ser ensinada somente de palavra, não podia passar à memória de tão comprida geração, em gentes a que lhe faltaram logo as escrituras e o mais necessário para a conservação das artes e polícia, em terras tão remotas e incógnitas, como eram as que habitavam e assim com a continuação do tempo se lhe haviam de ir varrendo da memória o que seus avós lhe tinham amostrado, como ficarem no estado em que de presente os conhecemos. Mas, contudo, ainda hoje em dia se acha entre eles muitas palavras e nomes pronunciados na língua hebréia e da mesma maneira, costumes como é tomarem suas sobrinhas por suas verdadeiras mulheres, que nem uma coisa nem outra fariam se os não houvessem aprendido de quem os sabia. E com toda a sua barbaridade têm conhecimento das estrelas dos céus de que nós temos notícia, posto que lhes aplicassem nomes diferentes, pelo que tenho por sem dúvida, descenderem estes moradores naturais do Brasil daqueles israelitas que navegaram primeiro pelos seus mares.

Alviano

Não disputemos mais sobre essa matéria, porque com ela nos havemos desviado muito de nossa prática, que era havermos de tratar dos bons céus, ares e qualidade de que goza a terra do Brasil.

Brandônio

Não cuido eu que nos havemos desviado muito dessa matéria, porque quanto dissemos foi necessário para voltarmos à dúvida do

obstáculo que lhe podia fazer a toda esta costa do brasiliense, ao seu bom temperamento o estar situada no coração da zona tórrida julgada dos antigos inabitável por calorosa, a qual pelo contrário temos já experimentado ser mais acomodada para a habitação da natureza humana, para o que, quando não tivéramos outra prova, bastara a que nos dá o mesmo gentio da terra, que com andarem descobertos e trazerem as carnes despidas aos raios do sol e à fúria dos ventos e cortados das águas, não tendo outra coisa por abrigo de dia ou de noite senão um pequeno fogo, a cujo calor se aquentam, fazendo tão grande excesso no comer e beber desordenado, como de ordinário fazem, todavia prevalecem gozando de perfeita saúde, com serem acompanhados de robustos membros e grandes forças, o que não pudera suceder, se os bons ares e temperamento da terra não lhes dessem grande ajuda e nutrimento.

Alviano

Não haverá quem a isso ponha dúvida, porque, passando eu os dias passados por suas aldeias deste gentio, vi alguns homens que no seu aspeto me parecem de idade muito comprida.

Brandônio

Acham-se muitos índios por toda esta costa do Brasil, que têm de idade, mais de cem anos, e eu conheço alguns destes, aos quais lhes não falta dente na boca, e gozam ainda de suas perfeitas forças, com terem três e quatro mulheres, as quais conhecem carnalmente, e me afirmaram não haverem sido em todo o decurso da sua vida doentes; e assim geralmente todo este gentio é muito bem disposto, do que tudo é causa os bons céus e bom temperamento da terra (^{2}).

Alviano

Vi levar algum gentio deste natural da terra a nosso Portugal, aonde se logram mal e morrem apressados os mais deles e sempre ignorei a causa disso.

Brandônio

O não se dar bem o gentio deste Brasil em Portugal corrobora a minha razão do bom temperamento dele; porque, como vão de terra tão sadia e de tão bons ares para essa outra que lhes fica inferior em tanta quantidade não sofre a natureza acostumada a tão excelente habitação e temperamento, como é a terra do Brasil, de onde os levam, padecer as injúrias que o tempo com seus calores e frios causa na nossa Espanha, e por isso não se podem lograr nela, e vêm a perder a vida brevemente, o que não sucede ao gentio que se leva para lá do reino de Angola e de todo Guiné, que, como vão de terra doentia e de ruim habitação, se contenta a sua natureza de gozar do clima de nossa Espanha que lhe sobrepuja em todas as qualidades de mais sadia e isto mesmo sucede ao gentio que se lá leva das Índias Orientais; mas no Brasil se acha isto ao revés, porque toda gente de qualquer nação que seja prevalece nele com saúde perfeita, e os que vêm doentes cobram melhoria em breve tempo. E a razão é o serem estas terras do Brasil mais sadias e de melhor temperamento que todas as demais.

Alviano

Pois tinha crido que a causa do gentio não prevalecer em Espanha não era outra senão o irem de clima quente para o frio, o qual os corta logo e põe no extremo da vida.

Brandônio

De terra muito mais quente vai o gentio de Guiné e da ilha de S. Tomé, e todavia prevalecem em Espanha, sem ser parte o frio de lhes fazer dano, como vão também os mais que se trazem da Índia, e assim não é essa a causa senão a que tenho dito.

Alviano

Dou-me por concluído, porque ali de força há de ser de mau temperamento, como o são todas as demais partes por onde ela passa.

Brandônio

Também vos enganais, porquanto são de tal temperamento as terras do Brasil por onde passa a linha equinocial, como as demais que estão muito desviadas dela, e temos isto muito clara experiência no Pará novamente povoado, por outro nome chamado o *Rio das Amazonas*, cujo porto, sítio e povoação atravessa essa linha de meio a meio, e nem por isso deixa de ser mesmo temperada e sadia, e de maravilhosa habitação para a natureza humana, porque tem tão bom céu e goza de tão bons ares toda a terra do Brasil, que nenhuma das causas que costumam fazer dano por outras regiões o fazem nela, nem cobram forças para o poderem fazer.

Alviano

O ser ainda reinol e vindo de pouco a esta terra me faz ignorar em muitas coisas que aos antigos nela são patentes, e por isso não vos maravilheis se vos perguntar algumas já muito notórias, porque a mim o não são pelo respeito que tenho dito e assim não vejo razão pela qual careça este Estado do Brasil de enfermidades, como tendes apontado, havendo-as em todas as demais partes do mundo em tanta quantidade e neste lugar aonde estamos, no pouco tempo que nele resido, tenho ouvido queixar a muitos homens de particulares enfermidades que padecem.

Brandônio

Eu não disse absolutamente que no Brasil não havia doenças, porque isso seria querer encontrar a verdade; mas o que quis dizer é que as doenças, que há neles, são tão leves e fáceis de curar, que quase se não podem reputar por tais, e senão vede quanto gentio habita por toda esta costa, o qual, com viver tão brutalmente, fazendo tanto excesso no comer e beber em suas borracheiras, que só em uma noite das muitas que gastam nelas era bastante para matar a mil homens, contudo a eles lhes não faz dano, e vivem sãos e bem dispostos. Verdade é que algumas vezes lhes sobrevêm algumas febres de pouca consideração, da qual saram com facilidade, somente com se lavarem no mais vizinho rio que encontram.

ALVIANO

Bom modo de curar é esse, porque, se estando eu tão enfermo, metesse um só pé dentro dágua seria bastante para chegar ao último da vida.

BRANDÔNIO

Pois a eles o meterem-se dentro dágua serve de medicina, e, quando lhes dói a cabeça, com rasparem os cabelos, ficam sãos, e também sucede terem algumas câmaras, para as quais aplicam alguns medicamentos ao seu modo, com os quais se curam delas. Também adoecem muitas vezes de um mal a que chamam do *bicho*, (³), que é o mais ordinário da terra, o qual não é outra coisa senão uma fogagem que se cria dentro do sesso bastante para relaxar os membros em grande maneira, com febre e dor de cabeça, o que se cura facilmente somente com se lavar aquela parte três ou quatro vezes com água morna (*); e quando se lhe não acode com esse medicamento tão fácil, basta aquela fogagem para vir a corromper todo o sesso com morte do enfermo, como eu já vi suceder a muitos.

ALVIANO

De semelhante doença não ousei nunca tratar em Espanha nem em outra parte, pelo que cuido que só deve de haver neste Estado.

BRANDÔNIO

Antes cuido que é generalíssima por todo o mundo, e que dela morre multidão grande de gente, sem os médicos atinarem com ela, porque em Portugal a dois outros enfermos, que estavam muitas vezes sangrados, e os físicos determinaram de os consumir ainda com mais sangrias, aconselhei o haverem-se de curar com água morna (**), porque podia bem ser que fossem doentes do bicho, os quais, seguindo meu conselho, cobraram perfeita saúde.

(*) Escrito por cima fria.

(**) Escrito por cima fria.

ALVIANO

Pois que meio há para o homem poder vir em conhecimento se está doente desse bicho ou não?

BRANDÔNIO

Muito fácil é o que se costuma fazer nesta terra: tomam um pequeno de tabaco, por outro nome *erva-santa*, em falta de outra erva a que chamam *payémannioba* (⁴), e pisada com sumo de limão, metem uma pequena quantidade dela no sesso do enfermo, e, se está doente do bicho, lhe causa grande ardor, e pelo contrário não tem nenhum ou quase nada; e esta erva pisada com o sumo de limão cura também grandemente a mesma enfermidade.

ALVIANO

Folgo de me haverdes advertido de semelhante segredo, porque a qualquer repiquete que me sobrevenha de febre e de dor de cabeça, sou aos pés juntos com a experiência da mezinha: e se este gentio não padece mais doenças que as que tendes referido pode-se reputar por livre delas.

BRANDÔNIO

Sim, padecem; porque também são molestados de sarampo e bexigas, de que morre grande quantidade de gente (⁵). Mas estas doenças, principalmente as bexigas, são estrangeiras, que se lhes costuma comunicar, vindas do reino de Congo e de Arda pelos negros que de lá se trazem, com fazerem grandíssima matança, assim no gentio natural da terra como no de Guiné, e no ano de 616 e 617 ficaram muitos homens neste Estado do Brasil de ricos pobres pela grande mortandade que tiveram de escravos. E a graça é que este mal das bexigas não se comunica senão ao gentio natural da terra, e no de Guiné, e nas pessoas que são filhos de brancos, e do gentio a que chamam mamalucos, e ainda a todos aqueles nascidos na própria terra, posto que de pais e mães brancos; mas aos que vieram de Portugal e foram lá gerados, sendo portugueses ou de outra nação das de Europa, por nenhum modo se lhes comunica o mal, ainda que a duas outras pessoas vi também morrer dele; mas uma andorinha não faz verão entre tão grande multidão, como morre dos outros.

Alviano

Brava consolação é essa, que deve de causar algum oculto segredo, que nós não conhecemos, e folgarei de saber que modo se tem na cura dessa enfermidade de bexigas.

Brandônio

Nem os meios experimentados na terra nem os médicos que nela residem até o presente acharam método nem regra, pela qual se deva de curar semelhante enfermidade; porquanto, dando sempre com febre ardente se mandam sangrar ao enfermo, morre, e, se o não mandam sangrar, também morre; e pelo opósito, se o sangram vive, e se o não sangram também vive. Verdade é que os que adoecem de uma espécie de bexigas, a que chamam *pele de lixa*, por fazer a pele do enfermo semelhante à daquele peixe, quase que nenhum escapa, porque se lhe despe a pele do corpo, como se fosse queimada ao fogo com o deixar todo em carne viva; e eu sei enfermo, ao qual se lhe caiu a pele de uma perna toda inteira, ficando fora dela, como meia-calça, e desta maneira morre muita gente, sem se poder achar remédio preservativo para tão grande mal, com ser doença que se comunica de uns a outros, como se fora peste.

Alviano

Não tenho eu essas bexigas, na forma que dizeis que se comunicam e matam, por menos prejudicial que a peste, a qual também deve de haver neste Estado.

Brandônio

Antes não, porque os seus ares são tão delgados e os céus tão benignos que não consentem haver em toda esta costa do Brasil esse mal pernicioso de peste, como o costuma haver por toda a Europa, Ásia e África; porquanto na memória dos homens não há lembrança que semelhante enfermidade se achasse nunca nestas partes, antes o seu clima é tanto contra ela, que, vindo muitas pessoas do nosso Portugal no tempo que nele havia febre, iscadas e ainda doentes do mesmo, em passando a linha equinocial para esta parte do Sul, logo convalecessem, e os ruins ares que trazia o navio se desfazem e consomem, e, quando fica algum rasto dele, totalmente se extingue e acaba em o navio tomando terra nesta costa, que não pode ser melhor temperamento da terra.

Alviano

Assaz prova é essa do bom céu de que goza este Novo Mundo, pois doença tão contagiosa por outras partes nele se diminuem e abrandam logo.

Brandônio

Assim é que o bom temperamento da terra dá causa a todas essas maravilhas, pelo que, tirando as doenças que tenho relatadas, não sei outras senão algumas postemas e chagas, de que saram os enfermos com facilidade, aplicando-lhes os medicamentos ordinários, e também com folhas e sumos de ervas que conhecem, sem nunca chegarem a ter necessidade de cirurgiões, barbeiros nem sangrias.

Alviano

Não são tão fáceis de curar semelhantes postemas e chagas em Portugal, porque se consome muito tempo na cura delas.

Brandônio

Pois neste Brasil se curam com a facilidade que tenho dito, e para isso vos direi o que vi por próprios olhos, que não ousava de afirmar em parte onde me faltassem os testemunhos, que aqui tenho: um negro de Guiné, meu escravo, chamado Gonçalo, se lhe cerrou de todo as vias ordinárias que temos para fazer câmara e urinar, e se lhe abriu pelo umbigo um buraco, por onde por muitos dias fez semelhante exercício, o qual se lhe tornou também a cerrar de per si com se lhe abrir outro igual buraco na ilharga direita, pelo qual obrou também suas necessidades mais de seis meses, ao cabo dos quais, sem nenhuma cura, nem medicamento, tornou a sarar, abrindo-se-lhe de novo as vias ordinárias, pelas quais foi purgando, como de antes, com ter perfeita saúde e viver muitos dias (6).

ALVIANO

Cousa estranha me contais nisso, e com muita razão vos temeis de o relatar senão nessa parte, onde vos ofereceis a acreditar o dito com testemunhas, que para isso nunca haverá outras de mais forças que o dizerdes vós; mas folgarei de saber com que se purgam os enfermos nesta terra.

BRANDÔNIO

Com medicamentos purgativos que vêm do Reino, e se vendem em boticas, de que sempre está a terra bem provida, posto que também se acham nelas excelentes purgas de que o mais da gente usa como é a batata, já também muito estimada em Portugal, e uns pinhões que se colhem de umas árvores de que os campos estão povoados (7).

ALVIANO

Desses pinhões tenho ouvido dizer mil males, e afirmar deles ser purga muito trabalhosa pelos muitos e grandes vômitos que causam.

BRANDÔNIO

Desse modo passava, mas já hoje por se tomarem de diferente modo não causam esses acidentes e vômitos, que dantes faziam.

ALVIANO

Folgarei de saber o modo que se guarda de presente no tomar esses pinhões.

BRANDÔNIO

Muitas pessoas usam deles com, depois de esbrugados, lhes tirarem uma pelinha que têm de fora, e juntamente outra do meio, para o que é necessário ser aberto, e logo o tornar a juntar, e o encerram dentro em uma fruta que chamam *goiaba*, e em falta em outra que chamam *araçá* e os põe a assar juntamente com as frutas sobre o borralho, e como está assada tiram dela, por que com o calor do fogo largam dentro na fruta a malinidade que tinham, e, botada a fruta fora, pisam os pinhões em um gral com um pouco de açúcar branco, no qual se incorporam e depois de tudo incorporado fazem um pequeno bolinho, que se torna a assar sobre um testo nas brasas, ficando do modo de maçapão, como se advertir que se há de fazer somente de cinco pinhões a purga, que o enfermo há de tomar uma hora ante manhã, e com ela obra maravilhosamente até se lhe dar o caldo de galinha que lhe restringe as câmaras.

ALVIANO

Bem fácil é esse modo de purga, e sempre folgarei, quando me seja necessário, de me aproveitar dele.

BRANDÔNIO

Também sucede neste Brasil, assim aos nossos Portugueses, como aos naturais da terra, dar-lhes um acidente de câmaras e a revezar que lhes dura por espaço de 24 horas pouco mais ou menos, e posto que na Índia semelhante doença, a que chamamos *mordexin*, é mortal, aqui o não é, porque passado o termo do acidente sem mais medicamento fica o enfermo são (8).

ALVIANO

E quando sucede ser este gentio ferido nas guerras, a que me tendes dito que são muito inclinados, que modo têm na cura de tais feridas?

BRANDÔNIO

Proveu a natureza com lhes dar um azeite que se tira de uma árvore chamada *copaúba* (9), da qual toma o azeite o nome, e com ele curam as feridas por ser de tão maravilhosa virtude, que em breve tempo saram delas, e quando a tal ferida é penetrante por ser dada com flecha, e o pequeno buraco dela lhes não dá lugar a se poderem servir do azeite, tomam por remédio fazerem uma cova no chão, dentro na qual lançam brasas envoltas em fogo, pondo em cima de tal cova uma taboinha com buraco pequeno no meio, sobre o qual acomodam o lugar da ferida, com se lançar para o efeito o enfermo em terra, e ali com o calor do fogo que se lhe comunica pelo buraco despede a ferida de si todo o sangue podre e malinidade que tinha, e corrobora-se a carne de maneira que, sem mais outro benefício, fica o enfermo são.

ALVIANO

Também tenho ouvido gabar muito em Portugal para feridas um bálsamo que se lá leva das Capitanias do Sul.

BRANDÔNIO

Esse bálsamo é excelente remédio para elas, mas não se acha senão nas Capitanias, donde o levam, que são as do Sul (10), e as da parte do Norte carecem dele, e por isso se servem do azeite que tenho dito.

ALVIANO

A um meu vizinho tenho visto queixar muitas vezes de uma chaga que tem em um pé, de que não pode sarar.

BRANDÔNIO

Todas as pessoas que neste Brasil têm chagas ou feridas na cabeça saram com muita facilidade delas, e as dos pés e pernas são mais dilatadas e ajuda a serem más de curar o pouco regimento que os enfermos costumam a ter.

ALVIANO

E os nossos Portugueses que habitam por estas partes usam do próprio remédio desse azeite de copaúba e bálsamo?

BRANDÔNIO

Sim, usam porque têm experimentado ser excelente remédio para feridas; mas nas mais enfermidades guardam na cura delas diferente estilo, porque se curam com médicos, barbeiros e cirurgiões portugueses.

ALVIANO

E que doenças são as mais gerais para com os portugueses?

BRANDÔNIO

Os Portugueses depois que vêm do Reino os costuma apalpar a terra com uma febre e frio de pouca importância, porque com duas ou três sangrias saram delas, e quanto mais se dilatam em serem apalpados do clima, se lhe comunica a mesma febre e frio com mais força, mas de modo que nunca chega a ser doença de consideração. Também os antigos da terra são visitados das mesmas maleitas, terçães e ainda quartães, as quais prevalecem em uns mais e em outros menos, segundo a natureza e compleição de cada um; mas morre muito pouca gente de semelhante enfermidade, a qual se cura pelos médicos com purgas e sangrias (11).

ALVIANO

Com toda essa boa qualidade da terra, tenho visto muitos homens nela faltos de narizes e com remendos pelo rosto, e outros meio entrevados; claro indício de haverem sido tocados do humor boubático, a qual enfermidade tenho para mim que domina desta parte com grande excesso (12).

BRANDÔNIO

Verdade é que pelo calor da terra se comunica esse mal a muitos homens mal regidos e dados a mulheres, mas cura-se com muita facilidade, porque com uma pequena de salsaparrilha, precedendo o regimento necessário no tomar delas, cobram os enfermos perfeita saúde, e também a alcançam com fazerem exercício de andar e outras coisas que provoquem o corpo a suor, e quando em alguns predomina o mal com mais força o azougue o extingue e o consome de todo, o qual no Brasil se toma com facilidade e pouco risco; e esses homens que dizeis haverdes visto com deformidades no rosto, o seu pouco regimento foi disso causa, porque, se o tiveram, cobravam saúde, como os mais.

Alviano

Com tudo isso eu tenho para mim que se não desviaram da verdade os Espanhóis em afirmar que este mal se comunicou a Europa destas partes.

Brandônio

Isso não querem consentir os índios, mas antes afirmam que nunca o conheceram antes dos Portugueses virem a povoar este Novo Mundo, e que por eles se lhe comunicou.

Alviano

Não disputemos isso, pois nos importa pouco, que o que sei é que, quer o mal tivesse princípio destas partes ou de outras, é muito pernicioso para os tocados dele. Também me dizem que neste vosso Brasil se acham uns *bichos* que se metem pelos pés, com os quais me fizeram grandes medos em Portugal.

Brandônio

Com bem pouca razão vô-los fizeram, porque desses bichos muitas pessoas tomam por recreação o entrarem-lhes nos pés para serem tirados, por uma gostosa comichão que neles fazem (¹³).

Alviano

E de que feição são esses bichos?

Brandônio

Muito mais pequenos em quantidade que as pulgas do nosso Portugal, enquanto andam pela terra; na que é arisca se dão melhor, e deles entram pelo pé, onde vão crescendo, e, quando há descuido em se tirarem, vêm a se fazer tamanhos, como uma camarinha, e a mesma cor, mas, em entrando no pé, com a comichão que causam logo dão sinal de sua entrada, donde se tiram com um alfinete

ou uma ponta de faca com muita facilidade e pouca moléstia, e pode-se sofrer a descomodidade destes bichos, posto que muitas pessoas o que não têm por tal, pela falta que há na terra das mais imundícias que nos molestam em Portugal.

Alviano

E que imundícias são essas de que dizeis que carece a terra?

Brandônio

De piolhos que não permanecem nela por nenhum caso, e pelo conseguinte pulgas e percevejos que os não há.

Alviano

Só por gozar da falta dessas cousas podia homem largar Portugal, onde tanta moléstia dão e vir-se a viver no Brasil.

Brandônio

Parece que a qualidade da terra desbarata a vida de semelhantes bichos, de modo que não podem prevalecer nela.

Alviano

Pois eu não acho que esta terra tão quente que baste para fazer semelhante excesso.

Brandônio

O calor temperado dela é o que faz, porque, posto que tenhamos muitas vezes o sol sobre a cabeça, todavia causa pouco ou nenhum dano a seus habitadores; porque os ares frescos, que de ordinário cursam resfriam os seus raios, de maneira que causam um temperadíssimo calor, de modo que, com os homens andarem pouco enroupados, nem os raios do sol os escaldam, nem os ventos os traspassam. Verdade é que a lua se tem por menos sadia, e como tal se guardam dela, mas isto não em tanta quantidade, que conhecidamente impeça aos que se põem ao luar.

ALVIANO

Já tenho experimentado esse bom temperamento, e o tenho pelo melhor que possa ser, pois, assim na força do verão como do inverno, sempre a terra tem uma mesma temperança, em forma que a mesma roupa de verão serve para o inverno, sem ser necessário dobrá-la.

BRANDÔNIO

Assim passa, e ainda tenho notado outra coisa assaz estranha, a qual é que não há lembrança na memória dos homens de que haja havido em algum tempo tremor de terra nesta província, como de ordinário costuma de haver na nossa Espanha.

ALVIANO

Não é cousa essa de pequena consideração, de onde tenho para mim que a terra deste Brasil deve ser toda sólida e maciça, sem ter cavernas, furnas ou lapas por baixo, onde se possa recolher o ar que costuma causar esses tremores; e também pode ser que disto proceda o seu bom temperamento de que me tendes dito tanto e assim folgara que nos passássemos a tratar de sua riqueza e fertilidade.

BRANDÔNIO

Isto é já tarde e a matéria comprida, pelo que me parece acertado reservarmo-la para amanhã, que neste lugar vos espero.

ALVIANO

Assim seja, porque não quero ir em nada contra vosso gosto.

NOTAS

1. Todo o diálogo segundo é dedicado à definição do clima e temperamento do Brasil, como então se dizia, que vale o mesmo que clima e salubridade dos tratados modernos. Dos seis diálogos que compõem o livro, este é o que encerra matéria mais "dificultosa de soltar", como disse Brandônio; mas também é o que demonstra de sua parte maior soma de conhecimentos, com o trato dos autores antigos, a exposição e a crítica de suas opiniões.

Brandônio não era médico, como Garcia da Orta; dele nenhum depoimento existe de que tenha passado, como o outro, por Coimbra ou Salamanca. Simples colono, simples mercador, por isso mesmo é que maravilha como dispusesse de tamanho cabedal científico, de tão extensa erudição em matérias que por seu ofício ou profissão não estava obrigado a versar, quanto mais a ensinar.

Principia por contestar a Ptolomeu e aos de sua escola a doutrina que professavam sobre a inabitalidade da zona tórrida, pelo muito calor que imaginavam devia nela reinar, por isso que duas vezes no ano o sol por ali passa para os trópicos. Contrariando-a, escuda-se no parecer de outros filósofos, secundado pela própria experiência, de que a intensidade daquele calor é moderada pelos ventos frescos que de ordinário cursam na mesma zona e por outras condições atmosféricas, bastantes para temperar os ares e tornar a vida humana não só acomodada, mas até deliciosa. Fundado nessas razões, chega a assegurar que nenhuma parte do mundo é mais sadia e de melhor temperamento do que a terra do Brasil. "E é tanto assim que não faltam autores que querem afirmar estar nesta parte situado o paraíso terreal..." Não se faz mister acompanhar o autor em sua exaltada dissertação a tal respeito, nem em suas teorias sobre as raças, a adaptabilidade delas a climas diferentes, os caldeamentos étnicos, a origem dos americanos, as navegações de Fenícios, Cartagineses e Chineses e outras questões conexas. Suas idéias mais curiosas do que interessantes, refletem, como é natural, as lições da ciência de seu tempo, aceitas ou rejeitadas com o discernimento e a independência de quem já conquistara sob o sol dos trópicos "um saber e experiência feito", de que fala o épico imortal. Vale a pena, porém, recensear as fontes de que se utilizou, porque dessa incursão pela bibliografia antiga resulta a prova mais evidente da ilustração do autor. Em primeiro lugar acha-se Aristóteles, fundador da escola dos Peripatéticos, de quem lhe deviam ser familiares a *Física,* onde se encerram os tratados do céu, dos meteoros, do mundo e da alma, e a *História natural,* que compreende um tratado dos animais e outro das plantas. Segue-se Cláudio Ptolomeu, o mais célebre dos astrônomos da Antigüidade, cuja principal obra é a *Composição* ou *Sintaxe matemática,* a que os árabes chamaram Almagesto. Vem logo citado Lucano, o poeta latino do tempo de Nero, o qual, salvo engano, parece usurpar aqui o lugar que compete a Lucrécio, o poeta da *Natureza das Cousas.* Mostram-se a seguir Averroes, por outro nome Ab-l-Walid Mahammed Ben Rosch, o famoso filósofo e astrônomo árabe, nascido em Córdoba em 1126 e morto em Marrocos em

1198, que foi o introdutor de Aristóteles no Ocidente, quem primeiro traduziu o *Almagesto*, autor de uma grande obra sobre medicina, vertida para o latim sob o título de *Colliget* (do árabe *Kulliyyat*, obras completas), publicada em Veneza, 1482. Vêm ainda Pedro Paduense, ou Pedro o Físico, que floresceu no século XIV e compôs a *Margarita prestiosa novela corretissima*, cerca de 1330; Alberto Magno, um dos sábios mais ilustres da Idade Média, que foi um dos comentadores de Aristóteles; e Avicena, Abu Ali Hoçein Ben Abdallah Ben Sina, grande médico e fiósofo árabe, nascido na Pérsia em 980 e morto em 1037, autor do *Canon*, que durante séculos foi o texto nas escolas da Ásia e da Europa. Seguem-se ainda: Juntino, ou Junctinus, como foi conhecido o teólogo e astrônomo italiano Francesco Giuntini, nascido em Florença em 1522 e morto em Lyon em 1590, de quem se conhecem o *Tractatus judicandi revolutionis nativitatum*, Lyon, 1570, e o *Speculum astrologiae*, mesmo lugar, 1580; Sacro-Bosco, nome latinizado de Johanes de Holywood, monge inglês que viveu no século XIII e escreveu *De sphoera mundi*, Ferrara, 1472, a primeira obra de astronomia divulgada no Ocidente depois da queda do império romano; e Vatablo Parisiense, sábio hebraizante morto em Paris em 1547, que foi quem, na França, deu impulso aos estudos de hebreu e traduziu em latim os *Parva naturalis* de Aristóteles. A Bíblia conhecida sob o nome de *Bíblia* de Vatablo, contém o texto hebreu, a Vulgata e a versão de Leão de Judá. Se a esta lista se juntar o grego Dioscórides, referido em outro diálogo, médico e botânico, com o seu tratado sobre *Matéria médica*, ter-se-ão todos, ou quase todos os nomes mais representativos da ciência antiga, que o autor dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* conhecia e citava.

2. A longevidade dos índios do Brasil vem assinalada em vários documentos. Na *Nova Gazeta da Terra do Brasil* (Newen weytung ausz Presillg Landt), de 1515, já vem a notícia de que essa gente alcançava a uns cento e quarenta anos de idade. Claude d'Abbeville fala de um velho índio chamado *Momboré Ouassou*, "agé de plus de neuf vingts ans", de quem ouviria que havia assistido ao estabelecimento dos Portugueses em Pernambuco e no Potengi.

   — Conf. *Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan*, fls. 149, Paris, 1614.

3. Depois do autor dos Diálogos, quem primeiro tratou do *mal do bicho* foi Piso, *De Indiae utriusque re naturali et medica*, 41, Amsterdan, 1658, que lhes deu os nomes de *teicoaraiba*, dos indígenas (literalmente: *teicoára*, buraco do corpo, ano, sesso, e *aiba*, corrupto, podre, decomposto), *doença do bicho* ou *bicho del cúlo*, dos portugueses. Chamam-lhe ainda *mal del cúlo*, de onde, por contração, *maculo*, que prevaleceu entre os médicos brasileiros, ou *corrupção*, que também tem curso.

   Ao Dr. Pirajá da Silva, ilustrado professor da Bahia, nome aureolado na ciência brasileira, deve o anotador as eruditas informações que insere nesta nota:

   "Sobre a distribuição geográfica do *maculo* no Brasil — diz Silva Lima — exceção feita da Bahia, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Minas, onde Luís Gomes Ferreira o observou, não temos informações certas, mas apenas idéias vagas e tradição persistente de seu aparecimento em todos os lugares onde aportavam, ou para onde eram remetidos os negros novos, trazidos da Costa Ocidental da Africa, isto é, quase todo o litoral do país. Esta crença geral e principalmente as declarações positivas de Piso e de Sigaud, parecem estabelecer que fora importado o *maculo*, como também o foram outras moléstias, pelos numerosos carregamentos de escravos que os navios negreiros, na frase consagrada pelo tempo, *desovavam* nas nossas cidades marítimas, ou nas suas imediações. — Non est Endemium malum huic regioni, sed frequens indigenas aeque ac adventitios infestans. — Piso, *op. et loc. cit.*

"O Dr. José Rodrigues de Avreu, que esteve no Brasil de 1705 a 1714, escreveu em sua *Historiologia Médica*, Lisboa, 1733, a respeito da corrupção do bicho ou *maculo*, que esse mal atacava principalmente os que estavam junto à costa. Luís Gomes Ferreira, no *Erario Mineral*, Lisboa, 1735, tratando da mesma doença, definiu-a como "uma largueza e relaxação do intestino reto e seus músculos". Disse que o nome *corrução* era bem dado, porque realmente existia a largueza de diversos graus, desde a simples laxidão até caber um punho na cavidade retal, o que se acompanhava de mucosidades viscosas, fétidas que expulsas deixavam ver ulcerações e chaguinhas, terminando por gangrena. Gomes Ferreira insiste no calor e falta de asseio, como causas de tal doença. Em prova do calor, narra o que aconteceu com a frota de João Semedo, que vinha para o Rio de Janeiro e se meteu muito na costa de Leste, onde as calmas obrigaram as naus a estacionar; com isso adoeceram os soldados que, purgados ou sangrados iam morrendo em porção, até que se descobriu um médico natural do Rio de Janeiro, que concluíra seu curso em Coimbra e regressava à sua terra em navio mercante. O dito médico, atendendo ao muito calor que fazia, e aos sinais que apresentavam os doentes, os mandou lavar por baixo, e ver se estavam largos e corruptos, e isto percebeu por ser muito comum em sua terra a tal enfermidade; e que assistindo nos navios alguns dias e os mandando lavar a miúdo e refrescar com todas as cousas frescas, não morreu mais ninguém".

Segundo Castelnau, *Expedition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud*, III, 68-69, Paris, 1851, a doença existia em Mato Grosso, e dela morrera o benemérito Ricardo Franco de Almeida Serra. Descreve-a, *apud* Weddel, seu companheiro de expedição, como uma febre ataxodinâmica, cujo período de incubação dura de oito a quinze dias, fazendo após terrível explosão, com fortes dores na região occipital, letargia que pode ir até à ausência completa de todo sentimento e de todo movimento, durante a qual o esfincter anal se relaxa por tal forma, que a mão inteira pode ser introduzida no intestino do paciente, Conforme Castelnau, os negros e mulatos resistem mais do que os brancos a essa doença epidêmica.

Da ocorrência do maculo em Mato Grosso testemunham ainda o Dr. João Severiano da Fonseca, *Viagem ao redor do Brasil*, I, 187-188, Rio, 1880, e o visconde de Taunay, *A cidade de Mato Grosso*, in *Revista do Instituto Histórico*, LIV, parte 2.ª, 48, que devido a ele, complicado com uma febre perniciosa, ouviu dizer que morreu o capitão-general João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, em 28 de fevereiro de 1796.

O Dr. Pirajá da Silva cita Castelani e Chalmers, que em seu *Manual of Tropical Medicine*, 1919, quando se ocupam do *maculo*, "epidemie grangrenous rectite", o consideram de etiologia desconhecida. A doença inicia-se por um prurido nas margens do ânus, a que se seguem sintomas de disenteria aguda, até chegar a descarga de líquido sanguinolento, fétido ou esverdeado. Podem ocorrer: prolapso, grangrena do reto e convulsões, caso em que o paciente não resiste. Dizem alguns autores que por vezes se desenvolvia a miíase, ou bicheira, no reto prolabiado; daí, talvez, a denominação de *mal do bicho*, ou também por julgarem que vermes intestinais, *oxyurus vermicularis*, e outros fossem a causa do morbo.

Os remédios aplicados aos doentes do *maculo* eram apózemas de limão com pimenta, que lhe despejavam no reto por meio cuias, ou sacatrapos feitos de pano, fios ou algodão, embebidos em limão, e a que juntavam pimenta, aguardente e pólvora.

E havia quem escapasse dessa cura...

4. A erva-santa é a Solanacea *Nicotina tabacum*, Linn., e a *payemannióba, pajamarióba* ou *manjerióba*, é a Leguminosa caesalpinoideácea *Cassia occidentalis*, do mesmo autor.

Dessa última planta escreveu Almeida Pinto, *Dicionário* de *Botânica Brasileira*, 292, Rio, 1873, que na primeira invasão da cólera-morbo no Brasil, 1856, no Brejo da Areia (Paraíba), foi empregada sua raiz raspada, em infusão, misturada com um pouco de aguardente: era específico contra as diarréias coléricas.

5. Não se pode precisar exatamente quando em partes do Brasil irromperam as primeiras epidemias de varíolas e sarampões; mas não errará quem disser que surgiram com as primeiras levas de escravos importados da costa da Africa.

Brandônio assegura que aquelas doenças eram estrangeiras, principalmente as bexigas, vindas do reino do Congo e de Arda, pelos negros que de lá se traziam.

Dois navios franceses, procedentes da África, desesperados com a invasão de bexiga a bordo, acolheram-se à Bahia em 1597, apesar da guerra em que estavam a França e a Espanha. Foram as tripulações desses navios que atacaram o castelo de Arguim e roubaram a imagem de Santo Antônio ali venerada; a esse fato atribuem os cronistas o castigo que eles sofreram.

— Conf. Jaboatão, *Novo Orbe Seráfico*, parte 2.ª, I, 80-86; Frei Agostinho de Santa Maria, *Santuário Mariano*, IX, 191-194. — Veja a nota (13), do diálogo primeiro.

6. O pobre Gonçalo seria portador de uma apendicite supurada, na opinião de eminente professor consultado a respeito.

As apendicites naquele estado podem, raramente, é verdade, abrir-se para o exterior, feito o bloqueio interno por pseudomembranas que resguardam de infecções a cavidade peritoneal. Ainda hoje seu tratamento cirúrgico consiste em abri-las para fora, como abcesso. Cessado o obstáculo, desinflamados os tecidos, a arte, como mais penosamente a natureza, pode recompor as vias naturais.

Vários médicos e clínicos têm acentuado, no interior do país a relativa benignidade de casos graves, nas capitais e meios urbanos mais infectados.

Benedickt, sábio professor de Viena, chamou a atenção, no Primeiro Congresso Internacional de Antropologia Criminal, reunido em Roma em 1885, para a *disvulnerabilidade* e a *analgesia*, resistência a lesões graves e à dor, que oferecem certos degenerados, — *Actes*, I, 92-109, Turim, 1886. Lombroso e discípulos fizeram disso apanágio de criminosos, atribuindo esse caráter aos povos primitivos. Afrânio Peixoto, *Epilepsia e Crime* (Tese de doutoramento), Bahia, 1897, encontrou-o em negros e mestiços da Bahia. O caso de Manoel Benício dos Passos, vulgo "Macaco Beleza", famoso desordeiro bahiano, mestiço epiléptico, analgésico e disvulnerável, foi magnificamente estudado por Afrânio Peixoto na tese citada.

O escravo de Brandônio, negro da Guiné, lograria daquela vantagem de sua raça, em um meio pouco infectado.

7. É pinhão-de-purga, ou pinheiro-do-inferno, arbusto grande da família das Euforbiáceas, *Jatropha curcus*, Linn., cujas sementes são, segundo os autores, fortemente drásticas e eméticas. O óleo delas extraído é purgativo e se vende nas farmácias com o nome de *Oleum ricini majori*, ou *Oleum infernale officinale*.

— Conf. F. C. Hoehne, *Vegetais antelminticos*, 86, São Paulo-Rio, 1920.

8. Garcia da Orla, *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, I, 261, 264, Lisboa, 1891, define essa doença como *colerica passio*, a que os indianos chamavam *morxi* e os Portugueses corruptamente *mordexi*. Era para ele enfermidade causada de muito comer, e atacava principalmente os homens que muito comiam e aos que comiam maus comeres, como a um cônego mancebo que de comer pepinos, morreu; e também aos que eram dados muito à conversação das mulheres.

O conde de Ficalho, em seu erudito comentário a essa passagem de Garcia da Orta, *op. cit.*, 275, com fundamento em Yule and Burnell, *Hobson-Jobson, being a Glossary of Anglo-Indian Colloquial words and phrases*, s. v. *mort-de-chien*, diz que o nome da cólera em guzerate parecia ser *morchi* ou *morachi*, e que é evidentemente e quase sem alteração o *moryxy* de Gaspar Correa, o *morxi de Orta*. Contesta-o Rodolfo Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, s. v., que opina que o étimo da palavra é o concani *marata modxi* (literalmente "quebrantamento", de *mordoük* ou *modnem* "quebrar-se"), sendo sua transcrição exata *morxi*, como ouviram na Ásia Garcia da Orta e Diogo do Couto, e sua corruptela *mordexi* ou *mordexim*. Dessa corruptela, levados pela eufonia, fizeram os velhos médicos franceses *mort-de-chien*, que se tornou corrente nos livros, não só franceses, como de outras línguas da Europa, apesar de sua evidentíssima impropriedade.

A copaúba ou *copaiba* é uma árvore da família das Leguminosas, divisão Caesalpiniácea, *Copaifera langsdorfii*, Desf. e C. *martii*, Hayne, de cujo caule, por incisão, se extrai o óleo que tem as virtudes apontadas no texto.

Foi Jean de Léry, *Histoire d'un Voyage fait en la Terre du Brésil, autrement dite Amerique*, 201, La Rochelle, 1578, quem primeiro assinalou essa árvore, que Gandavo, *História da Provincia de Santa Cruz*, 99, Rio, 1924, assim descreveu: "Um certo gênero de árvores há também pelo mato dentro na Capitania de Pernambuco a que chamam Copaíbas, de que se tira bálsamo mui salutífero e proveitoso em extremo, para enfermidades de muitas maneiras, principalmente das que procedem da frialdade; causa grandes efeitos, e tira as dores por graves que sejam em muito breve espaço. Para feridas ou quaisquer outras chagas, tem a mesma virtude, as quais tanto que com ele lhe acodem, saram mui depressa, e tira os sinais de maneira, que de maravilha não se enxerga onde estiveram e nisto faz vantagem a todas as outras medicinas. Este óleo não se acha todo o ano perfeitamente nestas árvores, nem procuram ir buscá-lo senão no estio que é o tempo em que assinaladamente o criam. E quando querem tirá-lo dão certos golpes ou furos no tronco delas, pelos quais pouco a pouco estão estilando do âmago este licor precioso. Porém não se acha em todas estas árvores, senão em algumas, a que por este respeito dão o nome de fêmeas, e as outras que carecem dele chamam machos, e nisto somente se conhecem a diferença destes dois gêneros, que na proporção e semelhança não difere nada umas das outras. As mais delas se acham roçadas dos animais, que por instinto natural quando se sentem feridos ou mordidos de alguma fera as vão buscar para remédio de suas enfermidades".

— Conf. Gabriel Soares, *Tratado descriptivo do Brasil* em 1587, 196, Rio, 1851; Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, 62, Rio, 1925.

10. Gandavo, *História da Província Santa Cruz*, 100, Rio, 1924, da *cabureíba* ou *cabreúva*, árvore da família das Leguminosas divisão Papilionácea, *Myrocarpus fastigiatus*, Fr. All.

Nicolau Monardes, *História medicinal de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales, que sirven en Medicina*, fls. 9-11 v., Sevilha, 1574, foi talvez quem primeiro tratou desse bálsamo, que por excelência e maravilhoso efeito comparou ao que havia em terra do Egito.

O bálsamo que se levava das Capitanias do Sul era extraído, a ele se refere, assim como Gabriel Soares, *Tratado descritivo*, 193-194, e Fernão Cardim, *Tratados*, 61-62.

Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, 30, ed. de 1918 informa que o Sumo Pontífice o tinha "declarado por matéria legítima da santa unção e crisma, e como tal se mistura e sagra com os santos óleos onde falta o da Pérsia".

A árvore era abundante na Capitania do Espírito Santo.

11. As febres do Brasil foram muitas e anônimas. Francisco de Mello Franco, no começo do século XIX, escreveu um tratado sobre as febres do Rio de Janeiro; no terceiro quartel do século foi a vez de João Vicente Torres Homem, e no último Francisco de Castro planeara ainda um terceiro tratado. José Maria Bomtempo, que foi dos primeiros professores do Brasil, quando aqui se fundou o ensino médico, já protestava contra o abusivo emprego da preciosa casca da quina: contra os exageros do emprego da quinina viria a protestar também o sábio Francisco de Castro. É que a obsessão do paludismo, da malária, das sezões ou maleitas, terçãs e quartãs, dominava o europeu em terras estranhas, principalmente na América. Tudo aqui era palustre.

Com a noção dos mosquitos transmissores e a pesquisa microscópica, os casos rarearam nos centros povoados. Os casos freqüentes de febres — resfriados, embaraços gástricos, gripes, linfatites — já não impressionam e vão-se como vieram, às vezes sem tratamento, com ou sem resguardo.

Os autores europeus, ao lado da insolação — *coup de soleil, sunstroke, Hitschlag* — admitem o *coup de chaleur, syriasis, Warmschlag*, ou intermação, febre de calor, devida não à incidência direta dos raios do sol, mas ao calor difuso do ambiente. Esses acidentes são freqüentes nas Índias, na África, mesmo na Europa e na América do Norte, o grande calor estival não tem o anteparo, e para nós defesa, da grande umidade ambiente, que no Brasil nos protege nessas ocasiões.

As febres que Brandônio aponta estão nessas duas categorias, febres anônimas de calor, ou de pequenas infecções.

É o que ao anotador, leigo na ciência de Hipócrates, ensina esclarecido professor e prezado amigo.

12. As boubas, ou mal boubático, como lhe chama o autor, eram comuns entre os indígenas da América. André Thevet, *Les Singularitez de la France Antarctique, autrement nommée Amérique*, fls. 86 v., Paris, 1558, foi o primeiro a descrever a doença, a que chamou *pians*; Jean de Léry, *Histoire d'un Voyage fait en la Terre du Brésil, autrement dite Amérique*, 332-333, La Rochelle, 1578, referiu tê-la observado na baía de Guanabara, até nas crianças. Era pian o nome que lhe davam.

Gabriel Soares, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, 326-327, Rio, 1851, estudando os indígenas da Bahia, disse que são "mui sujeitos à doença das boubas, que se pegam de uns aos outros, mormente enquanto são meninos; porque se não guardam de nada: e têm para si que as hão de ter tarde ou cedo, e que o bom é terem-na enquanto são meninos, aos quais não fazem outro remédio senão fazer-lhas secar, quando saem para fora, o que fazem com as tingirem com genipapo; e quando isso não basta, curam-lhe estas bustelas das boubas com a folha da caraoba..."

Yves d'Evreux, *Suitte de l'Histoire des Choses plus memorables aduenues en Maragnan*, 119-121, Leipzig-Paris, 1864, observou que o *pian* excedia em dor e nojo, sem nenhuma comparação, ao mal de Nápoles, e era bem feito, porque o pecado que cometiam os Franceses com as índias merecia essa viva punição.

Piso, *De Indie utriusque re naturali et medica*, 43, Amsterdam, 1658, escreveu: "Quae quidam lues huic regioni est Endemia, & Bubas ab Hispanis, atque *Miá* Brasilianis appellatur."

O padre Labat, *Nouveau Voyage aux Isles de l'Amérique*, II, 120, Haya, 1724, encontrou a bouba nas Antilhas, sob o nome de *epian*. "Os caraíbas — diz ele — são muito sujeitos ao *epian*. Devemos confessar que essa doença é peculiar à América e natural dela; todos os que aqui nascem, negros ou caraíbas, de qualquer sexo que sejam, são atacados do mal, quase ao nascer, bem que seus pais, mães e amas sejam sãos, ou pelo menos o pareçam; devemos chamar-lhe *mal americano*, pois que nasceu neste país e daqui é que os espanhóis, primeiros conquistadores deste Novo Mundo, o levaram para a Europa."

O Dr. Bernardino Antônio Gomes, em 1797, estudou a doença no Brasil e escreveu a *Memória sobre as boubas*, publicada na História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa, tomo IV, parte I (1815). Em sua opinião era o flagelo da escravatura do Brasil, onde era doença trivial, que não atacava exclusivamente os pretos, mas também os brancos e indígenas, ou naturalizados, que a ela se expunham.

Dos autores modernos que trataram da matéria devem ser referidos o Dr. João Alves Carneiro, *Memória sobre as boubas*, lida na Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, em 3 de Setembro de 1835, e publicada no *Diário da Saúde*, 1836, p. 405 e segs.; o Dr. Sigaud, *Du climat et des maladies du Brésil*, Paris, 1844; o Dr. G. P. de Miranda Pinto, *Breves considerações sobre as boubas e seu diagnóstico diferencial*, Paris, 1866, o Dr. Gama Lobo, *A bouba atoucinhada* (gorda), in *Anais Brasileiros de Medicina*, tomo XX, (1868-69), p. 593 e segs.; e diversos outros.

Quanto à origem das boubas, acreditam alguns autores que fossem elas importadas com os negros da África; mas contra esse parecer há o testemunho de vários viajantes, como já se viu, que afirmam que os indígenas do Brasil também eram sujeitos ao mal desde os primeiros tempos da colonização. Da confusão entre as boubas e sífilis deve ter-se originado a lenda de que esta foi levada da América para a Europa, o que aliás Brandônio contesta com bom fundamento. Doença tropical, era natural naturalíssimo que as boubas existissem na América como na África, mas não eram a sífilis. No Brasil, por muito tempo, confundiu-se a leishmaniose, pela predileção mutilante do tabique nasal, com a sífilis e com a lepra.

O sábio Professor Pirajá da Silva, que bondosamente forneceu ao anotador os elementos desta explanação, considera a leishmaniose doença endêmica, mas, no que diz respeito à lepra e à sífilis, julga terem sido introduzidas no Brasil pelos colonos europeus e africanos.

À luz da parasitologia moderna, sabe-se que a sífilis, a bouba e a leishmaniose são doenças parasitárias, que correm por conta dos seguintes protozoários morbígenos: a primeira é devida ao *Treponema pallidum*, descoberto por Schaudin, em 1905; a segunda ao *Treponema pertenue*, descoberto por Castellani, no mesmo ano; e a terceira à *Leishmania brasiliensis*, Gaspar Viana, 1911.

Os principais nomes dados à bouba são: *framboesa*, *polipapillum tropicum*, *yaws*, *pian* e *miá* ou *miã*. *Pian* e *miã* são nomes tupis; *epian*, dado pelo padre Labat como caraíba, deriva-se evidentemente daquele, que se incorporou ao léxico francês como termo de medicina, ao lado de *mamanpian*, que é na doença o tubérculo maior, e que toma a forma de úlcera profunda, sem fungosidades, de onde escorre matéria purulenta.

13. Do bicho de pé, *Sarcopsylla penetrans*, Linn., salienta Brandônio a "gostosa comichão" que causa ao entrar nos pés das pessoas, que muitas até o tomam como recreação.

Ao mesmo propósito escreveu D. Francisco Manuel de Mello *Carta de Guia dos Casados*, 42-43, Lisboa, 1765: "Nenhum vício entra tamanho como é. Aquele bicho que no Brasil se padece por achaque sem falta que com a providência nô-lo deu a natureza a todo o mundo por exemplo; entra invisível, começa entretenimento, passa a ser moléstia, chega a ser doença e acontece que pode ser perigo".

Um viajante inglês, que esteve no Rio de Janeiro em 1648, Richard Fleckno, em seu livro *A Relation of ten years travels in Europe, Asia, Afrique, and America*, 75, Londres, s. d. (*circa* 1655, escreveu o barão do Rio Branco no exemplar existente na biblioteca do Itamarati), refere-se assim ao bicho-de-pé: "... Mas o que me molestou mais do que tudo, foi uma espécie de poeira animada que insensivelmente se transforma em vermes dentro dos pés, crescendo tanto quanto os bichos dos queijos, e, se não são extraídos com cuidado, deixam ovos para a reprodução de centenas de outros. Durante mais de um mês sofri tormentos por causa deles, impossibilitado de caminhar, sendo transportado em rede (hamatta está por hamac, vocábulo caraíba, que significa rede), e verificando quanto o sofrimento está próximo do prazer. No começo, quando se apossaram de meus pés, sentia tal comichão, que coçar-me era a maior satisfação do mundo; mas, ao cabo de alguns dias, tal foi a dor, que não me recordo jamais de ter padecido outra igual".

DIÁLOGO TERCEIRO

Brandônio

Por não ser notado de negligente há já pedaço que vos espero, gozando desta viração que corre aqui da parte do mar assaz fresca.

Alviano

A importunação de uma visita me fez cair na falta de haver tardado; mas contudo as horas são apropriadas para darmos princípio à nossa prática, que é o havermos de tratar da riqueza, fertilidade e abundância deste Brasil, e assim vos peço me digais destas cousas as que souberdes, porque me tendes disposto para vos ouvir com atenção.

Brandônio

São tão grandes as riquezas deste Novo Mundo e da mesma maneira sua fertilidade e abundância, que não sei por qual das cousas comece primeiramente; mas, pois todas elas são de muita consideração, farei uma salada na melhor forma que souber, para que fiquem claras e dêem gosto. Pelo que, começando, digo que as riquezas do Brasil consistem em seis cousas, com as quais seus povoadores se fazem ricos, que são estas: a primeira a lavoura do açúcar, a segunda a mercancia, a terceira o pau a que chamam do Brasil, a quarta os algodões e madeiras, a quinta a lavoura de mantimentos, a sexta e última a criação de gados. De todas estas cousas o principal nervo e substância da riqueza da terra é a lavoura dos açúcares (¹).

Alviano

Não deve de ser de muita consideração a riqueza que consiste somente de fazer açúcares, pois vemos que da nossa Índia Oriental se enriquecem seus mercadores de tantas e diversas cousas, como são grande quantidade de drogas prestantíssimas, roupas muito finas, ouro, prata, pérolas, diamantes, rubis, e topázios, almíscar, âmbar, sedas, anil e outras mercadorias, de que as naus vêm de lá todos os anos colmadas para a Espanha.

Brandônio

Verdade é que todas essas cousas e outras mais se trazem dessas partes; mas contudo me esforço a provar que, com se não tirar do Brasil senão somente açúcares, é mais rico e dá mais rendimento para a fazenda de Sua Majestade de que são todas essas Índias Orientais.

Alviano

A muito vos arrojais, e certamente que parece desvario o quererdes pôr semelhante cousa em prática, pois o poder-se provar está tão longe, como a terra dos céus, e assim vos peço não queirais que vos ouça ninguém semelhante proposta, porque será julgada geralmente por ridiculosa.

Brandônio

Não me hei de desdizer do que tenho dito com todas essas carrancas que me ides fazendo, antes entendo provar o que digo mui claramente, como já outra vez o fiz no Reino diante dos senhores governadores no ano de 97 (²); porque vós não me haveis de negar que todos os anos vão do Reino para a Índia três, quatro e algumas vezes cinco naus, que dela tornam carregadas de mercadorias.

Alviano

Assim passa.

Brandônio

Também não duvidareis que cada uma destas naus faz de despesa à fazenda de Sua Majestade até posta à vela, feita de novo, ao redor de quarenta mil cruzados.

Alviano

Nem isso nego.

Brandônio

E da mesma maneira que manda nelas em cada ano Sua Majestade, de cabedal em reales de oito e de quatro para se haver de comprar a pimenta na Índia, ao redor de duzentos mil cruzados.

Alviano

E muitas vezes mais.

Brandônio

E outrossim que paga de soldo aos soldados, gente do mar, que se assentam para ir à Índia, e de moradia a seus criados, mercês a fidalgos e outras pessoas particulares, muito grande quantidade de dinheiro.

Alviano

Não há dúvida nisso.

Brandônio

Também deveis de saber que cada nau dessas, depois de vir da Índia a salvamento, carregada de fazendas, importa a Sua Majestade, afora a pimenta que traz, de quarenta e cinco para cinqüenta contos de réis e por tantos se arrendam publicamente a pessoas que as tomam por contrato, e deste dinheiro se abate ainda muito, de que Sua Majestade se não aproveita, em descontos que se fazem na casa da Índia, e isto com muitas vezes não chegarem a salvamento ao Reino mais de uma ou duas naus.

Alviano

Desse modo passa; mas além desse dinheiro, por que Sua Majestade manda arrendar cada uma dessas naus, como tendes dito, se arrecadam por seus ministros os fretes das ditas naus para sua fazenda, que devem de importar em grande pedaço.

BRANDÔNIO

Os fretes de cada nau não importam à fazenda de Sua Majestade mais que ao redor de três contos de réis, e em tantos os arrendou um amigo meu no ano de seiscentos e um, e destes três contos se fazem tantos descontos de lugares que o Viso-rei dá na Índia a particulares, que quase se vem a consumir tudo nisso e noutras cousas, donde sucede vir Sua Majestade a embolsar mui pouco dinheiro destes fretes.

ALVIANO

Pois como é possível que umas naus de tão grande porte dêem tão pouco de frete?

BRANDÔNIO

É disso causa os muitos lugares que Sua Majestade nelas dá, porque o capitão tem sua câmara, despensa e outros lugares que sempre para os tais estão deputados, e da mesma maneira o piloto, mestre, contramestre, guardião, marinheiro, que todos têm lugares assinalados, de modo que até o menino grumete e pajem não carecem dele, em forma que nos lugares, que por esta ordem se distribuem e liberdades concedidas por Sua Majestade, se ocupa toda a praça, onde se podia meter fazenda nas naus que pagassem frete, donde nasce o pouco rendimento que delas tem sua fazenda.

ALVIANO

Estou já bem nessa causa, mas não nessa longa computação que ides fazendo.

BRANDÔNIO

Faço-a para provar minha tenção que o Brasil é mais rico e dá mais proveito à fazenda de Sua Majestade, que toda a Índia; porque não me haveis de negar que para as naus, que dela, vêm, virem carregadas de fazendas que trazem, se desentranha todo esse Oriente com se ajuntar a pimenta do Malabar, a canela de Ceilão, cravo de Maluco, massa e noz-moscada da Banda, almiscre, benjoim, porcelana e sedas da China, roupas e anil de Cambaia e Bengala, pedraria do Balagate e Bisnaga e Ceilão; por maneira que é necessário que se ajuntem todas estas cousas de todas estas partes para as naus que vêm para o Reino poderem vir carregadas, e se se não ajuntassem não viriam.

ALVIANO

Isso é cousa clara que todos sabem.

BRANDÔNIO

Pois o Brasil, e não todo ele, senão três capitanias, que são a de Pernambuco, a de Tamaracá e a da Paraíba, que ocupam pouco mais ou menos, no que delas está povoado, cinqüenta ou sessenta léguas de costa, as quais habitam seus moradores, com se não alargarem para o sertão dez léguas, e somente neste espaço de terra, sem adjutório de nação estrangeira, nem de outra parte, lavram e tiram os portugueses das entranhas dela, à custa de seu trabalho e indústria, tanto açúcar que basta para carregar, todos os anos, cento e trinta (*) ou *cento e quarenta* (**) naus, de que muitas delas são de grandíssimo porte, sem Sua Majestade gastar de sua fazenda para a fábrica e sustentação de tudo isto um só vintém, a qual carga de açúcares se leva ao Reino e se mete nas alfândegas dele, onde pagam os direitos devidos a Sua Majestade, e se esta carga que estas naus levam se houvesse de carregar em outras da grandeza das da Índia, não bastariam 20 semelhantes a elas para a poderem alojar.

ALVIANO

Posto que não posso negar o passar isso desse modo, todavia é de muito menos importância, para a fazenda de Sua Majestade, o direito que se lhe paga dos açúcares de aquele que arrecada das fazendas e drogas que vêm da Índia.

BRANDÔNIO

Enganai-vos, porque nestas naus que carregam nas três capitanias da parte do Norte que tenho dito, sem tratar das demais do Sul, devem de ir passando de quinhentas mil arrobas de açúcares, dos quais quero que sejam cem mil arrobas de açúcar, a que

---

(*) Riscado e escrito por cima — *oitenta*.
(**) Riscado e escrito por cima — *duzentos*, com letra diferente.

chamam panelas. Todos estes açúcares pagam de direito na alfândega de Lisboa, o branco e o mascavado a duzentos e cinqüenta réis a arroba, e as panelas a cento e cinqüenta réis a arroba, isto afora o consulado (³), de que feita a soma vem a importar à fazenda de Sua Majestade mais de trezentos mil cruzados, sem ela gastar nem despender na sustentação do Estado um só real de sua casa, porquanto o rendimento dos dízimos, que se colhem na própria terra, basta para sua sustentação. Ora, fazei a este respeito computação do que lhe rendem as mais capitanias do Sul, nas quais entra a Baía de Todos os Santos, cabeça de todo este Estado, e depois desta feita formai uma conta de deve e há de haver como de mercador, e de uma parte pondo o que Sua Majestade gasta em cada um ano com as naus que manda à Índia, soldos da gente de guerra e marítima, moradias de seus criados, mercês feitas a particulares, juntamente com o cabedal que manda para a compra de pimenta, e de outra parte o que ela lhe rende, e juntamente o preço por que arrenda os direitos das naus que de lá vêm, e notai bem o que houver de avanço para o igualardes com o rendimento que colhe do Brasil das três capitanias referidas tão-somente, e vereis conquanto excesso sobrepuja ao da Índia, e assim não hei mister mais prova para corroborar minha verdade.

ALVIANO

Parece muito esse rendimento, que quereis aplicar ao Brasil, porque nem todos os açúcares pagam esse direito por em cheio, pois sabemos que muitos não pagam nenhum, por gozarem da liberdade que Sua Majestade tem concedido às pessoas que novamente fazem engenhos.

BRANDÔNIO

Assim passa; mas essa liberdade, que Sua Majestade concede aos engenhos feitos de novo, não dura mais que por tempo de dez anos (⁴), e passados eles perece, e posto que contudo sempre pagam menos direitos os senhores de engenhos e lavradores que carregam seus açúcares por sua conta, são poucos os que fazem. E não vai a dizer nisso cousa de consideração, e para semelhante quebra deixei de contar de indústria na soma que acima fiz o rendimento do pau-Brasil, que se leva deste Estado das mesmas três capitanias para o Reino, que importa mais de quarenta mil cruzados por ano, que os ministros de Sua Majestade cobram no Reino dos contratadores dele, e assim o rendimento das alfândegas do Estado, direitos que

se pagam dos algodões e madeiras nas alfândegas do Reino, que importam em grandíssimo pedaço, descompensada uma cousa de outra achareis que mais é o rendimento destas cousas que a diminuição da liberdade que apontastes.

ALVIANO

Em verdade que tão persuadido estava em cuidar o contrário disso que tendes provado e mostrado claramente que ainda agora me está titubeando o entendimento por me parecer sonho o que vos tenho ouvido; mas contudo o que eu sei é que tenho visto em Portugal muitas casas grandíssimas e homens de muita renda granjeada e adquirida com dinheiro, que adquiriram e ganharam na Índia, e não acho nenhum, e, se alguns, são poucos que tenham lá semelhantes casas e rendas com o dinheiro que levassem do Brasil.

BRANDÔNIO

Isso é maior indício de sua riqueza, porque os homens da Índia, quando de lá vêm para o Reino trazem consigo toda quanta fazenda tinham, porque não há nehum que tenha lá bens de raiz e se os têm são de pouca consideração, e como todo o seu cabedal está empregado em cousas manuais embarcam-nas consigo e do preço por que as vendem no Reino compram essas rendas e fazem essas casas; mas os moradores do Brasil toda a sua fazenda têm metida em bens de raiz, não é possível serem levados para o Reino, e quando algum para lá vai os deixa na própria terra, e desses deveis de conhecer muitos em Portugal, e assim não lhes é possível deixarem cá tanta fazenda e comprarem lá outra, contentando-se mais de a terem no Brasil pelo grande rendimento que colhem dela. E, para concluirmos, nesta terra achareis muitos homens que têm a cinqüenta, cento e ainda duzentos mil cruzados de fazenda, e na Índia muitos poucos destes, e, se os que vivem no Brasil, fossem mais curiosos, de maiores cousas poderiam lançar mão para se fazerem ricos e Sua Majestade colher mais rendimento dele.

ALVIANO

Folgarei em extremo que me digais que cousas são essas que prometeis poderem dar tanto de si.

Brandônio

Pouco disse em dizer que podia ainda este Brasil ser mais rico e dar mais rendimento para a fazenda de Sua Majestade, se esse senhor e os de seu conselho quiserem pôr os olhos nele, porque se os pusessem, fora também bastante o Brasil a fazer com que os Holandeses e mais estrangeiros que navegavam para a Índia cessem de suas navegações e comércios, sem Sua Majestade despender nisso um real nem se arrancar contra eles espada.

Alviano

Se isso não for obrado encantamento, pelas vias ordinárias não sei como possa ser.

Brandônio

Sem encantamento se poderá dar à execução, quando Sua Majestade e os senhores do seu conselho se quiserem dispor a isso.

Alviano

Pois dizei-me o modo.

Brandônio

Notório é que os Holandeses não armam para a Índia à custa dos Estados, antes os mercadores o fazem à sua própria custa e despesa, aprestando as naus que para lá navegam, de que o cabedal para a fábrica delas e mercadorias que hão de levar se ajuntam por muitas pessoas que nelas se interessam, metendo uns mais e outros menos, segundo o muito ou pouco dinheiro com que se acham, de que se faz livro, no qual por partidas se declara com quanto cada entrou, e feita a viagem, tornando a nau a salvamento, se vende a fazenda e do monte-mor se tiram os gastos, e do que resta se faz conta de a quantos por cento houve de ganho. E tantos fazem bons a cada um dos armadores, com se lhe tornar o cabedal que meteram acrescentado naquela conta.

Alviano

Assim passa, porque um grande amigo meu, que assistiu em Frandes muitos dias, me afirmou que deste modo se fazem; mas isso que simpatia tem para o Brasil poder impedir o comércio a essas gentes?

Brandônio

Muito grande porque já sabemos que a principal mercadoria e de mais porte, que essas naus vão buscar à Índia, é a pimenta, porque o cravo, massa, noz, porcelanas, benjoim e cousas semelhantes que também trazem são acessórias, e não servem para o nervo de sua mercancia; porque muito pouca de cada uma destas basta para fartar todas estas partes do Norte, atento que estes estrangeiros não podem trazer canela, roupas, nem anil, por não se acharem na parte onde eles comerciam com os Índios. Assim que pimenta é a que querem, e pimenta a que vão buscar, e de pimenta tiram o proveito que têm da sua navegação.

Alviano

Pois que é o que quereis dizer nisso?

Brandônio

Digo que devia fazer Sua Majestade o que fez El-Rei D. Manuel, de gloriosa memória, para impedir o trato da pimenta que se trazia por terra à Veneza por via do Cairo, donde se passava e vendia por toda a Europa (⁵).

Alviano

Que é o que fez El-rei?

Brandônio

Depois de descoberta a navegação da Índia, querendo que a pimenta só corresse por mãos de Portugueses, com se navegar dela somente em suas naus para Europa, pretendeu cerrar de todo aquele comércio em Veneza, o que fez desta maneira: mandou pessoas confidentes que fossem àquela cidade, para que se informassem com toda a verdade do custo que fazia um quintal de pimenta posto nela, e por quanto se devia vender para tirarem ganho os que nela comerciavam por aquela via, e, depois de bem informado disto, mandou a Frandes feitores portugueses, para que lhe vendessem a sua pimenta que para lá mandava por preço que se por ele se vendesse a que vinha à Veneza, ficassem perdendo muito dinheiro os mercadores que nela contratavam, e desta maneira todos os que haviam mister ter pimenta concorriam a comprar a de El-rei, por se vender mais barato, e como por semelhante preço não podiam dar os Venezianos a sua sem muito dano pelo custo que lhe fazia, cessaram de seu comércio.

Alviano

Acabai já de vos desembuçar.

Brandônio

Digo que toda a terra deste Brasil é tão caroável de dar pimenta que, de por si sem benefício algum, nasce grande quantidade dela pelos campos de diferentes castas, mas não daquela que vem da Índia, que deixa de dar por não se achar na terra semelhante semente e, quando a houvesse, daria daquela sorte pimenta sem número.

Alviano

Não duvido disso, porque já sei bem que a terra é mui disposta para produzir pimenta, em tanto que os pássaros que a comem, indo a estercar a outra parte, ainda que seja sobre troncos de árvores, ali nasce; mas é necessário que vos acabeis de declarar nesses argumentos que ides tomando.

Brandônio

Foi-me necessário propô-los para haver de vir a dizer o que pretendo, e é que Sua Majestade devia de mandar uma caravela à Índia, para que somente lhe trouxesse de lá muita semente de pimenta em pipas ou em outra parte, onde mais acomodada viesse, e que a tal caravela passasse pelo Brasil, onde a fosse entregando nas capitanias de Sua Majestade aos capitões-mores que a repartissem pelos moradores, obrigando-os a que a plantassem e beneficiassem, e desta maneira se colheria do Brasil mais pimenta do que se colhe na costa do Malabar.

Alviano

E a trazem as naus da Índia de ordinário não servirá também para efeito de se plantar?

Brandônio

Não, porque essa, segundo se diz, é passada pela decoada e não pode nascer; e assim, como neste Brasil houvesse muita pimenta, lhe ficara custando a Sua Majestade pouco ou nenhum trabalho e menos despesa transpô-la em Portugal, donde à imitação de El-rei D. Manuel a poderia mandar vender por preço que ficassem os Holandeses perdendo muito dinheiro, se vendessem a sua que vão buscar à Índia. A esse respeito e por esta maneira, como a essas gentes se lhe não seguisse proveito de seu comércio, não tinham para que continuar com semelhante navegação, e se acabaria sem despesa nem sangue porfia, que tanto tem custado a Portugal, e Sua Majestade, mandando vender a sua pimenta mais barato, perdia pouco, se não ganhasse dinheiro, pelo menos custo que lhe havia de fazer em a levar para o Reino, e o menos por que a havia de comprar no Brasil.

Alviano

Tendes proposto isso com tão aparentes razões, que não haverá quem duvide de haver de ser assim, antes me maravilho como vos não embarcais para o Reino a dar esse alvitre a Sua Majestade, pois tanta utilidade se deve de seguir dele para todo o Estado da Índia.

Brandônio

Já o pratiquei com um ministro que tinha grande lugar em sua fazenda, e com lhe parecer a traça maravilhosa, me respondeu que estava já tão introduzido em Portugal o modo da navegação da pimenta, que custaria muito trabalho o querer-se tratar agora de remover noutro modo; e assim como entendi ser aquilo mal velho no nosso Portugal que não leva remédio, desisti da minha prática, e da mesma maneira o farei agora, deixando a cargo aos que lhe toca remediar semelhante necessidade, se o quiserem fazer.

ALVIANO

Dizeis bem, que é erro querer emendar o mundo os que têm tão pequena parte nele, como cada um de nós, e assim tornemos à nossa prática que, se me não lembra mal, deve ser sobre o haverdes de mostrar as riquezas do Brasil, de que a principal tendes afirmado ser a lavoura dos açúcares.

BRANDÔNIO

Assim passa, porque o açúcar é a principal cousa com que todo este Brasil se enobrece e faz rico, e na lavra dele se tem guardado até o presente esta ordem: os capitães-mores, que são sesmeiros por Sua Majestade, cada um na capitania de sua jurisdição, repartiram e repartem ainda agora as terras com os moradores, dando a cada um deles aquela quantidade a que as suas forças e possibilidades são bastantes a granjear, e as pessoas a quem se dão semelhantes terras, quando elas são capazes para se fabricarem nela engenhos de fazer açúcares, os fabricam, tendo cabedal para o poderem fazer, e quando lhes falta, as vendem a pessoas que o possam fabricar por ser necessário muitas forças e cabedal para os haverem de pôr em perfeição, porque um engenho dos de água, como até agora se costumava de fazer, e ainda dos que chamam trapiches que moem com bois, fazem de despesa, feito e fabricado, ao redor de dez mil cruzados pouco mais ou menos.

ALVIANO

Parece-me que quereis dizer que há mais modos de engenhos para fazer açúcares que os de água e trapiches que moem com bois.

BRANDÔNIO

Isso quero dizer; porque os de água se alevantam ao longo de rios caudalosos, e ainda fazem grandes tanques para represa dela, para assim poderem moer com mais força d'água, e nestes tais engenhos, depois de a cana-de-açúcar moída entre dois grandes eixos

que fazem mover uma roda, em que fere a água com força, se expreme o bagaço que dali sai debaixo de uns grandes paus, a que chamam gangorras, que fazem apertar com força de bois, onde larga e lança de si o tal bagaço todo o sumo que a cana tinha, o qual se ajunta em um tanque, e dali o lançam em grandes caldeiras de cobre, onde se limpa, coze e apura à força de fogo, que por debaixo lhe dão em umas fornalhas, sobre que estão assentadas, sendo necessário para este açúcar se limpar e fortificar melhor, lançar-lhe dentro decoada que se faz de cinza. E outros engenhos se fazem sem água, e estes são os trapiches, que disse, os quais moem a cana por uma invenção de rodas que alevantam para o efeito tiradas de bois e no mais de fazer o açúcar se guarda a mesma ordem que tenho dito. Mas agora novamente se há introduzido uma nova invenção de moenda (6), a que chamam *palitos*, para a qual convém menos fábrica, e também se ajudam para moenda deles de água e de bois, e tem-se esta invenção por tão boa que tenho para mim, que se extinguirão e acabarão de todo os engenhos antigos, e somente se servirão desta nova traça.

ALVIANO

Toda cousa que se faz com menos trabalho e despesa se deve de estimar muito, e pois nesse modo dos *palitos* se alcança isto, não duvido que todos pretendam usar deles; mas folgarei de saber a ordem que há para se fazer um pão de açúcar tão alvo e formoso como se leva a Portugal e aqui o vimos.

BRANDÔNIO

A ordem é esta: depois do açúcar limpo e melado nas caldeiras, se passa umas tachas também de cobre, aonde à força de fogo o fazem pôr no ponto necessário para haver de coalhar e criar corpo, e dali se lança em umas formas de barro, dentro nas quais se incorpora e endurece, e depois de estar frio o levam a uma casa muito grande, que só para esse efeito se prepara, a que dão o nome de casa de purgar e, nela sobre tabuado que está furado se assentam as tais formas, com lhes abrirem um buraco que têm por baixo, por onde vão purgando o mel sobre correntes do mesmo tabuado, que para o efeito lhe põem por baixo, e o mel que por essa maneira vai caindo das formas se ajunta todo em um tanque grande, do qual se faz depois o *retame*, e ainda outro modo de açúcares, e que chamam *batidos* e como as formas estão despedidas de todo o mel lhe lançam em cima barro desfeito e água, o qual é bastante para dar ao açúcar a brancura que nele vemos.

Alviano

E como é possível que o barro, que, por razão o devia sujar e fazer preto, o embranqueça, é para mim um segredo dificultoso de entender.

Brandônio

Nem o entenderam muitos anos os primeiros que lavraram açúcares, porque do modo que primeiramente o faziam desse o gastavam, até que uma galinha aclarou este segredo, a qual acaso voando com os pés cheios de barro úmido, se pôs sobre uma forma cheia de açúcar, e naquela parte onde ficou estampada a pegada se fez todo o circuito branco, donde se veio a entender o segredo e virtude que tinha o barro para embranquecer, e se pôs em uso (7).

Alviano

Não foi má mestra a galinha para mostrar por esse modo a cura da negridão do açúcar, pois há tanta diferença na valia do alvo ao negro, e assim, se o engenho fizer muita quantidade do bom não deixará de dar proveito ao senhor dele.

Brandônio

Nos engenhos de fazer açúcares há muita diferença dos bons aos maus; porque aqueles que gozam de três cousas, quando seus senhores têm fábrica bastante, são sumamente bons, as quais três cousas consistem em ter muitas terras e boas para a planta dos canaviais, água bastante que não falte para a moenda e lenha em grandes matas também em quantidade, de modo que nem a cana nem a lenha fique distante do engenho, antes tão acomodada que se acarrete uma cousa e outra com facilidade, e quando os tais engenhos são desta qualidade não lhe faltando, como tenho dito, a fábrica necessária, costumam a fazer em cada ano a seis, sete, oito e ainda a dez mil arrobas de açúcar macho, e fora os meles, que são retame e batidos, que sempre chegam ao redor de três mil arrobas; quando se sabe aproveitar este açúcar, costuma a ser um muito bom e outro somenos, e algum sumamente mau, segundo

os mestres que o fazem são bons ou ruins, e os outros engenhos de menos porte costumam a fazer a cinco e a quatro, e ainda a três mil arrobas de açúcar, e os tais são de pouco proveito para seu dono.

Alviano

E que fábrica é necessário que tenha um desses engenhos que costumam fazer muito açúcar?

Brandônio

É necessário que tenha 50 peças de escravos de serviço, bons; 15 ou 20 juntas de bois, com seus carros necessários, aparelhados; cobres bastantes e bem consertados; oficiais bons, muita lenha, formaria e decoada, porque qualquer cousa que falte destas, logo imediatamente se diminui com ela o rendimento do açúcar.

Alviano

Pois dizei-me se todo esse açúcar depois de feito é para o senhor do engenho.

Brandônio

Quando as canas de que se lavra é toda do senhor do engenho, também todo o açúcar é para ele. Mas há poucos que podem fazer isso, pela grande fábrica e cabedal que é necessário para se poderem granjear canaviais e engenhos; e assim os mais dos senhores deles costumam a dar os canaviais de partido, os quais se fazem desta maneira: põe e dá o senhor do engenho a terra e além disso ainda algum adjutório, e o lavrador põe de sua casa a planta da cana e depois a granjea, corta e leva ao engenho, conforme a obrigação do partido, e como a cana está moída e o açúcar posto em perfeição, se paga primeiramente do monte-mor o dízimo dele e, depois de pago, se faz a partilha de terço e de quinto e ainda de meias. A de terço se entende as duas partes do açúcar para o engenho e a uma para o lavrador, e a de quinto as três partes para o engenho e as duas para o lavrador e a de meias tanto a uma parte como a outra; mas o partido de meias se faz raramente, por ser de pouco proveito para o engenho, salvo se é a pessoa de obrigação ou a lavrador que tenha as canas em terras suas próprias. Mas sempre, de qualquer maneira que seja, a partilha dos meles, que são *retames* e *batidos*, são todos, livremente, *in solido,* do senhor do engenho, sem ter obrigação de fazer outra partilha mais que de pagar o dízimo deles a Deus.

ALVIANO

E com essa partilha feita por esse modo, quanto açúcar virá à parte do senhor do engenho?

BRANDÔNIO

Sempre lhe virão ao redor de quatro ou de quatro mil e quinhentas arrobas de açúcar *macho*, afora os meles e batidos, os quais virão a importar duas mil e quinhentas para três mil arrobas.

ALVIANO

E para se haver de fazer esse açúcar, de que cabe a quantidade que tendes dito ao senhor do engenho, quanto vem a gastar ele em cada um ano na fábrica e despesa dele?

BRANDÔNIO

Um engenho destes, quero dizer dos bons, sempre faz de gasto de três mil e quinhentos para quatro mil cruzados, e se lhe morrem escravos, de modo que seja necessário comprarem outros, ainda custeia mais.

ALVIANO

Muito gasto é esse, e por essa maneira não deve de vir a importar ao senhor do engenho o rendimento dele tanta quantia quanta me diziam que importava.

BRANDÔNIO

Sim, importa, porque muitas vezes lhe deixa na terra, livres, ao redor de cinco e de seis mil cruzados, e se o senhor de engenho navegar os seus açúcares para o Reino lhe virá a importar muito mais, porque além do maior preço porque lá se vendem, vem a forrar os direitos de sua liberdade, a qual, se é de engenho feito de novo, tem dez anos para neles não pagar direito algum nas alfândegas, e quando se lhe acaba este tempo, contudo ficam gozando ainda para sempre de meia liberdade, que é não pagarem senão meio direito dos que se devem nas alfândegas, como se fosse açúcar carregado por lavrador, porque os tais têm o mesmo privilégio.

E destes engenhos uns são mais libertos e outros menos, porque os que estão situados nas Capitanias de senhorios lhes pagam pensão das águas a três e a quatro por cento de todo o açúcar que fazem, que vem a importar muito; e os que estão situados nas Capitanias realengas, de Sua Majestade, são livres de pagarem a tal pensão, que não é pequeno privilégio.

ALVIANO

Contudo devem de ter diferente rendimento os engenhos situados em Potosi, que moem a terra de que se tira a prata, do que estes, que tanto ides gabando, de fazer açúcares; ao menos eu antes o tomara para mim.

BRANDÔNIO

Enganai-vos nisto, porque eu já vi fazer essa computação por homens que sabiam bem de uma cousa e outra e acharam ser com muito excesso maior o rendimento dos engenhos de fazer açúcares. E é bastante prova desta verdade o vermos muitos senhores deles riquíssimos e os que têm engenhos para a prata os mais dele pobríssimos e endividados.

ALVIANO

Não deve de ser isso falta dos tais engenhos, senão o grande e excessivo gasto que esses homens costumam de fazer com sua pessoa e casa, que me têm afirmado ser grandíssimo.

BRANDÔNIO

Não lhe ficam neste particular devendo nada os senhores de engenhos de fazer açúcares no Brasil, porque o gasto de muitos deles é também grandíssimo, com os muitos cavalos ajaezados, librés e vestidos custosíssimos que tiram de ordinário para si e seus filhos, porque a cada quatro dias se fazem festas de touros, canas e argolinhas e outras semelhantes neste Estado, nas quais gastam, os que as fazem e nelas entram, grande quantidade de dinheiro, além de serem muito liberais em darem a particulares dádivas de muita importância. E eu vi já afirmar a homens mui experimentados na corte de Madri, que se não traja melhor nela do que se trajam no Brasil os senhores de engenhos, suas mulheres e filhas, e outros homens afazendados, e mercadores. E para prova disto quero dar somente uma assaz bastante, qual é que na Capitania de Pernambuco há uma Casa de Misericórdia, a qual faz de despesa em cada um ano, na obrigação dela, treze e quatorze mil cruzados, pouco mais ou menos, e estes são todos dados de esmolas pelos moradores da mesma Capitania, com não ter a Casa, de renda, cousa que seja de consideração. E é tanto isto assim que os provedores que sucedem para serviço dela em cada um ano, gastam de sua bolsa mais de três mil cruzados, e as demais Capitanias todas têm Misericórdias, nas quais se gasta também muito dinheiro; mas nesta de Pernambuco se faz com mais excesso.

ALVIANO

Não é pequeno argumento esse para por ele se poder considerar a muita riqueza do Brasil; e pois tendes dito o que basta da primeira condição delas, que quisestes atribuir a toda a província, passemos à segunda que quereis que seja a mercancia.

BRANDÔNIO

Muitos homens têm adquirido grande quantidade de dinheiro amoedado e de fazenda no Brasil pela mercancia, posto que os que mais se avantajam nela são os mercadores que vêm do Reino para esse efeito, os quais comerciam por dois modos, de que um deles é que vem de *ida por vinda*, e assim depois de venderem as suas mercadorias fazem o seu emprego em açúcares, algodões e ainda âmbar muito bom e gris, e se tornam para o Reino nas mesmas naus, em que vieram ou noutras. O segundo modo de mercadores são os que estão assistentes na terra com loja aberta, colmadas de mercadorias de muito preço, como são toda sorte de louçaria, sedas riquíssimas, panos finíssimos, brocados maravilhosos, que tudo se gasta em grande cópia na terra, com deixar grande proveito aos mercadores que os vendem.

ALVIANO

E estes mercadores, que estão assistentes na terra com suas lojas abertas, mandam por ventura vir essas fazendas do Reino, ou as compram a outras pessoas que de lá as trazem?

BRANDÔNIO

Muitos as mandam vir do Reino, mas a maior parte deles as compram a outros que as trazem de lá, com lhes darem a quarenta e a cinqüenta por cento de avanço a respeito do preço, por que as compraram, segundo a sorte e a qualidade das mercadorias, ou a falta ou abundância que há delas na terra, e ainda destes mercadores se formam outros de menos porte.

ALVIANO

E de que condição são estes?

BRANDÔNIO

Há muitas pessoas que vivem somente com se fazerem riquíssimas com comprarem estas fazendas aos mercadores assistentes nas vilas ou cidades, e as tornarem a levar a vender pelos engenhos e fazendas, que estão dali distantes, com ganharem muitas vezes nelas a mais de cento por cento. E eu vi na capitania de Pernambuco a certo mercador fazer um negócio, posto que o modo dele não aprovo, pelo ter por ilícito, o qual foi comprar para pagar de presente uma partida de peças de escravos de Guiné por quantidade de dinheiro e logo no mesmo instante, sem lhe entrarem os tais escravos em poder, os tornou a vender a um lavrador fiados por certo tempo que não chegava a um ano, com mais de 85 por cento de avanço (8).

ALVIANO

A isso chamam, onde eu nasci, em bom português, *onzena*; e contudo é cousa estranha o haver-se de ganhar tanto dinheiro na própria terra de uma mão para a outra, sem intervir nenhum risco.

BRANDÔNIO

Pois assim passa. É tanto isto assim, que desta sorte de mercadores, e dos que têm suas lojas abertas, há muitos que têm grossas fazendas de engenho e lavoura na própria terra, e estão nela assistentes e alguns casados.

ALVIANO

Não têm pequena habilidade os que se sabem conservar desse modo na terra alheia.

BRANDÔNIO

Haveis de saber que o Brasil é praça do mundo, se não fazemos agravo a algum reino ou cidade em lhe darmos tal nome; e juntamente academia pública, onde se aprende com muita facilidade toda a polícia, bom modo de falar, honrados termos de cortesia, saber bem negociar, e outros atributos desta qualidade.

ALVIANO

Antes isso devia de ser pelo contrário; pois sabemos que o Brasil se povoou primeiramente por degredados e gente de mau viver, e pelo conseguinte pouco política; pois bastava carecerem de nobreza para lhes faltar a polícia.

BRANDÔNIO

Nisso não há dúvida. Mas deveis de saber que esses povoadores, que primeiramente vieram a povoar o Brasil, a poucos lanços, pela largueza da terra deram em ser ricos, e com a riqueza foram largando de si a ruim natureza, de que as necessidades e pobrezas que padeciam no Reino os faziam usar. E os filhos dos tais, já entronizados com a mesma riqueza e governo da terra despiram a pele velha, como cobra, usando em tudo de honradíssimos termos, com se ajuntar a isto o haverem vindo depois a este Estado muitos homens nobilíssimos e fidalgos, os quais casaram nele, e se liaram em parentesco com os da terra, em forma que se há feito entre todos uma mistura de sangue assaz nobre. E então, como neste Brasil concorrem de todas as partes diversas condições de gente a comerciar, e este comércio o tratam com os naturais da terra, que geralmente são dotados de muita habilidade, ou por natureza do clima ou do bom céu, de que gozam, tomam dos estrangeiros tudo o que acham bom, de que fazem excelente conserva para a seu tempo usarem dela.

ALVIANO

Saber imitar e furtar as habilidades àqueles que as têm boas, é tomar a clava das mãos a Hércules.

BRANDÔNIO

Assim o fazem os do Brasil, em tanto que os filhos de Lisboa e os das mais partes do Reino vêm a aprender a ele os bons termos, com os quais se fazem diferentes na polícia, que dantes lhes faltava. Mas parece-me que havemos cortado já muito do fio de nossa prática, que era de tratarmos do proveito que a mercancia dá neste Brasil aos que dela usam.

ALVIANO

Nem estoutra breve em que nos distraímos deve de desagradar aos que a ouvirem, principalmente aos Brasilienses; mas, deixando-a de parte, resta que me digais, se no Brasil há mais comércio que para o Reino?

BRANDÔNIO

Sim, há; porque se faz muito grande para Angola e para o Rio da Prata. A Angola se mandam naus com muitas fazendas, que de lá tornam carregadas de escravos, por que se comutam, deixando grande proveito aos que nisto negociam; e ainda as naus, que para lá navegam em direção do Reino, aportam na capitania do Rio de Janeiro, aonde carregam de farinhas, mantimento da terra, por ali se achar mais barata, a qual levam a vender à Angola a troco de escravos e de marfim que de lá trazem em muita quantidade (⁹).

ALVIANO

Isso é quanto ao tocante à Angola; mas para o Rio da Prata folgarei que me digais que modo de negócios se faz.

Brandônio

Do Rio da Prata costumam a navegar muitos peruleiros em caravelas, e caravelas de pouco porte, onde trazem soma grande de patacas de quatro e de oito reais, e assim prata lavrada e por lavrar, em pinhas e em postas, ouro em pó e em grão, e outro lavrado em cadeias, os quais aportam com estas cousas no Rio de Janeiro, Baía de Todos os Santos e Pernambuco, e comutam as tais cousas por fazendas das sortes que lhes são necessárias, deixando toda a prata e ouro que trouxeram na terra, onde tornam carregados das tais fazendas a fazer outra vez viagem para o Rio da Prata (10).

E ainda os moradores assistentes na terra se interessam também nesta navegação com não pequena utilidade, e dos tais peruleiros se deixam também ficar alguns na terra, que dão o seu dinheiro por letra, ou compram açúcares, ou o levam consigo para Portugal.

Alviano

Não é mau o comércio de que se colhe por fruto ouro e prata; mas toda essa mercancia, de que tendes tratado, de que se tira tanto proveito, parece que se vem a resumir em mãos dos estrangeiros, e dos tais é o proveito, e não dos naturais da terra.

Brandônio

Assim passa pela maior parte; porque os naturais da terra se ocupam no granjeamento dos seus engenhos e no benefício de suas lavouras, sem quererem tratar de mercancias, posto que alguns o fazem, contentando-se somente de navegar os seus açúcares para o Reino, e mandar de lá vir o provimento que lhes é necessário para suas fazendas, deixando, no de mais, a porta aberta aos mercadores que exercitam seu negócio com grande utilidade; em tanto que, por excelência, contarei uma cousa como testemunha de vista.

No ano de 92 veio um mercador de pouco porte com uma caravela a Pernambuco, em direitura do Algarve, carregada de alguns vinhos de Alvor, pouco azeite, quantidade de passas e figos, com mais outras cousas que de lá se costuma trazer, em que meteu de cabedal setecentos e trinta mil-réis, por conta de carregação, que

eu vi. Esse homem esteve seis meses na terra, nos quais vendeu sua fazenda a dinheiro de contado, e fez dela perto de sete mil cruzados, que empregou em açúcar branco excelente, comprado a seiscentos e cinqüenta réis a arroba, nos quais açúcares, pela barateza por que os comprou, devia de dobrar outra vez o dinheiro no Reino.

Alviano

Terra, donde tanto proveito tiram os que nela negociam, confesso que não pode deixar de ser muito rica.

Brandônio

Sabeis em quanto é rica que só com uma cousa vos representarei sua riqueza, a qual é que há um homem nobre particular neste Brasil, morador na capitania da Paraíba (11), o qual, com não possuir mais de um só engenho de fazer açúcar, ousou prometer a todas as pessoas que fizessem casas na cidade, que então de novo se fabricava, sendo de pedra e cal de sobrado a vinte mil-réis por cada morada de casas, e a dez mil-réis, se fossem térreas; e assim o cumpriu por muito tempo, com se haverem alevantado muitas moradas, sem disso se lhe conseguir algum proveito mais do desejo que tinha de ver aumentar a cidade. E tratou mais (com sair com isso) de fazer a casa de Santa Misericórdia da própria cidade, cousa de grandíssimo custo pela grandeza e nobreza do edifício do templo, que tem já quase acabado; e assim, com este exemplo, me quero passar a tratar da terceira cousa, com que os moradores deste Estado se fazem ricos, com tirarem dela muito proveito, que é o pau do Brasil.

Alviano

Assim vos peço que o façais.

Brandônio

O pau do Brasil, de que toma nome toda esta província, como já disse, larga de si uma tinta vermelha, excelente para tingir panos de lã e seda, e se fazer dela outras pinturas e curiosidades; o qual, posto que se acha por todo este Estado, o mais perfeito e de maior valia é o que se tira das capitanias de Pernambuco, Tamaracá e Paraíba, porque sobrepuja, com muito excesso de bondade, aos mais paus desta qualidade, que se dá pelas mais partes (12). E assim somente do que se tira nas três capitanias referidas se faz caso, e se leva para o Reino, aonde se vende a quatro, e às vezes a cinco mil-réis o quintal, segundo a falta ou abundância que há dele.

ALVIANO

Pois, dizei-me de que modo tiram os moradores deste Brasil proveito de semelhante pau e quanto importa à fazenda de Sua Majestade?

BRANDÔNIO

O pau do Brasil é droga sua, e como tal defeso; de modo que ninguém pode tratar nele senão o mesmo Rei os que tiverem licença sua por contrato. Antigamente era lícito negociarem todos nele, com pagarem à fazenda de Sua Majestade um cruzado por quintal de saída: mas por se entender que se usava mal desta ordem que estava dada, se revogou para que corresse o negócio por contrato, como hoje em dia corre, e se paga de arrendamento por ele, no Reino, à fazenda de Sua Majestade, quarenta mil cruzados, pouco mais ou menos, com declaração que os contratadores não poderão tirar em cada um ano deste Estado, especialmente das capitanias que tenho apontado, mais de dez mil quintais de pau; e, quando um ano tirassem menos, o poderão perfazer no outro.

ALVIANO

Não entendia que o pau do Brasil era coisa de tanto rendimento para a fazenda de Sua Majestade, sem na sustentação dele gastar um só real, gastando muitos cruzados na Índia por adquirir as demais drogas.

BRANDÔNIO

Todo o Brasil rende para a fazenda de Sua Majestade sem nenhuma despesa, que é o que mais se deve de estimar.

ALVIANO

E os moradores, que proveito tiram desse pau?

BRANDÔNIO

Muito grande, porque há muita gente que não vive de outra cousa mais que de o irem fazer às matas e o acarretarem com bois até o longo da água, aonde o vendem às pessoas que têm licença para o carregarem.

ALVIANO

Pois dizei-me de que modo se faz esse pau.

BRANDÔNIO

O modo é este: vão-no buscar doze, quinze, e ainda vinte léguas distante da capitania de Pernambuco, aonde há o maior concurso dele; porque se não se pode achar mais perto pelo muito que é buscado, e ali, entre grandes matas, o acham, o qual tem uma folha miúda e alguns espinhos pelo tronco; e estes homens ocupados neste exercício, levam consigo para a feitura do pau muitos escravos de Guiné e da terra, que, a golpes de machado, derribam a árvore, à qual depois de estar no chão, lhe tiram todo o branco; porque no âmago dele está o brasil, e por este modo uma árvore de muita grossura vem a dar o pau, que a não tem maior de uma perna; o qual, depois de limpo se ajunta em rumas, donde vão acarretando em carros por pousas (13), até o porem nos passos (14), para que os batéis possam vir a tomar.

ALVIANO

Não deve de dar pequeno trabalho o fazer esse pau por esse modo; e se o proveito não é muito ficará sendo cara a mercancia.

BRANDÔNIO

Sim, dá grande proveito; porque há muitos homens destes que fazem brasil, que colhem em cada um ano a mil e a dois mil quintais dele, que todos acarretam com seus bois; e depois de posto no passo o vendem por preço de sete e oito tostões o quintal, e às vezes mais, no que vêm a granjear grande cópia de dinheiro, e por esse modo se tem feito muitos ricos.

Alviano

Se isso passa dessa maneira, poderemos dizer que dá Deus aos moradores do Brasil ouro e prata pelos campos, e que de coisa, que eles não plantaram, nem granjearam, colhem fruto.

Brandônio

Sabeis quanto é assim, que ainda vos poderei afirmar que se acham outras coisas de mais importância, sem lhes custar nenhum trabalho nem indústria.

Alviano

E de que modo pode suceder isso?

Brandônio

Deste: que muitos homens se fazem ricos neste Brasil com soma de âmbar (15), que acham pelas praias, uns em muita, e outros em menos quantidade; em tanto que houve certo morador que achou tanta cópia dele, que a muita quantidade lhe fez duvidar o poder ser o que tinha achado âmbar, e o reputou por breu ou pez, e como tal se pôs a brear com ele uma barca, que tinha posta em estaleiro para o efeito, e continuou com a obra até que alguns compadres seus, que o viram ocupado nela, o desenganaram do erro que fazia, e, com ter já gastado grande quantidade de âmbar, ainda se ficou com muito.

Alviano

Isto parece dos contos do Trancoso (16) e, como tal, não me persuado a dar-lhe crédito.

Brandônio

Não é senão pura verdade, e passou da maneira que o tenho relatado. E porque não mendiguemos semelhantes acontecimentos por casas alheias, vos contarei um que me sucedeu, e se duvidardes dele, em tempo me acho de poder verificar minha verdade com testemunhas dignas de fé. E o caso é este: estando eu no ano de oitenta e três assistente na capitania de Pernambuco, na vila de Olinda, ao tempo de partir uma frota para o Reino, que me trazia assaz ocupado com o haver de escrever para lá, chegou um criado meu, a quem trazia ocupado no recebimento dos dízimos dos açúcares, que então estavam a *meu cargo*, chamado por nome o *Comilão*, e em grande segredo, depois de nos metermos ambos em uma câmara, me disse que, indo a buscar o dia antecedente um pouco de peixe a uma rede que pescava no rio do Extremo (17), achara na praia grande quantidade de certa coisa, que logo me mostrou, com me meter na mão uma bola daquilo que dizia haver achado, a qual pesaria, segundo minha estimação, de seis para sete arráteis, e que do semelhante era tanta a quantidade a que estava na praia, junto d'água, que gastaram ele e dois negros, que consigo levava, mais de três horas em o acarretarem em uma forma, que fora de açúcar, e dois cabaços, até porem tudo desviado da praia e caminho entre alguns mangues, e que ele junto fazia um arresoado monte. Eu era então *novo na terra*, e não havia ainda visto nela nenhum âmbar, posto que em Portugal me passara pela mão algum; mas, como era âmbar gris, que vem da Índia, dava maravilhoso cheiro com ser branco, e pelo contrário aquilo que me o mancebo dizia haver achado, era uma coisa negra viscosa, que tinha o cheiro de azeite de peixe, e por esse respeito cobrei tanto asco de o ter nas mãos, que lancei a bola pela janela fora entre umas ramas crescidas, ficando-me somente entre os dedos um pequeno papel em que o apertara, coisa de três para quatro onças, as quais acaso, por me despojar delas, lancei dentro na gaveta de um escritório que tinha aberto. E despedi o mancebo com lhe dizer que não tinham para que fazer caso daquilo, que dizia haver achado, porque devia de ser alguma imundície que sai à praia. Com isto se foi o pobre descuidado do muito que se lhe ia de entre as mãos. Passaram-se três anos, dentro dos quais veio a esta terra do Reino um parente meu de muita obrigação, o qual querendo fazer volta outra vez para lá, me foi necessário dar-lhe um papel de importância, para que o levasse consigo, o qual não achava, e por esse respeito o busquei por todas as gavetas do escritório muito de espaço, e em uma delas fui dar com o papel envolto naquela coisa que ali tinha lançado. E, como o tempo tinha já gastado o ruim cheiro de azeite de peixe e cobrado outro muito bom, mostrou claramente ser âmbar, e de se achar ali, estive confuso por me não alembrar quando ou de que maneira o havia metido naquela gaveta, ou donde me viera; todavia, examinando bem a memória, vim a cair no que havia precedido com não pequeno pesar. E imaginando poder ainda dar remédio ao que já o não tinha, mandei chamar logo o descobridor, que então era casado, e dando-lhe conta do que passava, faltou pouco para se enforcar; todavia nos pusemos a cavalo, indo a parte onde ele achara o âmbar, com a qual ele já mal atinava, e por fim não achamos coisa nenhuma, com cair na conta de que os caranguejos, aves e mais imundícies o deveriam ter comido.

Alviano

Todavia esse foi estranho caso, e bem digno de se sentir a perda de tão grande haver, que não crera haver passado desse modo, se não afirmásseis com tantas veras; mas esse âmbar como podia ser preto? porque tenho para mim que todo é branco e pardo.

Brandônio

Neste nosso Brasil há dois modos de âmbar: um é branco e gris, que se acha na costa de Jaguaribe, o qual por ser tal se vende a onça dele a quatro mil-réis e às vezes por mais; o outro é negro, que se acha desde Pernambuco até a Bahia, posto que também sai do branco; mas o preto vale de três para quatro cruzados a onça.

Alviano

Tão sentido estou do que me contastes haver-vos sucedido, que não quero ouvir falar mais em âmbar; e assim nos passemos a tratar da quarta condição da riqueza do Brasil, pela ordem que as levais enfiadas.

Brandônio

Todavia, antes de começar a tratar o que me perguntais, vos hei de contar uma graça ou história que sucedeu, há poucos dias, neste Estado sobre o achar do âmbar. Certo homem ia a pescar para a parte da capitania do Rio Grande, em uma enseada que ali faz a costa, e querendo se meter em uma jangada para o efeito, lhe faltava uma pedra de que pudesse fazer fateixa, e lançando os olhos pela praia viu uma, que, ao seu parecer, teve por acomodada para isso, e, tomando-a atou nela o cabo, e se meteu na jangada para ir fazer sua pescaria; e estando já na parte que queria, porque o vento fazia desgarrar a jangada do porto, lançou a sua fateixa ao mar, a qual, como se fora de cortiça, andava sobre água; e, vendo que lhe não aproveitava a diligência que tinha feito com aquela fateixa, pois nadava, tornou para terra ao tempo que chegava à praia um seu amigo, também para haver de pescar com outra jangada, e dando-lhe conta do que lhe havia sucedido com aquela pedra que nadava, o outro, que devia ser mais trêfego, lhe disse que não tomasse por isso pena, porquanto ele se achava indisposto, e não determinava de pescar, que ali tinha a sua fateixa de que se podia servir. Aceitou-lhe o outro o oferecimento, e com ela se foi à sua pescaria, deixando a pedra nadadora nas mãos do que novamente chegara, que logo conheceu ser âmbar, e tomado às costas se recolheu e fez-se invisível com ela, aproveitando-se de sua valia, porque pesava quase uma arroba.

Alviano

Não foi mau lanço esse; e posto que a riqueza se estribui pelos homens por venturas, se é lícito poder-se dizer assim, para toda esta coisa de haver, principalmente para o achar do âmbar se requer grandíssima; e, porque ainda estou magoado do que me contastes, vos peço que torneis ao rio da vossa narração.

Brandônio

Parece-me que disse que o quarto modo, que havia no Brasil, para se fazerem ricos seus moradores eram os algodões e madeiras; pelo que tratarei primeiro dos algodões, que já foram tidos em mais reputação, e deram mais proveito aos que nele tratavam do que de presente dão (18).

Alviano

E qual é a causa disso?

Brandônio

Haver muito em Veneza e em outras partes, com que se abate o que levam do Brasil; posto que a terra é tão caroável de o produzir, que em qualquer parte se colhe grande quantidade de algodão. Planta-se de semente, e em breve tempo leva fruto, o qual se colhe depois de estar maduro e de vez, e tirado do coculo (19), aonde se cria, o põem em rimas, e deste modo se chama algodão sujo, o que se aparta da semente é o limpo.

E para se haver de apartar dela usam de uma invenção de dois eixos, que andam à roda, e passado por eles o algodão larga uma parte, que é a por onde se mete a semente, e pela outra vai lançando por entre os eixos o algodão, que se costumava a vender na terra a dois mil-réis a arroba, com deixar muito proveito aos que o lavram, pelo pouco custo que na lavoura dele faziam e no Reino se vendia a quatro mil-réis a arroba, mas já agora, pelo respeito que disse, se vende tanto em uma parte como em outra por muito menos preço.

ALVIANO

E .de que modo se leva esse algodão para o Reino?

BRANDÔNIO

Levam-no dentro em grandes sacos, que para esse efeito fazem de angeo *, onde se mete muito bem socado, de modo que a saca fica dura e tesa; e, como está apertado, não importa que o levem para o Reino sobre a coberta dos navios, porque a chuva lhe não faz dano. E com isto me parece que tenho dito o que basta dos algodões, dos quais também neste Brasil se faz muito bom pano de serviço.

ALVIANO

Pois passemos a tratar das madeiras, que deve de ser coisa de mais importância.

BRANDÔNIO

Certamente que estimara muito não me meter em semelhante trabalho, pelo muito que há que dizer acerca dessa matéria; porque por cada parte que ponho os olhos, vejo frondosas árvores, entrebastecidas matas e intrincadas selvas, amenos campos, composto tudo de uma doce e suave primavera; porquanto, em todo o decurso do ano, gozam as árvores de uma fresca verdura, e tão verdes se mostram no verão como no inverno, sem nunca se despirem de todo de suas folhas, como costumam de fazer na nossa Espanha; antes, tanto que lhe cai uma, lhe nasce imediatamente outra, campeando a vista com formosas paisagens, de modo que as alamedas de alemos e outras semelhantes plantas, que em Madri, Valladolid e em outras vilas e lugares de Castela se plantam e granjeiam com tanta indústria e curiosidade, para formosura e recreação dos povos, lhes ficam muito atrás e quase sem comparação uma coisa

---

(*) Não se conseguiu identificar o material referido.

da outra; porque aqui as matas, e bosques são naturais, e não industriosos, acompanhados de tão crescidos arvoredos, que, além de suas tapadas frescas folhas defenderem aos raios do sol poder visitar o terreno de que gozam, não é bastante uma flecha despedida de um teso arco, por galhardo braço, a poder sobrepujar a sua alteza; e destas semelhantes plantas e árvores há tantas e diversas castas que se embaraçam os olhos na contemplação delas, e somente se satisfazem com dar graças a Deus de as haver criado daquela sorte. Donde certamente cuido que se neste Brasil houvera bons herbolários, se poderiam fazer da qualidade e natureza das plantas e árvores muitos volumes de livros maiores que os de Dioscórides; porque gozam e encerram em si grandíssimas virtudes e excelências ocultas, e enxerga-se o seu muito em algum pouco delas, de que nos aproveitamos.

ALVIANO

Por essa maneira temos no Brasil outros novos campos de Tessália; porque tendes encarecido os seus com tão eficazes palavras, representando neles tantas grandezas e excelências, que me vem desejo me transformar em um agreste pastor, somente para poder gozar de tanta frescura.

BRANDÔNIO

Não vos fora mal, quando assim o fizésseis, porque em tudo quanto tenho dito fico certo a perder de vista para o muito que pudera dizer.

ALVIANO

Confesso que esses campos terão essa amenidade que representais, mas nunca ouvi dizer que as plantas, que por eles se produzem, gozem de tantas virtudes medicinais de que os fazeis abundantes.

BRANDÔNIO

Não me quero distrair em mostrar a verdade do que digo em contrário dessa vossa opinião; porque seria meter-me em matéria de que a saída fora dificultosa. Só vos direi dois exemplos, que experimentei e vi por próprios olhos, pelos quais ficareis entendendo o mais que pudera relatar; dos quais o primeiro é que, tendo eu, em minha casa, uma mulatinha de pouca idade, que nela me nasceu, a quem queria muito pela haver criado, um escravo meu, com ânimo diabólico, estimulado de a menina me descobrir um furto, que ele havia feito, lhe deu peçonha, de tal sorte que em muito breve espaço inchou toda, com uma cor denegrida, e, com apressado resfôlego, escumava pela boca, os dentes cerrados, e olhos em alvo, mostrando nisto e em outras coisas todos os sinais de morte. Vendo eu a menina em tal estado, além de ficar pesaroso em extremo, imaginei, com firme pressuposto, ser o acidente causado por peçonha, e que o autor de lha dar devia de ser o próprio escravo, que lha havia dado, porque tinha entre os tais nome de feiticeiro e herbolário. Pelo que fiz lançar mão dele, afirmando-lhe que não teria mais vida que enquanto a menina gozava dela, porque sabia de certo haver-lhe ele dado peçonha, com lhe dizer mais, e ainda mostrar que o queria fazer, que o havia de passar por entre os eixos do engenho; por tanto que procurasse com brevidade dar remédio ao mal que tinha feito. Pôde tanto o temor destas ameaças com ele, que se obrigou a curar a enferma, à condição que lhe havia de dar licença para poder ir ao mato buscar algumas ervas para o efeito. Consenti no que me pedia, mas com o mandar aljavado com outro escravo ladino dos da terra, a quem encomendei em segredo que notasse bem a erva que colhia, para depois a ficar conhecendo; mas o outro foi tão matreiro que, por se guardar disso, colheu muitas e diversas ervas, entre as quais o fez a de que tinha necessidade; em forma que o outro aljavado, que com ele ia, não pôde atinar que erva era a de que se havia de aproveitar. Tornaram ambos aonde eu os esperava, e o herbolário trazia já a erva desfeita entre as mãos e mastigada com os dentes; e em chegando, não fez mais do que ir-se à atossicada e lançar-lhe o sumo dela por dentro da boca, que lhe abriu com uma colher, e juntamente pelos ouvidos e narizes, fazendo mais esfregação com ela nos pulsos e juntas do corpo, — ó cousa maravilhosa! — que no mesmo instante abriu a menina os olhos e boca, e após isso, purgando grandemente por baixo e por riba, se lhe começou a desinchar o corpo, e dentro de um dia esteve sã como dantes. E eu estranhamente magoado de não poder conhecer a erva, porque nunca pude acabar com o escravo, nem por ameaças nem por dádivas que lhe prometi, que ma amostrasse: somente em pequeno bagaço dela, que lhe tomei dentre as mãos, enxerguei que era uma erva cabeluda.

ALVIANO

Houvera-o eu de obrigar com tormentos, porque antídoto tão preservativo e de tanta virtude era bem que fora conhecido do mundo.

BRANDÔNIO

Nada bastou com o escravo. O outro exemplo é que um escravo dos de Angola, de pouca importância, vi tomar com as mãos muitas cobras peçonhentíssimas, e ajuntá-las consigo, as quais, posto que o mordiam por muitas partes, lhe não faziam as tais mordeduras dano; sendo assim que, em outras pessoas, as de semelhantes cobras matavam em vinte e quatro horas. Deu-me maravilha o sucesso, e imaginei que devia de ser aquilo obra de palavras ou força de encantamento; mas todavia me desenganei que nem uma cousa nem outra era, porque, granjeando eu a vontade do negro com dádivas, me veio a mostrar umas raízes e outra erva, dizendo-me que toda pessoa que trouxesse untadas as juntas do sumo daquela raiz, depois de bem mastigada na boca, podia com muita seguridade tomar nas mãos quantas cobras quisesse, sem temor de que a sua mordedura lhe fizesse dano por muito peçonhenta que a cobra fosse; e assim o experimentei, e fiz experimentar, e se experimenta ainda até o dia de hoje entre os meus escravos. A erva que mais me deu era para se haver de curar com ela aos que fossem mordidos de qualquer cobra, sem o preservativo que tenho dito; porque untado e bem esfregado com ela e com o seu sumo, o lugar da mordedura, com outras diligências que o escravo fazia de esfregações, sarava, como sararam infinidades de homens mordidos de semelhantes bichas peçonhentíssimas com tanta facilidade como se foram mordidos de uma abelha. E porque este negro é morto, alguns escravos meus usam da mesma erva com grande utilidade.

ALVIANO

Pois haveis-me de fazer mercê de mandar a esses vossos escravos que me dêem uma pequena dessa raiz e erva que as quero trazer sempre comigo para o que suceder; mas folgarei de saber se a virtude da raiz e erva se estende a mais que a ser antídoto contra a peçonha da cobra.

BRANDÔNIO

Não o tenho ainda experimentado por negligência minha; mas, assim como há neste Brasil semelhantes preservativos contra a peçonha, também há muitas árvores e plantas que a dão finíssima, de que os negros de Guiné se aproveitam, com matarem de ordinário muitos dos seus semelhantes com ela.

Alviano

E quem mostrou a esses escravos o segredo dessa peçonha?

Brandônio

De sua terra vieram mestres dela, e nesta fazem muito mal aos moradores com lhe matarem seus escravos. Mas parece-me que nos imos desviando de nossa prática, que era havermos de tratar do modo que os habitantes deste Brasil se fazem ricos pela madeira, o que sucede com lavrarem e serrarem muita, assim para se fazerem caixas, em que encaixam os açúcares, como muitos e bons champrões que se levam para o Reino, e outras excelentes madeiras para casas e obras-primas de escritórios, bofetes, leitos e outras semelhantes.

Alviano

E os próprios moradores são porventura os que lavram e serram essas madeiras?

Brandônio

Não, porque a gente do Brasil é mais afidalgada do que imaginais; antes a fazem serrar por seus escravos, e há homem que faz serrar em cada ano mil e dois mil caixões de açúcar, que vendem aos senhores de engenho, lavradores e mercadores, a quatrocentos e cinqüenta e a quinhentos réis cada um, segundo a falta ou abundância que há deles; e nisto se vê a grande quantidade de madeiras que há neste Estado, que com haver tanto tempo que é povoado, fazendo-se todos os anos nele tão grande número de tabuado para caixões, não cessam as matas de terem madeiras para outros muitos, e nunca faltaram nelas.

Alviano

E de que paus se lavram essas madeiras para caixões?

Brandônio

Os caixões se fazem de pau mole, como são mongubas, buraremas, visgueiro, pau-de-gamela, camaçaris e um pau que chamam de alho, e outro branco; e dos tais há diversas castas, porque para caixões se busca sempre madeira mole, por ser mais fácil de serrar.

Alviano

E para champrões que dizeis se levam para o Reino, madeiras para casa e outras obra, de que sorte delas usam?

Brandônio

De muitas excelentes, as melhores que há no mundo. E há tanta quantidade das tais que não haverá homem que as possa conhecer, nem saber-lhes o nome para as haver de nomear, de vinte partes a uma, ainda que o tal fosse carpinteiro, cujo ofício não seja outro que cortá-las nas matas.

Alviano

Todavia, folgarei que me digais a qualidade de algumas.

Brandônio

Por vos fazer a vontade me esforçarei a dizer algumas, das poucas a que sei o nome (20). E assim digo que as madeiras, de que tenho notícia, e me alembra a qualidade delas, são estas: *assabengitas*, que é um pau amarelo, que lança de si a mesma tinta, muito rijo; *jataúba-vermelha*, de formosa cor; *piqueá*, muito rijo e de cor amarela; outro pau, que chamam *amarelo*, excelente para tabuado; *jataúba*, de cor dourada; *maçaranduba* e *cabaraíba*, ambos de cor roxa, maravilhosos para obra-prima, principalmente para cadeiras; *jacarandá*, tão estimado em nossa Espanha para leitos e outras obras; *conduru*, pau de grande fortaleza, do qual se fazem bons champrões; *sapopira*, de que se faz também o mesmo, e muitos carros, e também liames para navios; *camaçarim*, apropriado para tabuado; outro pau chamado *d'arco*, porque se fazem dele de muita fortaleza e rigidão; *zabucai*, também muito estimado para eixos de engenhos e estearia; *canafístula* de cor parda; *camará*, rigidíssimo, e por esse respeito assaz estimado; *pau-ferro*, que lhe deram este nome por ser igual a ele na fortaleza; outro pau chamado *santo*, tão estimado e conhecido por toda a parte; *buraquii*, assaz proveitoso; *angelim*, de que se faz tanto cabedal nas Índias Orientais, e o incorrupto *cedro*, louvado na Escritura; e assim *burapiroca*, *louro*, dos quais se aproveitam para armações de casas; *buraém*, de que se faz tabuado para navios, quase incorrupto; *corpaúba*, de uma cor preta excelente; *orendeúba*, de uma galharda cor vermelha; e assim *guanandim*, que se produzem por alagadiços e mangues, que se não dão pelo salgado. Outro pau, chamado *quiri*, que corta pelo ferro por ser mais duro que ele, cujo branco de fora pode suprir a falta do marfim em qualquer obra, e o âmago de dentro demonstra as águas e cores de um jaspe muito formoso; e da mesma maneira é outro pau, que vem de Jaguaribe. Estes poucos me ocorreram à memória entre os muitos de que pudera fazer menção, os quais são todos das capitanias da parte do Norte do Cabo de Santo Agostinho; porque das do Sul tenho pouca notícia, por não haver andado por aquelas partes.

ALVIANO

Os dias passados vi nas mãos de um homem ancião um pau da grossura de uma manilha, que lhe servia de bordão; parecendo-me que era grande, e, como tal, devia de ser pesado para o efeito, o tomei e achei tão leve, que quase o não senti nas mãos; porque o era mais do que pudera ser uma meada de estopa.

BRANDÔNIO

Esse pau ou, para melhor dizer, cana se forma de um junco grosso, chamado *tabua*, do qual se fazem esteiras; e quando é muito velho dá semelhante cana. Também há outro pau que chamam de *jangada*, por que se fazem as tais dele para andarem pelo mar, o qual é também levíssimo, por esse respeito fazem dele os paus dos andores, em que andam as mulheres, da maneira que adiante direi.

ALVIANO

Não sei eu em que parte do mundo se poderão achar tantas e tão boas madeiras, como são as que tendes referido; e maravilhome como Sua Majestade se não aproveita delas para fábrica de naus e galeões, os quais pudera lavrar a estas partes.

BRANDÔNIO

Estando eu no Reino, no ano de seiscentos e sete, se quis informar de mim o Conde Meirinho-mor, veador da fazenda de Sua Majestade, de duas cousas: uma se poderia mandar lavrar navios neste Estado, e a outra se haveria comodidade nele para se fazerem piques, porque, dizia, lhe custava trabalho mandá-los vir de fora do Reino; ao que lhe respondi que não havia modo como se pudessem alevantar neste Estado embarcações de importância, porquanto as madeiras estavam já mui desviadas, pelos engenhos haverem consumido as de perto, e que assim custaria muita despesa o acarretá-las à borda d'água; demais que seria dificultoso poder-se ter os oficiais necessários para a obra, obrigados a ela, porque, posto que os mandassem do Reino à soldada, logo se haviam de ausentar pela terra, de modo que não poderiam ser achados. Mas já hoje estou de diferente opinião; porque com a nova povoação do Maranhão e Pará, que é o rio das Amazonas, poderá Sua Majestade mandar fabricar naquelas partes muitas embarcações, onde se acham grande quantidade de madeiras à borda d'água, da qual se podem aproveitar a pouco custo. E os oficiais, que para o efeito mandar do Reino, não se poderão ausentar, por não haver ainda, em aquelas partes, fazendas nem povoações pela terra a dentro, por onde se possam espalhar (²¹).

ALVIANO

Não é mau alvitre esse para Sua Majestade lançar mão dele; porque creio que logo o deve de mandar pôr em execução. E dos piques, que respondestes a esse ministro?

BRANDÔNIO

Disse-lhe que se podiam fazer muitos e mui bons de um pau que havia na terra chamado *pau-d'hástea*, pelas fazer boas; e ainda, para que experimentasse a verdade do que lhe dizia, me obriguei a lhe mandar desta terra, para onde então estava de caminho, alguns piques lavrados, o que cumpri na forma que lho prometera, tanto que a ela cheguei, sem ter mais sobre a matéria resposta.

ALVIANO

Estou maravilhado de vos nomear tanta diversidade de madeiras, que, pelos nomes diferentes que lhes dais, entendo que devem de ser todas de diferentes feições e qualidades.

BRANDÔNIO

Sim, são: em tanto que se parecem raramente, nem na folha nem no tronco, uma árvore com a outra. E não quero deixar em silêncio duas cousas que vi de muita consideração, ambas na capitania da Paraíba; das quais uma delas foi um pau-de-gamela de muita grossura, que estava oco por dentro, mas, contudo, não seco, porque tinha a sua rama verde e perfeita, e dentro deste pau nascia outro de mangue, de grossura de sete palmos por roda, o qual penetrava, com o seu tronco inteiro metido pelo outro, por dentro de sua concavidade até responder com a rama, que era assaz grande, pelo mais alto, juntamente com a da outra árvore; porque nascida tão baralhada, que demonstrava ser toda uma, e somente no modo das folhas se conhecia a diferença; assim que as duas árvores se formavam de duas raízes, e de dois troncos diferentes, estando uma dentro na outra. E a outra é haver visto, na serra da *Copaoba*, uma árvore de suma grandeza, cavalgada sobre um alto penedo, que estava alevantado da terra mais de doze palmos, e as raízes da árvore, por uma parte e outra, a vinham buscar, donde tomavam o nutrimento para o seu tronco e rama, sem poder acabar de entender o modo como semelhante planta podia nascer sobre aquele penedo cavalgada, sem ter por meio terra, em que se sustentasse.

ALVIANO

Tendes-me contado tantas maravilhas, que não tenho essa por estranha, posto que é assaz. Mas, pois haveis falado em mangues, dizei-me se é verdade que têm as raízes de cima para baixo; porque sou tão descuidado que ainda não olhei para isso.

BRANDÔNIO

Os mangues nascem nos alagados entre rios que estão sujeitos aos fluxos e refluxos da maré, e os mais deles sobre vasa, dos quais

há aí duas castas, um vermelho e outro branco: o vermelho é mais rijo, e dá-se melhor na vasa, o outro branco é pau mole, e nasce um pouco mais desviado do salgado e em terra mais fixa; e todos botam as raízes de cima para baixo, mais em mais quantidade o vermelho. E com isso ponhamos por hoje termo à nossa prática, porque vos confesso de mim que não estou para mais.

ALVIANO

Nunca sairei do que levardes gosto, mas à condição que nos tornemos a ajuntar amanhã nestas partes, às horas costumadas, para prosseguirmos avante com o que nos resta por dizer.

NOTAS

1. Segundo o consenso geral dos historiadores, três decênios depois do descobrimento do Brasil trouxeram os Portugueses a cana-de-açúcar da Madeira para cá, primeiro para o Sul do País. Cerca de 1550 estabeleceu-se sua cultura na Capitania da Bahia, depois de ter sido, em 1538, iniciada com sucesso em Pernambuco. Ali havia sido o donatário Duarte Coelho, confiante de que aquela cultura seria de suma importância para sua Capitania, quem solicitara o auxílio pecuniário de mercadores de Lisboa para o estabelecimento das plantações e o fabrico dos engenhos. Em breve tempo Pernambuco tornava-se no Brasil a Capitania açucareira por excelência, e enquanto, cerca de 1590, na Bahia, produziam açúcar trinta e seis engenhos, o número dos que lavravam em Pernambuco se elevava a sessenta e seis. Dez anos mais tarde computava-se em cento e vinte o número redondo dos engenhos brasileiros. Quando a esquadra de Lonck apareceu diante do Recife, contava-se só nas Capitanias de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande cento e sessenta e seis engenhos, em pleno funcionamento, que produziam grandes safras, embora fossem eles muito diferentes, conforme o solo e o clima, e estavam assim distribuídos:

Pernambuco	121
Itamaracá	23
Paraíba	20
Rio Grande	2

Barlaeus avaliara a safra anual daquelas quatro capitanias em um milhão de arrobas, às quais se deviam acrescentar trezentas mil de açúcar panela, de inferior qualidade, isento de tributos.

— Conf. Barlaeus, *Rerum per octennium in Brasilia et alibi nuper gestarum, sub Proefectura Illustrissimi Comitis I. Mauritii Nassovioe... História*, 315, Amsterdam, 1648; Heinrich Handelmann, *Geschichte von Brasilien*, 58, 125, Berlim, 1860; Edmundo O. von Lippmann, *Geschichte des Zuckers, seiner Darstellung und Verwendung seit den aeltesten Zeiten*, 260-261, 279, Leipzig, 1890; e Hermann Watjen, *Das hollandische Kolonialreich in Brasilien*, 263-264, 269, Gotha, 1921.

2. Os governadores de Portugal, no período de 5 de julho de 1593 a 29 de janeiro de 1600, foram: D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa; D. João da Silva, conde de Portalegre; D. Francisco Mascarenhas, conde de Santa Cruz; Duarte de Castelo-Branco, conde de Sabugal; e Miguel de Moura, escrivão da puridade. Naquela última data começou a administração do vice-rei D. Cristóvão de Moura, marquês de Castelo-Rodrigo, que ainda governava a 26 de julho de 1603.

— Conf. —. Pedro Ribeiro, *Dissertações cronológicas e críticas*, II, 196, Lisboa, 1857.

3. Em Rebello da Silva, *História de Portugal*, V. 63-64- Lisboa, 1871, lê-se: "Felipe II em 1593 (aliás 1592) tinha lançado o imposto denominado de "consulado", com apropriação especial à sustentação dos navios incumbidos de guarda da costa, e este imposto desviado pelos seus sucessores, produzia, em 1607, arrendado a Manuel Gomes da Costa por oito anos, 55:000$000, além de 5:000$000 cobrados de cada nau que voltava da Índia. Em 1620 achava-se orçado em 80:000$000. Esta contribuição pesava toda sobre o corpo do comércio elevando-se a 3%, e ninguém se queixaria de a pagar se o gabinete de Madri por alvará de 1602 não suprimisse o tribunal que, em virtude do regimento de 16 de julho de 1593, fiscalizava a rigorosa aplicação das receitas às despesas marítimas. Depois dele o tributo arrancado sem garantias e distraído em gastos diversos, converteu-se em verdadeira opressão, agravada pela ironia palpável dos contribuintes verem desarmados e podres nos lodos do Tejo os cascos subsidiados para defesa de seus cabedais".

O alvará de 30 de outubro de 1592 e o regimento de 16 de junho de 1593, que instituíram em Lisboa o consulado e casa de negócio mercantil, lêem-se em J. Pedro Ribeiro, *Dissertações cronológicas e críticas*, IV, parte 1.ª, 199-206, Lisboa, 1819.

— Conf. Varnhagen, *História Geral do Brasil*, tomo segundo, 3.ª ed., p. 49, 98, nota de G.

4. Não se conhece a provisão que concedeu a liberdade de dez anos em benefício dos engenhos que se fabricassem de novo, ou se reedificassem no Brasil; mas a ela faz referência a de 17 de setembro de 1655, que providenciou sobre os danos que padecia a fazenda real, evitando-se a presunção havida contra os senhorios, de que, acabados os primeiros dez anos, deixassem cair os engenhos, para, reedificando-os depois a menos custo, tornarem a gozar da mesma liberdade, como dantes.

— Conf. José Roberto Monteiro de Campos Coelho e Soisa, *Sistema ou Coleção dos Regimentos Reais*, II, 81-82, Lisboa, 1783.

5. Desde os primeiros tempos do descobrimento do caminho das Índias, o comércio das especiarias, principalmente o da pimenta, que era o mais importante de todos, foi vedado aos particulares ou, se às vezes lho permitiam, eram tantas as restrições, que a licença pouco diferia da proibição.

Em um regimento dado a Fernão Soares, em 1507, D. Manuel ordenava que toda especiaria que se houvesse de comprar na Índia se o fizesse pelos feitores e oficiais que lá estavam, e não por outra maneira; "... e para assim o fazerem lhe há de ser entregue nosso dinheiro, e assim o das ditas partes, para a pimenta que hão de haver", *Alguns documentos da Torre do Tombo*, 173, Lisboa, 1892.

As partes, isto é, os capitães e gente das guarnições dos navios, — comenta o conde de Ficalho, *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, de Garcia da Orta, II, 256-257, Lisboa, 1892, — com outras pessoas que obtinham essa mercê especial, não podiam, pois, comprar livre e diretamente a pimenta, mas entravam numa espécie de parceria com o rei, partilhando com ele os ganhos, assim como as perdas e quebras do negócio.

Mais tarde — continua o comendador — as restrições se tornaram ainda mais severas, e no ano de 1518, D. Manuel, dirigindo-se a Fernão de Alcaçova, veador da fazenda na Índia, proibiu toda transação em pimenta: "... defendemos e mandamos por este presente que nenhum cristão Português não compre por modo algum nenhuma pimenta", sob pena de perder toda a sua fazenda. Isto não foi bastante, e algumas pessoas, levadas pelo interesse, continuaram a comprar, tornando assim a mercadoria mais cara e mais escassa, de modo que os feitores del-rei se viam obrigados a tomar pimenta "verde, e suja, e mascavada". Então, D. Manuel, em um alvará escrito em Évora, a 7 de fevereiro de 1520, confirmou todas as proibições: "... nenhuma pessoa, assim cristãos como mouros, gentios, judeus e quaisquer outras de qualquer condição que sejam não tratem com a dita pimenta..." A penalidade era severa: perder toda a fazenda, e ficar além disso sujeito à "pena crime que vos bem parecer".

Apesar de tudo isso, o contrabando da droga defesa se fazia em larga escala, para a repressão do qual a legislação coeva está cheia de inócuas providências.

6. Foi no governo de D. Diogo de Menezes (1608 a 1612) que um clérigo espanhol, vindo das partes do Peru, ensinou um novo sistema de moenda nos engenhos de açúcar, o qual consistia em três cilindros, ainda verticais, que por meio de entrosas se faziam girar com a rotação do cilindro do meio. — Conf. Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil,* 421, ed. 1918.

Perdeu-se o desenho das entrosas e engenhos, com que Frei Vicente pretendia ilustrar sua obra; mas deve ser o mesmo ou semelhante, quanto aos engenhos tirados por bois, ao que reproduziu Piso, *De Indiae utriusque re naturali et medica,* 108, Amsterdan, 1658. Henry Koster, *Travels in Brazil,* Londres, 1816, dá uma estampa do engenho movido por água, com moenda ainda composta de três cilindros verticais. Essas estiveram em uso até meados do século XIX, quando foram substituídas por horizontais, de invento do engenheiro Leandro Guimarães, que também aperfeiçoou as rodas hidráulicas.

7. O caso da galinha que ensinou ao homem a curtir o açúcar vem repetido em Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil,* 421, ed. de 1918, quase pelas mesmas palavras. É mais uma concordância, que cumpre assinalar, entre os dois historiadores seiscentistas, e mais uma prova de que o franciscano conheceu estes *Diálogos* e deles se aproveitou para suas informações pernambucanas.

Antonil, que escreveu um século depois a *Cultura e Opulência do Brasil, por suas drogas e minas,* Lisboa, 1711, e tratou do mesmo assunto, fez silêncio sobre a fábula, sinal de que a desconhecia. Informou, porém, que o barro com que se purgava o açúcar se tirava dos *apicus,* que são coroas que faz o mar entre si e a terra firme, *op. cit.,* 91, Rio, 1837.

Edmund O. von Lippmann, *Geschichte des Zuckers, seiner Darstellung und Verwendung seit den aeltesten Zeiten,* 295, Leipzig, 1890, contesta aos Portugueses no Brasil a prioridade do emprego do barro para embranquecer o açúcar, porquanto Dioscórides, Galeno e os Árabes já o conheciam como clarificador do vinho, suco de frutas, água de rosas e outros líquidos. — Conf. Capistrano de Abreu, *Prolegômenos* a Frei Vicente do Salvador, 264.

8. De um onzeneiro famoso em Pernambuco pelos fins do século XVI há notícias na *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil — Confissões da Bahia, Rio-São Paulo, 1925, e Denunciações de Pernambuco,* mesmos lugares, 1929. Chamava-se João Nunes, era cristão-novo, mercador, e sua fortuna devia passar de duzentos mil cruzados, colossal para a época.

Perante a mesa do Santo Ofício foi por muitos denunciantes acusado de ser largo de consciência em seus contratos e de ter feito onzenas cruéis

com Cristóvão Lins, o alemão, e diversos outros. Tantas foram, além destas, as suas culpas, como herege, amancebado com mulher casada, peitador da justiça secular e eclesiástica, que foi chamado à Bahia pelo governador, quando ainda lá estava a Visitação; apresentando-se na cidade do Salvador com grande estadão, muitos criados, vestido de veludo lavrado, caiu na boca do lobo: preso pelo Santo Ofício, foi enviado à Inquisição de Lisboa, e dele não houve mais novas nem mandados.

Ambrósio Fernandes Brandão havia de tê-lo conhecido pessoalmente, seu correligionário, que com ele esteve na conquista da Paraíba, para a qual João Nunes concorreu com créditos, Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil,* 299, 309 ed. de 1918.

9. Anchieta, em sua Informação do último de dezembro de 1585, *Informações e fragmentos históricos,* 42, Rio, 1886, diz do Rio de Janeiro que "é terra rica, abastada de gados e farinhas e outros mantimentos..."

Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil,* 421, ed. de 1918, referindo-se ao melhoramento dos engenhos de açúcar no governo de D. Diogo de Menezes, informa que se desfizeram os antigos e se fizeram todos de acordo com a nova invenção; "pelo que no Rio de Janeiro, onde até aquele tempo se tratava mais a farinha para Angola que de açúcar, agora há já quarenta engenhos..."

10. O comércio com o Rio da Prata começou no governo de Manuel Teles Barreto (1583 a 1587). Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil,* 330, ed. de 1918, louvando aquele governador, diz que foi próspero o tempo de seu governo, assim pelas vitórias alcançadas contra os inimigos, como porque nesse tempo se abriu "o comércio do rio da Prata, mandando o bispo de Tucuman o tesoureiro-mor de sua sé a esta Bahia a buscar estudantes para ordenar, e cousas pertencentes à Igreja, o que tudo levou, e dali por diante não houve ano em que não fossem alguns navios de permissão real ou de arribada com fazendas, que lá muito estimam e cá o preço universal que por eles trazem".

François Pirard, de Laval, *Voyage,* seconde partie, 544-545, Paris, 1615, que esteve na Bahia em 1612, espantou-se da quantidade de dinheiro de prata que ali encontrou: "Ie n'ay iamais veu pays — escreveu — où l'argent soit si commun qu'il est en cest endroict du Bresil, & y vient de la riuiere de la *Plata,* qui est a cinq cens lieuës de ceste baye. Il ne s'y voit gueres de petite monnoye, mais seulement des pieces de huict, de quatre & de deux reaux; dõt lhe demy vaut 5. s. & recherchent en Portugal les pieces de 5. sols, & de 6 blãcs, pour les vendre là pour petite monnoye, & y ont du profit. Car ils visent fort peu d'autre monnoye que d'argent".

11. Refere-se a Duarte Gomes da Silveira, que esteve na conquista da Paraíba, guerreou na Cupaóba, obteve por isso muitas terras, fundou engenhos e currais e tornou-se assim um dos mais ricos povoadores da Capitania.

Vinte anos depois de Brandônio, relatou Elias Herckmans, *Descrição Geral da Capitania da Paraíba,* in *Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano,* V. n. 31, 246, que a igreja da Misericórdia fora fundada por Duarte Gomes da Silveira, "que a construiu à sua custa, assim como tem promovido a edificação desta cidade, auxiliando com dinheiro a muitos moradores que desejavam construir casas. Ele próprio levantou um magnífico prédio ao lado ocidental do convento de São Bento para lhe servir de casa; mas não está acabado, e se acha quase que em caixão, mostrando quão grande seria se estivesse concluído.

Duarte Gomes viveu muito, assistiu a tomada da cidade Filipéia de Nossa Senhora das Neves pelos Holandeses, foi parte na capitulação honrosa, sofreu depois duras perseguições do diretor Ippo Eyssens, por lhe não querer dar em casamento uma sobrinha, e ainda vivia, agerasicamente, quando Nassau se retirou de Pernambuco.

Ambrósio Fernandes Brandão conhecia Duarte Gomes, seu companheiro nas guerras da Paraíba, vizinhos que foram depois, com engenhos servidos pelas mesmas águas: por que lhe não revelou o nome benemérito?

12. Em 1584, em Pernambuco, o pau-brasil estava arrendado por dez anos em 20.000 cruzados cada ano. A Paraíba, logo depois de fundada, começou a render ao Estado 40.000 cruzados, que em tanto se arrendou seu contrato de pau-brasil.

— Conf. Varnhagen, *História Geral do Brasil*, tomo segundo, 11-12, 3.ª ed.

O desembargador Sebastião de Carvalho veio para o Brasil em 1607 a devassar dos descaminhos do pau-brasil na Capitania de Pernambuco. Uma carta de D. Diogo de Menezes ao rei, datada do Recife, 4 de dezembro de 1608, cópia no Instituto Histórico, informa a esse respeito: "Primeiramente o negócio do pau a que veio Sebastião de Carvalho se não houvera de fazer, nem o povo lho houvera de consentir se eu aqui não estivera, porque sei que se fizeram juntas de moradores cá de fora, em que a todos pareceu que era não serviço del-Rei, e assim o que haviam de fazer era não consentir que começasse a tirar a devassa, e não falta quem diga que outros estiveram para lhe atirar à espingarda, e uma e outra coisa deixaram fazer por meu respeito".

13. Segundo Bluteau e Moraes, na Beira emprega-se a palavra *pousa* ou *pousada* para significar cinco ou seis feixes de pau atados. Parece que nesta acepção deve ser entendida a palavra *pousa* do texto. (Nota de Varnhagen na primeira publicação deste *Diálogo*).

14. *Passo*, na acepção empregada no texto, de armazém ou depósito de mercadoria para embarque, geralmente situado no litoral ou à margem dos rios navegáveis, é vocábulo que léxicos portugueses não recolheram. De sua ocorrência na linguagem antiga do Brasil, ou mais propriamente de Pernambuco, nos alguns exemplos entre os muitos que poderiam ser aqui citados.

Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, 106, ed. de 1918, tratando do Recife, escreveu: "...está ali uma povoação de duzentos vizinhos com uma freguesia do Corpo Santo, de quem são os mareantes muito devotos, e muitas vendas e tabernas e os passos de açúcar, que são umas lojas grandes, onde se recolhem os caixões até se embarcarem os navios..."

Diogo Lopes de Santiago, *História da Guerra de Pernambuco*, in *Revista do Instituto Histórico*, XXXVIII, parte 1.ª, 276, disse: "Vendo Matias de Albuquerque que o inimigo estava apoderado da vila e pressentindo (o que em breve sucedeu), que dela havia de vir ganhar o *Arrecife*, mandou pôr fogo às casas que vulgarmente chamam *Passos*, que estavam cheias de caixas de açúcar..."

E Frei Rafael de Jesus, *Castrioto Lusitano*, 520, Lisboa, 1670: "Em quinze de agosto (de 1646) pela meia noite saiu do Arrecife o mesmo Segismundo, com toda a gente, que tinha, passou o vau dos Afogados, e fez alto no *passo*, que chamam de Francisco Barreiros (*passo* dizem os naturais, àquelas casas, em que se recolhem...os açúcares)..."

Como *survival* desse fato, vêem-se ainda hoje em Pernambuco e adjacências alguns topônimos que guardam a designação primitiva.

— Conf. Francisco Augusto Pereira da Costa, *O Passo do Fidalgo*, in *Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano*, X, n. 56, 53-74, 171-173.

15. O âmbar é uma concreção intestinal do cachalote (*Physeter macrocephalus*), que, depois de expelida, é encontrada nas praias, ou flutuando sobre as águas. Como o autor diz adiante, conheciam-se no Brasil duas espécies de âmbar, o branco ou gris, e o negro; a primeira mais valiosa, era encontradiça nas costa do Jaguaribe ou Ceará, e a outra de Pernambuco até a Bahia.

Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, 612 ed. de 1918, referindo-se a Martim Soares Moreno, capitão do Ceará, a quem o rei fez mercê do hábito de Santiago e lhe deu com ele pouca tença, acrescenta, perpetrando um dos seus trocadilhos: "...por isso lhe dá Deus muito âmbar por aquela praia, com que pode muito bem matar *la hambre*".

16. Gonçalo Fernandes Trancoso, natural da vila de seu nome, na província da Beira, exerceu a profissão de preceptor, ou mestre de humanidades, e escreveu os *Contos e histórias de proveito e exemplo*, cujas primeira e segunda parte saíram à luz em Lisboa, por Marcos Borges, 1585, e por João Alvares, 1589. A terceira parte, que deixou inédita, publicou seu filho Antonio Fernandes, Lisboa, por Simão Lopes, 1596. As três partes juntas foram reimpressas várias vezes, ainda em Lisboa, por Antônio Alvares, 1646; por Domingos Carneiro, 1681; por Bernardo da Costa, 1710. Nicolau Antônio menciona uma reimpressão do mesmo lugar, 1608, e Brunet mais duas, de 1633 e 1780; ainda, há outra de 1772, que é a mais vulgar. São ao todo trinta e nove contos, alguns de tradição popular, diversos imitados de Bocaccio e outros autores, e constituem o primeiro livro de novelas que se publicou em Portugal. O número de edições que se fizeram prova em favor da estima e da vulgarização que lograram.

De fato, tão entranhado foi seu prestígio que ainda hoje, nas províncias do Norte do Brasil, aos contos fantásticos se qualificam de histórias de Trancoso, equivalendo ao que, nas partes do Sul, mais abertas à influência francesa, dão o nome de contos da Carocha ou da Carochinha, em memória do imaginoso Perrault.

Na coleção *Antológica Portuguesa*, organizada por Agostinho de Campos, há uma edição das *Histórias de proveito e exemplo*, de Lisboa, 1921.

17. O nome de rio do Extremo ocorre em alguns mapas quinhentistas, mas não se apura bem a que rio corresponde na Geografia atual.

Os mapas dos Reinel parecem identificá-lo com o Capibaribe ou Beberibe; pelo de Viegas, entretanto, será o Jaboatão, por ficar entre a ponta de Percaauri, Pero de Cabarigo, ou Pero de Cavarim, e o cabo de Santo Agostinho. Da ponta de Pero de Cavarim ao rio de Jaboatão é uma légua, em o qual entram barcos, e do rio de Jaboatão ao cabo de Santo Agostinho são quatro léguas, diz Gabriel Soares, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, 35, Rio, 1851.

Nos mapas dos Reinel o rio do Extremo está colocado ao Sul do rio de Pernambuco ou Pernambucano, o que está em desacordo com o mapa de Diogo Homem, que o arruma ao Norte do mesmo rio.

Na hipótese plausível de ser o rio Pernambuco situado ao Norte da atual cidade do Recife, o rio do Extremo deve ser o Capibaribe.

— Conf. Orville, A. Derby, *A costa Nordeste do Brasil na Cartografia antiga*, 12, Ceará, 1903; J. B. Hafkmeyer, S. J., *A costa Setentrional do*

Brasil na Cartografia dos primeiros lustros do século 16, in *Revista do Instituto Histórico de São Paulo*, XV, 269; Eugenio de Castro, *Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa*, I, 139, Rio, 1927.

18. O algodão, *maniú* dos índios, já era deles conhecido antes do descobrimento. Gandavo, *História da Província Santa Cruz*, 98, Rio, 1924, diz que na Bahia e, especialmente, em Pernambuco se dava infinito algodão e mais sem comparação que em nenhumas das outras Capitanias.

Gabriel Soares, *Tratado descritivo*, 201-202 descreve a planta e sua cultura. Esta, ao tempo de Brandônio, já estava diminuída: "... tratarei primeiro dos algodões, que já foram tidos em mais reputação, e deram mais proveito aos que nele tratavam do que de presente dão.

Antonil, escrevendo em 1711 a *Cultura e Opulência do Brasil, por suas drogas e minas*, não levou em conta o algodão.

19. *Coculo*, no texto, é o mesmo que *capulho*, isto é, a cápsula esverdeada em que o algodão se contém, dividida em três ou quatro repartimentos. A palavra não figura em nenhum dos dicionários da língua, antigos ou modernos, com essa acepção. Entretanto, tem boa origem, do latim *cucullus*, que mais diretamente dá *cogulo* e logo *coculo*.

Capulho, do mesmo étimo, sofre a influência do castelhano *cogullo* (pronúncia: *cogulho*) na sílaba final, e provavelmente do sinônimo *capa*, na inicial.

20. Neste passo Brandônio arruma as essências vegetais que fornecem madeira, e vai de memória citando apenas aquelas de que tem notícia, abundantes na Capitania ao Norte do cabo de Santo Agostinho.

São elas: *assabengita*, que não pode ser identificada; *jataúba-vermelha* e *jataúba* de cor dourada, da família das Urticáceas, *Maclura affinis*, Miq., e *M. brasiliensis*, Endil.; *piqueá*, ou *piquiá*, da família das Cariocaráceas, *Caryocar M. brasiliensis*, Camb.; *amarelo*, quiçá *louro-amarelo*, da família das Cordiáceas, *Cordia alliodora*; Cham.; *maçaranduba*, da família das Sapotáceas, *Mimusops elata*, Fr. All.; *cabaraíba* ou *cabreúva*, Leguminosa-Papilionácea, *Myrocarpus fastigiatus*, Fr. All.; *jacarandá*, Leguminosa-Papilionácea, *Machaerium villosum*, Vog.; *conduru*, da família das Moráceas, *Brosimum conduru*, Fr. All.; *sapopira* ou *sucupira*, Leguminosa-Papilionácea, *Bowdichia virgilioides*, HBK.; *camaçarim* ou *camaçari*, da família das Combretáceas, *Terminalia pagifolia*, Mart. et Zucc.; *pau-d'arco*, da família das Bignoníaceas, *Tecoma conspicua*, P. DC.; *Zabucai* ou *sapucaia*, da família das Lecitidáceas, *Lecythis lanceolata*, Poir.; *cannafistula*, Leguminosa-Caesalpiniácea, *Cassia ferruginea*, Schrad.; *camará*, não identificável como árvore; *pau-ferro*, Leguminosa-Caesalpiniácea, *Apulei ferrea*, Mart.; *pau-santo*, Leguminosa-Caesalpiniácea, *Zollernia parensis*, Hub.; *buraquii* ou *bracui*, árvore indeterminada; *angelim*, Leguminosa-Papilionácea do gênero Andira, de que há diversas espécies com o mesmo nome vulgar; *cedro*, da família das Meliáceas, *Cedrella fissilis*, Vell.; *buripiroca*, talvez *arapiraca*, Leguminosa-Mimosácea, *Piptadenia macrocarpa*, Benth.; *buraém* ou *buranhém*, da família das Sapotáceas, *Chrysophyllum glyciphaeum*, Casar.; *corsar.*; *corpaúba*, não identificável; *orendeúba*, o mesmo que *aroeira*, da família das Anarcadiáceas, *Astronium urendeuva*, Fr. All.; *goanadium* ou *guanandi*, da família das Gutíferas, *Calophyllum brasiliense*, Camb.; *quiri*, Leguminosa indeterminada; *taboa*, da família das Ciperáceas, *Ciperus giganteus*, Vahl.; *pau-de-jangada*, da família das Tiliáceas, *Apeiba tibourbou*, Aubl.; *pau-de-gamela*, da família das Moráceas, *Ficus doliaria*, Mart.; e *mangue*, de

que vêm citadas duas qualidades: o *vermelho*, da família das Rizoforáceas, *Rhizophora mangle*, Linn.; e o *branco*, da família das Combretáceas, *Laguncularia racemosa*, Gaertn.

21. Só mais tarde chegou a haver estaleiro no porto do Maranhão. Cerca de 1668, um alemão, Gaspar Verneque, e Simão Ferreira Coimbra construíam ali uma fragata. O governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, por duas vezes tomou-lhes a gente que se ocupava nessa obra para fabricar um patacho seu, destinado ao transporte do cravo do sertão.

Disso queixaram-se os construtores ao rei, que em carta de 4 de fevereiro de 1669 estranhou ao governador aquele procedimento, porquanto não devia ele divertir a fábrica da mesma fragata, impossibilitando aos homens de negócio seu comércio; antes lhes devia dar toda a ajuda e favor para que se conseguisse a obra começada, "pois é em benefício do bem comum, e dos direitos da fazenda Real; e o mesmo favor se deve dar a todos, os que quiserem fabricar Navios e me dareis conta de como dais a execução esta minha ordem".

— Conf. *Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará*, I, 58-59, onde se lê *Rernique* por *Verneque*, nome ainda assim estropiado.

DIÁLOGO QUARTO

ALVIANO

Ontem vos estive esperando toda a tarde deste mesmo ponto, e por faltardes dele me tornei a recolher mais cedo do que imaginava.

BRANDÔNIO

Certa ocasião foi causa de não poder cumprir com o que vos tinha prometido; mas, mas se se vai dizer a verdade, quis fazer pé atrás para poder dar melhor salto sobre que hoje havemos de tratar; porque a matéria é tão fecunda que requer muito estudo para se prosseguir, que do seu processo se debuxarão mais ao vivo as riquezas e grandezas do Brasil, supondo que as mais das coisas de que pretendo tratar são das capitanias da parte do Norte, porque das do Sul sei pouco por respeito de, como já disse outra vez, não haver andado por aquelas partes. Mas das que tenho entre mãos para haver de tratar, há tanto que dizer que não sei por onde comece.

ALVIANO

Dizei tudo a vulto, como melhor puderdes, em forma que deis cumprimento ao que pretendeis, que é mostrar claramente as riquezas deste Estado.

BRANDÔNIO

Sem grandes colóquios as pudera eu mostrar numa só coisa, a qual é, e não tenhais por graça, que me esforçarei a provar, que, se as três capitanías, que são a de Pernambuco, a de Itamaracá e a da Paraíba, quando foram todas de um senhor livre e isento na

jurisdição e vassalagem, lhe haviam de render, em cada um ano, mais de um conto de ouro.

ALVIANO

Todo o reino de Portugal estou em dizer que não rende tanto a Sua Majestade, e vós quereis pôr em prática que essas três capitanias hajam de render tantos cruzados!

BRANDÔNIO

Não são isto quimeras, nem fantásticos fingimentos, antes verdades que logo vos determino mostrar a certeza delas, como já tenho mostrado outras semelhantes: E assim me torno a reformar que, se as três capitanias forem de senhor livre, há de colher delas de rendimento, em cada ano, o que tenho dito; porque já vos mostrei, por conta, de como importavam os açúcares, que se navegavam somente destas três capitanias para o Reino, para a fazenda de Sua Majestade, nos direitos que pagam às alfândegas, mais de trezentos mil cruzados, e tantos havia de colher o senhor livre dos mesmos direitos por saída, quando deixasse navegar os tais açúcares, cada um para parte donde os quisesse levar; sessenta e tantos mil cruzados mais o dízimo delas; dez ou doze mil das pensões, que se pagam aos senhorios e capitães, se haviam de pagar a ele, pois o ficava sendo, e outrossim quarenta mil cruzados, que importavam o rendimento do pau-brasil, e da mesma maneira o que haviam de pagar de direitos por entrada, à razão de 21 (?) por cento; as fazendas e mercadorias que viessem, e se navegassem de todas as partes para as ditas três capitanias, que, conforme a minha estimação deviam de importar ao redor de cento cinqüenta mil cruzados. E tudo isto é coisa que está já sabida, no que não pode haver dúvida; e o que ainda se não sabe, nem experimentou, de que pode colher também muito rendimento, é a saber: pimenta da Índia, que pode fazer plantar e colher pelo modo que tenho dito, e outra diversidade de castas, que há dela, excelentes e assaz estimadas dos estrangeiros; quantidade grande de malagueta, a qual se dá e colhe pelos matos silvestres, sem benefício nenhum, em abundância, gengibre, que pode mandar cultivar por a terra ser muito caroável de o dar, o qual, navegado para Frandres e outras terras de estrangeiros, deixará muito proveito; infinidade de anil que pode mandar lavrar, porque a erva de que se faz (a qual na Índia e Índias se planta e granjeia com cuidado e diligência) aqui nasce pelos campos em tanta quantidade, sem nenhum benefício, que se pode lavrar dela grande soma de semelhante droga. Por maneira que todas estas coisas postas em uso, e juntas com as que já estão postas, devem de dar de rendimento ao tal senhor, quando o fosse no modo que tenho dito, muito mais do milhão de ouro de que vos maravilhastes.

ALVIANO

Não duvido que, quando essas coisas viessem a lume, poderia suceder desse modo; mas, enquanto não estão em uso não temos para que fazer caso delas, e assim vos peço que nos passemos à nossa prática de que cuido que a de presente deve ser de como se fazem os moradores deste Estado ricos pela lavoura.

BRANDÔNIO

Assim o farei, posto que tinha para dar resposta muito concludente a essa vossa dúvida. E vindo ao que nos importa, para havermos de levar enfiado o que temos para dizer acerca da lavoura, convém que comecemos primeiramente pelos mantimentos.

ALVIANO

Assim me parece ser razão que o façais, porque deles tem princípio todo o modo de lavoura, e por eles se exercita com tanto cuidado e diligência.

BRANDÔNIO

Os mantimentos, de que se sustentam os moradores do Brasil, brancos, índios e escravos de Guiné, são diversos, uns sumamente bons, e outros não tanto; dos quais os principais e melhores são três, e destes ocupa o primeiro lugar a mandioca [1], que é a raiz de um pau, que se planta de estaca, o qual, em tempo de um ano, está em perfeição de se poder comer; e, por este mantimento se fazer de raiz de pau, lhe chamam em Portugal *farinha de pau.*

ALVIANO

Assim é: quando querem vituperar o Brasil, a principal coisa que lhe opõem de mau é dizerem que nele se come farinha de pau.

BRANDÔNIO

Pois essa farinha é um excelente mantimento, e tal que se lhe pode atribuir meritamente o segundo lugar depois do trigo, com exceder a todos os demais mantimentos, de que se aproveita o mundo.

ALVIANO

Pois dizei-me o modo que se guarda para se haver de pôr esse mantimento em perfeição de poder usar dele?

BRANDÔNIO

Faz-se desta maneira: depois de estar assazonada, se tira aquela raiz de debaixo da terra, que é da grossura de um braço, e às vezes mais comprida, a qual, depois de limpa da casca de fora, a ralam em uma roda que para isso têm feita, forrados os seus extremos de cobre, a modo de ralo, e depois que espremem todo o sumo muito bem em uma prensa, que para o efeito se faz, e assim como tiram a mandioca da prensa, a vão pondo de parte feita em umas bolas, das quais a desfazem para a cozerem em uns fornos, que para isso se lavram de barro, a modo de tachas, com fogo brando, e deste modo fica feita a farinha; mas para ser boa lhe hão de lançar tapioca, quanto mais lha lançam, tanto melhor dá a farinha, das quais a feita por este modo se chama *farinha de guerra,* que dura grande espaço de tempo sem corrupção e a levam para comer no mar.

ALVIANO

E que cousa é essa tapioca, que dizeis se lança nela?

BRANDÔNIO

Compõe-se da água ou sumo que se espreme da mesma mandioca; porque depois de junta em um vaso, cria pó por baixo, a modo de farinha de Alemtejo, muito alva, e lançada a água que está por cima fora dela, fica a que se chama *tapioca,* que é o que disse que se mistura com a farinha. E para mantéus engomados e outras cousas semelhantes é muito melhor que a goma que se faz em Portugal; mas há nisto uma cousa notável, que aquela água ou sumo, que se lança do vaso, depois de se tirar a tapioca, é peçonha finíssima, a qual toda pessoa ou alimaria, que a come ou bebe, morre sem remédio, e ainda depois de lançada na terra se forma daquela umidade uns bichos que, se os tomarem secos e os fizerem em pó, fica sendo o mais fino e apurado veneno de todos quantos se podem imaginar.

ALVIANO

Não tenho eu por muito sadio o mantimento, donde tão grande veneno se forma.

BRANDÔNIO

Pois também vos direi mais que também a raiz, antes de se lhe fazer o benefício que tenho dito, é veneno e mata a quem a come, exceto uma sorte de semelhante raiz a que chamam *macaxeira*; porque esta tal se come assada ou cozida, com ter o sabor das castanhas da nossa terra; e contudo a de outra sorte, posto que é tão peçonhenta, preparada como tenho dito, fica sendo mantimento assaz sadio e muito acomodado para a natureza humana, e não se sabe haver nunca feito mal a ninguém por nenhuma via.

ALVIANO

Pois se a sorte dessa mandioca é peçonhenta, como tendes dito, e a outra não, por que se não usa antes da que o não é?

BRANDÔNIO

Não o fazem, porque, como a que não faz dano se pode comer sem benefício, furtam muito dela por ser mantimento que sempre está no campo, e vão tirar dele quando o querem comer; e assim fica sujeita aos ladrões, os quais se inclinam a furtarem daquela de que se aproveitam logo sem benefício. E ainda, além do modo que tenho dito, há outro, com o qual se faz esta farinha mais regalada, de que usa a gente nobre e mimosa, por ser de muito bom gosto.

ALVIANO

Pois dizei-me o modo como isso se faz.

BRANDÔNIO

Tomam a mandioca depois de colhida e lançam-na de molho em água corrente, porque é melhor, até apodrecer, e podre a despem da casca, e a desfazem entre as mãos; e, desfeita, a põem a cozer no forno, que já disse, e como está cozida a comem assim fresca; e quanto mais quente melhor, com ficar de tanto gosto que muitas pessoas rejeitam pão alvo muito bom por ela. Também se faz da mandioca, depois de ralada em fresco, umas como obreias, a que chamam *beijus*, e por outro nome tapioca, das quais se servem na mesa em lugar de pão, e duram muitos dias.

ALVIANO

Ides transformando essa mandioca em tantos modos, que ficará tendo mais cores que um sardão.

BRANDÔNIO

Pois ainda se fazem mais transformações dela, a qual é que, depois da mandioca estar podre n'água, pelo modo que tenho mostrado, porque a que está desta maneira se chama *mandioca puba*, lhe tiram a casca, e a põem no fumeiro, donde, depois de estar curada e seca, se chama carimã, e se faz dela uma excelente farinha, de que se fazem umas papas em caldo de galinha e de peixe, e também com açúcar; as quais são de maravilhoso gosto e de muito nutrimento, e também as aplicam para mantimento de enfermos com muita vitalidade dos tais, e a este semelhante manjar dão por nome *mingau*.

ALVIANO

Pois dizei-me por que preço se vende um alqueire de farinha ordinária e quanta quantidade dela é necessária para sustentação de um homem?

BRANDÔNIO

Os alqueires destas capitanias são maiores que os do Reino duas vezes e meia, em forma que um alqueire dos de cá responde por dois e meio dos de Portugal; um alqueire dos semelhantes é bastante para sustentar a um homem por espaço de um mês, e vale a duzentos e cinqüenta réis e a trezentos, e às vezes é mais barata, segundo a falta ou abundância que há dela.

ALVIANO

Já que tendes dado o primeiro lugar de bondade entre os mantimentos do Brasil à mandioca, dizei-me agora qual é o segundo de que seus moradores se aproveitam?

BRANDÔNIO

O mantimento que ocupa o segundo lugar (posto que em muitas partes do mundo se tem pelo primeiro) é o arroz, que nesta província se produz em muita abundância à custa de pouco trabalho (²); mas os seus moradores, por respeito da mandioca, de que já tenho tratado, plantam muito pouco, porque reputam quase por fruta e não mantimento, por acharem a farinha de mais sustância.

ALVIANO

Pois não devera de ser assim, que o arroz é excelente, e por ser tal se sustenta dele a maior parte da Ásia.

BRANDÔNIO

Assim passa, mas os moradores desta terra aproveitam mais da mandioca, com lhes custar mais trabalho o uso dela; porque o arroz se produz com facilidade por qualquer parte, e nas terras alagadas, que não servem para outra cousa, se dá melhor. Verdade é que, por se não transpor, como se faz na Índia, não amadurece todo junto, e por esse respeito dá trabalho a sua colheita; mas por outra parte a facilita, com se deixar colher dois e três anos, e dar outras novidades; porque o rastolho que fica quando não é trilhado e destruído das alimárias, na entrada do mais próximo torna outra vez a reverdecer de novo e a levar fruto perfeito.

ALVIANO

Passemo-nos agora a tratar do terceiro modo de mantimento, de que haveis dito se fazia caro por ser bom.

BRANDÔNIO

Este terceiro é o milho de maçaroca, que em nosso Portugal chamam *zaburro* e nas Índias Ocidentais *maïs*, e entre os índios naturais da terra *abati* (³): é mantimento mui proveitoso para sustentação dos escravos de Guiné e Índios, porque, se come assado e cozido e também em bolos, os quais são muito gostosos, enquanto estão quentes, que se fazem dele, depois de feito em farinha; e para sustentação de cavalos é mantimento de grande importância, e para criação de aves.

ALVIANO

Pelo menos nas Índias se tem por tal, e se usa geralmente dele.

BRANDÔNIO

Pois nesta terra se dá à custa de pouco trabalho, antes com muita facilidade, em tanto que em cada um ano se colhem duas novidades dele.

ALVIANO

Não sei como isso possa ser, se não quereis atribuir a esta província dois invernos.

BRANDÔNIO

Não há senão um somente, como já tenho dito, mas as duas novidades se colhem deste modo: com as primeiras águas, que chovem na entrada de fevereiro pouco mais ou menos, que é o princípio do inverno se planta, e, quando vem no mês de maio, se colhe, porque já então está perfeito, e logo o tornam a semear na própria terra, e segunda vez leva fruto, que se colhe por agosto.

ALVIANO

Fertilíssima deve ser a terra que dá duas novidades no ano.

BRANDÔNIO

É tanto que ainda de alguns frutos dá três, como adiante direi. E estas são as três sortes de mantimentos principais de que se usa no Brasil.

ALVIANO

Não vos vejo fazer menção do trigo, centeio e cevada, nem milho, mantimentos tão estimados na nossa Espanha e por toda a Europa, e assim em geral na mor parte do mundo, pelo que me parece que os não deve de produzir a terra.

BRANDÔNIO

Por não me envergonhar a mim e aos demais moradores deste Estado, desviava-me de mover prática sobre esses mantimentos, os quais não produz a terra, não por culpa sua, senão pela pouca curiosidade e menos indústria dos que a habitam (4); porque eu semeei já por duas ou três vezes na capitania de Pernambuco trigo, do qual a verdadeira sementeira deve ser por São Pedro, fim de junho, pouco mais ou menos, porque o tal tempo corresponde, na qualidade, com o da sementeira de Portugal; do qual trigo deixei crescer uma parte dele na forma que fora semeado, e a segunda parte lhe meti a fouce para que tornasse atrás, e a terceira seguei da mesma maneira duas vezes; todo este trigo veio à perfeição, posto que o que foi segado deu melhores espigas, do qual colhi perto de um alqueire dele, por a semente não ser para mais; e cada um grão filhava de maneira que correspondia com cinco e seis espigas. Verdade seja que algumas delas eram faulhentas, mas o trabalho desta sementeira está em que o trigo não amadurece todo junto, antes quando umas espigas estão de todo perfeitas, outras em leite e algumas começam de botar pendão; pelo que foi necessário segarem-se as espigas gradas e maduras, com deixar ficar as outras, o que dá muito trabalho.

ALVIANO

E para se haver de emendar essa falta se usaria de alguma indústria?

BRANDÔNIO

Entendo que sim; porque no ano de mil e quinhentos e noventa e nove em Portugal, tratando eu da matéria com um fidalgo velho Asturiano, me veio a dizer que na terra aonde vivia estava uma grande várzea, da qual nunca se aproveitaram por dar o trigo da mesma maneira, respeito de sua muita fertilidade; mas de poucos anos a esta parte usaram de um excelente remédio, com o qual dava já trigo perfeito, com gradar todo junto, para se poder segar; o qual remédio era que, depois do trigo semeado e sair da terra quase um palmo, lhe tornavam a meter o arado de novo, para que se arrancasse e espedaçasse assim em a terra amainando de sua fúria, e por esta maneira vinha a levar a novidade igualmente como o demais trigo; pelo que depois de eu tornar a esta, quis fazer a experiência do que o Asturiano me disse, com transpor uns grãos de trigo que semeei em terra fértil, a qual foi tomando o fruto todo por um, e da mesma maneira começava a gradar; mas não chegou à perfeição, porque um anoiteceu todo comido dos pássaros.

ALVIANO

Pois, por que não tornastes a secundar com a experiência?

BRANDÔNIO

Porque se me comunica também o mal da negligência dos naturais da terra; mas o que acerca disto entendo é que, se for plantado o trigo nas campinas, que é terra arisca, dará fruto perfeito, sem mais outra diligência; posto que o não experimentei, porque as que fiz até agora todas foram em terras de várzea de massapês, fertilíssimas, aonde vicejava o trigo muito, o que não deve de fazer nas campinas por ser terra fraca.

ALVIANO

Em verdade que tenho paixão de ver a pouca curiosidade dos habitantes desta província, pois se lhe não alevantam os espíritos para fazerem experiência de cousa tão importante, e de que tanta utilidade se seguirá a todos. Mas que me dizeis da cevada, centeio e milho?

BRANDÔNIO

Do centeio e cevada não tenho ainda feito experiência, mas do milho sim, o qual se dá melhor e em mais quantidade do que se dá em Portugal; mas não se usa dele, porque a gente da terra se contenta somente com aquilo que os passados deixaram em uso, sem quererem anadir outras novidades de novo, ainda que entendam claramente que se lhes há de conseguir do uso delas muita utilidade, de maneira que se vem a mostrar nisto serem todos padrastos do Brasil, com lhes ser ele madre assaz benigna.

ALVIANO

Não sei que diga a tanto descuido e negligência, senão que são todos ingratos a Deus, em não se saberem aproveitar dos benefícios que lhes faz e promete neste Estado; posto que também creio haver de vir ainda para o futuro quem lance mão deles. Mas pareceme que haveis dito que, além dos três mantimentos, cuja qualidade e natureza tendes referido, havia ainda outros.

BRANDÔNIO

Sim, há, os quais aproveitam para o tempo de esterilidade, posto raramente sucede havê-la nesta terra; os quais são estes (5): o primeiro a raiz do *caravatá*, que se dá pelos campos sem nenhum benefício, da qual se faz farinha de boa sustentação; o segundo é folhas de mandioca cozidas, a que chamam *maniçoba*, as quais são também excelentes para tempo de fome, e ainda sem ela a usam muitas pessoas por mantimento; o terceiro é o fruto de uma árvore grande, a que chamam *comari* (?), o qual serve também de mantimento; o quarto uns coquinhos que pelo nome da terra se chamam *aquês*.

Estes tais se colhem dos pequenos coqueiros, em que se dão em cachos depois de maduros, e se espreme deles uma substância doce e gostosa, que se lhe tira dentre a casca, espremidos com as mãos dentro na água e de tudo junto, sendo cozido ao fogo, se formam umas papas que comem, e com elas juntamente os coquinhos, que estão dentro no caroço, depois de esbrugado e partido; e deste mantimento se sustenta grande parte do gentio da terra e dos negros de Guiné.

O quinto é a raiz de um cipó, a que chamam *macuna*, a qual desfazem em farinha, que comem depois de cozida.

ALVIANO

Dizeis que esses mantimentos, que tendes referido, servem para tempo de necessidade, de fome, e eu não sei como isso possa ser, porque, quando a esterilidade é geral, abrange a todas as sementeiras, frutos e plantas.

BRANDÔNIO

Verdade é que em Espanha sucede isso dessa maneira, mas aqui no Brasil não; porque todas estas cousas nascem pelos campos sem benefício nenhum, com serem agrestes e sempre, de qualquer maneira que o tempo curse, se acham por eles em abundância.

ALVIANO

Por essa maneira não se deve de arrecear a fome neste Estado.

BRANDÔNIO

Quando a haja, nunca perece por causa dela gente, porque usam de semelhantes remédios, e com isso passemos avante, ainda que vos confesso que se me representam ante os olhos tantas cousas sobre que haver de tratar, que receio de me meter em tão grande labirinto; mas já que tenho tomado à minha conta o haver de dizer das grandezas do Brasil, irei mostrando primeiramente a grande fertilidade de seus campos, e depois formarei uma fresca horta abundante de diversidades de cousas, e logo irei ordenando um pomar abastecido de diversas árvores e com excelentes pomos, e da mesma maneira um jardim povoado de flores e boninas sem conto. E então julgareis se se pode dar ao Brasil nome de ruim terra, como de princípio lhe quisestes chamar.

ALVIANO

Já vejo que me enganava, e para que de todo me acabe de desenganar, vos peço que me leveis essa ordem, porque me parece maravilhosa.

Brandônio

Quero dar o primeiro lugar dos legumes desta terra às favas, porque são por extremo boas, e na grandeza e gosto muito melhores que as de Portugal ([6]); mas a planta é diferente, assim na folha, como ao modo dela, porque a de cá trepa como hera, colhem-se verdes e secas, e de ambas as maneiras são excelentes.

Alviano

Não se devem de dar na terra de Portugal, pois se não usa delas.

Brandônio

Sim, dão; mas os moradores deste Brasil querem se aproveitar antes de estoutras, por serem naturais dele e se granjearem com menos trabalho, com darem mais rendimento no fruto. O outro legume também muito bom são feijões, como os nossos de Portugal, que se dão em grande quantidade dos quais também usam em verde e depois de secos. Também se colhem na terra muitas ervilhas, das quais se aproveitam do modo que o fazem em Portugal e da mesma maneira há outros feijões de diferente feição, que se chamam *gandus,* os quais vieram aqui de Angola, e se dão em árvores, não muito grandes, com serem de excelente gosto, e reputados por maravilhoso legume.

Alviano

Nunca ouvi que se dessem feijões em árvores.

Brandônio

Pois estes são de diferente casta, e por isso produzem nelas. E da mesma maneira se acham outros feijões, que nascem em bainhas, chamados *sapotaja.* Também há um modo de milho, semelhante ao que chamam *naxenim* na Índia, antes entendo que é o próprio; o qual se trouxe de Angola, que os escravos chamam *massa; gergelim,* se produz de tão boamente que de pequena sementeira dele se apanha grande colheita. Outra sorte de legume há a que chamam *amendoim,* que são de feição de bolotas, e dentro de cada coculo tem dois pinhões maravilhosos na substância e gosto, comem-se assados e cozidos e também crus, sem nenhum benefício. E outro chamado *passendo,* a modo de cana, que se tem por legume. E da mesma maneira há uma raiz que se colhe debaixo da terra, chamada *tamotarana,* assaz gostosa. E pelo conseguinte outra a que dão o nome *tajoba;* e outra chamada *taiá,* que todas são raízes de muita sustância.

Alviano

Ides formando tantos legumes, que já cuido que lhes ficam os que se acham em Espanha inferiores.

Brandônio

Pois tenho muito que dizer deles, porque há uns como abóboras, a que no Reino chamam de Guiné, e antes cuido serem as próprias, de duas sortes, das quais a uma se chama *jerimu,* e a outra *jerimu pacova,* que servem de mantimento, do qual se sustenta muita gente, por ser de grande substância, e se come assado e cozido, e quando se lhe ajunta azeite e vinagre, pode fazer postoleta na mesa dos grandes, para os quais se compõem também em açúcar, com serem muito estimados, e conservam-se muitos dias sem apodrecerem.

Alviano

Também em Portugal se guarda essa abóbora, a que dais o nome de *jerimu,* muito tempo sem corrupção.

Brandônio

Pois aqui no Brasil se dão muito melhores. Também há muitas abóboras, a que chamam de cabaço, de suma grandeza, e outras mais pequenas, que se comem. E das grandes vi algumas que levavam dentro em si dois alqueires e meio de farinha, que são cinco de Portugal.

Alviano

Onde há semelhantes cabaças, podem-se escusar sacos, porque alojam mais dentro em si.

BRANDÔNIO

Pois assim passa: e se quiserdes vê-los vô-los amostrarei, porque vos não fique escrúpulo. Também se produzem na terra muitas e excelentes batatas, muito melhores das que se levam a Portugal, de que se fazem bocados, doces maravilhosos e batatadas em panelas, como marmelada, e também se comem assadas e cozidas. Da mesma maneira se produzem muitos e bons inhames e outra casta deles chamados *carás*, que são da mesma espécie, mas muito maiores; e todos estes legumes, que o são na realidade da verdade, se guardam em casa, aonde duram muitos dias livres de podridão, e sobretudo o mais excelente legume de todos são umas castanhas que chamam de *caju*, muito gostosas de comer e de muito nutrimento, que se conservam longo tempo, e se comem assadas, e da mesma maneira se servem delas para tudo em lugar de amêndoas.

ALVIANO

Tendes nomeado tantos e tão diversos modos de legumes, que é necessário uma cartilha para se poder estudar o nome deles; mas folgara de saber por que se não aproveitam também de grãos, chícharos, lentilhas, tremoços de nosso Portugal, de que cuido deve de ser a causa não os produzir a terra.

BRANDÔNIO

Sim, produz, porque eu semeei semelhantes legumes, posto que em pequena quantidade e deram fruto. E de se não usar deles, não sei dar outra causa senão a geral enfermidade do Brasil, que já tenho apontado.

ALVIANO

Quanto mais me dizeis disso, tanto vou concebendo da terra melhor opinião, e de seus moradores muito má.

BRANDÔNIO

Dizei quanto quiserdes sobre essa matéria, porque tenho a culpa geral por tão grande, que cometeria erro quem os quisesse de-

fender; mas já que íamos tratando dos frutos, que os campos produzem, quero vos mostrar que são tais estes brasilienses, que lhe ficam muito atrás os Elísios tão celebrados dos poetas em seus fingimentos, e da mesma maneira o fabuloso paraíso do torpe Mafamede, do qual põem a felicidade em que corriam por eles rios de mel e de manteiga; porque estes nossos campos, com serem naturais e não sonhados para se fabricarem na idéia, correspondem gozando daquelas coisas que, com tanto estudo de fingimentos, se representaram; porque nestes nossos campos achareis rios de mel excelentíssimo, e de manteiga maravilhosa, de que se aproveitam seus moradores com pouco trabalho.

ALVIANO

Não sei como isso possa ser.

BRANDÔNIO

Pois crede-me que assim passa; porque pelas muitas árvores, de que abundam os campos, nas tocas delas criam o seu favo de mel inumeráveis abelhas, e também na terra por buracos dela em tanta quantidade que para se haver de colher não é necessário mais que um machado, com o qual a poucos golpes se fura a árvore, e um vaso para recolher o mel, que de si lança, que é em tanta quantidade que somente dele, sem mais outro mantimento, se sustentam muitas gentes, como adiante, quando tratar dos costumes do gentio, direi. E além do mel que se colhe por esta via, se acha um fruto agreste chamado *piqueá* a modo de uma laranja, dentro do qual se tira mel maravilhoso, como clarificado, que se come com colher. E estes se podem chamar verdadeiros rios de mel e não os fabulosos e os maometanos; pois se os quereis buscar de manteiga, dar-vos-ei pelos campos quantidade grande dela no muito leite, que por eles se colhe, de vacas, cabras e ovelhas, do qual se compõe maravilhosa manteiga, e da mesma maneira outra muita que se faz dos porcos, dos quais há quantidade grande neste Estado, assim domésticos, como agrestes.

ALVIANO

Não há quem possa ir contra isso; porque claramente vejo que assim passa e que temos entre as mãos os verdadeiros Campos Elíseos fingidos dos poetas.

Brandônio

Não pára aqui, porque outras muitas cousas tenho ainda que vos mostrar neles, das quais a primeira quero seja grande quantidade de vinhos, que se acham pelos seus matos, posto que não do nosso de Portugal, que se faz das uvas (7), e não porque a terra o não daria muito bom, mas por descuido dos que a habitam, como adiante direi; mas de outros que se acham em grande quantidade como é o vinho que se faz das canas-de-açúcar, que para o gentio da terra e escravos de Guiné é maravilhoso; e outro que se faz do mesmo açúcar com especiaria, a modo de aloxa, que para os brancos é coisa muito regalada. Também se faz vinho de mel de abelhas, misturado com água, de muito gosto e assaz proveitoso para a saúde de quem o costuma beber. Outro vinho, de uma fruta chamada *caju*, de que abundam os campos, do qual se aproveita muita gente branca; vinho de palma, da sorte que se usa na Cafraria, de que se pode fazer muita quantidade, por abundar a terra de semelhantes plantas; também o vinho que se faz dos coqueiros, da selva que se tira deles, tão usado na Índia, do qual os moradores desta terra ainda se não aproveitam pelo costume geral que tenho apontado.

Alviano

Com tantas sortes de vinhos bem se poderam escusar os que trazem das Canárias e ilha da Madeira, principalmente com esse que dizeis que semelha à aloxa, a que sou muito afeiçoado.

Brandônio

Pois os que apontei se acham em muita abundância. E já que temos tratado deles, vos quero agora mostrar a muita quantidade de azeites, que se dão pelos campos sem cultura nenhuma (8): primeiramente se colhe muito bom azeite de comer, e não pouco, do fruto de uma árvore chamada *abatiputá*, que nasce agreste por esses campos; e de outra fruta, chamada *inhanduroba*, do tamanho de um pêssego, que dá dentro umas favas, se faz grande cópia de azeite maravilhoso para se alumiar com ele, com ter outra excelência pouco de estimar, a qual é que os bichos, nem aves por nenhum caso comem dele. Também de uns pinhões, que se chamam de *purga*, se colhe muito com a mesma propriedade. De muitas figueiras-do-inferno, de que a terra abunda, se faz também muito azeite, principalmente de uma sorte delas de diferente casta, que dá umas bolotas do tamanho de avelãs, das quais tirado o miolo de dentro, se desfaz toda em azeite, sem lhe ficar nenhum bagaço; em tanto que, depois de ser pisada, sem mais benefício, pode servir em lugar de sebo para todas as unturas que dele se quiserem fazer, e para ungüentos e cura de chagas se tem por muito bom; e tanta cópia de azeite encerra dentro em si esta frutinha, que enfiada em um pau alumia, como candeia, enquanto lhe dura o nutrimento que é por grande espaço. Também se pode fazer azeite de coco, como se usa na Índia, porque se dão aqui grandemente os coqueiros; mas a manqueira tantas vezes apontada dos brasilienses lhes impede usarem deste benefício.

Alviano

Não pode padecer falta de azeite terra que tanta quantidade tem dele.

Brandônio

Muito bem poderá escusar o que vem do Reino, e da mesma maneira outras muitas coisas, como no decurso de nossa prática ireis vendo, das quais a principal fora o pano de linho e mais sorte de lençaria; porque na própria terra se pudera fazer muito.

Alviano

E de que modo?

Brandônio

Já vos tenho dito do muito algodão que aqui se colhe, pois na Índia se faz dele tanta sorte de lençaria, por que se não fará também nestas partes, quando seus habitadores se quiserem dispor a isso? Demais do algodão, se acha pelos campos umas folhas de uma árvore, a que e dá o nome de *tucum* da qual se tira o fiado assaz fino e rijo, e por extremo bom; e deste é que se faz a pita, tão estimada em Espanha, que vem das Índias, e com se dar nesta terra melhor e em mais quantidade, não se aproveitam dela. Também se acha uma planta agreste, chamada *caroatá*, que dá grande cópia de linho fino e assaz proveitoso; e assim de todas estas cousas, que se acham pelo campo, se poderá a lavrar toda a sorte de lençaria.

ALVIANO

Posto que tudo isso seja muito bom, o nosso linho é cousa excelente e estimado do mundo por tal.

BRANDÔNIO

Ninguém poderá encontrar essa verdade, o qual também se produziria nesta província em grande quantidade, de modo que se pudesse levar dele por mercancia para Espanha, principalmente do que chamam cânhamo, mas não usam dele.

ALVIANO

Pois não devera ser assim, porque o linho, como é cousa de tanta importância, em toda parte se deverá estimar.

BRANDÔNIO

Isso é cousa que não leva remédio, como já disse, e para que vejais claramente a riqueza da terra, vos quero mostrar, pelos campos, finíssima lã, da qual se poderão aproveitar para panos, dos que se fazem dela, e em forros de vestidos, enchimentos de colchões, travesseiros e almofadas.

ALVIANO

Pois, se pelos campos pastam as ovelhas e carneiros, quem duvida que deles se possa tirar essa lã?

BRANDÔNIO

Verdade é que esses carneiros e ovelhas a poderão dar em abundância; mas não é essa sorte de lã de que eu trato, senão de outra diferente espécie, que produz uma árvore chamada *monguba*, a qual é a lanujem sobre que havemos começado esta prática, que sem dúvida fará muito bons panos e chapéus. Também há outra árvore a que não sei o nome, que produz um fruto do tamanho de uma pinha, quadrangular, dentro no qual se acha um modo de lã, que tenho para mim ser a mesma que na Índia chamam *panha*, maravilhosa para enchimento de tudo o que é necessário ser cheio para o serviço de cama, e vestidos, e outras cousas. E ainda além desta *panha* de que abundam os campos, se fazem arrazoados colchões, dos quais se serve muita gente branca, de um junco chamado *tabua*, que se cria por terras alagadas, o qual, por ter corpo e bastante grossura, dá bom jazigo com ser muito quente, pois para esteiras há diversidades de castas de juncos, de que se podem fazer muito finas.

ALVIANO

Já me tendes mostrado por estes campos americanos mantimentos e legumes bastantes para sustentação de muita gente, e da mesma maneira mel, manteiga, vinhos, azeite, panos de lençaria e outros de lã, camas brandas para se repousar nelas, não espero agora senão que me deis casas para morar.

BRANDÔNIO

E que será quando vo-las der?

ALVIANO

Isso é cousa impossível, se não buscardes Urganda para que vo-las fabrique por encantamento (⁹).

BRANDÔNIO

Pois não tenhais por tal; porque, sem indústria de pedreiros, nem compassos de carpinteiros, nem maço de ferreiros, nem adjutório de oleiros, se alevantam neste Estado muito boas casas, de cousas que se colhem pelo campo.

ALVIANO

Pois dizei-me o modo, e não me tenhais mais suspenso.

Brandônio

Já vos tenho dito das muitas madeiras que há nesta terra. Estas se mandam cortar por escravos, com as quais se alevantam casas de duas águas; e em lugar de pregos se servem de dois modos de cordas, com que se amarram e seguram as tais madeiras; a uma delas chamadas *cipó,* e a outra *timbó,* que são tão boas e tão fortes para o efeito, que se traz por comum adágio que se não houvera cipó, não se pudera povoar o Brasil pelas diversas cousas de que se aproveitam dele. Esta casa armada por este modo fica também fácil a cobertura dela; porque dos mesmos campos colhem uma herva a que chamam *sapé,* que serve em lugar de telha, e tem de bondade ser mais quente que ela; e também de uma árvore como palma, a que chamam *pindova,* se faz mui boa cobertura; e nestas casas alevantadas por este modo vivem nos campos muitos moradores deste Estado, posto que também as há de pedra e cal bem lavradas.

Alviano

Com saber claramente que o que me contais são verdades puras, todavia me parecem cousas fantásticas pela grandeza delas; mas dissestes que desse cipó e timbó se fazem cordas, folgarei de saber se são boas para fábrica de naus.

Brandônio

Por nenhum caso servem para isso, senão para o que tenho dito e outras cousas semelhantes; mas, para cordoalha de navios se aproveitam da casca de uma árvore chamada *envira,* da qual se fazem excelentes cordas, rijas e de muita dura. Também se poderão fazer das de cairo, como as que se fazem na Índia, por haver nesta terra grande quantidade de coqueiros (e haveria muito maior se plantassem), dos quais se poderia tirar muito cairo para o efeito, e é tanto isto assim que na Paraíba há um coqueiro que os cocos que dá, em vez do âmago que se come deles, o não tem, antes ocupa todo o côncavo do tal coco com cairo, coisa que nunca vi em outra parte; mas não se aproveitam disso. Também da casca de outra árvore chamada *zabucai* se faz maravilhosa estopa para calafetar navios melhor e de mais dura que a de que se usa. Nasce também pelos campos um modo de rotas, como as da Índia, a que chamam *tixarimbó,* maravilhosas para se lavrarem delas cestas e açafates. E da mesma maneira canas, a que chamam de *Bengala,* tão boas como as da Índia. E porque me não esqueça, direi que de duas cousas de que os campos abundam, há uma muito boa, e outra assaz péssima, posto que digna de consideração.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Alviano

E quais são essas?

Brandônio

A boa uns palmitos, que se tiram de certas palmeiras grandes e formosas, e de excelente comer, muito melhores que os de Portugal; e há mais uma erva ou planta que chamam *viva,* a qual, em lhe tocando uma pessoa com a mão, se marchita e torna seca, e assim persevera por um espaço, até que, pouco a pouco, torna a reverdecer, tanto aborrece ser tocada. E posto que se trabalhado por se saber a teoria da causa disso, não há podido até agora alcançar. E a raiz da tal erva é peçonha finíssima, que mata ao que a come sem remédio.

Alviano

Cousa maravilhosa e de consideração é essa, com a qual me parece que deveis ter dado fim às muitas quase milagrosas cousas de que haveis afirmado abundarem todos estes campos, pelo que será bom começarmos a tratar de outras.

Brandônio

Não dei, que ainda agora começo; porque também se acha por eles maravilhosas drogas, como são pimentas de muitas sortes e castas, grandes e pequenas, e ainda de outras que são doces no sabor; gengibre, o qual produz a terra em abundância, quando é semeado, melhor na grandura e tudo mais daquele que se traz da Índia; outro fruto que se apanha de uma árvore chamada *envira,* de que usam muitas pessoas, e por razão deverão de usar todas, por ser excelente droga, a qual usurpa para si o efeito que faz a pimenta, cravo e canela, com tingir como açafrão, cousa que não crerá senão quem o experimentar, e tem muito bom cheiro. Também se acha grande soma de malagueta, que agrestemente se produz pelos matos e campos, com haver pouco tempo que se descobriu, e pode ser que fosse eu o primeiro descobridor dela, tão pouca curiosidade mora por estas partes; das quais não se pode desinçar a erva de que se faz o anil, a qual na Índia se planta e granjeia com muito cuidado e diligência, e aqui nasce sem nenhuma indústria (10), e a pouco trabalho se poderá dela fazer cópia grande de anil, e eu o experimentei já e fiz um pouco tal e tão bom de anil que não podia ter inveja ao que se lavra nas Índias.

ALVIANO

Drogas são todas essas que dariam grande proveito, quando se pusessem em uso, e se navegassem para as partes estrangeiras, principalmente essa de envira, que tanto gabais.

BRANDÔNIO

A nada se dispõe a gente desta terra; porque, além das drogas, têm muitas tintas de que se poderão aproveitar. E sem tratar do pau chamado do Brasil, por ser bem conhecido, há outra tinta tão boa como a que ele dá, quando não seja de vantagem, a qual é a que chamam *urucu*, que dá uma tinta vermelha maravilhosa; e assim uns cachos, que tem uma fruta semelhante a ameixas, que se produzem de umas pacoveiras pequenas, a qual faz uma excelente tinta, de mais transformações que um camaleão, porque se aplica para diferentes cores, e depois de seca dura muito tempo, com conservar sua tinta perfeita. Outro pau pardo, a que não sei o nome, que em tudo faz o efeito da gualha, porque, lançado dentro na água em rachas, se se lhe ajunta uma pequena de caparrosa, incontinenti se tornam o pau e a água tão negros como a tinta. Este pau fiz experimentar no Reino, e acharam os tintureiros ser bom para com ele se dar a primeira tinta, sobre que se assentam as outras. Também se faz tinta amarela muito boa de um pau chamado *tatajuba*. E da fruta de uma árvore por nome *jenipapo* se forma tinta preta, o qual fruto, com dar o sumo branco, se qualquer pessoa se untasse com ele, ficaria a parte untada negra, e não se lhe tirará a negridão por espaço de alguns dias, ainda que se lave muitas vezes.

ALVIANO

Zombaria pesada ouvi contar haver-se feito em Espanha com essa água lançada na pia d'água benta em uma igreja, em um dia

de festa solene donde todos que a tomavam ficavam manchados de preto, com grande confusão principalmente das mulheres, que perseveraram nela até passarem os dias em que se gasta semelhante cor.

BRANDÔNIO

Também há outro pau de uma árvore pequena, que se chama *araribá*, que dá outra tinta excelente em ser vermelha, muito mais fina e subida na cor que a do pau do Brasil, e dela se aproveitam as mulheres para o rosto. Acham-se também mineiras de almagra muito fina, e outro modo dela branca, a que chamam *tabatinga* (11), com o que se caiam as casas, suprindo com ela em falta de cal, com ficarem as casas alvíssimas e limpas.

ALVIANO

E por que se não servem antes da cal?

BRANDÔNIO

Muito se faz dela na terra, mas desta tabatinga usam em muitas partes pela terem mais à mão. Da mesma maneira abundam os campos de grande quantidade de gomas de árvores maravilhosas, como é finíssima almécega, e outra do cajueiro, excelente para grudar papéis, e a de outra árvore, da qual se faz tinta amarela, e se servem dela de lacre para cerrar cartas (12). Por fim são tantas as sortes de gomas que me não atrevo a referi-las; somente direi que se colhe muita cera das árvores, donde as abelhas criam o mel, e quantidade grande de anime por mineiras.

ALVIANO

Desse anime vi já aproveitarem-se muitas pessoas para dor de cabeça com feliz sucesso.

BRANDÔNIO

Pois aqui nem para isso se aproveitam dele, e menos da virtude de muitas raízes e ervas medicinais e proveitosas, assim para purgas, como cura de chagas, havendo por melhores as que vêm de Portugal já corruptas, porque custam dinheiro. Não sei que diga mais senão duas cousas, com as quais quero concluir de andar tanto vagueando pelos campos e matos: que até o sabão para lavagem da roupa se acha nela; e se quiserdes armar aos pássaros, vos darei para isso excelente visco, que produz uma árvore chamada *visgueiro*. E com isto nos passaremos a formar a horta que temos prometida.

ALVIANO

Tendes dito tanto dos campos e matos agrestes, que não sei que mais possa esperar dessa horta, a qual, posto que por ser cousa cultivada lhe deve de sobrepujar em muita quantidade, não lhe vejo lugar onde a possais meter.

BRANDÔNIO

Não faltará algum em que a encaixemos, com não perder do seu preço a respeito da comparação alheia.

ALVIANO

Pois alembro-vos que a horta, para ser perfeita, há de ter noras, poços dágua e tanques, com que se regue, e eu sei que no Brasil não os há.

BRANDÔNIO

Não se pode dizer que não há a cousa, quando se pode haver com facilidade; porque também Portugal não foi antes de ser, quero dizer que antes de se fazerem os jardins, tanques d'água, fontes, esguichos, que hoje vemos em tanta quantidade careceu deles, porque nada se faz de per si; pelo que, se a esta terra lhe faltam de presente todas essas cousas, não é a culpa sua, senão dos que lhas não fazem; porque nela há as melhores águas, que tem o mundo, assim de rios caudalosíssimos, como de outros mais pequenos, regatos e fontes sem conto, dos quais se podem fazer todos esses brincos de fontes, tanques, esguichos a muito pouco custo, e assim não se pode dizer que falta o que há.

ALVIANO

Tenho ouvido que na capitania da Paraíba, além de as águas serem excelentes, se acham algumas de tanta virtude que os que

têm costume de bebê-las, não padecem o mal da dor de pedra, nem de cólica.

BRANDÔNIO

Assim passa por muitas experiências, que hão feito e por este respeito mandam os governadores, bispos e pessoas poderosas levar de semelhante água a Pernambuco para beberem (¹⁸). E porque temos muito que dizer e se vai fazendo tarde, com sabermos que não faltam as águas, comecemos a dar princípio a nossa horta, a qual poderá ter muitas e boas alfaces, grande quantidade de rabãos, infinidades de couves, que se plantam e se colhem a pouco trabalho.

ALVIANO

Pois, e por quê? Há porventura outro modo de planta e de colheita diferente do que se usa em Portugal?

BRANDÔNIO

Sim, tem, principalmente as couves, das quais deixam crescer algumas até espigarem e dela vão colhendo dos grelos que lançam em raminhos, os quais metem na terra, e logo prendem e em breve tempo se fazem grandes e formosas couves.

ALVIANO

Isso deve de ser por não dar nesta terra semente a hortaliça, como já ouvi dizer.

BRANDÔNIO

Sim, dá, que é vício mandá-la vir de Portugal, principalmente alfaces que dão infinidade de sementes. Também há de ter a nossa horta chicóreas muito formosas, acelgas, borragens, coentro, hortelã, cheiro, funcho, cominhos, bredos de diferentes castas e cores; porque todas estas cousas se acham em abundância na terra.

ALVIANO

Não produzem mais sortes de hortaliças as hortas de Espanha!

BRANDÔNIO

Também poderá ter rabaças, agriões, beldroegas e uma excelente casta de mostarda, cujas folhas se comem cruas e cozidas, e assim umas folhas largas, a que chamam *inhambus*, mui boas para comer; porque depois de cozidas, têm um requeimo saboroso; e, da mesma maneira, outra sorte de folha a que chamam *tajoba*, a modo de couves, grandemente estimadas.

ALVIANO

Não padecerá fome quem essas cousas tiver.

BRANDÔNIO

Assim se dão cenouras, cardos, berinjelas, pepinos, balancias, abóboras das ordinárias, tenras e gostosas, e outras mais pequenas, a que chamam *tanquira*; tabaco, a que dão o nome de *erva-santa* em Portugal, e sobretudo melões sem conto, todos extremadíssimos em bondade; em tanto que de maravilha se pode achar entre eles um que seja ruim, e com todas estas cousas em abundância julgai se poderei formar uma boa horta.

ALVIANO

Antes me maravilho do descuido geral por não se haverem... (formado?) muitas.

BRANDÔNIO

Pois não há pessoa que a tenha perfeita, nem que se queira ocupar nelas, que não pode ser mais desgraça; pois se por esta maneira se pode fazer a horta boa, não seria pior o jardim pelas muitas diversidades de flores, das quais se podia povoar e paramentar, que, por serem muitas e várias e na qualidade estranhas, não é possível haver quem possa atinar com elas, nem saber-lhes os nomes (14); pelo que direi somente de algumas, que andam mais em uso, como é a *flor da laranjeira*, que se dá em grande abundância; *goivos* de muitas castas e cores diferentes, *cravos* amarelos, roxos e brancos, *jasmins, madressilvas, balsaminho*, a *árvore triste, alfavaca*, e *manjericão*, de que os campos estão cheios; outro modo de flor que chamam de *camará-açu*, e a, digna de estima e consideração, flor de *maracujá*, pela formosura dela, várias cores de que é composta, raios formosos que lança, com outras particularidades dignas de notar; por fim as flores, que produz a terra naturais dela, são tantas que me não atrevo a meter em tão grande pego, como fora o querer tratar de todas; pois, para se formarem figuras enredadas e outras cousas de brinco, se acham tantos cipós para o efeito maravilhosos, pelo muito que se estendem, que lhes ficam muito atrás as murtas de Portugal.

ALVIANO

Estou admirado de vos ouvir, porque não pintava eu o Brasil dessa sorte.

BRANDÔNIO

Pois, se para ornato desta horta e jardim forem necessárias latarias, vos darei muitas, como é uma que forma boa sombra e aprazível verdura, a qual dá um fruto chamado *curuá*, do tamanho de uma abóbora das ordinárias, que, depois de colhido e metido alguns dias na caixa, cobra um cheiro tão suave, que basta para espalhar grande fragância dele por toda a casa, e assim se conserva muitos dias sem corrupção. Outras latadas se fazem de maracujá, de cuja flor já tratei acima, que dá um fruto do tamanho de uma pinha, mui regalado, cujo miolo que é como o da abóbora, se sorve ou come às colheradas, com dar muito e maravilhoso cheiro, e destes tais há quatro castas: uma chamada *maracujá-açu*, por grande, e o segundo *maracujá-peroba*, excelente para conserva, a terceira *maracujá-mexiras*, a quarta *maracujá-mirim*, por pequena, que todas fazem mui boas latadas e dão igual sombra.

ALVIANO

Parece-me que vos não alembrais das latadas das nossas parreiras, porque nesta terra as tenho visto.

BRANDÔNIO

Sim, alembrava; mas de indústria fugia de tratar delas, por não envergonhar tantas vezes aos moradores deste Estado, porque deveis de saber que toda sorte de vindonho se dá nela em grandes maneiras, e somente se servem do de parreiras, as quais dão muitas uvas ferrais, e outras brancas maravilhosas, com levarem duas e ainda três vezes fruto no ano.

ALVIANO

Isso é cousa impossível.

BRANDÔNIO

Posto que assim pareça, não o é, porque eu o experimentei muitas vezes, haverem de dar três vezes fruto no ano, que, de darem duas, não dá que tratar, por ser isso cousa assaz sabida.

ALVIANO

Pois dizei-me como sucede isso.

BRANDÔNIO

De algumas festas que determinavam fazer, podaram as parreiras, tanto que lhes acaba de colher o fruto; por que com isso tornam a meter de novo, e em quatro meses o levam perfeito outra vez; entanto que eu vi alguns homens, que, para haverem de ter uvas nas conjunções de algumas festas que determinavam fazer, podarem as parreiras quatro meses antes, e vieram dar fruto, sem discrepância, para o tempo que pretendiam.

ALVIANO

Pois, se as uvas se dão com tanta facilidade, e em tão breve tempo, como se não usa delas para vinho?

BRANDÔNIO

Por não tratar da causa disso como tenho dito, fugia de me embaraçar nesta matéria; porque de muitas partes deste Brasil se poderia colher mais vinho que em Portugal, por estarem livres da formiga, que é o que faz dano ao vidonho, principalmente sei eu uma, que há na serra chamada de Copaoba, distante das capitanias de Pernambuco e da Paraíba cousa de quinze até dezoito léguas, que o daria sem conto, por ser terra fresca, fria e sem nenhuma formiga.

ALVIANO

Tenho lástima de vos ouvir dizer essas cousas, e folgara estar em minha mão o remédio delas.

BRANDÔNIO

O tempo deve curar semelhante enfermidade, como costuma. E pois vos tenho já formado as hortas, jardins, latadas com suas fontes, tanques e esguichos, que vos prometi, quero arrumar o pomar (15), que falta, e com isso daremos fim à prática deste dia; o qual dividirei em dois modos, não porque assim os haja, senão porque se poderão fazer, quando a curiosidade excitar aos que cá vivemos, os quais nos não sabemos aproveitar do que temos entre as mãos. E assim formarei primeiramente um jardim de árvores de espinho, e depois me passarei ao pomar, com dividir nele os frutos que já estão em uso de se cultivar daqueles que a negligência tem deixado até agora ser agrestes. Este jardim se poderá fazer povoado de formosas, verdes e copadas laranjeiras, bastecidas de branquíssimas flores, cuja fragrância de suave cheiro alevantassem os espíritos dos que as gozassem, colmadas todas de louras e aprazíveis laranjas em tanta quantidade que muitas vezes são mais que as folhas, umas tão doces que a par delas perde do seu preço o açúcar e o mel, outras bicais de tão gostoso comer, que não há quem se acabe de fartar delas; também das azedas, que para o que aproveitam são maravilhosas, por levarem muito sumo. Acompanharão este laranjal crescidos e formosos limoeiros com tanta quantidade de fruto, que causa maravilha poderem-no sustentar; porque com ele perseveram todo o ano, em tanto que quando um está em flor, o outro vem crescendo e os demais estão de vez. A estes limoeiros se ajuntarão grande quantidade de limas doces com suas bem compostas plantas, excelentes no gosto e bom sabor, as quais se produzem na terra muito maiores em quantidade, que as que se dão em Portugal; e da mesma maneira outra casta delas, a que chamam *zamboa*, assaz prezadas por boas. Logo irão avante formosentando este jardim grandes limões franceses com o seu amarelo alegríssimo para a vista. Também não carecerá de modernas laranjas, porque se produzem em grande cópia. Rodeará pelos extremos, quase servindo de muro, a espinhosa cidreira, colmada dos belíssimos pomos, maiores que uma botija, tão prezados para conservas, as quais por todo o decurso do ano se acham sempre assazonadas.

ALVIANO

Se isso é assim, e se pode fazer desse modo, confessarei que lhe ficam inferiores os jardins lavrados e cultivados a tanto custo ao nosso Portugal; pois não vejo que lá haja mais castas de fruto de espinho dos que tendes apontado.

BRANDÔNIO

Pois ainda estoutros têm um não sei que de verdes e frescos, com que fazem grandes paisagens. E porque o sol se vai já transpondo, me quero passar a tratar do pomar prometido, do qual o primeiro fruto quero que sejam os figos, porque sempre fui muito afeiçoado a eles; os quais se dão em tanta quantidade, assim dos brassajotes, como dos brancos e negros, e de outras castas, que os monturos estão abastecidos de semelhantes figueiras, que levam duas vezes fruto no ano, e carregam em tanta quantidade, que causa espanto. Façamos logo uma rua de romeiras com seu coroado fruto, que encerra dentro em si finíssimos rubis, as quais se produzem grandemente nesta terra. Far-lhe-ão companhia retorcidos marmeleiros com seus cheirosos e dourados pomos, que se dão em abundância por algumas das capitanias deste Estado. Formarão deleitosa sombra grandes pacovais, cujo fruto se chama do mesmo nome, posto que na Índia, pelo contrário, são conhecidos por figos, uns grandes e outros mais pequenos, de diferentes castas e feições, gostosos no comer e de bom cheiro, dos quais há número infinito. Far-lhe-á companhia um fruto, natural da terra, chamado *goiaba*, do tamanho de um marcotão, que se dá em árvores medianamente grandes, pegado pelo tronco; logo se irá erguendo, e com suas miúdas, folhas, acomodadas para fazer apetitosa salsa, o *tamarinho* tão medicinal e por tal prezado em todo o mundo; pelas partes sombrias, em baixas plantas, à feição de cardos, se mostrarão os gavados e fermosos ananases semelhantes a pinhas, lançando de si suave cheiro, com se lhe comunicar os sabores de todas as coisas que melhor o têm. E por aqui tenho concluído com as plantas e árvores que até agora estão em uso de serem cultivadas neste Brasil.

ALVIANO

Quando não houvera outras, essas eram bastantes para lhe dar nome de abundante em frutos.

BRANDÔNIO

Pois as que estão até o dia de hoje agrestes por falta de cultivadores são infinitas; e posto que não possível podê-las trazer todas à memória, irei tratando somente das que me ocorrerem. E assim demos o primeiro lugar, pela formosura da planta, ao *cajá*, que na Índia se chama *ambare*, do qual para tantas coisas lá se servem, e aqui para nenhuma senão para se comer depois de maduro, com deixar um azedo gostoso e muito cheiro nas mãos: outra fruta chamada *uticroi* do tamanho de uma grande pinha, de tanto gosto que tenho por sem dúvida, ser melhor que a perada e marmelada tão estimada do mundo, o qual se dá em uma árvore muito grande; *araticu*, de feição das jacas da Índia, não má fruta; outra sorte do mesmo *araticu*, chamado *apê*, mais pequeno, e grande no gosto, de modo que não há quem se acabe de fartar delas, (e um amigo meu fazia dele filhós com ficarem maravilhosos); *mangava*, fruta que pode ser estimada entre as boas que há no mundo, a qual semelha às sorvas de Portugal; o abundante *cajueiro*, o qual demonstra que, de soberbo por se desviar das demais árvores, leva o fruto ao revés de todas, porque as castanhas, que nas demais se escondem no âmago delas, nestes cajus campeiam por fora, em forma que na cabeça do fruto se arrematam de feição que mostra a quem o não conhece, que por ali teve princípio; é formoso e gostoso pomo, do qual se sustenta muita gente em todo o tempo que duram. A bondade de suas castanhas passo em silêncio, porque já tenho tratado delas. *Janamacaras* (*), cuja planta é a feição de cardos, e dão uma fruta vermelha gostosíssima no comer; *pitombas*, que são semelhantes a ameixas; *maçarandubas*, que se parecem com as cerejas; *gabiraba*, do modo de azeitonas, e são doces; *gotis*, que são do tamanho de

---

(*) Por cima se lê, escrito por letra diferente: "Jamandacaras nasce na praia".

ovos; *garuatás*, fruta branca e comprida, que se come chupada, com deixar muito gosto; *zabucai* é uma árvore grande, que dá umas pinhas, dentro nas quais se acham castanhas gostosas para comer; *abaiba*, semelhante aos dedos da mão, tem o sabor de figos; *enguas*, que são semelhantes a alfarrobas, e doces no gosto; *macujé*, fruta excelentíssima, da feição de peras; *joambos*, como ameixas brancas; *peiti*, que semelham a datiles mui gostosos; *canafístula*, que se cria nos matos em grandes canudos bastecidos de sua medula.

Alviano

Pois, valha-me Deus, como se não leva para Portugal, para se usar lá dela?!

Brandônio

Nem na mesma terra se aproveitam de semelhante fruto. Verdade seja que, por ser a planta agreste, parece ele também um pouco agreste; mas, se for cultivado, não tenho dúvida que seja tão bom como o que se usa em Portugal. E deixando de parte esta canafístula, vamos continuando com o nosso pomar; porque ainda tenho muitas plantas que transpor nele, das quais a primeira seja um fruto a que chamam *piqueá*, de que já tratei, que dá no seu miolo quase um como clarificado de açúcar muito gostoso; *quamocá*, outra fruta, vermelha, semelhante a ginjas; *iba-mirim*, como limões: *uti*, fruta comprida, gostosa no comer; *ubacropari*, como pêssegos; *comixá*, fruta miúda, à feição de murtinhos; *grexiuruba*, outra a modo da zamboa; *eicajerus*, do modo de ameixas mousinhas; *não-taiaambus* são semelhantes a ameixas brancas; *ubaperunga*, como uvas bastardas pequenas, que dão mostra de nêsperas; *ubapitanga*, da feição de ginjas; *tatajuba*, semelhante a pêssego, de cuja planta comida a raiz mata a sede, por grande que seja; *morosis*, que são apropriados a murtinhos; *quiabo*, fruta de massaroca, como berinjelas: *mamão*, pomo do tamanho do marmelo, muito adocicado; *araçá*, do tamanho da fruta nova, de muito gosto, do qual se faz boa marmelada; há outro modo de araçá, por sobrenome *açu*, por ser maior e mais estimado para se comer. Estas são as frutas que de presente me ocorreram, com me ficarem outras infinitas por dizer, de que não sou alembrado, que os moradores do Brasil por negligência deixam estar até agora agrestes, espalhadas pelos matos, as quais, se foram cultivadas, se avantajariam em bondade e gosto.

Alviano

Certamente que me tendes suspenso com tanta diversidade de frutos, quantos tendes nomeado, dos quais não tão somente podereis formar um pomar, senão cem mil; e assim estou já de todo arrependido de haver tido o Brasil em diferente reputação do que ele merece.

Brandônio

Folgo de vos retratardes, e porque não suceda invejardes os álamos e choupos do nosso Portugal, com que se ornam grandemente semelhantes pomares e jardins, vos quero dar em seu lugar crescidos e alevantados coqueiros, que não menos zunido fazem com suas folhas açoitadas do vento. E com eles demos por hoje fim à nossa prática, porque se vão fazendo horas de nos recolhermos.

Alviano

Assim seja à condição que amanhã venhais às horas costumadas a este mesmo posto.

NOTAS

1. Todos os escritores que trataram do Brasil nos primeiros tempos acentuam na ordem dos mantimentos da terra, a importância da mandioca e seus produtos.

   Gabriel Soares, *Tratado descritivo do Brasil em 1587, 170,* Rio, 1851, chega a dizer que é ela mais sadia e proveitosa do que o bom trigo, por ser de melhor digestão. "E por se averiguar por tal, os governadores Tomé de Sousa, D. Duarte e Mem de Sá não comiam no Brasil pão de trigo, por se não acharem bem com ele, e assim o fazem outras muitas pessoas".

   Sabe-se que são as raízes tuberificadas a parte utilizável da planta. Essas raízes contêm cerca de 40% de matérias secas, e destas 30% de fécula, de que se fabricam as farinhas de pau, dágua, de carimã, a tapioca e outras massas alimentares e condimentares. A farinha de guerra, que servia para ela e para longas jornadas, era feita da carimã e cozida de forma a ficar compacta, em pequenos pães embrulhados em folhas.

   A macaxeira, como ainda hoje chamam nos Estados do Norte, é o *aipim* do Sul.

2. O arroz vem em segundo lugar entre os mantimentos do Brasil, com prejuízo do milho, de que tratam Gandavo e Gabriel Soares logo depois da mandioca. Cultivava-se bastante em todo o país, onde se dava bem e com pouco trabalho; mas os moradores reputavam-no quase por fruta e não por alimento como assevera Brandônio.

3. Do milho, que vem em terceiro lugar, trata Gabriel Soares, *Tratado descritivo,* 172-173, descrevendo a planta, seus produtos e a utilidade que lhe davam. O milho zaburro é o mesmo milho de Guiné, que Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil,* 36, ed. de 1918, talvez não acerte quando diz que é o das Antilhas e Índia Ocidental.

4. Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil,* 108, Rio, 1925, escreveu:

   "No Rio de Janeiro e Campo de Piratininga se dá bem trigo, não no usam por não terem atafonas nem moinhos, e também têm trabalho em o colher, porque pelas muitas águas, o viço da terra não vem todo junto, e multiplica tanto que um grão deita setenta e oitenta espigas, e umas maduras, vão nascendo outras, e multiplica quase *in-finitum.* De menos de uma quarta de cevada que um homem semeou no Campo de Piratininga, colheu sessenta e tantos alqueires, e se os homens se dessem a esta granjearia, seria terra muito rica e farta".

5. Dos mantimentos aproveitáveis em tempo de esterilidade vêm arrolados o *caravatá, caroatá, caraoatá, caraguatá* ou *gravatá,* da família das Bromeliáceas, *Bromelia caratas,* Linn.; as folhas da mandioca, chamadas então e ainda hoje, no Norte, *maniçoba;* o *comari,* que deve ser *cumuru,* Leguminosa-Papilionácea, *Dipterix odorata,* Willd.; cujas vagens são oleosas e aromáticas; *aquês,* palmeira difícil de identificar; e *macuna,* ou *macunã,* Leguminosa-Papilionácea, *Mucuna urens,* DC., cujo fruto serve para o preparo de farinha utilizada como alimento pelas populações do Nordeste brasileiro nas grandes secas.

6. Da horta, que Brandônio ordenou, participam as seguintes espécies botânicas, que aqui vão mais ou menos identificadas:

   O feijão *guandu* — como ainda se diz em Pernambuco, *guando* no Rio, e *andu* na Bahia, — Leguminosa-Papilionácea, *Cajanos indicus,* Spreng.; *sapotaja,* talvez mesmo que *saputá,* espécie vagamente determinada nos autores, *Tontelea,* diz Martius, *Glossaria,* 405; *naxemin,* Graminea, *Eleusine coracana,* Gaertn, chamada *nanchni* ou *nachini* na Índia, de onde os portugueses trouxeram para Angola e daí para o Brasil, mas não se atina bem por que os escravos haviam de chamar-lhes *massa-gergelim,* se *gergelim,* é espécie absolutamente diversa, da família das Pedaliáceas, *Sesamum indiana* DC., exótico, desde cedo aclimado no Brasil; *amendoim,* que é o mesmo que *mendobi* ou *mandobi,* por intercorrência de *amendoa,* — Leguminosa-Papilionácea, *Arachis hypogoea,* Linn., e *A. prostrata,* Benth.; *passendo,* difícil de identificar; *tamotarana* ou *tamaotarana,* uma Leguminosa indeterminada; *tajoba* ou *taioba,* e *taiá,* da família das Aroideáceas, *Xanthosma violacea,* Schott; *jeremu* e *jeremu-pacova,* espécies de Cucurbitáceas; *cabaço,* nome de diversas variedades de Cucurbitáceas, umas amargas e perigosas, outras doces e comestíveis; *cará,* nome de várias espécies de Dioscoráceas, das quais *Dioscorácea heptaneura,* Vell., tem uma batata em forma de raiz, que é alimento apreciado.

7. O vinho de uvas já se fazia nas Capitanias de baixo, segundo informa Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil,* 107, Rio, 1925: "Há muitas castas d'uvas como ferrais, boais, bastarda, verdelho, galego, e outras muitas, até o Rio de Janeiro tem todo o ano uvas, se as querem ter, se as podam cada mês vão dando sucessivas. No Rio de Janeiro, e maxime em Piratininga se dão vinhas, e carregam de maneira que se vem ao chão com elas, não dão mais que uma novidade, já começam de fazer vinhos, ainda que têm trabalho em o conservar, porque em madeira fura-lha a broca logo, e talhas de barro não nas têm; porém buscam seus remédios, e vão continuando, e cedo haverá muitos vinhos".

8. Das plantas oleaginosas vêm mencionadas apenas o *abatiputá,* ou *batiputá,* da família das Ocnáceas, *Gomphia parviflora,* DC., de cujas sementes, contidas no sarcocarpo do fruto, se extrai um óleo, que tem aplicações medicinais e culinárias; *inhanduroba,* ou *nhandiroba,* da família das Cucurbitáceas, *Fevilea trilobata,* Linn.; também chamada *fava-de-santo-inácio;* pinhões-de-purga, veja o Diálogo segundo, nota (7). Das plantas têxteis vêm a seguir o *tucum,* palmeira, *Bactris setosa,* Mart.; o *caroatá,* veja a nota (5) deste Diálogo; e a *monguba,* a *panha* ou *paina,* e o junco *tabua,* já referidos alhures. Seguem-se os vegetais que fornecem material para amarração, cobertura de casas e outros misteres, e tais são: o *cipó* (bejuco em espanhol), nome genérico das plantas sarmentosas, trepadeiras, que pendem e se trançam nas árvores, com a utilidade que o texto lhes empresta; *timbó,* da família das Sapindáceas, *Paullinia pinnata,* Linn.; *sapé,* Gramínea, *Andropogon bicornis,* Beauv.; *pindova* ou *pindoba,* palmeira, *Attalea compta,* Mart.; *envira* ou *embira,* da família das Timeliáceas, *Daphnopsis brasiliensis,* Mart.; *tixarimbó,* talvez *taquarimbó,* Graminea, *Chusquea ramosissima,* Lind.; *viva*

por *sensitiva*, Leguminosa-Mimosóidea, *Mimosa pudica*, Linn. Dos vegetais fornecedores da tinta, além do conhecido Brasil, vêm o *urucu*, da família das Bixáceas, *Bixa orellana*, Linn, *anoto* entre os Caraíbas; *tatajuba*, ou *jataúba*, veja o Diálogo terceiro, nota (20), e Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, 348, que se refere à descoberta recente de um pau que tingia de amarelo, como o brasil de vermelho, sem dúvida a *Maclura affinis*, Miq., da família das Urticáceas; *genipapo*, da família das Rubiáceas, *Genipa americana*, Linn.; e *araribá*, Leguminosa-Papilionácea, *Centrolobium tomentosum*, Benth. Por fim vem o pau que dá sabão, da família das Sapindáceas, *Sapindus saponaria* Linn.; e o que dá *visgo, visgueiro*, Leguminosa-Mimosácea, *Parkia pendula*, Benth. Voltando à sua horta, Brandônio, além das hortaliças de Portugal já aclimadas no Brasil, menciona ainda o *inhambu* ou *nhambu*, da família das Compostas, e a *tanquira*, que não pôde ser identificada.

9. *Urganda* era o nome de certa fada a quem os Romanos da Idade Média atribuíam a missão de proteger os cavaleiros.

"Nées sur le sol celte et germain, ces fées ont vécu avec les poètes du moyen-âge, les troubadours et les trouvères. Viviane, Melior, Mélusine, Morgane, *Urgande* la Déconnue, forment une race de souche gauloise, à laquelle sont venues se mêler les fictions de la Grèce et de Rome; race qui s'est éteinte avec la Manto, l'Alcine, la Melisse d'Arioste, la Titania de Shakespeare, la Gloriane de Spenser, la Silvanella de Boiardo." — Alfred Maury, *Croyances et légendes du moyen-âge*, 66, Paris, 1896.

10. Gedeon Morris de Jonge, aventureiro holandês que na primeira metade do século XVII andou pelo Maranhão, Pará e Amazonas, e forneceu depois interessantes relatórios à Companhia das Índias Ocidentais sobre o que ali observou de proveito para aquela empresa, escreveu em um deles, *Revista do Instituto Histórico*, LVIII, parte 1.ª, 24: "No Maranhão, no Pará, bem como por todo o litoral, se encontram em grande abundância as folhas de certos pequenos arbustos, que dão um anil puríssimo; o que não muito antes da minha partida foi aí verificado e experimentado por um Inglês de nome Roger Freye, e depois da partida dele, por outros; de sorte que poder-se-ia fazer e exportar anualmente anil em grande quantidade.

Esse Roger Freye era o comandante do forte de Cumaú, fundado pelos Ingleses na margem esquerda do Amazonas, duas léguas ao Sul de Macapá, tomado de assalto na noite de 9 de julho de 1632 por Feliciano Coelho de Carvalho, à frente das tropas enviadas do Pará. Roger Freye estava ausente na ocasião, mais o navio que o trazia do Cabo do Norte foi logo depois abordado e aprisionado pelo capitão Aires de Sousa Chichorro, mandado a seu encontro.

— Conf. Rio-Branco, *Frontières entre le Brésil et la Guyane Française, 1.er Mémoire*, t. I, 81-82, Berne, 1899.

Elias Herckmans, *Descrição Geral da Capitania da Paraíba*, in *Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano*, V. n. 31, 272, diz que a planta de que se faz o anil se dava ali em tal abundância no estado natural, como se a tivessem plantado.

11. *Tabatinga* é uma espécie de argila branca, compacta, em extremo consistente, encontrada em espessas camadas no fundo dos rios e estuários. Tinha, e ainda tem, no interior do Brasil a aplicação que lhe dá o texto, isto é, para caiação das casas, em falta de cal.

12. Tratando das gomas do Brasil, Elias Herckmans, *Descrição Geral da Capitania da Paraíba*, in *Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano*, V, n. 31, 277, disse o seguinte:

"Achei a goma-laca na Paraíba e em nenhuma outra parte do Brasil, o que aconteceu por acaso, vendo-a eu pender de árvores pequenas, com uma cor tão vermelha, como a do coral. Era tão viscosa quanto flexível; tomei-a em um papel e, tendo-a mostrado a diversas pessoas, perguntando o que isso era, me disseram ser goma-laca. Depois encontrei um velho português que a sabia preparar para servir de lacre, e indicou os lugares onde existiam muitas das pequenas árvores daquela espécie, das quais mana a dita goma, sendo às mais das vezes encontrada nos meses de agosto e setembro. Há aí muitas pessoas que, para selarem as cartas, não se servem senão da goma pura, como é tirada das árvores; mas sendo passada pela vela ou pelo fogo, e gotejada no papel, se faz escura e antes preta do que vermelha".

A verdadeira goma-laca é fornecida por uma árvore da família das Ramnáceas, *Zizyphus jujuba*, Cam., e gerada por um inseto hemíptero da família dos Cocídeos, *Coccus lacca*, Linn. O macho dessa espécie, munido de asas, voa livremente, enquanto a fêmea fica toda a vida pousada nos ramos da árvore, a gerar a laca.

13. De fontes de águas virtuosas na Paraíba existe notícia apenas de uma que, pela distância em que se acha do litoral, não tem probabilidade de ser a indicada no texto

Fica essa fonte situada no município de São João do Rio do Peixe, em pleno sertão, na fazenda do Brejo das Freiras, assim chamada por ser propriedade do convento da Glória, do Recife.

Vagamente há notícia de outra, no município de Itabaiana, salvo engano.

— Conf. I. Joffily, *Notas sobre a Paraíba*, 81, Rio, 1892.

14. Depois da horta, Brandônio passa a ordenar um jardim. A maior parte das espécies que ali figuram, pertence à Flora de Portugal, para aqui transplantadas; da Flora brasileira vêm apenas o *camará-açu*, da família das Aristoloquiáceas, *Aristolochia brasilensis*, Mart. et Zucc.; *curuá*, uma cucurbitácea trepadeira, de que se podia fazer latada; *maracujá*, da família das Passifloráceas, de que vêm citadas as espécies *açu, peroba, mexiras* e *mirim*, todas ornadas de lindas flores e boas para caramanchéis.

15. Para seu pomar, Brandônio arranja ainda espécies exóticas, ao lado das brasileiras; daquelas basta citar a *zamboa* ou *azamboa*, que Gabriel Soares já encontrou aclimatada na Bahia, e o *tamarinho* ou *tamarindo*, Leguminosa-Caesalpinácea, *Tamarindus indica*, Linn.; das outras mencionem-se a *goiaba*, da família das Mirtáceas, *Psidium pomiferum*, Linn., e *P. guayava*, Raddi, parecendo tratar-se antes da *jabuticaba*, da mesma família, *Myrciaria cauliflora*, Berg., que dá fruto pegado ao tronco, como se diz no texto e como indica o nome específico; o *cajá*, da família das Anacardiáceas, gênero *Spondias*, tão espalhado que o autor confunde a espécie de que trata com o *ambare* da Índia, *Spondias mangifera*, Willd.; o *uticroi*, ou *oiti-corói*, da família das Rosáceas, *Moquilea rufa*, Barb. Rodr.; *araticu*, da família das Anonáceas, de que há diversas espécies; *mangava*, ou *mangaba*, da família das Apocináceas, *Hancornia speciosa*, Gomez; *cajueiro*, da família das Anacardiáceas, *Anacardium occidentale*, Linn.; *janamacaras*, ou *mandacaru*, da família das Cactáceas, *Cercus hildemannianus*, K. Sch.; *pitomba*, da família das Sapindáceas, *Sapindus esculentus*, St. Hil.; *maçaranduba*, da família das Sapotáceas, *Mimusops elata*, Fr. All.; *gabiraba*, ou *guabiroba*, da família das Mirtáceas, *Campomanesia caerulea*, Berg.; *gotis*, ou *oiti*, da família das Rosáceas, *Moquilea tomentosa*, Benth.; *garuatás*, ou *gravatá*, já

referido, *zabucai* ou *sapucaia*, idem; *abaiba*, talvez *ubaia* ou *uvaia*, da família das Mirtáceas, *Eugenia arrabidea*, Berg.; *enguas*, ou *ingá*, Leguminosa-Mimosácea, de que há cerca de vinte espécies no gênero *Inga; macujé*, da família das Apocináceas, *Couma rigida*, Mull-Arg.; *joambus*, ou *jambo*, da família das Mirtáceas, *Jambosa aquea*, DC.; *peiti*, desconhecido; *canafistula*, já referida; *piqueá*, da família Rosáceas, *Couepia* sp.; *quamocá*, ou *cambucá*, da família das Mirtáceas, *Myrciaria plicato-costata*, Berg.; *ibamirim* e *uti*, desconhecidas; *ubacropari*, ou *bacupari*, da família das Gutíferas, *Rheedia macrophyla*, Mart.; *comixá*, ou *grumixama*, da família das Mirtáceas, *Eugenia brasiliensis*, Camb.; *grexiuruba*, desconhecida; *eicajerus*, ou *guajeru*, da família das Rosáceas, *Chrysobalanus icaco*, Linn.; *não-taia-ambus*, impossível de identificar por mal grafado; *ubaperunga*, ou *guapuronga*, da família das Mirtáceas, *Marliera tomentosa*, Camb.; *ubapitanga*, ou *pitanga*, da família das Mirtáceas, *Stenocalyx sulcatus*, Berg.; *tatajuba*, já referida; *morosis* ou *murici*, da família das Malpighiáceas, *Byrsonima verbascifolia*, Rid.; *quiabo*, da família das Malváceas, *Hibiscus* sp.; *mamão*, da família das Caricáceas, *Carica papaya*, Linn; *araçá* e *araçá-açu*, da família das Mirtáceas, *Psidium* sp. E com o *araçá* já se fazia em Pernambuco marmelada...

DIALOGO QUINTO

BRANDÔNIO

Não quero que me agradeçais o haver vindo a este posto mais cedo do que costumava; porque quis nisto fazer força à minha vontade, o que é tão valorosa façanha, como a que David fez em vencer o gigante.

ALVIANO

E de que causa nasceu fazerdes vós essa força?

BRANDÔNIO

Determinava alçar-me* com a mensagem de não cumprir a palavra, que vos tinha dado, de vos relatar todas as grandezas do Brasil, porque, imaginando que tinha já saltado o maior barranco, com haver tratado da abundância dos frutos, como por eles se faziam os moradores desta terra ricos, examinei a memória para decorar o que havia mais que dizer, e achei que fora o salto curto, e que tinha ainda por diante outros barrancos maiores e mais dificultosos a perder de vista, que são os que o dia de hoje tenho entre as mãos para haver de tratar; porque se me representam tantas aves de diversas qualidades, tantos incógnitos pescados, diferentes na natureza e forma, desconhecidos no mundo, tantas silvestres feras, estranhas nas figuras e inclinações, que requeriam grandes volumes para se haver de tratar de todas elas. Estas coisas me faziam grande carranca para me haver de retirar do prometido; mas, vendo que o não podia fazer sem ficar mal reputado, arrasei-me a passar avante, com discorrer por aquelas coisas que os elementos que rodeiam a terra do Brasil encerram dentro de si, sem tratar do mais alevantado deles, que é o fogo, porque de todo o tenho por estéril, que a salamandra, que se diz criar-se nele, entendo por fabulosa; porque, quando as houvera, nas fornalhas dos engenhos de fazer açúcares do Brasil, que sempre ardem em fogo vivo, se deveram de achar. E como o seu consorte mais vizinho é o ar, quero começar por ele o que pretendo, que será tratar das aves, assim domésticas, como agrestes, que se acham por todo este terreno (¹). As domésticas são inumeráveis galinhas, das quais são algumas maiores das ordinárias; muitos e bons galipabos, que se produzem com facilidade, por ser o clima disposto para a criação deles; pombas, patos e adens de excelente comer, e estas são as aves, que neste Brasil se criam em casa, as quais abundam com grande multidão de ovos.

Alviano

Pois em que parte do mundo se poderão achar, para efeito de se criarem à mão, mais dessas que tendes nomeadas? Ao menos eu nunca as vi em Espanha, posto que das agrestes se acham muitas de diferentes castas e muita estima.

Brandônio

Neste particular lhe sobrepuja sumamente toda esta província, que, se me derdes atenção, e a mim me ocorrer à memória o nome e natureza delas, vos causará espanto; posto que, por muito que diga, sempre deve de ficar curto.

Alviano

Dou-vos a minha palavra de não distrair o pensamento em outra coisa senão em vos escutar.

Brandônio

Além das aves domésticas, de que tenho feito menção, se acham pelos bosques e campos grande multidão de *jacus*, que são como galinhas silvestres, de tanta estima, que lhes não fazem vantagem as mesmas galinhas, posto que sejam muito gordas; e outra ave, chamada *aquaham*, da mesma maneira, e não de menos estima; outras a que chamam *mutus*, que são do tamanho de um grande galipabo, não menos pesados que eles; *jaburu* que é muito maior que um pavão, bastante pela sua grandeza a abundar meia dúzia de companheiros, posto que famintos, com ser carne assaz saborosa. Outra ave a que chamam *uruís*, que não desmerece o nome de boa; *inhapupé*, semelhantes às perdizes de nossa Espanha e não sei se

alargue a dizer que são melhores; *inhambuaçu*, também como as mesmas perdizes e do seu tamanho; *nambus*, não maiores que as codornizes, as quais não invejam em bondade, gosto e sabor aos tão estimados faisões da Europa; rolas sem conta assaz gordas, que a pouco trabalho se tomam; da mesma maneira codornizes e pombas torcazes. Em todas estas aves agrestes se faz presa à custa de pouco trabalho; e assim ficam servindo, quase como as domésticas, aos moradores da terra.

Alviano

E que modo se tem na caça delas?

Brandônio

Tomam-se com armadilhas e laços, e também a espingarda e flexa; porque neste Brasil não se usa de caça das aves, como em Portugal, por não se quererem os homens dar a isso. Acham-se também pelos campos uns pássaros, a que chamam *anuns*, de uma qualidade estranha, que, além do seu canto semelhar a choro, não têm nenhum modo de sangue, nem nunca se lhes achou, e são de uma cor preta tristonha.

Alviano

Nova coisa é para mim a natureza desse pássaro; porque nunca ouvi dizer de outro que carecesse totalmente de sangue.

Brandônio

Pois assim passa, que estes pássaros o não têm. *Hyendaias* são outros pássaros que se criam no sertão; e, ao tempo da colheita das novidades, principalmente dos milhos, descem às fraldas do mar para se aproveitarem do cevo delas, e nisto são tão importunas que custa muito trabalho o defendê-las deles; porque não basta grandes gritos nem estrondos de bacias, nem o matarem-nas às pancadas, para se desviarem das milharadas; em tanto que já vi alguns homens, postos em afronta com elas.

Alviano

Desse modo deviam de ser as harpias.

BRANDÔNIO

Se tiveram o rosto da feição que os poetas as pintam, não duvidara que eram as próprias. Outro pássaro se acha, chamado *sabiá,* da feição do *melro* (*) de Espanha, e antes cuido é o próprio, porque cantam como eles, sem lhes faltar mais que um dobrete; *rouxinóis,* posto que não tão músicos como os da nossa terra, por carecerem daquele doce dobrar e requebros, que os outros têm, porque todos os pássaros do Brasil são faltos de semelhante suavidade; *cujujuba* é um pássaro pequeno e de bico revolto, o qual, em se vendo preso, cerra voluntariamente o sesso, sem fazer mais por ele purgação, até morrer.

ALVIANO

Também morrerá de não comer, que, pois sente tanto a prisão, deve de fugir disso.

BRANDÔNIO

Parece que quer escolher antes semelhante maneira de morrer, porque se sabe dele que não deixa de comer. *Macugagá* é uma ave que dá grande e contínuos brados, repetindo muitas vezes este seu próprio nome; *tucano,* ave formosíssima, emplumada de várias cores, de sorte que alegra a vista a contemplação delas; *canindés* se chama a um pássaro, que, com ser pequeno de corpo, tem o rabo muito comprido; *apeçu* é ave que tem quatro esporões, a modo dos de galo; *gurainhetê,* pássaro de penas amarelas e pretas; *garateúma,* ave de cor loura, formosíssima; *anacans,* de feição de papagaio, mas não são da mesma espécie. Outro pássaro chamado pelo nome da terra *guarainguetá,* cuja estranha qualidade quero deixar em silêncio, por me não alargar em referi-la.

ALVIANO

Antes vos peço que me digais tudo o que souberdes a respeito.

BRANDÔNIO

Este pássaro tem tão grande amor aos filhos, que, para os não furtarem, vai lavrar o seu ninho de ordinário a par de alguma toca, aonde as abelhas lavram mel, as quais, por esta maneira, lhe ficam servindo de guardas dos filhos, porque, como todos arreceiam de se avizinhar a elas, temendo o seu áspero aguilhão, ficam os filhos livres de perigo; aos quais mostram tanto amor, que, para efeito de os sustentar, se vão lançar por entre alguns bichos, que se lhe apegam nas carnes, sem arrecearem que lha comam, havendo por cousa suave padecerem as dores que eles lhe causam a troco de terem, por esta via, a sustentação certa para os filhos, a que os dão a comer, quando têm fome, e só para isto os trazem tanto à mão; e estes pássaros são emplumados de várias cores.

ALVIANO

Não se escreve mais dos pelicanos para encarecimento do amor que têm aos filhos.

BRANDÔNIO

Também há outros pássaros, aos quais chamamos *pica-pau,* por dar uns golpes com o bico nos troncos das árvores, tão grandes, que toda pessoa que os ouvir, se ignorar a qualidade do pássaro, julgará sem dúvida ser machado, com que se corta madeira. Outra ave povoa os campos desta terra, de belíssimas penas, chamada *tamatianguaçu* a qual voa sempre muito por alto, por onde vai formando umas vozes, que parecem humanas. E da mesma maneira há outra que lhe não é inferior na formosura da plumagem, chamada *curiquaqua,* um passarinho que, com não ser maior de um ovo, tem o bico de mais de meio palmo de comprido, ao qual dão por nome *araçari.* Outra ave chamada *miguá,* semelhante a pato. *Girubas* são uns pássaros que criam por barrocas, que têm as penas de verde cor de mar; e da mesma maneira outra chamada *pirariguá.* Os dias passados me trouxeram a amostrar um pássaro, que me disseram chamar-se *japu,* de uma cor amarela, digna de estimar. *Guirejuba* são umas aves azuis, assaz prezadas da gente da terra; e assim outra ave chamada *tiquarem,* e outra de cor vermelha, chamada *guaxe.* Também há outra sorte de pássaros, cujo canto forma o choro de uma criança, que tem por nome *cunhatanaipe. Tucanoçu* é outra sorte de ave, que tem o bico do tamanho de um palmo, com o corpo não ser grande; e outro pássaro a que chamam *taraba.* E entre estes se acham as *arveloas* e *andorinhas* do nosso Portugal.

ALVIANO

As andorinhas tenho eu por africanas, e que de lá se passam

(*) Diz por cima em outra letra — *tordo* pelo verão à Espanha a fazer seus ninhos, e maravilho-me darem-se desta parte.

BRANDÔNIO

Sim, dão em muita quantidade. Outra ave, por nome *peitica*, a qual é tão molesta e agourenta para o gentio da terra, que os obriga a fazer grandes extremos, quando a topam ou ouvem cantar, como adiante direi, quando tratar dos costumes da terra. Também se acham grandíssimas *emas*, das quais tenho por fabuloso o dizer-se que comem ferro, porque nunca soube que o comessem, posto que tenho visto muitas. Estas *emas*, quando correm, abaixam uma asa, e a outra dão ao vento, cruzando-a a modo de vela latina, e assim correm mais que um cavalo; da mesma casta há outras que chamam *seriemas*, as quais se ajudam dos pés e asas para o correr, com o que ficam sendo velocíssimas, sem nunca se alevantarem da terra.

ALVIANO

Em África se acham muitas, e a mesma qualidade ouvi já relatar delas.

BRANDÔNIO

De *papagaios* há inumerável quantidade, que andam em bandos como as pombas o fazem na nossa terra; com fazerem por onde passam grande gralhada, e são bons para se comerem; e destes há diferentes castas, como são os que chamam *papagaios reais*, conhecidos pelos encontros das asas, que têm vermelhas, e são os mais estimados para se ensinar a falar. Outra casta, a que chamam *coriquas*, que, ainda que não são tão formosos, quando dão em falar, o fazem muito bem. Outros, que se têm por estrangeiros, chamados *cyia*. E da mesma maneira *araras*, grandes e formosas, que também falam, quando são ensinadas. E outra espécie, quase desta mesma qualidade, a que dão o nome de *toins*, de pequeno corpo e mui lindos, que explicam arrezoadamente tudo o que lhes ensinam; e destes tais os mais estimados são os que se chamam *quaisquaiais*, de penas pardas, pretas e verdes.

ALVIANO

Tenho visto em Portugal alguns papagaios, que se levaram de cá, de cores diferentes, mas tão compassadas que davam mostra de serem feitas a mão.

BRANDÔNIO

Assim o são: porque, para se haver de dar essas cores aos tais papagaios, os despem das penas, e na carne que ao tirar delas lhe fica envolta em sangue, lhe acomodam, pelas partes que querem, certas peles de rãs, que têm propriedade de lhes comunicar as tais cores.

ALVIANO

Folgo de saber isso, porque entendia que eram naturais, com vos afirmar que me tendes maravilhado com tanta sorte de pássaros e aves, quantas me tendes nomeadas, de tão várias e estranhas qualidades, do que infiro que em nenhuma das partes do mundo se poderão achar mais cópia delas, e é muito poder-vos alembrar os seus nomes com serem tão arrevezados.

BRANDÔNIO

Pois ainda me ficam outras tantas por nomear, por me não ser possível fazer conserva na memória de tanta diversidade delas, que ainda não tratei das muitas sortes de aves de volataria, que se acham nesta terra. As aves são todas de tanta bondade, que as melhores, criadas em Irlanda, não poderão ter nunca com elas comparação. A de mais estima destas aves é uma sorte delas a que chamam *garataurana* que, como o rei, lhe criou a natureza coroa na cabeça, quase ao modo de crista de galo, que entre todas as aves de volataria pode levar o preço em ligeireza e agilidade, que tem para caçar; e porque pelo pouco venhais em conhecimento do muito, vos quero contar o caso que vi suceder a uma ave destas. Um homem assaz nobre, capitão-mor por Sua Majestade de uma das capitanias do Estado, tinha um pássaro deste já doméstico, que criava em casa, o qual, alevantando-se acaso da alcândora, se foi pôr sobre um monte de pedras que estavam juntas dali perto. Houve vista dele um grande gato e, cuidando que tinha a presa certa, se foi chegando para o pássaro mui alapardado com tenção de o atropelar e levar nas unhas; mas ele, tanto que sentiu vir o gato, alevantou uma perna, ficando sobre a outra; e ambos estiveram assim por um pequena espaço, imaginando um de se cevar no outro, e o outro no outro; até que, alevantando a cabeça o gato, se lhe lançou em cima o gavião, e desta sorte engarrafou nele com as unhas, que, a pouco espaço, abrindo o gato as mãos e pernas, ficou morto, e quando lhe quiseram acudir, já o estava.

ALVIANO

Cousa estranha é essa pela fereza desse animal e forças de que é dotado.

BRANDÔNIO

Pois ainda vos direi mais que dali a poucos dias trouxeram de presente ao senhor da casa um leitão arrazoadamente grande, o qual, soltando-se nela, deu o gavião sobre ele, e em breve espaço lho tiraram das unhas morto.

ALVIANO

Não deve ser de pequena bondade o pássaro que a tanto se arroja, e folgara de saber de que modo se caça com ele nesta terra.

BRANDÔNIO

Não se aproveitam destas aves para caça, e em parte têm desculpa os que o podiam fazer e não fazem, por ser a terra muito coberta de matos, e não é possível poderem-se soltar sem se perderem. Afora os desta casta, há outro modo de falcão ou gavião, que não sei de que espécie seja, também mui ágil para caça, mas não tão grande, como os de que fiz menção, de que um dos tais se chama *piron* e outro *gambiapiruera,* e outra casta a que chamam *eixua,* e outra semelhante, que tem por nome *taguató,* e outros *guará-guará,* e também *guaquaque*; e do mesmo modo *jaqueretu,* o qual é assaz feio na composição. E entre estes todos, há uma casta chamada *tuindá,* que caça de dia e de noite. Todos estes pássaros, que tenho nomeado, são de bico revolto e de unha retorcida.

ALVIANO

Muitas mais aves de volataria há logo nesta terra do que em Irlanda nem em outra parte do mundo.

BRANDÔNIO

Todas as que tenho nomeado são excelentes para o uso da caça; porque levam na unha qualquer galinha, por grande que seja,

e alcançam a mais ligeira ave, quando a seguem. Outros pássaros há que não se mostram senão ao pôr-do-sol, já quase noite, em grandes bandos, e não pequena gralhada, a que chamam — *burahu,* e eu os comparo aos aivões da nossa terra. *Kacum* se chama uma ave, que nunca dorme, e faz da noite dia.

ALVIANO

Acham-se desta parte por ventura aves noturnas?

BRANDÔNIO

Sim; porque há dessa casta todas as que se conhecem em Portugal, e ainda outra que nunca lá se viram; e também há buitres que cá se conhecem com o nome de *urubu,* maiores que os da Europa. Demais das aves de que tenho tratado, há infinidade de outras, que se sustentam de pescados, e pastam sobre os rios e alagoas, todas de maravilhoso gosto no comer, como são patas e adens fermosíssimas, e outra sorte desta qualidade, a que chamam *Airires, patoris, maçariços, sericos, colhereiras* vermelhas e brancas, que dão maravilhosas plumagens. Outra sorte, a que chamam *caram,* a modo de maçaricos; *gaquara,* que é uma ave que não pesca senão de noite; *gararina,* que de ordinário mora dentro das águas. De todas estas aves se acham grande quantidade por todos os rios e alagoas, e se tomam com facilidade a espingarda, flecha, e outros modos, que para isso buscam. E com isso confesso que tenho esgotado a memória de tudo o que tinha conservado nela para haver de dizer acerca das aves, com me ficarem outras muitas, que me não vieram à notícia.

ALVIANO

Tendes dito tantas delas, que me maravilha haverdes lhes podido recitar os nomes e propriedades, como tendes feito; e assim, conforme ao prometido, parece-me que vos fica agora obrigação de vos passar a tratar dos pescados que são os habitantes do terceiro elemento das águas, conforme a ordem que dissestes tinheis determinado de levar enfiada vossa prática.

BRANDÔNIO

Já que me quereis obrigar pela palavra, antes de me meter por elas, não quero deixar de vos dizer uma cousa de muita consideração, de que não tenho visto menção, que não é das que menos podem fermosentar o elemento aéreo, a qual é que, nos anos secos, costuma nestas partes a descer do sertão inumeráveis borboletas de diversas cores, que quase ocupam e enchem com a sua multidão o côncavo do ar mais baixo (2); as quais todas levam diretamente o seu caminho enfiadas com o Norte, sem, por nenhum caso, se desviar daquele rumo; de maneira que nunca vi ferro tocado na pedra imã que tão direito se inclinasse ao Norte; e em tanto sucede isto assim, que se acaso, pelo caminho por onde vão passando, encontram com algum grande fogo, antes se contentam de alevantar no alto, para haverem de passar por cima dele, com levarem o seu rumo direito, do que se desviarem para uma das partes, que lhes foram mais fácil; com esta ordem vão correndo sempre, em igual multidão, por espaço de doze e quinze dias até passarem, dando remate à sua jornada com se afogarem nas águas do mar.

Alviano

Cousa estranha é essa e assaz digna de consideração, e creio que deve de haver causa que obrigue a essas avezinhas (*sic*) a buscarem diretamente o Norte.

Brandônio

Assim o tenho para mim; mas não me quero cansar em a especular, por não vir a me lançar em algum rio, como Aristóteles, e antes me contento de dar princípio ao que tenho para dizer dos pescados que habitam no terceiro elemento das águas (3). Dos quais é bem que demos o primeiro lugar ao regalado *vejupirá*, porque creio dele que, entre os demais peixes de posta, pode levar a palma a todos em bondade, e que lhe fica muito inferior o prezado *solho* da nossa Espanha; *carapitanga*, outra sorte de pescado medianamente grande, muito gostoso; *cavalas*, das quais todas as que se tomam neste Estado são excelentes; o peixe chamado *serra*, tão prezado na Índia Oriental; *camaropim*, pescado grande e de bom comer, cujas escamas são do tamanho de um meio quarto de papel, aos quais vi fazer uma cousa estranha, na qual me mostraram claramente haver também amor entre estes mudos nadadores.

Alviano

E que é que lhes vistes fazer para conjeturardes que havia neles amor?

Brandônio

Em uma tapagem, que estava feita em certo rio, para pescarem nela (a que nesta terra chamam gamboa), se chegaram dois peixes de semelhante espécie, dos quais entrou um para dentro, ficando o companheiro de fora; o que entrara, tapando-se-lhe a porta ficou preso, e com a vazante da maré, foi tomado e morto. O companheiro, ou para melhor dizer consorte, que tal devia ser, que ficaria de fora, esteve esperando por ele todo o tempo que a maré lhe deu lugar para o poder fazer, mas tanto que as águas foram faltando, por não ficar em seco, se desviou daquela parte, e se foi, com dar primeiro algumas pancadas grandes com o rabo sobre as águas, quase querendo mostrar com elas o sentimento que levava e depois tornou a continuar a mesma paragem por espaço de seis ou oito dias, sempre ao tempo que a maré enchia, como que vinha buscar o companheiro no lugar onde o perdera, e ali dava as mesmas pancadas na forma das de primeiro.

Alviano

Não é pequeno argumento esse para se provar que em toda cousa vivente se pode achar amor, posto que em uns em mais quantidade, e em outros em menos.

Brandônio

Pois assim passa, como vô-los tenho referido, Também se pescam muitos *dourados, meros, moréias, pescadas, tainhas, cações, albacoras, bonitos, lavradores, peixe-espada, peixe-agulha, xaréus, salmonetes, sardinhas*; todas as sortes de pescados são gordos e gostosos para se comer.

Alviano

Os mesmos se acham em Portugal.

Brandônio

Pois aqui os há em mais quantidade. E antes de passar mais avante, vos quero dizer da estranheza de um peixe, se assim se deve chamar, o qual é conhecido por *peixe-boi,* nome que lhe foi posto por se semelhar no rosto quase com o mesmo animal, posto que é maior dois tantos, não em ser alevantado, mas na largura e compridão; porque em alguns desta espécie se acha mais peso do que têm dois bois. Este pescado se toma e pesca às farpoadas pelos rios aonde desembocam os dágua doce, e comido tem o mesmo sabor e gosto da carne de vaca, sem haver nenhuma diferença de uma coisa a outra, em tanto que, se misturarem ambas as carnes em uma panela dificultosamente se conhecerá a uma da outra. E por este respeito se come este pescado cozido com couves, e se faz dele picados e almôndegas, com aproveitar para tudo o de que se usa da carne de vaca, e a algumas pessoas a dei eu já a comer e lhes não disse o que era, e ficaram entendendo que comiam carne de vaca.

ALVIANO

Pois não deixara eu de ter muito escrúpulo, se nos dias de peixe usasse desse pescado; porque entendera que comia carne.

BRANDÔNIO

Esse mesmo houve já nesta terra e foi questão assaz debatida; mas determinou-se por teólogos que era realmente peixe e que por tal devia de ser recebido realmente, visto ter o semelhante peixe a sua habitação sempre nas águas, e não sair nunca a pastar fora delas. *Ubarana* é bom pescado; e da mesma maneira outro chamado *guibicuaraçu. Camorim* é um peixe pequeno a que chamam *peixe-pedra,* por ter outra dentro na cabeça em lugar de miolos; e por muito sadio é assaz estimado por doentes, com se pescarem em grande quantidade.

ALVIANO

Nunca ouvi dizer de fera, ave, nem peixe, que tivesse dentro na cabeça pedra em vez de miolo.

BRANDÔNIO

Pois estes peixinhos a têm, como tenho dito. *Corimã* é pescado de feição de tainhas, mas maiores e mais gordas; *carapeva* é peixe estimado por gordo, o qual se acha no mar e também nos rios dágua doce; *curumatã* é reputado por savel de Portugal, porque são da própria feição, e têm tantas espinhas como ele; *piranha* é pescado pouco maior de palmo, mas de tão grande ânimo que excedem em ser carniceiros aos tubarões, dos quais, com haver muitas desta parte, não são tão arriscados como estas *piranhas,* que devem de ter uma inclinação leonina, e não se acham senão em rios dágua doce: têm sete ordens de dentes, tão agudos e cortadores, que pode mui bem cada um deles fazer ofício de navalha e lanceta, e tanto que estes peixes sentem qualquer pessoa dentro nágua: se enviam a elas, como fera brava, e a parte aonde a ferram levam na boca sem resistência, com deixarem o osso descoberto de carne, e por onde mais freqüentam de aferrar é pelos testículos, que logo os cortam, e levam juntamente com a natura, e muitos índios se acham por este respeito faltos de semelhantes membros.

ALVIANO

Dou-vos minha palavra que não haverá já coisa na vida que me faça meter nos rios desta terra; porque ainda que não tenham mais de um palmo dágua imaginarei que já são essas piranhas comigo, e que me desarmam da coisa que mais estimo.

BRANDÔNIO

Bem podeis entrar por todos os rios sem receio, que nem em todos se acham estas *piranhas,* antes somente ouvi dizer que as havia no rio de São Francisco, e no Una e outros semelhantes, que são bem conhecidos, e se sabe criarem-se neles *piranhas,* as quais são boas de comer, e se pescam ao anzol, posto que primeiro se perdem muitos, porque os cortam com os dentes. Há outra casta, de pescado, que chamam *peixe-galo,* por ter o espinhaço muito alevantado. *Salé* é de outra casta e também assaz bom; *suaçu,* é peixe que tem grandes olhos, gostosíssimo de comer; *saúna* que é a modo de mugéns, *mandeu* da feição de solhos; *roncadores, corcovados* e *baiacus,* cuja propriedade estranha em ser peçonhento causa espanto.

ALVIANO

E de que modo têm essa peçonha?

BRANDÔNIO

Este pescado, além de não ser muito grande, semelha a sapo e o fel dele é tão finíssima peçonha, que toda pessoa, que o come ou coisa que fosse tocada nele, não pode escapar de perder a vida, por ser o mais refinado veneno de todos quantos se acham no Brasil; e, com tudo, quando se tira o fel a este pescado, de maneira que se não quebre, nem se espalhe, tocando por algumas partes do corpo, se come a carne do pescado assada ou cozida sem nenhum impedimento.

Alviano

Não o houvera eu de comer de nenhuma maneira, porque sempre cuidara que levava do fel.

Brandônio

Pois ainda tem este peixe outra propriedade, a qual é que, depois de estar morto, se lhe esfregam a barriga, vai logo inchando como sapo. *Tamoatés* são outros que se armam, e depois que o estão, as suas escamas parecem lâminas; *arares* se armam também da mesma sorte, e têm a cabeça maior que o corpo; *jacundã* é peixe dágua doce, excelente para se dar a comer a doentes; *piabas* e *saras* possuem a mesma propriedade; *tararira* é pescado de muitas espinhas, que cria dentro na cabeça uns bichos. Também há muitas tartarugas, que, com ser peixe marítimo, vêm a desovar na terra, e nela, de ovos que põem, tiram seus filhos.

Alviano

Com já haver muitas vezes ouvido tratar dessas tartarugas, nunca me disseram delas essa propriedade.

Brandônio

Pois passa na forma que tenho dito. Também se acham muitos camarões, assim no mar, como pelas alagoas, da terra, de estranha grandeza, e da mesma maneira cágados.

Alviano

Não passeis mais avante; porque tendes tratado de tantas castas de pescado, de diferentes qualidades e naturezas, que faz confusão o considerar nos modos deles.

Brandônio

Pois vos poderei dizer que a terra deste Brasil é tão caroável de produzir pescados, que nos campos por onde nunca os houve, quando pelo inverno se formam neles alagoas, logo se acham nelas uns peixes, a que chamam *muçus*, semelhantes a enguias, e quantidade grande de camarões; de modo que todas as pessoas que vivem pelo sertão se sustentam deles, com mandarem meter de noite uns covos, com algum cevo dentro, pelas tais partes, e de madrugada os mandam tirar cheios de semelhantes pescados.

Alviano

Se com tanta facilidade se tomam, não devem de padecer os moradores desta terra falta dele.

Brandônio

De semelhantes que se tomam em covos há muita cópia.

Alviano

E de que modo se pesca o demais peixe nesta terra?

Brandônio

Com redes e transmalhos, e em certas tapagens, que se fazem por alguns esteiros, aonde com o crescente da maré entra muito peixe, e depois de estar dentro, lhe tapam a porta, e, como as águas falecem, ficam quase em seco, e os tomam sem trabalho; mas a principal pescaria, de que se aproveitam os demais moradores deste Estado, é a que mandam fazer por negros em jangadas, os quais nelas saem fora ao mar alto, aonde ao anzol pescam peixes grandes e formosos, com os quais se tornam a recolher ao pôr-do-sol, e desta sorte se toma muito pescado.

Alviano

E por que não se aproveitam de ir pescar no alto em barcos, como fazem as chinchas do nosso Portugal?

BRANDÔNIO

Porque não está em uso; e algumas pessoas, que o começaram a fazer, desistiram logo disso. Também se criam, pelas alagoas e rios, um animal a que chamam *capivara*, os quais vivem nas águas e pastam sobre a terra, semelhantes, à lontra na natureza, mas não nas feições, o qual é bom para se comer.

ALVIANO

E esse animal é reputado por peixe ou por carne?

BRANDÔNIO

Por carne se reputa, porque a tem ele muito boa e gostosa; além de que, conforme rezam era bem que fosse tido por carne, por pastar na terra, que é ao que se deve de ter respeito para semelhantes dúvidas. Além destas *capivaras*, se acham também pelos mesmos rios e alagoas uns lagartos grandíssimos, a que os naturais da terra chamam *jacaré*, mas não tão carniceiros como os da Índia. Estes lagartos põem ovos ao modo do de pato, mas não são redondos, porque são algum tanto chatos, os quais têm em choco dentro na água, somente com olharem para eles porque a sua vista é bastante para produzir neles os filhos, como as aves o fazem com o calor das penas; e ao tempo nascem deles lagartinhos.

ALVIANO

Isso parece história, a que se não pode dar crédito.

BRANDÔNIO

Pois não o tenhais por coisa fabulosa, porque a mim me trouxeram uns ovos destes, que se acharam dentro na água, e, quebrados, sairam de cada um dois lagartinhos já vivos, que se meneavam de uma parte para a outra. E com isto me haveis por escuso de tratar mais dos pescados, dando-me licença para que me passe aos mariscos, que há muitos e diversos nesta província.

ALVIANO

Não vos vi tratar das baleias, que de força deve de haver muitas, pelo âmbar que lançam na terra.

BRANDÔNIO

Sim, há; porque nesta costa se acham muitas e mui grandes, principalmente no verão, e delas saem algumas à costa de que se faz azeite de peixe; e na Bahia matam muitas às farpoadas alguns biscainhos de que fazem o mesmo azeite, por ser coisa que tomaram por ofício. Mas, os cuidardes que as baleias lançam o âmbar na terra, é engano manifesto; porque não há tal, que a causa de vir à terra não é outra senão que essas mesmas baleias e outros grandes pescados o vão buscar para o comerem no profundo das águas marítimas, aonde nasce em grandes arrecifes, e, com a força que fazem para o espedaçarem, se quebram alguns pedaços, uns grandes, e outros mais pequenos, que depois o mar lança à costa, aonde se acham; posto que há poucos dias que me certificaram uma coisa, que sucedeu nos limites do Rio Grande, assaz verdadeira, a qual desbarata tudo o que acima digo, acerca da criação do âmbar.

ALVIANO

Pois não me tenhais isso em segredo.

BRANDÔNIO

Afirmaram-me dois homens dignos de fé e crédito pelo haverem visto com o olho, que nas praias do Rio Grande, no Cabo Negro, um morador da mesma capitania, por nome Diogo de Almeida, condestable da fortaleza, achara nela um pau do comprimento de um braço e quase da mesma grossura, que o mar lançara à costa, o qual tinha dois esgalhes de rama na ponta, um deles já quebrado, e outro inteiro, que tinha algumas folhas secas, que semelhavam às de assipreste, e por este pau vinha pegado ao modo que o faz a resina pelas árvores, três ou quatro onças de âmbar-gris, muito bom, que parece que no fundo das águas se criam também em árvores, da sorte daquele pau, que dão o âmbar por resina. E se assim é, enganaram-se os que entenderam até agora que nascia como arrecifes, e deram no alvo os que queriam que fosse resina; porque o pau achado dá disso bastante prova. E porque o haver-se achado este pau não é coisa em que possa haver dúvida, faço volta a tratar dos mariscos, dos quais os primeiros quero que sejam quantidade grande de polvos, lagostins e lagartos, que se tomam pelos arrecifes nas conjunções das águas vivas, quando a maré está já descoberta de todo.

ALVIANO

E de que modo os tomam a tal tempo?

BRANDÔNIO

Tomam-nos de noite com fachos acesos, donde o tal marisco, espantado da luz deles, se deixa tomar sem fugir. Também há soma grande de *perseves,* e outro marisco, a que chamam *lapas, caramujos,* e ostras, das quais se acha tão grande multidão, que quase ficam servindo de ordinário mantimento aos moradores desta terra, principalmente aos que vivem chegados ao mar. E destas ostras vi já algumas tamanhas, e não digo por encarecimento, que era necessário ser partido o seu miolo às talhadas com faca, para se haver de comer. Dão-se pelos rios salgados, nas margens dos mesmos rios, e pelos pés, ramos e troncos de uma árvore, a que chamam *mangue,* de que já tenho tratado.

ALVIANO

Acham-se por ventura, nas tais ostras, pérolas ou aljôfares, como se acham nas que se pescam na costa das Índias?

BRANDÔNIO

Não creio que sejam estas ostras, de que trato, dessa qualidade; porque as ostras, de que se tiram as pérolas nas Índias, se pescam no mar alto, e as de cá se tomam pelos rios; posto que em algumas, depois de assadas ao fogo, se acham algumas pérolas, que já vêm desbaratadas dele, mas isto raramente e, eu tenho em casa uma destas que vos darei.

ALVIANO

Folgarei com ela para a mostrar no Reino, a poder dizer que no Brasil também se acham pérolas.

BRANDÔNIO

Da mesma maneira há muitas *amêijoas,* e outro marisco a que chamam *sapimiaga,* e sobretudo um de qualidade estranha, a que dão nome de *sernambim.*

ALVIANO

Que qualidade é a desse marisco?

BRANDÔNIO

Diferente da que têm todos os mais, porque se acha nele sangue, na forma que o têm os pescados, sem embargo de estar encerrado na sua concha, coisa de que todo outro semelhante marisco carece, e sobretudo o que mais espanta é que, nas conjunções das luas, lhe acode o menstro, como costuma a vir às mulheres.

ALVIANO

Não ousarei eu contar isso em Portugal.

BRANDÔNIO

Pois aqui vos poderei dar em prova da verdade que trato todos os moradores deste estado; porque não o perguntareis a nenhum dos antigos da terra, que vos não assele o que tenho dito por verdadeiro.

ALVIANO

Não duvido que seja assim, mas eu não me quero obrigar a buscar essas provas.

BRANDÔNIO

Ninguém vos pode obrigar a que creais senão o que quiserdes;

mas no que digo não há dúvida. Acham-se também na terra diferentes castas de cangrejos, que são verdadeiro sustento dos pobres, que vivem nela e dos índios, naturais e escravos de Guiné, pela muita abundância que há deles, e pouco trabalho que dão em se deixarem tomar, há uma casta dos tais, a que chamam *uçá*, e outra *siri*, e também *goajá*, e da mesma maneira *guoazaranha*. *Aratu* é outra casta deles, que se tem por contra peçonha, posto que eu o não experimentei. Também se acham uns de outra qualidade a que chamam *garauçá* e sobretudo os guanhamus, cuja natureza causa espanto.

Alviano

Pois não ma deixeis encoberta.

Brandônio

Esta sorte de cangrejo faz sua habitação em terra, ao longo dos rios salgados, por covas e lapas, que nela fazem com tirarem a terra para fora, para lhes ficar despejado o lugar debaixo, ao modo que as formigas fazem os seus formigueiros, e dali se sustentam com as ervas e frutos, que se produzem na terra, porque, ainda entre as sementeiras cultivadas, fazem a sua morada, com lhes fazerem assaz dano. Estes tais se tomam, tirados das covas e por fora delas, com serem maravilhoso comer, e criarem dentro em si grandes e formosos corais; e, o que mais espanta, é que, com as primeiras águas, que costuma a chover por estas partes pelo mês de janeiro ou fevereiro, saem de suas furnas em grandes esquadrões, donde se espalham pelo sertão quase uma légua, ocupando os campos, aonde nunca chegou o salgado, nem sombra dele. E por os tais se tornam inumeráveis, e ainda de irem eles, de per si, a meter pelas casas das pessoas, que por aquelas partes moram, com serem os que se tomam por esta maneira os mais gordos e gostosos para se comerem. E dizem os naturais, quando se acham estes cangrejos por esta maneira, que andam ao *atá*, que soa tanto como andarem lascivos.

Alviano

Maravilhosas coisas me ides dizendo, as quais, se houveram chegado à notícia dos antigos, creio que houveram composto sobre elas grandes volumes, das quais nós não fazemos caso, como se não foram dignas de muita admiração.

Brandônio

Isso é por respeito de já serem entre nós muito sabidas e usadas, e de tudo o que se trata desta maneira não causa espanto. Mas, porque tenho ainda muito que dizer das feras agrestes e domésticas, será bem que deixemos o mar, e ponhamos a proa em terra, que é o quarto elemento, de que ainda não tratamos a respeito das feras.

Alviano

Assim vos peço que o façais.

Brandônio

Não me envergonho agora de vos confessar uma fraqueza minha, a qual é que desejei sumamente de furtar o corpo por me não meter no labirinto de haver de tratar das várias castas, diferentes naturezas, estranhas feições, arrevezados nomes das feras agrestes e domésticas, de que é povoado todo este grande terreno brasiliense; mas a obrigação da palavra, que vos tenho dado, me faz atropelar por tudo com acometer a jornada, o que farei com entenderdes que não pode a memória capacitar, nem o engenho distinguir, o muito que havia para dizer sobre semelhante matéria, da qual vos afirmo de antemão que, por muito que diga, me há de ficar os dois terços por dizer; e com este pressuposto quero dar princípio ao que já tenho entre as mãos. Começarei pelo netunino, ligeiro e belicoso cavalo (4), dos quais, posto que há muitos, abundara inumerável quantidade nestes campos americanos, em tanto que nos de Buenos Aires se não criara tanta cópia deles, mas têm cruéis inimigos que os perseguem com lhes tirarem a vida; os quais são os escravos de Guiné, que os matam sem reparo, para os haverem de comer, em qualquer parte que os acham, e ainda aos regalados e de muito preço furtam das estrabarias, onde estão, para o mesmo efeito. E deixando isto de parte, digo que os cavalos desta terra são grandes sofredores de trabalho com andarem desferrados; porque, ou seja por serem mais duros dos cascos, ou pela terra ser menos pedregosa, não têm necessidade de ferraduras; e sucede de ordinário a um cavalo destes correr-se nele, em uma tarde, canas, argolinha e pato acompanhado tudo de muitas carreiras, e às vezes continuam neste exercício três e quatro dias a réu, com terem para tudo alento, e os acharem tão inteiros no princípio como no cabo; sendo assim que um só exercício destes bastara para aguar vinte cavalos dos de Espanha, e estes têm alento para tudo, com comerem mal, porque o seu mais ordinário mantimento é erva, a que nesta terra chamam capim; e de maravilha se lhe dá um pouco de milho, por quanto não se acha todas as vezes que se busca.

ALVIANO

E quanto vale um cavalo desses?

BRANDÔNIO

Alguns que eram sumamente bons, vi já vender por quinhentos cruzados, e outros por menos; mas, quando no cavalo se acham as partes de ginete, sem manhã má, sempre vale ao redor de duzentos cruzados.

ALVIANO

São de tanta dura os cavalos nesta terra como em Portugal?

BRANDÔNIO

Sim, são, e ainda mais; porque aqui não se enxerga em um cavalo ser velho, a respeito de tão ágil está para todo trabalho o de quinze e dezesseis anos, como o de quatro.

ALVIANO

Dão-se também destas bandas bestas muares?

BRANDÔNIO

Sim, dão, mas não as há.

ALVIANO

Não vos entendo esse modo de falar.

BRANDÔNIO

Pois declarar-me-ei mais. Digo que se dão, porque de alguns asnos cavalares, que se mandaram vir do Reino, se produziram maravilhosos machos e mulas; mas, elas mortas secou a geração deles, sem haver quem se quisesse cansar em mandar buscar outros, ou ao menos um asno e asna, para que se produzissem dos semelhantes na terra: e por isso disse que se davam bem as bestas muares, mas que as não havia.

ALVIANO

Agora vos tendes declarado.

BRANDÔNIO

Também há nesta terra quantidade grande de gado vacum; todo de muitas carnes e gordura, excelente para se comerem, que dão infinidade de leite, do qual não se sabem ou querem aproveitar, e a maior utilidade que do tal gado tiram, são os novilhos, de que se fazem bois mansos para serviço dos engenhos e das lavouras, com ser das melhores fazendas que há na terra. E conhecia eu um homem que tinha mais de mil cabeças de gado vacum, dividido por currais, dos quais tirava grande proveito; e outros têm menos, posto que todos pretendem ter currais de vacas, — por ser fazenda de muita importância.

ALVIANO

E por quanto se vendem cada uma vaca e novilho?

BRANDÔNIO

A vaca, sendo boa, é estimada nestas capitanias da parte do Norte, em quatro e cinco mil-réis, e o novilho, que serve já para se poder meter em carro, a seis e a sete mil-réis; e um boi já feito vale doze até treze mil-réis. E este é o preço mais ordinário. Também se produzem na terra muitas ovelhas, carneiros e cabras, em tanto que das ovelhas parem muitas de um ventre dois carneiros, e das cabras a dois e a três cabritos (*).

(*) Segue por outra letra: e "quatro".

Alviano

Isso é coisa estranha; e pois tanto multiplica o gado, de semelhante espécie não deve de carecer a terra de queijos, nem de lã.

Brandônio

Antes não há nela nenhuma coisa dessas, porque seus moradores não se querem lançar a isso; que podendo ter grande quantidade de lã de ovelhas, ainda que não fora mais que para enchimento de colchões, se contentam antes de comprar a que trazem do Reino a três e a quatro mil-réis; e da mesma maneira os queijos. E passa esta negligência tanto avante, que, com se dar semelhante gado grandemente na terra, não se querem dispor à cria dele, contentando-se cada um de criar somente o que lhe basta para provimento de sua casa, que não pode ser maior vergonha.

Alviano

Isso é uma coisa que convém não tratar dela por honra do Brasil.

Brandônio

Deste gado, ovelhum e cabrum, se forma também outra espécie, da qual eu já tive e muito; a qual é uns mestiços, filhos de ovelhas e de cabrão, que, representando a feição de ambos os pais, tomam de um uma coisa, e do outro a outra, com que se forma quase outro animal diferente na composição e são excelentes para se comerem.

Alviano

Nunca ouvi tratar dessa nova casta de animal, nascido de semelhante mistura.

Brandônio

Pois aqui no Brasil os há, e tive muitos deles, como tenho dito, pelo que não vos fique disso nenhum escrúpulo. Também há muitos porcos, excelentes, dos da casta do nosso Portugal, cuja carne, por se ter por muito sadia, se manda dar a doentes.

Alviano

Pois eu me achei, um dia destes passados, em casa de um enfermo, o qual perguntando ao médico se poderia comer carne de porco, lha defendeu com grandes encarecimentos.

Brandônio

No princípio da doença, sempre se teria por acertado deixar-se de usar dela, mas, no seu decurso, não se acha que houvesse feito dano a algum enfermo; posto que estes modernos médicos querem perverter isto, que sempre foi aprovado pelos antigos, pode ser que o façam somente por serem reputados por cientes, sem outro fundamento.

Alviano

Assim o fazem muitos com notável prejuízo dos enfermos; mas folgarei que me digais se todo esse gado, de que tendes tratado, era natural da terra, e o acharam já nela os nossos portugueses quando a vieram povoar, ou se foi mandado trazer de Espanha.

Brandônio

Nenhum gado dos que tenho referido havia nesta província, antes se trouxe todo para ela de Portugal, exceto alguns cavalos e éguas, que vieram do Cabo Verde, por se haverem lá produzido primeiro que nestas partes; e se quereis ouvir das naturezas e qualidades das alimárias, que havia na terra natural de cá, dai-me atenção, e pode ser que vos faça arcar as sobrancelhas de espantado (5).

Alviano

Dizei tudo, porque me tendes disposto para vos ouvir.

Brandônio

Acham-se por estas partes muitos animais, a que chamam *anta*, do tamanho de um boi, os quais se criam pelos campos, e se caçam a espingarda e em fojos, e tem boa carne para se comer.

ALVIANO

E a pele é como a que nós usamos?

BRANDÔNIO

Da mesma maneira, mas não se servem delas, por não se disporem a curti-las e consertá-las e, sem nenhum benefício, as deixam perder; também há inumerável quantidade de veados, corças e porcos.

ALVIANO

E esses animais tomam-se do modo que se costuma de caçar em Portugal?

BRANDÔNIO

Não; porque somente se matam a espingarda e a flecha, com os irem esperar aos postos aonde costumam de continuar, e também com armadilhas e fojos; e desta maneira se tomam grande quantidade deles, com ser carne muito boa para se comer, semelhante à de Portugal. Os porcos de diferentes castas, como é uma a que chamam *teaçu*, e outra *taitetê*, que são os nomes por que são conhecidos os tais porcos, por serem uns maiores, e outros mais pequenos; e todos os de semelhante casta têm os embigos nas costas, diferentes dos que vieram de Espanha, porque parece que assim os quis criar a natureza.

ALVIANO

Coisa estranha essa, e será dura de crer a quem dela não souber muito.

BRANDÔNIO

Pois nisto não há dúvida, por ser coisa assaz sabida; e posto que estes animais se matam a espingarda e flecha, e por armadilhas e fojos, como tenho dito, todavia há uma casta deles, que se caça por um modo estranho; o qual é que vai o caçador à parte aonde já tem feito certo o bando deles, e ali, antes de se mostrar, escolhe uma árvore que lhe fique mais acomodada para poder subir nela, quando lhe for necessário, e como a tem preparada, mostra-se ao bando dos porcos com dar, alguns brados, os quais, tanto que o sentem, arremetem a ele, como leões, para o espedaçarem. O prevenido caçador se acolhe logo à árvore, aonde espera que o bando dos porcos chegue a ele, que incontinenti o fazem, roendo-lhe as raízes e tronco, por não poderem chegar ao que se acolheu em cima; mas o pronto caçador, como os vê envoltos naquela braveza, não faz mais que, com agudo dardo, que leva nas mãos, picar um dos porcos, de modo que lhe tire sangue, donde os outros em lho vendo correr, arrematam a morder ao que está sangrado, e ele, por se defender, morde também aos que o perseguem; e assim se vão dessangrando uns aos outros, enganados com o cevo do sangue, que cada um de si derrama, até que travam todos uma cruel batalha, na qual se vão espedaçando com os dentes até caírem mortos, estando a tudo isto o caçador seguríssimo assentado sobre a árvore, donde com muito gosto espera o fim da contenda para colher o despojo, o que faz de muitos porcos, que no mesmo lugar ficam mortos, os quais faz levar para sua casa, donde ordena deles o que lhe parece, por ser carne de maravilhoso comer.

ALVIANO

Aprazível e deleitosa caça deve de ser essa, por se fazer presa de tão pouco custo; tomara eu ocupar-me sempre em semelhante exercício.

BRANDÔNIO

Pois aqui não se exercitam nele senão os índios naturais da própria terra. Também se acha quantidade grande de outro animal, a que chamam *pacas*, o qual é muito maior que lebre, listado de pardo e branco, cuja carne, por gorda, é semelhante da de porco, mas mais gostosa para se haver de comer. *Cotia*, que é um animal pequeno, que se faz doméstico, e anda pelas casas, quando o querem trazer nelas; e também outra sorte dos semelhantes, a que chamam *Coati* e assim uns como o outro são bons para se comerem. *Tatu* é um bicho que se vê pintado nos mapas pela sua estranheza e feição, de que é composto; porque anda armado de umas couraças, à maneira das que nós usamos, com não serem pouco fortes, e debaixo de semelhante armadura agasalham o seu pequeno corpo. E destes tais se acham muitos, que estimam para a mesa.

ALVIANO

Estes dias atrás passados me mostraram um desses bichos, que me fez maravilha de ver o modo dele.

Brandônio

Eu quis levar um para Portugal, mas não pude sair com a minha pretensão, por me morrer no mar.

Alviano

Não fora lá pouco estimado.

Brandônio

Jarataquaqua (*) é animal do tamanho de um gozo, de cor parda, da mais rara e estranha natureza, de quantos o mundo tem, a qual é que se acaso, andando pastando pelo campo, for acometido de alguma pessoa, que o pretenda tomar, vai fugindo dela; mas, quando se vê apertado, larga, para sua defensão, uma ventosidade que é poderosa, com o seu ruim cheiro, de abater e lançar por terra, sem acordo toda cousa viva que o segue, quer seja homem, quer cavalo, quer cão, ou outra qualquer sorte de animal, sem nenhum reparo, e ali fica arvoado, sem dar acordo de si, por três ou quatro horas; e, o que faz maior maravilha, é que os vestidos, sela, estribos, ou a coleira do cachorro, a que alcança o ruim cheiro da ventosidade, nunca mais aproveita para nada, e se deve de entregar ao fogo para que o consuma. E não basta ao homem, a quem isto sucedeu, lavar-se uma, dez nem vinte vezes dentro n'água para efeito de perder aquele cheiro, antes prevalece nele por espaço de oito ou dez dias, até que, com o tempo, se vai gastando. E a mim me sucedeu, estando um dia vendo pesar açúcar, e entrar na casa de um homem, ao qual havia mais de sete dias que havia tocado a ventosidade do animal, e com vir já lavado muitas vezes, cabelo e barba feita, e outro vestido, tanto foi o mau cheiro, que de si lançou que nos obrigou, aos que ali estávamos, a desamparar a casa e sair fugindo para fora, com ignorarmos o caso, até que ele próprio contou o que lhe havia sucedido.

Alviano

Cousa estupenda é essa, e certamente indigna de se poder crer pela sua estranheza e raridade; assim aconselhara eu aos reis e príncipes que buscassem modo de indústria para criarem semelhantes animais domesticamente, em forma que não soltassem a ventosidade senão quando lhe fosse mandado; porque com isso venceriam grandes exércitos sem arriscarem espadas.

Brandônio

Pois não o tenhais por graça; porque dessa maneira sucederia, quando fora cousa que se pudera pôr em efeito. Também se acham na terra muitos coelhos, dos nossos de Portugal, não por serem naturais de lá, mas parece que se deviam de transmontar alguns, que de lá vieram, e dos tais produziram os muitos que agora há. Também há outra casta dos naturais, a que chamam *sauja*, mas mais pequenos; e outros, por nome *punari*, de rabo grande semelhante a rato; e da mesma maneira *apariás*, que são excelentes para se comerem; e assim uma casta deles, muito pequenos a que chamam *mocó*, os quais se fazem domésticos, e se trazem pela casa, para contra os ratos, por serem grande perseguidores deles. Também há outra sorte, a que chamam *reruba*, que todos são da espécie de coelhos, uns pequenos, e outros mais grandes.

Alviano

Não há tantos em Portugal e nisso parece que lhe faz o Brasil muita vantagem.

Brandônio

Aquostimeri é um animal pequeno, o qual tem o rabo tamanho que lhe baste para se cobrir todo com ele; e assim, quando o topam, não se lhe enxerga mais que o rabo, porque o corpo lhe fica escondido debaixo. *Mocó* ou *guaqui*, por outro nome, são uns bichos do tamanho de um láparo, com os quais dispensou a natureza que tivessem bolso debaixo da barriga, dentro no qual agasalham os filhos, depois que os parem; e quando caminham os levam ali dentro metidos, e estando parados, os soltam para que pastem e comam pelo campo, e, querendo outra vez caminhar, os tornam a receber.

Alviano

E esse bolso é por ventura aberto até as entranhas?

Brandônio

Não, porque tem uma pele sobre a outra, e, na de fora, se forma semelhante bolsinho.

(*) Na primeira sílaba há escrito por cima a emenda *May*, proveniente provavelmente do nome *Maitacaca*, porque também é designado em alguma outra província.

ALVIANO

Maravilhosas cousas me ides contando, com as quais me tendes suspenso.

BRANDÔNIO

Tamendoaçu é um animal de cor parda e branca, do tamanho de um poldro de seis meses; o qual tem o rabo tão comprido e largo, que é bastante a cobri-lo do dos pés até a cabeça; e a sua carne é muito boa de comer. Também há na terra diversos modos de *raposas*, grandes caçadoras, principalmente de galinhas, que lhes não escapam, quando lhes podem chegar.

ALVIANO

Quanto a essas, melhor fora que as não houvera, porque em toda parte são daninhas.

BRANDÔNIO

Irara é um animal do tamanho de um gato, de cor negra, focinho comprido, a boca de feição de coelho, cujo verdadeiro mantimento são formigas e delas se sustenta.

ALVIANO

Não sei de que modo possa ajuntar tantas formigas, que bastem para a sua sustentação, por ser a caça muito miúda.

BRANDÔNIO

Usa para o efeito de uma estranha invenção, a qual é que vai buscar os formigueiros e outros (*) lugares por onde costumam a andar formigas, e ali, lançado em terra, bota fora da boca a língua, a qual, por muito comprida, e ter muita viscosidade, se cobre incontinenti de formigas que, uma atrás outras, concorrem a buscar o cevo, e, como o bicho sente que se ajuntaram já muitas, recolhe a língua para dentro, com levar nela um arresoado bocado, e, ele

---

(*) "E outros" está riscado e emendado "pelos".

comido, torna a largá-la outra vez, e muitas até se fartar do seu mantimento, que por outra maneira não lhe é dificultoso o busca-lo.

ALVIANO

Também não carece de muita consideração o modo desse animal, e qualidade de sua sustentação, a qual, com parecer dificultoso, lhe fica sendo fácil pela indústria de que se aproveita.

BRANDÔNIO

Também há nesta terra muitos cameleões, que se chamam pela língua natural dela *senebu*, os quais são grandes e fermosos, e de cor verde, que é a sua natural; e acontece estarem sobre uma árvore, por espaço de dois e três dias, sem se mudarem dela, parece que sustentando-se do vento, como escrevem os naturais.

ALVIANO

Pois é de saber se esses cameleões mudam também a cor, como eles afirmam.

BRANDÔNIO

Sim, mudam; porque eu vi já muitos, que, postos sobre panos de diferentes cores, depois de estarem sobre (*) eles por algum espaço, vão tomando quase a mesma cor, posto que não tão perfeita, nem distinta; e o gentio da terra os come e diz deles ser boa carne. *Teju* é um sardão grande perseguidor de galinhas, e contudo estimado para se haver de comer, *Jia* é animal de feição de rã, e tamanho como um cágado, muito bom para se haver de comer, e quem quer que o tiver não carecerá de boa ceia. Também há nesta terra um estranho animal ao qual os nossos portugueses chamam *preguiça*, e o gentio natural *ahum*, em cuja qualidade, por ser assaz notória me quero cansar em vo-la relatar.

ALVIANO

Antes vos peço que o façais muito em particular, porque desse animal não sei, nem tenho ouvido dizer nada até agora.

(*) "Sobre" riscado, e posto em cima "n".

BRANDÔNIO

Esta *preguiça* é do tamanho de um cachorro, posto que não tão alevantada, de um estranho rosto e feições, tem a cor parda e preta, e as mãos e pés com dedos mui distintos e acompanhados de grandíssimas e agudas unhas: é bicho dotado por natureza de grande freima e preguiça, em tanto que, para haver de subir ou baixar de uma árvore, posto que pequena, gasta pelo menos dois dias de tempo, e pela terra lhe sucede o mesmo para se haver de mover pequeno espaço; porque para alevantar e estender um braço, e depois fazer o mesmo do outro para ir avante, faz intervalo de um bom quarto de hora, sem bastar, para que se mova com mais alguma pressa, açoutes, feridas, nem ainda fogo; porque, da mesma maneira e pelo mesmo compasso vai mostrando as mãos e pés, como se lhe não fizeram nada; e tem tanta força neles, que aonde quer que aferra, não há poder lhos desaferrar, senão com grande trabalho. Os filhos, enquanto são pequenos, trazem sempre consigo pegados pelo corpo: porque eles têm cuidado de se aferrarem no pai ou mãe, de maneira que nunca os largam até serem grandes.

ALVIANO

De cada vez me ides contando mais estranhezas, e tais que, pela qualidade delas, não capacita o entendimento podê-las haver no mundo.

BRANDÔNIO

Pois, no que vos vou dizendo, não me arredo em nada da verdade, nem haverá quem a ela possa pôr glosa. *Aguará-açu* são uns animais à feição de cão. *Maracaia* são de feição de gato, posto que do mato, muito fermosos, por terem todo o corpo listado. *Tiquaam* é outro gato, também do mato, mui agourento para os índios, em tanto que, se acaso os encontram, tendo começado qualquer jornada, desistem logo dela, por lhes parecer que lhes não pode suceder bem, havendo visto semelhante bicho. *Heirate* é um animal grande, o qual sobe sobre as árvores, aonde vê que há mel, do modo que o fazem os gatos, e depois de estarem em cima delas, com os dentes e unhas furam o tronco para haverem de comer o mel, e assim se fartam dele, sem arrecearem o aguilhão das abelhas.

ALVIANO

Deve de ter esse animal a natureza de urso, em ser inclinado ao mel.

BRANDÔNIO

Eu não sei que natureza é a sua, mas sei que o seu verdadeiro mantimento não é outro; *juparra* é outro animal grande caçador, e a ele caçam também os índios com cachorros, para o haverem de comer: *quoandu* é uma casta de ouriço da feição dos de Portugal, de que também os índios se aproveitam para seu mantimento; *guasuni* é cachorro do mato, medianamente grande; *jagararuapem* é um animal, não muito grande, grandíssimo caçador e matreiro para semelhante arte.

ALVIANO

Já que tão bem sabe caçar esse animal, não deve padecer de fome.

BRANDÔNIO

Nunca se ocupam senão da caça. Já tereis visto os fermosos e lindos *saguins*, que se criam nesta província, donde os levam para Portugal, com serem lá estimados pelo seu bom cabelo, pequeno corpo, feições de rosto, e viveza dos espíritos.

ALVIANO

Dessa qualidade tenho visto muitos, e ainda tenho um em casa, de que fizeram presente os dias passados; e são bichos de muita consideração.

BRANDÔNIO

Confesso-vos que arreceio de vos dizer dos bugios, porque há tanto que contar deles, que pode ser que me tenhais por fabuloso; mas, como estou em parte aonde posso logo abonar minha verdade, direi o que souber da matéria. Nesta terra se produzem grande quantidade de bugios, de diferentes castas, uns muito grandes, e outros mais pequenos; os grandes são chamados *guaribas*, dos quais direi por derradeiro. Destes, que não são tamanhos, se conhecem diferentes habilidades e costumes, dos quais o primeiro seja que têm de costume ir furtar o milho pelas milharadas, quando ele está de vez, e para o efeito se previnem deste modo: antes de descerem das árvores, elegem dentre si três ou quatro espias, que dividem pelas partes por onde melhor se descubra o campo de cima de grandes árvores, os quais estão sempre vigiando com o olho aberto; e os demais bugios, havendo-se com esta prevenção por seguros, descem abaixo a fazer seu furto, levando cada um deles, por uma estranha invenção, a três e quatro espigas, e se não forem sentidos, se recolhem com elas; mas se acaso vem gente, estando ainda ocupados no furto, lhes fazem sinal as espias, com darem certos brados, que como são ouvidos dos demais, se recolhem com presteza no estado em que se acham; e se acaso as espias se descuidaram, e sobreveio gente, sem lhes haverem dado sinal, estando eles ocupados no furto, fazem o melhor que podem; e o primeiro que fazem é arremeterem às sentinelas, e aos bocados as espedaçam, com lhes darem por esta via o castigo do seu descuido.

ALVIANO

Não pode fazer mais, nem governar-se com melhor providência uma pessoa racional; e folgara de saber que modo há para se tomarem esses bugios, por que vejo levar muitos deles mansos a Portugal.

BRANDÔNIO

Tomam-nos com laços e armadilhas, dos quais um escravo meu lhes fazia uma assaz galante; a qual era que tomava uma botija de boca estreita e a meava de milho, e assim a punha lançada no chão com alguns grãos por fora ao redor da boca dela; e tendo assim a botija preparada na parte onde os bugios costumavam a vir fazer seus furtos, tanto que algum chegava a elas, vendo os grãos de milho, depois de os comer, olhava pelo buraco a ver se achava mais, e tanto que os divisava dentro, metia a mão pela boca da botija, e quando a queria tornar a tirar para fora já cheia de milho, o não podia fazer, porque, como a metera vazia, pôde bem caber pelo buraco, mas, trazendo-a cheia, não lhe era possível podê-la tornar a tirar para fora, por este modo ficava preso; como ignorava que lhe era necessário tornar a soltar o milho, para poder levar a mão, o que fazia era somente dar muitos gritos até que ao rebate deles acudia o caçador a lhe lançar um laço, com o qual depois de quebrar a botija, o trazia para casa.

ALVIANO

Modo de caçar é esse, em que eu sempre me exercitara, pelo gosto que havia de ter de ver preso aquele animal por semelhante via.

BRANDÔNIO

Outra coisa estupenda vi contar dos mesmos bugios, posto que a não possa testificar de vista, mas afirmaram-me pessoas dignas de fé; a qual é que, quando o rebanho destes animais vai fazendo o seu caminho pelo inverno, se acaso encontra algum rio crescido, que lhe empida a passagem, porque a nado o não podem fazer, pelo intervalo dos filhos pequenos que consigo levam, usam de uma maravilhosa indústria para não deixarem de continuar o seu caminho, a qual é que buscam duas árvores crescidas, que fiquem fronteiras uma da banda daquém do rio e a outra dalém, e subidos à árvore, da parte donde se acham logo em uma rama dela, que pende sobre o rio, se aferra um dos tais bugios com as mãos, deixando o corpo dependurado para baixo, e àquele se lhe ajunta outro, com lhe fazer da mesma maneira presa com as mãos na petrina, e logo outro, e muitos, até que se forma por este modo uma corda de bugios, e como está bastantemente comprida embalança tanto com ela, de uma parte para outra, até que o último bugio, dos debaixo, possa aferrar com as mãos a rama da árvore que lhe fica vizinha da outra parte, na qual, fazendo força, vai atesando a corda pouco a pouco, e depois que o está, por riba dela passam os demais bugios com seus filhos às costas; e, como tais estão já da outra parte, o primeiro, que se aferrou do tronco na árvore oposta, solta também as mãos dela, e fica da outra parte com os companheiros; porquanto o que está de além não se solta, tendo a corda em perfeição até que o outro passou por esta via, e se ajunta com os demais.

ALVIANO

Cousa é essa que, pela sua raridade, não sinto tanta confiança em mim, que me atreva a contá-la no Reino; porque arrecearei que me dêem apupadas.

BRANDÔNIO

Pois aqui acharei muitas pessoas que assim vô-lo afirmem. A outra sorte de bugios se chama *guaribas,* os quais são muito maiores e têm barba, e no modo que vivem e providência com que se governam, quase que se querem parecer com a gente humana. Estes fazem sempre sua habitação por cima de grandes matos e crescidos arvoredos juntos em cabildas, donde estão em contínua grita, que se ouve de muito longe, e toda pessoa que ignorar a causa terá para si serem vozes humanas, ou som de instrumentos, porque daquela maneira respondem. Estes guaribas costumam a fazer-se a barba uns aos outros, quando as têm crescidas, ajuntando-se para isso de certas pedras agudas, unhas e dentes; e quando se lhes tiram com algumas flechas e delas são ligeiramente feridos, tornam com muita brevidade a tirá-la logo do corpo; e com acendida cólera a arremessam contra o que lha atirou, intentando fazer o mesmo que lhes fizeram, e a ferida curam depois com facilidade, aplicando-lhe certas ervas só deles conhecidas. E quando sucede serem feridos de ferida penetrante e mortal, conhecendo seu mal, antes de se entregarem a morrer, se dependuram na árvore em que estão, liando na rama dela o rabo, de sorte que morrem ali dependurados, sem caírem para baixo, tanto aborrecem o serem presos de seus matadores.

ALVIANO

E quando esses guaribas encontram acaso com algum homem por esses matos, folgara de saber se o deixam passar livremente, sem lhe fazerem mal.

BRANDÔNIO

Às vezes o deixam passar, porque não reparam nele, e outras o perseguem com carrancas e biocos e outros medos que lhe fazem; em tanto que eu vi já um mamaluco, filho da terra, vir assaz afrontado, de perseguido deles, e me afirmou que tanto o apertaram que se via em termos de se perder. Também se acham nesta terra umas *onças* ou *tigres* muito listados, do tamanho de um bezerro, grandes perseguidores do gado doméstico, do qual costumam matar muito.

ALVIANO

E de que modo o matam?

BRANDÔNIO

Com nenhum outro senão com se arremessarem a ele, e lhe darem com a mão uma bofetada sobre a cabeça com tanta força

que é bastante — oh cousa maravilhosa! — a lhe quebrar os cascos por muitas partes, com lhe espargir os miolos, morrendo logo a vaca ou novilho a que isto aconteceu, sem por a parte de fora lhe fazer ferida, nem mostrar sinal por onde recebera tanto dano.

ALVIANO

Folgara de saber se assim como acomete e mata o gado, o faz também à gente.

BRANDÔNIO

A homem branco não ouvi dizer nunca que matassem, mas aos índios e negros de Guiné sim, quando se acham muito famintos. Também há outra desta mesma espécie, de menor corpo, a que chamam *susurana*, que costuma de matar alguns bezerros e gado miúdo. Não são tão daninhos como os outros. Não quero calar as diferentes castas de cobras peçonhentas, que se acham por toda esta província, como são *jararacas, saracucus, cobra de coral*, e outra a que chamam *cascavel*, porque tem uns nós no rabo semelhante a eles, e quando os meneia com força formam um som que se parece com eles. Estas todas são peçonhentíssimas, e matam as pessoas a que mordem em breve termo, e por isso são mui temidas. Outra sorte há também de cobra, muito mais grande, a que chamam *boaçu*, e nós cobra de veado, porque comem, engolindo um inteiro, quando o tomam. Caçam dependuradas sobre árvores, e de salto fazem a sua presa; e já sucedeu arremessarem-se a homens que mataram, com lhes meterem o rabo pelo sesso, por ser parte aonde logo acodem com ele. E destas semelhantes cobras vi uma tão grande que tenho temor de dizer a sua grandeza, temendo de não ser crido, e se afirma também delas uma cousa assaz estranha, a qual é que, depois de mortas e comidas dos bichos, tornam a renascer como a Fênix, formando novamente sobre espinhaço carne e espírito.

ALVIANO

Isso tenho eu por cousa indigna de se poder pôr em prática, porque não mostra nenhuma aparência de poder ser verdade, por encontrar às leis da natureza.

BRANDÔNIO

Já vos disse que eu não o vi, mas ainda me atrevo a vos mostrar pessoas, que vos afirmem haver experimentado o caso, assim como vô-lo tenho relatado. E com isto vos confesso que não me acho para mais, nem me atrevo passar avante, posto que me ficam ainda muitos animais terrestres de que pudera fazer menção.

ALVIANO

Tendes dito de tantos, e mostrado tantas maravilhas, de suas naturezas e qualidades, que não sei que vos possa ficar mais por dizer, senão dos costumes deste gentio da terra, é a última cousa de que prometestes tratar.

BRANDÔNIO

Para isso é necessário que cobre novo alento e novo ânimo, por ser matéria tanto comprida como dificultosa; e para dar remate à essa nossa prática, o que sumamente desejo, amanhã vos virei buscar a este mesmo posto, às horas costumadas.

NOTAS

1. O Diálogo quinto ocupa-se das grandezas do Brasil subordinadas aos três elementos: ar, água e terra, "sem tratar do mais alevantado deles, que é o fogo, porque de todo o tenho por estéril, que a salamandra, que se diz criar-se nele, entendo por fabulosa" — disserta Brandônio.

Começando pelo ar, trata das aves, e depois de enumerar as domésticas galinhas, galipabos (como, segundo parece, ainda chamavam aos perus), pombas, patos e adens, passa a referir-se às silvestres, aliás com alguma confusão de ordem sistemática. Diz do *jacu*, uma das espécies do gênero Penélope, que é de muita estima e que não lhe fazem vantagem as mesmas galinhas; da *aquaham*, que deve estar por *aracuam*, outra espécie do mesmo gênero, diz que não é de menos estima; dos *mutus* ou *mutuns*, aves da família dos Cracídeos, de que há diversas espécies, — que são do tamanho dos galipabos, e não menos prezadas do que eles, no que deve haver exagero; do *jaburu* ou *jabiru*, da família dos Ciconídeos, *Mycteria mycteria*, Licht., — que é bastante pela sua grandeza para abundar meia dúzia de companheiros, posto que famintos, com ser carne assaz saborosa; das *uruís* ou *urus*, da *inhapupé, nhambuaçu* e *nambus*, da família dos Tinamídeos, — que são como as perdizes e cordonizes de Espanha; e das rolas sem conta, todas boas de comer, e que com pouco trabalho se tomam. Trata a seguir dos *anuns*, da família dos Cuculídeos, das *hiendaias* ou *jandaias*, Psitacídeo, *Conorus aureus*, Gm.; do *sabiá*, Turdídeo; *cujujuba*, talvez *tui-juba*, que pela descrição deve ser o Psitacídeo *Psittacula passerina*, Linn., hoje mais conhecido pelos nomes de *tapa-cu* e *cu-tapado*; o *macugagá* ou *macucaguá*, Falconídeo, *Herpetotheres cachinnans*, Linn.; o *tucano*, nome comum a diversas aves da família dos Ranfastídeos; *canindé, Psitacídeo, Ara ararauna*, Linn.; *apecu*, difícil de identificar; *gurainheté*, que deve ser *guiraeté*, nas mesmas condições do anterior; *garateúma*, em Marcgrav *guiratangueima*, Icterídeo, *Cacicus cela*, Linn.; *anacan*, Psitacídeo, *Deroptyus accipitrinus*, Linn.; *guraingueta* ou *guariatã*, Tanagrídeo, *Euphonia aurea*, Pall.; *pica-pau*, nome comum a diversas aves da família dos Picídeos; *tamatianguaçu*, talvez o *tamatiá*, da família dos Ardeídeos, *Cancroma cochlearia*, Linn.; *curiquaqua*, por outro nome *araçari* nome comum dos Ranfastídeos do gênero Pteroglossus, *miguá* ou *biguá*, da família dos Carbonídeos, *Carbo vigua*, Vieill.; *girubas*, desconhecido; *pirarigua* ou *piririguá*, da família dos Cuculídeos, *Guira guira*, Gm.; *japu*, Icterídeo, *Ostinops decumanus*, Pall.; *guirejaúba* ou *guarajuba*, Psitáceo, *Conurus guarouba*, Gm.; *tiguarem*, difícil de identificar; *guaxe*, Icterídeo, *Cacicus haemorrhous*, Lin.; *cunhatanaipe*, difícil de identificar; *tucanoçu* ou *tucanuçu*, Ranfastídeo, *Rhamphastus toco*, Mull.; *taraba*, que deve ser *taperá*, da família dos Hirundinídeos, *Hirundo tapera*, Linn.; também chamado andorinha em algumas partes do Brasil; *peitica*, da família dos Tiranídeos, *Empidonomus varius*, Vieill., que ainda goza da mesma ruim fama nos Estados do Norte; *ema*, da família dos Reídeos, *Rhea americana*, Linn.; *Seriema*, da família dos Microdactilídeos, *Microdactylus cristatus*, Linn.; papagaios reais, *coriqua* ou *curica*, *araras*, *toins* ou *tuins*, e *quaiquaiais*, que são diversas espécies grande e pequenas da família dos Psitacídeos; *garataurana*, hoje *urutaurana*, Falconídeo, *Spizaetus ornatus*, Daud.; *piron*, *gambiapiruera e eixua*, também Falconídeos, de difícil espefição; *taguató*, *toató* em Gabriel Soares, outro *Falconídeo; guaráguará* ou *caracará*, ainda Falconídeo, *Milvago chimachima*, Vieill; *quaquaque*, inindentificável; *jaqueretu* ou *jacurutu*, da família dos Bubonídeos, *Bubo magellanicus*, Gm.; *tuindá* ou *suindara*, da família dos Strigídeos, *Strix flammea perlata*, Licht.; *buruhu* e *kacum*, irreconhecíveis; e por fim, os representantes da ordem dos Natatores, *airires* ou *irerês*, — *Dendrocygma virtuata*, Linn.; *patoris*, — *Nomonix dominicus*, Linn.; *maçaricos*, *sericos* ou *sericóia*, *colheiras*, *caram*, *gaquara* e *gararina*, — Anatídeos, Ardeídeos e Charadídeos.

2. É essa a primeira referência que aparece na literatura às migrações de borboletas, fenômeno que já era conhecido dos Tupis da costa, em sua língua nomeado *paná-paná*, duplicação do tema verbal tupi, que se pode traduzir por *bate-bate*, e representa admiravelmente a imagem de imenso bando de borboletas a voar na mesma direção, batendo as asas apressadas.

Essas migrações são mais comuns na região amazônica, onde os naturalistas Bates, Spruce e Goeldi as observaram em suas excursões científicas pelo rio-mar. As descrições dos dois primeiros contrariavam a de Brandônio, quanto ao rumo que levavam as caravanas migratórias: Norte, segundo este, e Sul para aqueles; mas Goeldi conseguiu explicar a divergência de modo plausível.

— Conf. Henry W. Bates, *The Naturalist on the River Amazons*, I, 249, Londres, 1862; Richard Spruce, *Notes of a Botanist on the Amazon and Andes*, II, 366-368, Londres, 1906; Dr. Emilio A. Goeldi, *Grandiosas migrações de borboletas no vale amazônico*, in *Boletim do Museu Goeldi*, IV, 309-316. — O artigo de Goeldi saiu primeiro em revistas científicas européias, sendo traduzido para o português por Capistrano de Abreu, sob o título — *O paná-paná amazônico*, e publicado no *Jornal do Comércio*, do Rio, de 19 de Abril de 1902.

3. Passando a tratar do terceiro elemento, isto é, das águas, Brandônio enumera os seguintes habitantes delas: *vejupirá ou bijupirá*, peixe da família dos Raquicentrídeos, *Rachycentron canadus*, Linn.; *carapitanga*, da família dos Gerrídeos; *cavala*, da família dos Escombrídeos, *Scomberomorus cavala*, Cuv.; *serra*, da mesma família; *camoropim*, da família dos Clupeídeos, *Megalops thrissoides*, Bl. et Schn.; *pirapema* do litoral paraense; *dourado*, da família dos Corifenídeos; *Coryphaena hippurus*, Guv.; *mero*, da família dos Serranídeos, *Promicrops guttatus*, Linn.; *moréia*, da família dos Electrídeos, *Guavina guavina*, Cuv. et Val.; *pescada*, da família dos cienídeos, *Cynoscyon acoupa*, Lacép.; *tainha*, da família dos Mugilídeos, *Mugil* sp.; *cação*, da ordem dos Seláquios, menor que o tubarão; *albacora*, da família dos Escombrídeos, *Thunnus alalunga*, Gml.; *bonito*, da mesma família; *lavrador*, desconhecido; *peixe-espada*, da família dos Xifiídeos, *Xiphias gladius*, Linn.; *peixe-agulha*, da família dos Belonídeos, *Tylosurus timucu*, Walb.; *xaréu*, da família dos Carangídeos, *Caranx hippos*, Linn.; *salmonete*, da família dos Pleuronectídeos; *sardinha*, da família dos Clupeídeos, gênero *Sardinella*, de que há várias espécies; *peixe-boi*, veja nota (11) do Diálogo primeiro; *ubarana*, da família Elopídeos, *Elops saurus*, Linn.; *gaibicuaraçu*, quiçá o *goavicoara*, que Gabriel Soares menciona na mesma ordem que segue o texto, mas difícil de identificar; *camorim*, ou *camurim*, da família dos Percídeos, *Oxylabrax undecimalis*, Bl., o conhecido *robalo* do Rio de Janeiro; *corimã* ou *curimã*, da família dos Mugilídeos, *Mugil curema*, Cuv.; *carapeva* ou *carapeba*, da família dos Eucinostomídeos, *Itiapterus rhombeus*, Cuv. et Val; *curumatã*, *curimatã* ou *curimatá*, da família dos Caracídeos, gênero *Prochilodus*; *piranha*, da família dos Caracídeos, *Serrasalmo pirauba*, Spix; *peixe-galo*, da família dos Carangídeos, *Selene vomer*, Cuv: *Salé*, desconhecido; *soaçu*, ou, de acordo com a definição do texto, *eçá-açu*, olho grande, ou *olho-de-boi*, como hoje lhe chamam, — peixe de mar da família dos Carangídeos, *Seriola lalandi*, Cuv. et Val.; *saúna*, desconhecido; *roncador*, da família dos Loricariídeos, *Rhinelepis aspera*, Spix; *corcovado*, desconhecido; *baiacu*, da família dos Tetrodontídeos, de que há várias espécies; *tamoatê*, que deve ser *tamoatá*, ou *camboatá*, da família Calictídeos, *Callichthys callichthys*, Linn.; *arare*, desconhecido; *jacundã* ou *jacundá*, da família dos Ciclídeos, de que há diversas espécies no gênero *Crenicichla*; *piaba*, pequeno peixe de rio da família dos Caracídeos; *sara*, desconhecido; *tararira* ou *traíra*, da família dos Caracídeos; *tartaruga*, nome comum dos Quelônios marítimos; e *muçu* ou *muçum*, da família dos Simbranquídeos, *Symbranchus marmoratus*, Bl. Vêm a seguir, porque vivem na água e em terra, a *capivara*, o maior dos roedores, da família dos Caviídeos, *Hydrochoerus capybara*, Erxl.; e o *jacaré*, réptil emidossáurio da família dos Crocodilídeos, representada no Brasil pelos gêneros *Caiman* e *Jacaretinga*. Brandônio ia passar aos mariscos, "de que há muitos e diversos nesta província", quando seu interlocutor lhe chamou a atenção para as baleias, "que de força deve haver muitas, pelo âmbar que lançam em terra". Aí admite ele a opinião, já reconhecida errônea em seu tempo, da origem vegetal do âmbar, — veja Diálogo primeiro nota (27); das baleias diz que "na Bahia matam muitas às farpoadas alguns biscainhos, de que fazem o mesmo azeite, por ser coisa que tomaram por ofício" — Diálogo terceiro, nota (15). Voltando a tratar dos mariscos, que compreendem não só os moluscos comestíveis, como os crustáceos, enumera o *polvo*, molusco da classe Cefalópode, *Loligo brasiliensis*, Bl.; o *lagostim*, crustáceo decápode macruro da família dos *Cilarídeos;* e *lagartos*, que devem ser os chamados do mar, peixes da família dos Sinodontídeos, cuja cabeça tem golpeante semelhança com a de certos lacertílios. Seguem-se os *perseves*, moluscos gastrópodes que se criam apinhoados sobre pedras, como as *lapas* e *caramujos*, também citados; as ostras, moluscos lamelibrânquios, da família dos Ostreídeos, de que no Brasil se conhecem duas espécies principais, *ostra-do-mangue* e *ostra-das-pedras*, conforme o lugar em que vivem; *amêijoa*, molusco lamelibrânquio marinho da família dos Licinídeos, *Phacoides pectinatus*, Gml.; *sapimiaga*, desconhecido; e *sernambim*, molusco lamelibrânquio marinho da família dos Mesodesmatídeos, *Mesodesma mactroides*, Desch. Vêm por fim os decápodes braquiúros: *uçá*, da família dos Gecarcinídeos, *Ucides* (*Oedipleura*) *cordatus*, Linn.; *siri*, da família dos Portunídeos, *Callinectes danai*, Snr.; *goajá*, "aliás *guajá* — Cancer marinus generis Guiae et Carcini", Martius, *Glossaria*, 448; *guoazaranha*, talvez *aranha-do-mar*, da família dos Inaquídeos; *aratu*, da família dos Grapsídeos. *Aratus pisoni*, M. Edw.; *garauçá*, em Gabriel Soares *goaiaussá*, caranguejo branco das praias, difícil de identificar; e *guanhamu* ou *guaiamu*, da família dos Gecarcinídeos, *Cardisoma guanhumi*, Latr. O vocábulo *atá* ou *autá* é da língua tupi, e significa — andar, caminhar. Já no tempo de Brandônio se aplicava aos caranguejos, que, por lascivos, em certa estação do ano, saem das tocas e andam errantes estonteadamente, o que muito facilita sua apreensão. A conhecida canção popular — Caranguejo anda *autá*, — consagrou a expressão há muito tempo.

4. Os primeiros cavalos e éguas vieram de Cabo Verde para a Bahia e daí foram a Pernambuco por mercadoria, onde valiam de duzentos a trezentos cruzados, informa Gabriel Soares, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*,

152, Rio, acorde com Fernão Cardim, *Tratados da terra, e Gente do Brasil*, 105, Rio 1925. Orçavam pelos mesmos preços no tempo de Brandônio mas quando o cavalo era sumamente bom podia vender-se até por quinhentos cruzados.

Os jumentos se davam da mesma maneira que as éguas; os cavalos repugnavam tomar as burras, mas as éguas esperavam bem os jumentos.

As primeiras vacas que foram à Bahia levaram-nas de Cabo Verde e depois de Pernambuco, diz ainda Gabriel Soares, e aí se davam maravilhosamente. Brandônio conhecia um homem que deve ser Duarte Gomes da Silveira, na Paraíba, que tinha mais de mil cabeças de gado vacum, dividido por currais, dos quais tirava grande proveito.

As ovelhas e cabras também vieram de Cabo Verde e de Portugal; deram-se muito bem e reproduziram com abundância.

5. Nesta parte Brandônio passa a ocupar-se do quarto elemento e descreve a a fauna terrestre, a começar pela *anta*, ungulado perissodátilo da família dos Tapirídeos, *Tapirus americanus*, Briss.; que é o seu maior representante no Brasil, o *Tapira-etê* dos tupis, para diferenciar de tapira, nome dado à vaca, que só conheceram depois do contacto europeu. Seguem-se corretamente outros ungulados artiodátilos da família dos Suídeos, os chamados porcos do mato ou queixadas: *teaçu*, melhor *taiaçu*, o *Dicotiles torquatus*, também conhecido por *caitetu* ou *cateto*; *tahitetê* ou *taiaçu-etê*, o *Dicotyles labiatus*, ambos de Cuvier.

Vêm depois a *paca* e a *cotia*, roedores da família dos Caviídeos, que a ciência conhece respectivamente pelos nomes de *Coelogenys paca* e *Dasyprocta aguti*, de Linneu; o *coati* ou *cuati*, carnívoro da família dos Procionídeos, da qual habita o Sul do Brasil o *Nasua narica*, Linn., e o Norte o *Nasua nasua*, Wied.; e o *tatu*, nome genérico dos desdentados da família dos Dasipodídeos, dos quais cerca de vinte e quatro espécies vivem no Brasil.

Sobre a *jarataquaqua, jaritacaca* ou *maitacaca*, carnívoro da família dos Mustelídeos, *Conepatus suffocans*, Azara, sua descrição é mais demorada, como merece esse curioso animal, pela peculiaridade que tem de defender-se por meio de ejaculações mefíticas quando agredido ou perseguido. A réplica graciosa de Alviano, de que se devia aconselhar aos reis e príncipes que buscassem domesticar a *jaritacaca* em forma que não soltasse a ventosidade senão quando fosse mandado, porque assim venceriam grandes exércitos sem arriscarem espadas, importa em previsão profética dos gases asfixiantes, que tiveram funesta aplicação três séculos depois, na última guerra européia.

Seguem-se mais roedores; *sauja* ou *saiuá*, da família dos Equimiídeos, *Mesomys ecaudatus*, Wagner; *punari* ou *punaré (ponnaré em Abbeville)*, espécie de rato silvestre, de grande cauda peluda e amarelada, que a ciência desconhece; *apariá, apereá* ou *preá*, da família dos Caviídeos, *Cavia Spixii*, Wagl., e *mocó*, da mesma família, *Kerendon rupestris*, Wied., um pouco maior que o antecedente. Vêm mais o *reruba*, espécie de coelho difícil de ser identificado; o *aquostimeri*, que será o *cotmeri* ou *cutia-mirim*, de Gabriel Soares; *guaqui* marsúpio da família dos Didelfídeos, *Didelphis opossum*, Seba, mal identificado no texto com o *mocó*, já referido. A seguir aparecem o *tamenduaçú* ou *tamanduá-açu*, uma das três espécies de desdentados da família dos Mirmecofagídeos, e as raposas; a *irara, eirara* ou *papa-mel*, carnívoro da família dos Mustelídeos, *Tayra barbara*, Linn., que Brandônio confunde com o *tamanduá*, quando diz que as formigas são seu verdadeiro alimento, e descreve o modo por que as apanha. A *irara*, como significa seu nome tupi e o equivalente português, faz dos ninhos dos Meliponídeos, ou mel-de-pau, seu manjar predileto.

Vêm ainda: os lacertílios *senebu ou senembi*, da família dos Iguanídeos *Iguana tuberculata*, Laur., e o *teju* ou *teiú*, da família dos Teiídeos, *Tupinambis teguixin*, Linn.; a *jia* ou *rã*, batráquios da família dos Hilídeos, dos quais são bons para comer os do gênero *Rana*; e a *preguiça* ou *ahum*, melhor *ai*, como lhe chamavam os índios, nome comum aos desdentados da família dos Bradipodídeos. Seguem-se: o *aguará-açu*, o *iaguaraçu* de Fernão Cardim, ou simplesmente *guará*, como hoje se diz, carnívoro da família dos canídeos, *Canis jubatus*, Desm.; o *maracaia* ou *maracajá*, representante da família dos Felídeos, *Felis macrura*, Wied.; o *tiquaam*, difícil de identificar; a *heirate*, que é, pelo modo por que vem descrita, a própria *irara* ou *eirara*, de que se disse; o *juparra* ou *jupará*, carnívoro da família dos Prociônideos, *Cercoleptes caudivolvulus*, Palas; o *quoandu* ou *coandu*, roedor da família dos Coendídeos, cuja espécie maior é o *Coendu villosus*, Licht.; o *guasuni* ou *guaxinim, jaguaracambé* ou *mão-pelada*, carnívoro da família dos Prociônideos, *Procyon cancrivorus*, Cuv.; o *jagararuapem*, de difícil identificação. Vêm logo os *sagüins* e os *guaribas* ou *barbados*, diversas espécies de símios, que mereceram demorada e curiosa descrição de seus costumes e de suas habilidades, com alguns traços exagerados. Das onças e tigres ocupa-se em seguida, em especial da *susurana, suçuarana* ou *suacurana, Felis concolor*, Linn. E para completar o quadro zoológico e o Diálogo quinto, vêm as cobras: a *jararaca*, da família dos Viperídeos, *Lachesis lanceolatus*, Lacép.; a *saracucu* ou *surucucu*, da mesma família, *Lachesis mutus*, Linn.; a *cascavel*, a *boicininga* dos tupis, da mesma família, *Crotalus terrificus*, Laur.; a *cobra-de-coral*, da família dos Colubrídeos, *Elaps corallinus*, Wield; e a *boaçu* ou *cobra-de-veado*, da família dos Boídeos, *Constrictor constrictor*, Linn. A descrição que faz dessa serpente coincide com a que Gabriel Soares faz da jibóia, até no modo de apanhar as presas, homens ou animais, laçando-os e introduzindo-lhes a cauda pelo sesso.

DIÁLOGO SEXTO

Brandônio

Assim como o que tem caminhado grandes jornadas, na derradeira se apressa mais para haver de chegar à sua pousada, e nela descansar do trabalho que tem passado, assim havendo eu no dia de hoje de dar cumprimento à minha obrigação, nesta última prática me apressei mais do acostumado em vir ocupar este posto, no qual há já pedaço vos espero.

Alviano

Confesso meu descuido, de que foi a causa uma visita; contudo, se soubera que éreis já aqui vindo, atropelara pelas obrigações de cumprimento por vos vir buscar.

Brandônio

Ainda não haveis feito e para dar princípio ao que tenho entre mãos, digo que bem vos deve de alembrar haver-vos já mostrado o comprimento e largura de tudo quanto nós os portugueses temos povoado nesta costa brasiliense, e da mesma maneira as cidades, vilas e lugares, capitanias que pelo distrito de toda ela se acham, com as coisas de que abundam, e assim das que carecem, tratei também do bom céu, e melhor temperamento de que goza todo este terreno, sua riqueza, fertilidade e abundância de mantimentos, gados, aves e pescados, das quais coisas deveis de ter inferido, quando não queirais ser reputado por herege das coisas no Brasil, o quanto vos enganáveis em o julgares por ruim terra.

Alviano

Estou já bem arrependido do meu engano, e não pouco corrido de haver perseverado nele; mas, com todas as suas abundâncias que me tendes representado, vejo que, posto que tudo lhe sobeje pela fertilidade do seu terreno, vem a padecer muitas faltas, das quais me alembra haverdes atribuído a culpa à negligência comum e pouca indústria dos seus povoadores; mas faltou-vos por dizer o que se poderia fazer para semelhante falta ter emenda.

Brandônio

Condeno minha pouca memória, com vos dizer que isso se remediará, quando a gente que houver no Brasil for mais daquela que de presente se há mister para o granjeamento dos engenhos de fazer açúcares, lavoura e mercearia, porque então os que ficarem sem ocupação de força hão de buscar alguma de novo de que lancem mão, e por esta maneira se farão uns pescadores, outros pastores, outros hortelões e outros tecelões, e exercitarão os demais ofícios, dos que hoje não há nesta terra na quantidade que era necessária houvesse; e como isto assim suceder, logo não haveria falta de nada, e a terra abundaria de tudo o que lhe era necessário, enxergando-se ao vivo a sua grande fertilidade e abundância, com não ter necessidade de coisa nenhuma, das que se se trazem de Portugal, e quando a houvesse, fora de poucas (1).

Alviano

Quando totalmente o Brasil se pudera sustentar sem o provimento que lhe vem todos os anos de Portugal, nunca o pudera fazer, se lhe não vier gente por ser o com que ele se povoa.

Brandônio

Enganai-vos nisso, porque o Brasil tem já em si tanta gente que basta para o povoar, e, ainda antes de poucos anos, lhe ficará sendo sobeja; porque a capitania de Pernambuco, com as mais do Norte, pode já hoje pôr em campo mais de dez mil homens armados, nos quais entrem muitos de cavalo. E porque nos imos desviando da matéria sobre a qual havemos hoje de tratar, que é sobre os costumes gerais da terra, lhe quero começar a dar princípio com dizer primeiro brevemente do que guardam os nossos portugueses, dos quais, os que não são mercadores, se ocupam em suas lavouras, como tenho dito, e para o efeito fazem a sua habitação pelos campos, aonde têm sua família, em casas que para isso fazem fabricar, umas de telha e outras de pindoba ou sapé, que é uma rama com que se fazem semelhantes coberturas; e posto que têm suas casas de moradas nas vilas e cidades, não fazem residência nelas, porque no campo é a sua ordinária habitação, aonde se ocupam em granjear suas fazendas e fazer suas lavouras, com a sua boiada e escravos de Guiné e da terra, que para o efeito têm deputados, porque a maior parte da riqueza dos lavradores desta terra consiste em terem poucos ou muitos escravos; sustentam-se de suas criações, tendo de ordinário um pescador, que lhes vai a pescar no mar alto e também aos rios, donde lhes traz pescado bastante para sua sustentação (2).

ALVIANO

E esse pescador é cativo ou forro?

BRANDÔNIO

Não é senão escravo cativo do gentio da terra ou de Guiné, e também dos forros, que para o efeito assoldadam a troco de pequeno prêmio; e muitos usam também de caçadores, que lhe trazem cópia grande de caça, e com isto e o mais de suas criações, leite de seus currais, muito açúcar, vivem abastadamente.

ALVIANO

Pois dizei-me se usam todos, geralmente, de comerem farinha da terra?

BRANDÔNIO

Alguns, e não poucos, usam também de pão, que mandam amassar e cozer em suas casas, feito de farinha, que compram do Reino, ou mandam buscar às casas das padeiras, porque há muitas que vivem desse ofício. As mulheres se trajam muito bem e custosamente, e quando vão fora caminham em ombros de escravos, metidas dentro em uma rede.

ALVIANO

E não fora melhor em cadeira, ou em palanquim, como os da Índia?

BRANDÔNIO

Não, porque a rede é excelente para se andar nela por caminhos e da cadeira seria trabalhoso usar-se, com respeito que sucedem estarem as igrejas desviadas, e da mesma maneira as visitas que fazem às suas amigas e parentas; e também costumam de levar consigo, para seu acompanhamento, além dos homens que levam de pé ou de cavalo, duas ou três escravas do gentio de Guiné ou da terra, que se não desviam de ir sempre ao redor da rede, a que acomodam uma alcatifa por baixo. Os homens têm seus cavalos em que costumam andar, com os trazerem bem ajaezados, principalmente quando entram com eles em algumas festas; em suma são quase todos liberais, belicosos e grandemente amigos da honra, pela qual se aventuram a muitas cousas.

ALVIANO

Tudo isso tenho bem enxergado nas pessoas com quem conversei; demais que os acho a todos muito bem falantes.

BRANDÔNIO

Assim é; porque já vos disse que o Brasil era academia aonde se aprendia o bom falar, e isto baste por agora acerca dos brancos; porque temos muito que dizer dos costumes do gentio da terra. Primeiramente este gentio não tem rei a que obedeça e somente elegem alguns principais, aos quais reconhecem alguma superioridade, principalmente nas coisas da guerra, porque nas outras fazem o que lhes parece melhor.

ALVIANO

E a quem pertence a eleição desses principais?

BRANDÔNIO

Posto que alguns sucedem por herança de seus pais e avós, todavia a maior parte deles se elegem de per si, porque basta ser bom cavaleiro e reputado por tal, para todos lhe darem obediência; moram pelos campos em umas casas que fazem, muito compridas, cobertas de palha, divididas por muitos ranchos; porque cada casal, com sua família, tem o seu, a que eles chamam lanços, sem se meter parede nem outra cobertura entre uns e outros.

Alviano

Não devem logo de ser ciosos das mulheres, nem das filhas.

Brandônio

Antes o são em grande maneira, e sobre isso fazem mil extremos. Antigamente, e ainda até hoje no sertão, andavam e andam todos despidos, assim homens, como mulheres, sem usarem de coisa alguma, para com ela haverem de cobrir suas partes vergonhosas.

Alviano

Deviam de ouvir contar de nosso padre Adam, enquanto esteve em estado de graça.

Brandônio

Mas já agora o gentio que habita entre nós anda coberto, os machos com uns calções e as fêmeas com uns camisões grandes de pano de linho muito alvo, e os cabelos enastrados com fitas de seda de diferentes cores, costumes que introduziram entre eles com assaz trabalho os Padres da Companhia; porque não havia quem os fizesse apartar de sua natureza, que os incitava a andarem nus.

Alviano

E tem esse gentio, porventura, algum rito ou cerimônia de crença?

Brandônio

Não tem nenhum; e se algum modo de adoração fazem, posto que não se lhe conhece, é ao diabo, ao qual dão o nome de *jurupari* (³).

Alviano

Se eles a tal santo se encomendam, não é muito que suas obras pareçam a ele.

Brandônio

E por isso se diz geralmente que este gentio do Brasil carece na sua língua, de três letras principais, as quais são F, L, R — em sinal de que não tem fé, lei, nem rei (⁴); são todos inclinadíssimos a guerras, e entre si as têm sempre travadas uma nação com a outra; comem carne humana, o que mais fazem por vingança, como adiante direi, que para sustentação; afirmam que tem por tradição de seus antigos passados, que São Tomé lhes mostrara o uso da mandioca, de que se sustentam (⁵), que dantes não usavam dela, nem conheciam a sua qualidade, mas isso sem nenhum fundamento.

Alviano

. . . (*) de ser; pois não sabemos, nem lemos de São Tomé que passasse nestas partes.

Brandônio

Isso podia Deus fazer quando fosse servido, como fez que Abacave levasse o comer ao profeta Daniel ao lago dos leões, aonde estava encerrado; mas, como disse, estes índios não dão, em prova do que querem dizer, alguma razão que concluinte seja. Costumam de dar liberalissimamente tudo quanto têm, e se lhes pede, com muita facilidade, posto que aventurem a ficar despidos, como muitas vezes sucede, em forma que se não enxerga entre eles, rosto nenhum de ambição.

Alviano

Disso se lhe pode ter grandes invejas, por ser coisa de que a nossa Espanha anda muito desviada.

(*) Faltam no princípio as primeiras palavras desta linha, que provavelmente seriam "isso não pode ser" ou "não devia de ser".

Brandônio

Tudo o que até agora tenho dito dos costumes destes índios, foi falar em geral; e vindo ao mais particular, primeiramente digo que, quando a este gentio lhe parem as mulheres, a primeira coisa que elas fazem no instante que acabam de parir, e pode ser que ainda sem terem bem livrado, é ir-se meter no mais vizinho rio ou alagoa de água fria, que acham, no qual se lavam muitas vezes, e, depois de bem lavadas se recolhem para casa, aonde já acham o marido lançado sobre a rede em que costumam dormir, como se fora ele o que parira, e ali o regalam, e é visitado dos parentes e amigos, e a parida se exercita nos ofícios manuais de casa, fazendo o comer, e indo buscar água ao rio, e lenha no mato, como se nunca parira (⁶).

Alviano

E como é possível que a água não faça dano a essas paridas, fazendo-o às nossas qualquer pequeno ar em Portugal?

Brandônio

Antes lhes serve esta medicina e preservativo para lhes não fazer o parto dano, pelo costume que têm de se lavarem sempre nos rios, e pescarem neles; e assim não quero deixar em silêncio um caso que me sucedeu a este propósito. Indo caminhando eu a cavalo por um oiteiro abaixo em um dia muito chuvoso, na ladeira achei uma índia assentada no meio da estrada, envolta quase toda em sangue, e ao redor dela também derramado muito; querendo eu saber a ocasião daquilo, me respondeu que havia parido naquele lugar, e que o sangue era do parto; perguntando-lhe mais pela criança que parira, me disse que um grande golpe d'água, que por ali corria da chuva, pela rigeira de um carro, lha havia levado para baixo; piquei então o cavalo depressa para acudir a criança, que não perecera, e achei-a meia morta, atravessada na mes... (*) ir mão dela a raiz de uma árvore, fi-la recolher logo por um meu escravo, e depois, sendo entregue a outra escrava de leite, para lho de dar, viveu e chegou a ser grande.

---

*) Falta de umas poucas de palavras, que facilmente se concebem: achara a criança na mesma estrada, detida pela raiz de uma árvore.

Alviano

E as mulheres portuguesas, que habitam esta terra, usam por ventura de semelhante costume?

Brandônio

Por nenhum modo, antes se guardam do ar, como as de Portugal, posto que não continuam tanto a cama.

Alviano

Não pode haver mais bárbaro costume desse que me tendes referido; e creio que por todo o mundo se não achara seu semelhante, nem era lícito que o houvesse senão entre estes índios, que não faço diferença dele às brutas feras.

Brandônio

Enganai-vos grandemente nisso; que posto que usam deste e de outros semelhantes costumes que aprenderam, e lhes ficou em uso dos seus passados, todavia se acha neles bons discursos e agudas respostas, e não se deixam enganar de ninguém. Aos filhos ensinam de pequenos a que sejam guerreiros e inclinados a guerras, e para o efeito os adestram no arco e flecha, de modo que, com terem pequeno corpo, são grande flecheiros, para que os exercitam na caça e as fêmeas, como lhes a idade dá para isso lugar, servem a seus pais, enquanto não casam.

Alviano

E que estilo é o que têm no seu recebimento?

Brandônio

As sobrinhas são as verdadeiras mulheres dos tios; e quando as querem tomar por tais, não se lhes pode negar; assim pela maior parte, se casa o tio com a sobrinha, filha de seu irmão ou irmã (⁷). E também casa o pai a filha com quem lhe parece bem; posto que para isso se usa um modo assaz galante, o qual é que o mancebo que se namora de qualquer donzela, o remédio mais certo de alcançá-la é ir-se ao mato com um machado e fazer lenha, sem o fazer a saber a ninguém; a qual, depois de feita, acarretam às costas em feixes, e a vai lançar ao rancho aonde habitam o pai e a mãe da sua afeiçoada: e em semelhante exercício continua por espaço de alguns dias, com o qual dão a entender sua tenção, e nunca por esta via se lhe nega a esposa.

ALVIANO

Devem de ter logo estes notícia do modo com que Jacó ganhou a sua amada Raquel, e parece que neste uso o querem imitar. E é de saber se tomam mais de uma mulher.

BRANDÔNIO

Podem tomar três e quatro, e ainda sete ou oito, segundo a valentia e esforço, de que cada um é dotado, que a isso se tem principalmente respeito, e a ser homem que possa bem sustentar as mulheres, que toma à sua conta para esse efeito.

ALVIANO

Pois como não têm essas mulheres brigas entre si, causadas dos ciúmes que de força devem de ter umas das outras?

BRANDÔNIO

Por nenhum caso se lhes alembra, isso; antes são muito conformes, cousa que é digna de fazer grandes invejas. As donzelas, enquanto o são, se conhecem pelos cabelos, que trazem cortados, mas tanto que as fazem donas, o deixam crescer, sem nisso haver engano (8).

ALVIANO

Aprovo o costume, principalmente havendo nele a certeza que tendes dito; mas faltou-vos por dizer se esses índios que se fazem paridos, ocupando o lugar das mulheres, estão muitos dias lançados na rede.

BRANDÔNIO

Não, senão aqueles que bastem para serem visitados dos amigos e parentes. E nas visitas que se fazem uns aos outros, guardam também um estranho costume, o qual é que, quando se chegam a ver, a mulher que está na casa, ou a que de novo vem de fora, sendo já de perfeita idade, se põe sentada aos pés do hospede, que chegou ou do que visita, e ali, com um choro muito sentido e magoado, lhe está recitando, por grande espaço, as cousas passadas, que sucederam a seus pais e avós, de infortúnios, acomodadas todas a provocarem as mágoas, sem aquele que é chorado responder palavra; de modo que semelha mudo enquanto dura o choro; e depois dele acabado, o recebem e agasalham o melhor que podem a seu uso (9)

ALVIANO

Tivera eu por grande agouro o ver-me chorar, e não consentira, por nenhum modo, que tal se me fizesse.

BRANDÔNIO

Como todos andam despidos, tomam por abrigo contra o frio da noite fazer fogueira ao longo das redes, onde dormem, e como a casa é muito comprida e toda aberta por dentro, e as redes muitas, que se por ela armam, vêm por esta maneira a ter muitas fogueiras dentro em si, com as quais se aquecem de sorte que não padecem frio, posto que estejam despidos.

ALVIANO

E de que móvel é que usa esse gentio para seu serviço?

BRANDÔNIO

De nenhum outro mais do que da rede, em que dormem, e de uma cuia, que é um meio cabaço, em que vão buscar água, com haver na comunidade três ou quatro fornos de barro em que cozem a farinha, feitos ao modo de alguidares; e com isto somente se têm por mais ricos de que Creso com todo o seu ouro, vivendo tão contentes e livres de toda ambição (*), como se foram senhores do mundo.

(*) Por cima escrito "cobiça".

Alviano

Esse costume me faz grandes invejas, porque se me representa nele a idade dourada; mas contudo deve de ter, de força, cada um desse gentio mantimento de que se sustenta, porque, sem isso, não lhe era possível ter de comer para si e sua família.

Brandônio

Nem disso fazem cabedal, porque têm de costume, pelo tempo das sementeiras, fazer suas roças, aonde vão todos juntos a semear e a plantar seus mantimentos, e ... (**) pam alguns dias até que lhes parece que os têm feitos para lhes poder durar por todo o decurso do ano, e pelo mesmo modo acodem depois a lhes dar suas limpas, e fazer o mais benefício necessário; e como dão cabo a este trabalho, se exercitam em suas caças e pescarias, de que tomam grande quantidade assim de feras como de pescados, por serem todos mestres de tal exercício. E quando têm necessidade de farinha mandam às roças, que são gerais, para dela a fazerem; porque às mulheres toca semelhante ofício e o de aparelhar a comida, a qual sempre têm prestes, feita a seu modo, para quando o marido chega de fora.

Alviano

Não é mau costume esse de ser o mantimento geral, quando não houvera nele engano.

Brandônio

Por nenhum caso o há; porque ninguém colhe mais daquilo de que tem necessidade para sua sustentação, e por esta via vem o mantimento a abranger a todos; e quando há também falta dele, ninguém carece dela. Têm mais de costume, quando querem ir às suas caças e pescarias, para as quais se ajuntam muitos, o primeiro, que se alevanta antes de amanhecer, anda pelo terreiro, e a grandes brados, prega aos demais que se alevantem e botem a preguiça de parte, saindo dos ranchos, por ser já tempo de se porem a caminho, e com esta pregação vai continuando por algum espaço, até que todos tomam suas armas, com as quais se põem a caminho.

(**) Faltam palavras, talvez "nisso ocupam".

Alviano

Serve-lhes logo o índio de espertador.

Brandônio

Sim, serve; porque nunca falta um que faça semelhante ofício. Verdade seja que os seus principais lhe ordenam estas saídas mais por rogo que por império.

Alviano

E esses principais dominam porventura muitas gentes, ou que jurisdição têm nesse cargo, que lhes atribuis?

Brandônio

Em cada aldeia há um principal, que não reconhece superioridade a outro, senão quando sucede haver algum tão cavaleiro que, pelo medo que têm dele, lhe guardam o respeito; mas os ordinários são obedecidos dos da sua aldeia quase por zombaria; porque, nas cousas ordinárias, cada um faz o que quer, sem embargo do principal lhe ordenar o contrário, mas, nas cousas tocantes à guerra, lhe guardam mais respeito; porque ele é o que as trata e ordena, determinando o que se deve fazer com receber as embaixadas e dar resposta a elas, posto que, para o assentar das pazes ou mover novamente guerra, se segue e guarda o parecer dos mais antigos. E certamente que, se este gentio tivera mais obediência aos seus capitães, que foram mui valorosos soldados, segundo as forças e ânimo de que são dominados, e muita ousadia que sempre mostraram no acometer do inimigo; mas as superstições de que usam, com darem crédito a seus feiticeiros (10), os desbaratam e lançam a perder as mais das vezes.

Alviano

Pois que é o que tratam com esses feiticeiros?

Brandônio

Para haverem de determinar qualquer guerra, se ajuntam em uma casa redonda, que só para o efeito têm alevantada no meio da praça de suas aldeias, a que chamam *carpe* (11), e ali decretam as causas que têm para fazerem guerra ao inimigo, e o modo com que devem de prosseguir nela, estando presente a tudo o seu feiticeiro, que é qualquer índio ou índia, que se finge sê-lo. E a este tal toca aprovar ou desaprovar a jornada, com prometer bom ou mau sucesso, para o que usam de uma cousa assaz ridiculosa, a qual é que, quando afirmam que vencerão os inimigos, mostram umas redes pequenas, dizendo que nelas os hão de meter a todos manietados, como se fossem peixes, e outras vezes, com uns abanos que têm lavrados de palma, prometem haverem-nos de enxotar de modo que logo se ponham em fugida; e tanto crédito dão a esta vaidade, que têm por sem dúvida que assim lhes há de suceder.

ALVIANO

Pois quando lhe isso sai pelo contrário, como se não desenganam ser tudo mentira?

BRANDÔNIO

Nada basta a lhes tirar do pensamento semelhante erronia, em que seus pais os puseram, com haverem já recebidos grandíssimos danos por darem crédito a estes feiticeiros; e, para prova disto, vos quero contar uma história assaz galante, a qual foi que nos tempos passados houve um feiticeiro destes, que afirmou aos índios que a terra, para adiante, havia de produzir os frutos de por si, sem nenhuma cultura nem benefício; portanto que bem podiam todos folgar e dar-se à boa vida com se lançarem a dormir, porque a terra teria cuidado de lhes acudir com os mantimentos a seu tempo. Tanto crédito lhe deram os pobres índios, que o fizeram de maneira que lhes ele aconselhou, com virem a padecer, por esta via, a mais trabalhosa fome, que nunca se sabe haver neste Estado; em tanto que chegaram, obrigados da necessidade, a se venderem a si e as mulheres e filhos por uma espiga de milho, que não pode ser maior miséria.

ALVIANO

Comparo isso ao dos bugios, que me contastes, que metiam a mão pela boca da botija vazia, e depois a não podiam tirar, e por não saberem largar o que apanharam se deixavam cativar; donde

infiro que gentes que a semelhante cousa dão crédito, devem de ser da maneira dos mesmos bugios.

BRANDÔNIO

Já vos disse que não careciam de bom entendimento, posto que estão tão cegos como estes feiticeiros (que o não são nem nada), que se não acabam de desenganar de sua falsidade e mentira. A guerra determinada, a primeira cousa que ordenam é mandarem fazer os caminhos mui limpos, rasos e largos, para saírem por eles e tornarem, quando vierem vitoriosos; e do mesmo usam quando são visitados de algum honrado hóspede. E, em o dia determinado para a partida, tem cuidado o seu principal de antemanhã sair ao terreiro, e por roda dele anda fazendo uma pregação, e a grandes brados anima a todos os seus soldados, que pelejem e cometam ao inimigo valorosamente e vitórias dos seus passados e fraqueza do inimigo.

ALVIANO

Não fazem mais os nossos capitães e generais nas ocasiões, que lhes importa animarem as suas gentes.

BRANDÔNIO

Pois este costume é antiquíssimo entre este gentio; a pregação feita, não preparam grandes bagagens, porque cada um leva consigo o que lhe é necessário para alguns dias; e quando lhes falta, o buscam pelos campos, matos e rios, porque deles se sustentam. As armas que levam são arco e flecha, espadas curtas de um pau pesado e forte, que desbaratam e põem por terra qualquer parte do corpo aonde assenta o seu golpe, e os cabos das tais espadas levam emplumadas de penas de várias cores, e da mesma maneira as cabeças, para com isso se fazerem mais temidos; as rodelas; que também consigo levam, são grandes e pintadas, feitas de um pau leve, bastante a lhes cobrir todo o corpo, com que se reparam das flechas do inimigo.

ALVIANO

Não são más armas essas, e se o ânimo fosse igual, não deixaram de fazer boas empresas.

Brandônio

Esse têm eles muito grande, como já disse; mas de sorte que, se indo caminhando com toda esta bravosidade, ouvirem cantar um pássaro, do qual já fiz menção, agourento para eles, desamparam a jornada, e se tornam a recolher (12); e da mesma maneira, posto que vão para acometer alguma grande empresa, se, antes de chegarem a tal parte, encontrarem acaso alguns poucos inimigos e os matarem, se contentam com isso tornando-se a recolher, com deixarem o demais por fazer.

Alviano

Pois não me gabeis semelhante gente de animosa, porque quem isso faz, não pode ter semelhante virtude.

Brandônio

Pois ainda vos direi mais que, quando entendem que são sentidos, e que não podem por esse respeito sair com a sua pretensão, na mesma parte aonde disto se certificam, largam as armas, e sem elas se tornam a recolher, e então o que mais corre fugindo e primeiro chega à aldeia, de onde partiram, este tal é reputado por mais valente; porque dizem ser acompanhado de grande alento e forças, por haver corrido mais que os companheiros.

Alviano

Bem há que gente tão arrevezada nos costumes faça de covardia esforço.

Brandônio

Pois ainda não concluo por aqui, porque em semelhantes ocasiões para poderem melhor correr, serrafaçam as pernas com facas até derramarem muito sangue, tendo para si que fitam por esta via mais ágeis para caminharem com mais presteza.

Alviano

Não lhes gavo essas prevenções de melhor fugirem.

Brandônio

Também o fazem para melhor chegarem. E sempre acometem a batalha ou escaramuça com muito ânimo, e todo guerreiro que nela mata inimigo às suas mãos, ou ajuda a aferrar nele para o matarem, posto que sejam seis ou sete pessoas, tomam todas nome, e ficam dali em diante reputados por cavalheiros e se podem riscar (13).

Alviano

Tocai-me isso dos nomes e das riscas mais pelo miúdo, para que vos fique entendendo.

Brandônio

O nome tomam todo aqueles que mataram ou ajudaram a aferrar no inimigo morto, o que fazem desta maneira: na madrugada do dia seguinte, depois de haver procedido a batalha ou assalto muito de madrugada, estando ainda todos lançados em suas redes, se alevantam os tais, e a grandes brados vão dizendo: *eu me hei de chamar daqui por diante fulano* (aplicando-se o nome que querem), *porque tenho morto a meu inimigo em campo,* o que vai repetindo por muitas vezes, *e por este nome quero ser conhecido e nomeado daqui em diante*; e todos lhe fazem ao passar muita festa, e lhe dão salvas, principalmente as mulheres. O riscar é que fazem umas riscas pelo corpo de preto, a qual lhes fica servindo para o diante de insígnia militar, e também se assinalam riscando com fogo, ou picando aquela parte que querem riscar com uma agulha, e estando em sangue fresco, lhe aplicam tinta preta, que é bastante para lhe fazer ficar sinal para sempre.

Alviano

Não gavo muito essa cavalaria nem modo de insígnia militar.

Brandônio

Pois ainda vos direi mais que, posto que este gentio pelo campo mate o inimigo às estocadas, ou com tão poderosos golpes que o parta pelo meio, como o não matou com lhe quebrar a cabeça, logo hão que o morto não é morto, nem o matador se pode jactar de lhe haver dado a morte, nem poderá tomar nome nem riscar-se.

ALVIANO

Logo, dessa maneira, não morreu o que não tem a cabeça quebrada?

BRANDÔNIO

Assim o cuidam eles, e passa isto tanto avante que, depois de haverem ganhado alguma aldeia ou lugar do inimigo, a primeira coisa que fazem é acudirem aos cemitérios, donde desenterram os cadáveres que ali estão enterrados, e a todos vão quebrando a cabeça, com ficar tão reputados por valente o que quebra por esta via, podendo gozar de todas as honrarias militares, como aquele que a quebrou pelejando no campo, aonde teve a vida em risco de a perder.

ALVIANO

Ora, não me digais mais que esta gente é dotada de entendimento, porque não vo-lo-ei de crer.

BRANDÔNIO

Ninguém vos pode obrigar a que creais senão o que quiserdes, nem a mim que deixe de relatar a verdade do que tenho tomado à minha conta. Quando cativam alguns dos inimigos os levam para suas aldeias, aonde os soltam das prisões.

ALVIANO

E se os têm soltos como lhes não fogem?

BRANDÔNIO

Não fogem porque as aldeias estão distantes umas das outras, e assim não lhes é possível poderem fugir sem serem logo achados pelo rasto, porque em o saberem fazer fazem vantagem aos cães de caça; e além disso, atinam tanto que eu vi algumas vezes a certos índios, que para haverem de atinar para a parte por onde querem

ir por entre brenhas altas, que não mostravam caminho, não fazem mais que com uma flecha apontarem diretamente para o lugar com lhe ficar aquele horizonte tanto na memória que fizeram o seu caminho sem o errarem em coisa alguma; de mais que também são os cativos bem guardados.

ALVIANO

E para que querem esses cativos, se não for para resgate?

BRANDÔNIO

Sabei quanto isso passa pelo contrário que poderei afirmar, e não tenhais por fábula, que se a estes índios lhes derem pelo resgate de um cativo destes, principalmente se for branco, outro tanto ouro quanto se afirmava que tinha Creso, e juntamente todas as riquezas do mundo, o não deram.

ALVIANO

Muito me dizeis.

BRANDÔNIO

Pois assim passa; quando antes o querem matar no terreiro, o que fazem por este modo (14): mandam primeiramente ao tal cativo se lhe faça, entre os seus, a vontade em tudo quanto queira ou peça, em tanto que, se desejar a mulher do próprio principal, e a pedir, não se lhe nega, tudo para efeito de que se desmelanconize e vá engordando; e como lhes parece que já o está, o que logo fazem é ordenar um grande caminho muito limpo, desde o lugar da aldeia até onde passa o rio, e o caminho feito, fazem sabedor ao preso de como já é chegado o tempo para haver de ser morto em terreiro, atando-lhe uma corda por debaixo dos braços, com lhe ficarem livres eles e as mãos; e de modo fazem esta atadura, que deixam duas pontas compridas à corda, cada uma por sua parte, e com grandes gritas e festas o levam desta maneira, pelo caminho que tenho dito, ao rio, dentro no qual o lavam muito bem, desde os pés até a cabeça; e como está lavado. o tornam a trazer para a aldeia com os mesmos cantos, bailes e festas e ali, posto no terreiro, se chegam a ele seis ou sete valentes e robustos mancebos, que lançam mão das pontas da corda, e a têm em teso, de modo que o desaventurado preso se não possa bolir, porque em o querendo fazer para alguma das partes, o tiram pela outra, e desta maneira o têm em talas, até que entra o matador pelo terreiro muito arrogante, emplumado todo de penas de várias cores, e, com vagarosos passos, rodeado dos principais cavaleiros, se vai chegando contra o preso, e tanto que se lhe põe em fronte, com soberbas palavras e arrogantes meneios, lhe diz que tem muita razão de se alegrar por vir a morrer às mãos de um tão grande e bravo cavaleiro, como ele o é, e muito mais de suas carnes haverem de ser sepultadas nos ventres de tantos valorosos e principais e soldados, como os que estão por roda, os quais só por isso esperam, por ser melhor assim, que serem comidos e sepultados nos ventres de imundos bichos; portanto que cobre ânimo, e se farte de ver o sol. E se a estas palavras desmaia o pobre preso, é julgado de todos por pusilânime e covarde; mas se também lhe ronca dizendo que parentes lhe ficam vivos que o saberão bem vingar, e que por isso morre contente, se reputa valeroso. Mas contudo, quer suceda de uma maneira quer de outra, o matador lhe ameaça com a espada a cabeça, mostrando querer descarregar o golpe, e tanto que o pobre, de assombrado dele, a quer desviar ou abaixar a cabeça, segunda logo com outra tão possante que lhe fende a cabeça pelo meio, e antes de cair em terra já lha leva feita em miudas rachas, com outros muitos que lhe dá. E se suceder que o preso, ao tempo de lhe descarregarem o golpe, for tão manhoso e tiver tantas forças que, com os braços e mãos, que lhe ficam livres, arrebatar a espada ao matador, escapa da morte, porque para esse efeito lhas deixam livres.

Alviano

Grande façanha é a que faz por esse modo esse cavaleiro matador!

Brandônio

Não a têm eles por pequena; e depois do desaventurado morto por esta via, o entregam às velhas, a quem pertence o dividirem-lhe os quartos, e porem-nos o cozer e assar, espedaçados para servirem de iguarias aos circunstantes, repartindo-se por todos, que comem aquela humana carne com grande gosto, mais por vingança que por matarem com ela a fome.

Alviano

Bem mal se pode julgar se a comem por vingança, se por gosto.

Brandônio

Por vingança se tem entendido que o fazem. E as tripas e intestinos botam as velhas em uns alguidares e com grandes cantos e bailes andam à roda deles com umas canas nas mãos, nas quais trazem atados alguns anzóis que lançam sobre as tripas, fingindo com grandes risos que estão pescando dentro nelas.

Alviano

Por fim que, com esta bárbara crueldade, se hão somente por satisfeitos?

Brandônio

Ainda fazem mais, por que têm já muitos vinhos preparados, precedendo logo grandes borracheiras, que duram por espaço de alguns dias.

Alviano

Os dias passados, indo visitar um amigo meu à sua fazenda, me não deixaram dormir toda uma noite uns índios que andavam nas suas borracheiras, na qual formavam uns cantos, qual eu nunca outros semelhantes vi.

Brandônio

Esse é o seu costume mais ordinário, porque para efeito de se emborracherem, aparelham muitos vinhos que fazem do sumo de canas-de-açúcar, que vão buscar pelos engenhos, e também de mel e de uma fruta que chamam caju, e, juntos em roda muitos homens e mulheres, estão nesse canto todo um dia e noite inteira, sem dormirem, bebendo sempre de ordinário muito vinho até caírem todos por terra sem acordo, e às vezes saem também dali alguns pouco escalavrados.

ALVIANO

E que metros ou cantigas são essas que cantam em tanto espaço de tempo?

BRANDÔNIO

Nenhuma outra mais que alevantar o primeiro a voz, e dizer o pássaro está sobre a folha, ou a folha sobre a água, ou outra coisa semelhante, e com isto vão continuando sempre, dizendo uns e respondendo outros, por todo o espaço que lhes dura a borracheira, servindo as mulheres de tiple, por alevantarem a voz mais delgada.

ALVIANO

Custoso entretenimento, pois passam todo um dia e noite sem dormirem, com despenderem tanto vinho; mas se acaso cativam algumas mulheres, folgara de saber se as matam também nesse terreiro, como aos homens.

BRANDÔNIO

Às vezes as matam e outras não, que é quando sucede tomá-la alguns dos vencedores por sua mulher ou manceba; e por este modo escapam da morte, enquanto o que a tomou à sua conta assim o determina, sem lhe dar mais exercício de trabalho do que às demais mulheres, suas naturais; mas a graça é que, se algumas destas cativas acerta de fugir, e vai prenhe, depois de estar entre os seus posta em salvo, e chega a parir, o próprio avô, e ainda a mesma mãe, matam a criatura nascida e a comem, dizendo que o fazem ao filho de seu inimigo; porque a mãe foi somente um bolso em que se criou e aperfeiçoou a tal semente, sem tomar nada dela; e por este modo usam de mil crueldades em outros casos semelhantes.

ALVIANO

Não me espanto de semelhante barbaridade, a respeito de outras muitas que já me tendes contado, e cuido que tudo isso deve de nascer de não haver, entre essas gentes, rasto algum de amor.

BRANDÔNIO

Antes se acham entre eles muitos que deram bastante prova de o terem assaz grande, e para isso vos quero contar uma galante história, que aconteceu há pouco tempo em uma capitania das deste Estado. Estava entre os petiguaras uma mulher cativa dos tabajaras, que são seus capitais inimigos, a qual, sem embargo de a ter por manceba um petiguara, andado o tempo, determinaram os demais juntamente com ele, que pode ser que fosse o principal autor, de matarem a pobre tabajara para efeito de a comerem, a qual tinha já tomado estreita amizade com outra índia das dos petiguaras, irmã do namorado que fora; e esta, ouvindo tratar entre eles da morte que pretendiam dar à cunhada e amiga, estimulada pelo amor que lhe tinha, lhe manifestou o perigo em que estava, aconselhando-lhe que fugisse dele, com se oferecer a lhe fazer companhia. Aceitou a outra o conselho e oferta, e a amiga não desistiu de sua promessa, com fazerem ambas juntamente a fugida, a qual lhes sucedeu tão bem, sem serem achadas, vieram aportar à povoação dos brancos, onde a que era de nação tabajara, achando-se entre os seus, que por ali à roda habitavam, se foi para suas aldeias, aonde sendo reconhecida de seus pais e parentes, lhes deu conta do muito que devia à outra índia, sua amiga, pela haver livrado da morte, o que lhe foi agradecido de todos, e ficou vivendo entre eles; mas não passaram muitos dias que os tabajaras, esquecidos do que havia passado, trataram de fazer na petiguara o que os outros queriam fazer na sua natural, e o puseram por obra sem bastarem rogos da pobre índia, sua parenta, para se livrar a companheira do que dela se ordenava; por fim, chegado o prazo, a puseram em terreiro para efeito de a matarem, o que vendo a amiga, parece que não esquecida ainda da obrigação em que lhe estava, arremeteu contra o esquadrão dos parentes, como uma leoa, e por força lha tirou das mãos, levando-a consigo à casa de alguns brancos, com a livrar por esta maneira de indigna morte que se lhe aparelhava, pagando-lhe na própria espécie o amor que lhe tinha mostrado, quando se resolvera a fugir dos seus, por lhe dar a vida.

ALVIANO

Poucos exemplos haveis de achar semelhantes entre tanta barbaridade.

Brandônio

Pois também vos posso afirmar que, com ser este gentio assaz lascivo por natureza, há muitas donzelas entre eles, que amam sumamente a castidade, como são umas, que totalmente fogem de ter ajuntamento viril, pretendendo de se conservarem virgens, e para que o possam melhor fazer, se exercitam no arco e na flecha, com andarem de ordinário pelos campos e bosques, à caça de brutas feras, nas quais fazem grandes presas, recreando-se neste exercício, pelo qual desprezam todo outro.

Alviano

Essas tais deviam de ouvir contar de Diana e de suas ninfas, e pela imitar tomam a caça por exercício; e contudo não me persuado a crer delas que hajam de ser continentes, por ser dom da alma, que o não estima senão quem conhece o seu preço, e como a essas falta o tal conhecimento, não vejo coisa por que haja de cuidar que possam guardar essa continência.

Brandônio

Cuidai vós o que quiserdes, que eu não vo-lo posso tolher, nem deixar de louvar as tais, por se saberem desviar do fogo na parte aonde ele mais arde; o que se deixa bem ver em outro costume, o qual é que, quando são visitados de algum nobre hóspede, principalmente se é branco, os agasalham primeiramente sobre uma rede aonde os fazem assentar, que é o que lhes serve de cadeiras, e o principal fica em outra, e antes de travarem prática se brindam um ao outro com um petimbabo de fumo de tabaco, que para o efeito lhe trazem; e isto feito, depois de o tal hóspede manifestar ao que viera, e o principal lhe dar resposta, lhe entrega logo uma donzela ou filha sua por mulher, para que a tenha por tal enquanto ali estiver, que não pode ser mais bárbaro costume.

Alviano

E os brancos aceitam o usar dessas índias, sendo gentias?

Brandônio

Muitos o não fazem, antes as rejeitam dissimulando com eles; mas não que o digam ao principal, que lha deu, porque se haveria por muito afrontado. Dos inimigos que matam, depois de se fartarem de suas carnes, tomam um pedaço dela, que depois de seca envolvem dentro em um grande novelo de fio de algodão, e desta maneira o guardam com muito cuidado; e quando sucede fazerem alguma grande borracheira, para mais se alegrarem nela desenvolvem a carne do novelo; e dela fazem muitas partes em pequenas fêveras, que repartem entre todos, para que as comam: e isto costumam fazer em sinal de vingança que tomaram e vitória que tiveram.

Alviano

Não lhes gavo o modo de semelhante vingança.

Brandônio

Pois sabei em quanto são vingativos, que, depois de matarem os inimigos, lhes tiram os dentes, os quais enfiam por cordéis, fazendo deles um colar, com porem os grandes queixais nos extremos e os mais pequenos no... (*) destes que pesava catorze arráteis, e por aqui considerareis o grande número de dentes que nele haveria.

Alviano

Não lhes hão de dar os lapidários muito dinheiro por essas pedras, porque as tenho por ruins, para haver de ser engastadas.

Brandônio

Tudo isto fazem, imaginando que assim se vingam melhor, e reina neles em tanto esta natureza de vingança que, se acaso, caminhando por um caminho, derem uma topada em algum pau ou pedra, não passam avante até por vingança arrancarem ou quebrarem aquilo que lhes fez dano; e com serem vingativos, são tam-

---

(*) Palavras cortadas: provavelmente "no meio; e eu vi um."...

bém alguns deles sumamente cruéis, porque um homem de crédito me contou que vira a um índio destes, vindo de um assalto, que fora dar a certa aldeia de inimigos com outros muitos, trazer seis crianças, que não chegava a maior a ter ano perfeito de idade, dependuradas em um pau, que levava às costas, como galinhas, a metade da parte de diante e a outra de trás; e que, depois de caminhar assim com elas por grande espaço, as pusera sobre uma pedra, donde com uma faca lhes foi quebrando a cada uma das crianças a cabeça a golpes pequenos, que nelas lhe dava, para que assim lhe ficasse sendo maior o tormento, sem demonstrar nenhum rasto de piedade aos gemidos e choros das pobres crianças.

ALVIANO

Nunca de nenhum Polifemo, Lestrigen, ou Scita, se contou semelhante crueldade.

BRANDÔNIO

Costuma também este gentio, para efeito de mostrar maior frieza e bizarria, furar o rosto pelo beiço de baixo e também pelas queixadas, por onde metem umas pedras verdes ou brancas de feição de botoques, com as quais têm para si que andam galantes e gentis-homens.

ALVIANO

Esse costume devia de lhes ensinar algum demônio, e à sua imitação o usam com darem maior mostra nele de sua grande barbaridade.

BRANDÔNIO

Pois com toda ela sabem muito bem dividir os tempos do ano em grande conformidade, regulando-se para isso com os frutos de certas árvores, quando amadurecem; porque então sabem que é o tempo chegado de suas sementeiras, e outros exercícios em que se ocupam, e também conhecem quase todas as estrelas dos céus, que nós conhecemos, posto que lhes aplicam nomes diferentes (15).

ALVIANO

É muito haver esse conhecimento entre semelhante gente.

BRANDÔNIO

Destes costumes, que até agora tenho tratado, são dos que usam no sertão o gentio que por ele habita, sem terem comércio nem conhecimento dos brancos, que os que andam entre nós e estão debaixo da doutrina dos religiosos vivem já muito desviados de semelhantes costumes; porque sabem a doutrina e batizam os filhos, com se casarem na forma do sagrado concílio, e não têm mais de uma mulher, com andarem vestidos, e juntamente aprendem a ler, a escrever e a contar; e saem alguns deles destros no canto, e assim são bons charameleiros, posto que sempre tiram à sua natural inclinação, como se viu em um caso, que sucedeu os dias passados.

ALVIANO

E que caso foi esse?

BRANDÔNIO

Os Padres da Companhia ensinaram a um destes índios, por sentirem nele habilidade, a ler e a escrever, canto e latinidade, e ainda algum pouco das artes, mostrando-se ele em tudo muito ágil e de bons costumes, chegaram a lhe fazer dar ordens menores, e cuido que ouvi dizer que também as de epístola e evangelho, para o ordenarem em sacerdote de missa. Mas o bom do índio, obrigado de sua natural inclinação, amanheceu um dia despido, e se foi, com outros parentes seus para o sertão, aonde exercitou seus bárbaros costumes até a morte, não se alembrando dos bons que lhes haviam dado.

ALVIANO

Isso só basta para corroborar a minha opinião; mas folgara que me dissésseis se se acham nesta província mais castas de gentio, que uma, assim como entre nós há franceses, ingleses, italianos e outros.

BRANDÔNIO

Sim, acham-se, porque há muita diversidade de castas deles, assim como: *aimorés; tupinambás, tabajaras, petiguaras, tapuias* e outros.

ALVIANO

E vivem todos esses, porventura, com tanta brutalidade, como dos que tendes tratado até agora?

BRANDÔNIO

Quase todos se parecem na vivenda, exceto os tapuias que se diferençam grandemente nela, mas não em barbaridade.

ALVIANO

Pois dizei-me de que modo vivem esses tapuias?

BRANDÔNIO

Di-lo-ei em suma brevemente; porque se vão já fazendo as horas de recolhermos e darmos remate à nossa prática. Estes tapuias vivem no sertão, e não têm aldeias nem casas ordenadas para viverem nelas, nem menos plantam mantimentos para sua sustentação (16); porque todos vivem pelos campos, e do mel que colhem das árvores e as abelhas lavram na terra, e assim da caça, que tomam em grande abundância pela flecha, se sustentam, e para isto guardam esta ordem: vão todos juntamente em cabilda assentar seu rancho na parte que melhor lhes parece, alevantando para isso algumas choupanas de pouca importância, e dali vão buscar o mel e caça por roda, por distância de duas ou três léguas. E enquanto acham esta comedia, não desamparam o sítio, mas, tanto que ela lhe vai faltando, logo se mudam para outra parte, aonde fazem o mesmo; e desta maneira vão continuando com sua vivenda sempre no campo, com mudar sítios, sem se cansarem em lavrar nem cultivar a terra; porque a sua flecha é o seu verdadeiro arado e enxada, a qual também não usam juntamente com o arco, como faz o demais gentio; porque com ela tomada sobre mão, com a encaixarem em uns canudos, que no dedo trazem, fazem tiros tão certeiros e com tanta força que causa espanto, de modo que quase nunca se lhe vai a caça, a que lançam a flecha por esta via (17). E eu vi os dias passados a um destes fazer um tiro sem arco, que, além de dar no alvo a que atirara, passou uma grossa porta de parte a

parte. Também são na fala diferentes; porque o demais gentio os não entende, por terem a linguagem arrevesada; trazem os cabelos crescidos como de mulheres, com serem geralmente tão temidos de todo o mais gentio, que é bastante um só tapuia para fazer fugir muitos; e assim entram muito poucos por grandes aldeias muito confiados, e delas tomam tudo o que querem, sem ninguém lhes vir à mão; e ainda as próprias mulheres lhes deixam levar, tão grandíssimo medo lhes têm cobrado. E com isto me parece que tenho já chegado ao limite de minha obrigação, o menos mal que pude, deixando-vos agora o campo aberto para poderdes condenar o Brasil por ruim terra, como de princípio fizestes, se virdes que, com as verdades que dele tenho dito, se lhe pode de justiça atribuir semelhante nome dos avisados; porque dos néscios não trato, que os seus ruins discursos os desculpam.

ALVIANO

Tendes-me já tão convertido à vossa seita, que por toda parte por onde quer que me achar, apregoarei, do Brasil e de suas grandezas, os louvores que elas merecem.

NOTAS

1. Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, 49-50, ed. de 1918, afirmando que o Brasil podia sustentar-se com seus portos fechados sem socorro de outras terras, indaga e responde ao mesmo tempo: "... de Portugal vem farinha de trigo? a da terra basta. Vinho? de açúcar se faz muito suave e, para quem o quer rijo, com o deixar ferver dois dias embebeda como de uvas. Azeite? faz-se de cocos de palmeiras. Pano? faz-se de algodão com menos trabalho do que lá se faz o de linho e de lã, porque debaixo do algodoeiro o pode a fiandeira estar colhendo e fiando, nem faltam tintas com que se tinja. Sal? cá se faz artificial e natural, como agora dissemos. Ferro? muitas minas há dele, e em São Vicente está um engenho onde se lavra finíssimo. Especiaria? há muitas espécies de pimenta e gengivre. Amêndoas? também se escusam com a castanha de caju, *et sic de ceteris*.

   "Se me disserem que não pode sustentar-se a terra que não tem pão de trigo e vinho de uvas para missas, concedo, pois este divino sacramento é nosso verdadeiro sustento; mas para isto basta o que se dá no mesmo Brasil em São Vicente e campo de São Paulo... E com isto está que tem os portos abertos e grandes barras e baías por onde cada dia entram navios carregados de trigo, vinho e outras mercadorias, que deixam a troco das da terra".

2. Era o que já informava Gandavo, *Tratado da Terra do Brasil*, 40, Rio, 1924: "As pessoas que no Brasil querem viver, tanto que se fazem moradores da terra, por pobres que sejam, se cada um alcançar dois pares ou meia dúzia de escravos (que pode um por outro custar pouco mais ou menos até dez cruzados) logo tem remédio para sua sustentação; porque uns lhe pescam e caçam, outros lhe fazem mantimentos e fazenda e assim pouco a pouco enriquecem os homens e vivem honradamente na terra com mais descanso que neste Reino, porque os mesmos escravos índios da terra buscam de comer para si e para os senhores, e desta maneira não fazem os homens despesa com seus escravos em mantimentos nem com suas pessoas".

   Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, 16-17, ed. de 1918, narra a propósito o caso de um bispo de Tucuman, que esteve de passagem na Bahia, e que, se mandava comprar um frangão, quatro ovos e um peixe para comer, nada lhe traziam, porque não se achava na praça nem no açougue; mas se mandava pedir essas coisas e outras às casas particulares, era logo servido. E a razão disso dá o frade historiador: "... E assim é que, estando as casas dos ricos (ainda que seja à custa alheia, pois muitos devem quanto têm) providas de todo o necessário, porque têm escravos pescadores e caçadores, que lhes trazem a carne e o peixe, pipas de vinho e de azeite que compram por junto, nas vilas muitas vezes se não acha isto de venda".

3. *Juruparim* ou *jurupari* é o demônio incumbo, um genio da mitologia tupi. O nome é suscetível de explicações várias, entre as quais parece mais racional a de Batista Caetano, *Vocabulário da Conquista Espiritual*, 599, por *y-ur-upá ri*, o que vem à, ou sobre a cama, porque encerra a idéia de pesadelo, que o vocábulo exprime nos dicionários tupis, e que o índio, por não poder explicar, atribuía a causas sobrenaturais, como à visita de um gênio malfazejo enquanto dormiam. Aliás, não é outra a idéia originária do francês *cauchemar*, do inglês *night-mare*, do holandês *nagt-merrie*, em que o mesmo radical *mar*, *mare*, *merrie*, tem o sentido geral de incubo, demônio etc.

   — *Conf*. *Glossário* anexo à *Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan*, 34, Paris, 1922.

4. Parece que a primeira referência à falta do F, L e R na língua dos Tupis fez Gandavo, *Tratado da Terra do Brasil*, 49, Rio, 1924: "A língua deste gentio toda pela Costa é uma: carece de três letras — scilicet, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto, por que assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem justiça e desordenadamente".

   Na *História da Província Santa Cruz*, 125, *ibidem*, repete a mesma observação quase pelas mesmas palavras.

   Gabriel Soares, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, 309, Rio, 1851, declara: "Tem muita graça quando falam, mormente as mulheres; são muito compendiosos na forma da linguagem, e muito copiosos no seu orar; mas faltam-lhe três letras do ABC, que são F, L, R grande ou dobrado, coisa muito de notar; porque se não têm F, é porque não têm em nenhuma coisa que adorem; nem os nascidos entre cristãos e doutrinados pelos padres da Companhia têm fé em Deus Nosso Senhor, nem têm verdade, nem lealdade a nenhuma pessoa, que lhe faça bem. E se não têm L na sua pronunciação, é porque não têm lei nenhuma que guardar, nem preceitos para se governarem; e cada um faz lei a seu modo, e ao som da sua vontade; sem haver entre eles com que governam; nem têm lei uns com os outros. E se não esta letra R na sua pronunciação, é porque não têm rei que os reja, e a quem obedeçam, nem obedecem ninguém, nem ao pai o filho, nem ao filho o pai, e cada um vive ao som da sua vontade..."

5. *Tumé* ou *Sumé* é, segundo Batista Caetano, *Vocabulário da Conquista Espiritual*, 543, o absoluto *tubé* de *ubé*, e pode interpretar-se "o pai estrangeiro.

   A Nova Gazeta da Terra do Brasil, de 1515 refere-se à recordação que os índios tinham de São Tomé, cujas pegadas quiseram mostrar aos portugueses.

   A tradição do aparecimento de um estrangeiro, que veio ensinar às gentes costumes novos, o uso da mandioca e outras coisas, era antiga, como era geral e constante por toda a América do Sul. Sua origem ainda não foi cabalmente explicada. Pretender reportá-la unicamente à semelhança sônica entre *Sumé* e *Tomé*, para atribuir aos catequistas a invenção, não parece acertado, em vista da antecipação com que se referiu ao caso a citada *Nova Gazeta*. Para a consolidação da lenda é possível que, posteriormente, tivessem os padres concorrido: as conveniências da catequese justificariam, aliás, seu procedimento.

   — Conf. Manuel da Nóbrega, *Cartas do Brasil*, 72-73, Rio, 1886; *Anchieta, Informações e fragmentos históricos*, 28, Rio, 1886.

6. Esse fato, muito comum entre os povos naturais, é denominado *couvade* ou choco, e pertence ao mesmo círculo de idéias primitivas em que se encontram a exogamia, o totemismo e a antropofagia.

   A América do Sul e em particular o Brasil oferecem os casos de *couvade* mais típico e menos conhecidos. Recenseu-os há tempos, eruditamente, no *Boletim do Museu Goeldi*, vol. VI, 236-245, o Dr. Ruldoph R. Schuller, citando extensa bibliografia a respeito.

7. Não é esta a lição de Anchieta, *Informação dos casamentos dos índios do Brasil*, in *Revista do Instituto Histórico*, VIII, 259-260, quando bem distingue entre as sobrinhas filhas de irmãos e as sobrinhas filhas de irmãs. Aquelas respeitavam os índios, tratavam-nas de filhas, nessa conta as tinham e, assim, *neque fornicarie* as conheciam, porque consideravam que o parentesco verdadeiro vinha pela parte dos pais, que eram os agentes, enquanto que as mães não eram mais do que sacos em que se criavam as crianças; por isso das filhas das irmãs usavam sem nenhum pejo *ad copulam* e faziam delas suas mulheres.

8. Nas tribos tupis do Sul, as donzelas núbeis traziam a liga ou axorca simbólica da virgindade. Gabriel Soares, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, 311-312, Rio, 1851, informa que "por nenhum caso se entrega a dama a seu marido enquanto lhe não vem seu costume; e como lhe vem é obrigada a moça a trazer atado pela cinta um fio de algodão, e em cada bucho dos braços outro, para que venha à notícia de todos. E como o marido lhe leva a flor, é obrigada a quebrar estes fios, para que seja notório que é feita dona; e ainda que uma moça destas seja deflorada por quem não seja seu marido, ainda que em segredo, há de romper os fios da sua virgindade, que de outra maneira cuidará que a leva logo o diabo, os quais desastres lhes acontecem muitas vezes..."

9. Foi talvez Pero Lopes de Sousa o primeiro europeu que observou o modo de receber os estrangeiros ou visitantes entre os aborígines do Novo Mundo, e dele deu notícia mais ou menos circunstanciada em seu *Diário de Navegação*. Ele e seus companheiros, durante quase dois meses de reconhecimentos efetuados no estuário do rio da Prata, tiveram freqüentes contatos com os índios da região, os Charruas ou seus consanguíneos, os Minuanos ou Iaros; ao desembarcarem nas imediações do cabo de Santa Maria, foram recebidos com grandes prantos pelos naturais, como se houvessem querido despedir-se deles.

Os dos rios dos Begoais, informa o *Diário*, eram muito tristes e choravam durante a maior parte do tempo, ao passo que os do rio de São João não eram tanto como seus parceiros do cabo de Santa Maria.

Thevet, Léry, Gandavo, Gabriel Soares, Fernão Cardim, Simão de Vasconcelos e outros, assinalam o mesmo costume entre os Tupis do litoral brasileiro. As descrições dos dois primeiros são acompanhadas de curiosas gravuras, que reproduzem a cena da saudação lacrimosa. — Conf. entre os estudos modernos de Etnologia comparada.

— Georg Frederici, *Der Tranengruss dar Indianer, in Globus*, t. XXXIX, n. 2, Braunschweig, 1906.

— Ruldolph R. Schuller, *El origem de los Charrua*, nos *Anales de la Universidad de Chile*, t. CXVIII, Santiago, 1906.

— Alfredo de Carvalho, *A Saudação lacrimosa dos Indios*, na *Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano*, vol. XI, Recife, 1906.

— A. Métraux, *La Religion des Tupinanba et ses rapports avec celle des autres tribus Tupi-guarani*, 180-188, Paris, 1928, com um mapa de distribuição da saudação lacrimosa na América do Sul.

10. Os feiticeiros a que se refere o autor eram nas tribos tupis os *pajés*, vocábulo que se explica etimologicamente por *pa-yé*, aquele que diz o fim, o profeta. Era o médico, o curandeiro, o *magister artium*, o *barbier* dos autores franceses.

Dos feiticeiros entre os Tupinambás escreveu Gabriel Soares, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, 322, Rio, 1851: "Entre este gentio Tupinambá há grandes feiticeiros, que têm este nome entre eles, por lhe meterem em cabeça mil mentiras; os quais feiticeiros vivem em casa apartada cada um por si, a qual é muito escura e tem a porta muito pequena, pela qual não ousa ninguém de entrar em sua casa, nem de lhe tocar em coisa dela; os quais pela maior parte não sabem nada, e para se fazerem estimar e temer tomam este ofício, por entenderem com quanta facilidade se mete em cabeça a esta gente qualquer coisa; mas há alguns que falam com os diabos, que os espancam muitas vezes, os quais os fazem muitas vezes ficar em falta com o que dizem; pelo que não são tão cridos dos índios como temidos. A estes feiticeiros chamam os Tupinambás *pagés*..."

11. *Carpe*, no texto, vale o mesmo que *carbet* nos autores antigos estrangeiros, como Thevet, Hans Staden, Léry, Claude d'Abbeville e Yves d'Évreux, — o lugar das reuniões públicas, o parlamento dos índios. Nenhum autor português usou do termo *carbet*; apenas o dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* empregou *carpe*, que com ele evidentemente se relaciona.

— Conf. *Glossario* anexo à *Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan*, 23-24, Paris, 1922.

12. Trata-se da *peitica*, ave da família dos Tiranídeos, *Empidonomus varius*, Vieill. — Veja Diálogo quinto, nota (1).

A peitica repete em seu canto, horas a fio, o mesmo som, semelhante à palavra que lhe deu o nome; dali chamar-se assim uma insistência incômoda, uma pessoa impertinente, importuna, ao duende que nos persegue noite e dia.

— Conf. Beaurepaire Rohan, *Dicionário de Vocábulos Brasileiros*, s. v.

Nos Estados do Norte ainda a têm por agourenta e não suportam sua presença nas vizinhanças das habitações.

13. Do costume, entre os índios, de tomarem nome de inimigos que mataram em terreiro, tratam os autores antigos da maneira mais ou menos uniforme.

Claude d'Abbeville, *Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan*, fls. 347 v., Paris, 1614, apresenta a figura do guerreiro tabajara François Caripira, cujas tatuagens ou riscas indicam que ganhou vinte e quatro nomes, matando outros tantos inimigos.

Caripira foi um dos índios levados a França pelos missionários, e lá morreu pouco depois de sua chegada. Seu necrologio traçou d'Abbeville nestas palavras: "... en toutes les batailles contre les enemis de sa nation il auoit acquis des nouueaux noms, & renoms: si que plus glorieux que Scipion l'Africain, ny Cesar Germanicus, il pouuoit faire gloire de vingt-quatre noms comme d'autant de tiltres d'honneur & marques de vingt-quatre rencontres où il s'estoit trouué & auoit bien faict".

14. A. Métraux, *La Religion des Tupinamba et ses rapport avec celle des autres Tribus Tupi-guarani*, 124-169, Paris, 1928, reuniu abundante documentação sobre a antropofagia ritual dos Tupinambás, recenseamento quantos autores antigos e modernos trataram da matéria.

Seu estudo exaustivo e magnífico é de ordem a dispensar quaisquer explanações por parte do anotador, que deve limitar-se a chamar a atenção do sábio etnólogo francês para esse documento dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* ainda não arrolado.

15. O pouco que se sabe da astronomia dos Tupis consignou Claude d'Abbeville, *Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan*, fls. 316-320, Paris, 1614: "Il y a fort peu entr'eux qui ne connoisse la pluspart des Astres & Estoiles de leur hemisphere & qui ne les apelle par leur nom propre que leurs predecesseurs ont inuenté & imposé à chacun d'icelles".

No citado *Glossário* anexo à *Histoire* d'Abbeville, ed. de Paris, 1922, quem escreve esta nota tentou explicar aqueles nomes, identificando-os mais ou menos.

16. Martius, *Beitraege zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*, 350, Leipzig, 1867, atribui aos Cariris agricultura adiantada; mas a informação dos *Diálogos* está de acordo com a de Elias Herckmans, *Descrição Geral da Capitania da Paraiba*, in *Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano*, V, n. 31, 282, quando diz que eles levaram uma vida inteiramente bestial e descudosa: não semeavam, não plantavam nem se esforçavam por fazer alguma provisão de víveres.

17. Das armas dos Cariris, que são os tapuias referidos no texto, tratou quase pelas mesmas palavras Elias Herkmans, *Descrição* in *Revista* citada, 281-282: ""Usam também de arco e setas, e geralmente de azagaias, com que podem fazer muito dano entre seus inimigos, porquanto as lançam com muito acerto. Para isso servem-se de umas madeiras leves, que em comprimento fazem iguais à metade das azagaias; abrem em dita madeira um rego onde colocam as azagaias, e as atiram com tal velocidade que, não encontrando nenhum osso, atravessarão o corpo de um homem nu. Usam ainda de pequenos machados de mão com uns cabos compridos, como arma contra os seus inimigos".

Essa palheta de jogar denominava-se *bibité* na língua dos Kiriris, Mamiani, *Arte de Grammatica da lingua brasilica da nação* Kiriri, 2, Rio, 1879.

O arco e a flexa indígena variavam muito de forma e matéria, segundo as tribos que os usavam. — Conf. Hermann Meyer, *Bogen und Pfeil in Central-Brasilien*, Leipzig, s. d.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Livros Melhoramentos, leitura de interesse permanente

Série ESCAPE

Uma leitura sob medida para quem ainda é capaz de sonhar e se libertar do dia-a-dia.

A Mulher do Domingo
Carlo Fruttero e
Franco Lucentini

No Verão, a Primavera
Lucília J. A. Prado

Rio de Contas
Lucília J. A. Prado

Amar é Nunca. . .
Italo Terzoli e
Enrico Vaime

O Homem que viu o Disco Voador
Rubens Teixeira Scavone

Nunca é Tarde
P. S. Buck

O Ano Novo
P. S. Buck

Para Minhas Filhas, com Amor
P. S. Buck

Série ESCALADA

Livros onde o novo e o original da melhor ficção brasileira se manifestam, transformando-a em literatura de alcance universal.

Avalovara
Osman Lins

O Fiel e a Pedra
Osman Lins

Nove, Novena
Osman Lins

Os Gestos
Osman Lins

A Rainha dos Cárceres da Grécia
Osman Lins

A Mais que Branca
José Geraldo Vieira

A Mulher que Fugiu de Sodoma
José Geraldo Vieira

O Banco de Três Lugares
Maria de Lourdes Teixeira

A Virgem Noturna
Maria de Lourdes Teixeira

Doramundo
Geraldo Ferraz

A Noite dos Três Degraus
Rubens Teixeira Scavone

Memórias do Medo
Edla van Steen

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

MEMÓRIA BRASILEIRA

Nesta série estão incluídas obras de importância fundamental para o conhecimento da História do Brasil, sua terra, sua gente, seus feitos e costumes. São imprescindíveis a professores e estudantes, como fontes de consulta e pesquisa.

HISTÓRIA GERAL DO BRASIL (5 volumes)
Francisco Adolfo de Varnhagen

HISTÓRIA DO BRASIL
Frei Vicente do Salvador

CULTURA E OPULÊNCIA DO BRASIL
André João Antonil

A RETIRADA DA LAGUNA
Visconde de Taunay

HISTÓRIA DAS BANDEIRAS PAULISTAS (3 vols.)
Affonso de E. Taunay

VIAGEM PELO BRASIL (3 volumes)
Spix e Martius

A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA
Leonardo Arroyo

HISTÓRIA DO BRASIL
João Armitage

HISTÓRIA DO BRASIL (3 volumes)
Robert Southey

A GRANDE VIDA DE FERNÃO DIAS PAIS
Affonso de E. Taunay

PEQUENA HISTÓRIA DO CAFÉ
Affonso de E. Taunay

CAFÉ — Literatura e História
Myriam Ellis

HISTÓRIA DOS NOSSOS GESTOS
Luís da Câmara Cascudo

278

antigos filósofos mas desmentida pela experiência, e exalta as excelências do clima do Brasil, enumerando também as poucas moléstias vigentes na terra; o terceiro discorre sobre as quatro fontes de riquezas do Brasil: lavoura do açúcar, mercancia em geral, trato do pau-brasil em particular, algodões e madeiras; o quarto expõe as possibilidades de riqueza com o comércio de mantimentos, como o mel, o vinho, o azeite, descrevendo quadros da vida vegetal; o quinto enumera os animais da terra e suas qualidades; o sexto diálogo, finalmente, referindo-se aos costumes portugueses da época, descreve com pormenores as tribos indígenas.

Em todos esses diálogos ressalta o talento do autor nas observações que faz sobre a terra do Brasil, reunindo dados e informações de alta valia e ilustração de uma época. Dispunha de inteligência clara, como diz Capistrano de Abreu, cuja força se manifestava na precisão com que tratava os assuntos em foco. Não era espírito apenas contemplativo; ocupava-o o lado prático das coisas, a aplicação possível do que aventava, como no caso da utilização do trabalho escravo. Sobre a sociedade de então, em função de sua economia, apresenta ao leitor moderno uma visão profunda do Brasil colonial entre os séculos XVI e XVII, o mesmo ocorrendo com dados geográficos, como o aproveitamento da navegabilidade do Rio Amazonas, e com a colocação de outros problemas que já preocupavam a jovem colônia.

O relançamento, tão oportuno desta obra, é feito com o apoio do Instituto Nacional do Livro/MEC.